











GRAÇA ARANHA

# CARTAS DE AMOR



RIO DE JANEIRO  
1935



*As cartas reunidas neste volume revelam outra phase do dynamismo da intelligencia de Graça Aranha. Constituem apenas uma parte da sua correspondencia de amor, trocada com Nazareth Prado, e vae de 1911 a fevereiro de 1927, quando, enfrentando o convencionalismo da sociedade, elles passaram a residir juntos. Essas cartas reflectem a grandiosidade e a belleza de um amor glorioso, que viveu durante decennios e foi levado aos paroxismos da exaltação.*

*Perto de 3.000 cartas, calculou Graça Aranha, em nota encontrada em seus papeis, foram recebidas por Nazareth Prado, sendo que, algumas, em maior numero, se encontram guardadas na Europa.*

*As cartas escriptas nos ultimos annos, devido aos acontecimentos revolucionarios do Brasil, dos quaes Graça Aranha foi um doutrinador e collaborador, e por outras razões mais intimas, foram destruidas na sua quasi totalidade, pela natureza reservada dos assumptos nellas tratados e pela difficuldade de serem guardadas.*

*Apenas se conseguiram salvar raros trechos, nos quaes transborda a sua exaltação amorosa, e alguns trechos de cultura e de estudos.*

*Essa correspondencia foi diaria nos periodos de ausencia, e era muito commum Graça Aranha escrever duas cartas no mesmo dia.*

*Essa troca constante de cartas exprime bem a symphonia mysteriosa de duas almas apaixonadas que se extravasavam soffregamente na sublimação do amor e da saudade.*

*Obedece a presente publicação ao cumprimento de um desejo de Graça Aranha, que nunca escondeu seus sentimentos amorosos.*

*As cartas de Nazareth Prado serão publicadas em outro volume.*





**NAZARETH**

**1913**

**PARIS**



*(St. Moritz para Paris)*

*St. Moritz, 4 de agosto de 1911.*

(Trecho de carta)

**Minha Adorada! Minha Vida!**

.....

Ha uma belleza excessiva nestas expressões da solidão das altas montanhas, porém ella me é extranha! Eu só me sinto um com o mundo quando tu estás nesse mundo e tu o exprimes.

O mais sombrio e esquivo canto da terra se incorpora deliciosamente, extranhamente ao meu ser, se tu estás ahí.

As cousas só existem para mim atravez da tua alma e dos teus sentidos. Essa immensa paisagem que é o exilio da minha alma não vive em mim e se eu a senti foi quando pelo magico poder do Amor e da Arte eu te fiz viver neila. Então, nesse momento, tudo se tornou "uma só" cousa, um só Todo, mysticamente bello e indivisivel porque tudo era o teu Ser.

Sim, um dia eu te trarei aqui no momento supremo que nós esperamos e que chegará, Petite Chose adorée, e eu te levarei mais longe ainda, mais alto sobre as montanhas inacessiveis aos outros homens, perto de Deus, que pasmará da maravilha que elle me deu e que é tambem a minha criação, mais alto, lá nas regiões soberanas e augustas do Silencio, onde a luz diaphana seja a pura essencia, a alma etherea da Natureza e o ar tão subtil, tão immovel, que pareça não existir...

Ah! eu te levarei, minha Santa transfigurada, e a tua voz de amor, descerá sobre a Terra que recolherá

a melodia da tua alma e a tua voz subirá ao Céu, onde os anjos, nascidos dos teus próprios pensamentos, a repetirão num canto inextinguível enchendo de doce harmonia o Paraíso. Oh! Divina! E se para lá chegar for preciso morrer?... Então venha a morte, que nos dará a transformação celeste, a immortalidade dos seres eternos e infinitos. Morte e Vida. Vida e Morte de Amor! Que mysterio!

.....

Beijos, beijos. Adoração.



*(St.-Moritz, Engadine, para Paris)*

*St. Moritz, Engadine, 18 de agosto de 1911.*

(Trecho de carta)

Idolatrada! Divina!

Como tudo é grande, immaculado e longinquo nesta hora calma e solemne em que o dia e a noite se tocam. E' a morada do Infinito!

Eu vos deixo, cousas bellas e indifferentes! Adeus, montanhas do silencio e da exaltação! Adeus, lago que reflecte sempre o céu, como a minha alma sempre a tua imagem, Adorada! Adeus neve que desceste do céu para dormir o teu somno branco, o teu somno de mortalha na cabeça funerea da montanha, na pallidez da lua! Adeus, céu que se alevanta para cima e se afasta mais



e mais para dar lugar á minha exaltação de amor. Adeus, luz, côr, adeus, oh! tu, Deus mesmo que me falavas tão perto e tão compassivo! Eu corro para Ella, para Aquella que vos dá a vida eterna, que cria na omnipotencia da sua força, a vossa existencia na minha alma e na minha poesia. Ella é a minha alma e na sua alma eu vivo divinamente. Eu sou o seu Deus. Oh! Mystica realização do meu Ser! .....

.....



*(Haya para Paris).*

*Haya, Março 1913.*

Sexta-feira, 12,30.

Oh! Ma Petite Chose adorée, minha amante idolatrada e sublime! tu me fizeste uma deliciosa surpresa com a tua divina e adorada cartinha de hontem. Deixa eu te contar... Amanheceu hoje um bello dia, e eu que havia dormido demais até ás 9 e meia, de meia noite! e que me sentia n'uma grande melancolia, pensei em caminhar e ir até á beira-mar. Preparei-me nesse proposito. Na rua comecei a ir inconsciente na direcção do correio. De repente quiz tomar outro rumo. Eu estava certo de que não teria hoje carta do meu Amor, e só mais tarde um telegramma. Seria um dia de maior tristeza. Mas o inconsciente venceu (oh! minha poderosa e feliz natureza!) e no correio abri meio desconsolado a nossa caixinha, e foi um encanto ver e tocar aquelle

enveloppe côr de rosa em que a minha sublime Amante me mandava as palavras do seu extase e da sua paixão. E a minha grande tristeza se desanuviou por um instante... E eu sorri de triumpho, de orgulho, de exaltação! Como tu és extraordinaria e como eu te adoro, e te venero, minha incomparavel Amante! Oh! tu és inexcedivel e tu te excedes a ti mesma nesta força, nesta decisão, neste perpetuo e divino extase! Eu te beijo loucamente, eu te desejo apaixonadamente e tu és a minha gloria e a minha eternidade. Alegra-te...

.....

A arte de Fausto é o prodigio de arrancar da lenda popular, anonyma, o maximo do symbolo, de idéa geral, de emoção artistica e philosophica. Foi a arte que me inspirou no "Malazarte", a arte que Wagner empregou em Tristão e Isolda, nos Niebelungen.

Fausto vive na velha tradição allemã. Foi objecto do theatro popular, sahiu do guignol para crianças, e Goethe, joven ainda, o viu nas "marionettes"... Foi d'ahi que elle o arrancou. Já antes o poeta inglez Marlowe fizera uma peça de theatro, mas sem o genio goethiano. Para Goethe o fundo philosophico da lenda se revelou maravilhosamente. E' preciso te lembrares de alguns traços da evolução do espirito humano.

Depois do esplendor do paganismo com a sua philosophia e a sua esthetica, veiu o christianismo que, embora nascido na Judéa, foi principalmente uma religião dos barbaros. O velho mundo greco-romano corrompido, exausto, vacilou e cahiu por terra... Vieram os barbaros e com elles a destruição da civilisação pagã, e de toda a arte, e de toda a philosophia. "Le grand Pan est mort!..." Foi o grito que se ouviu nos bosques da Grecia... Depois da destruição é fatal a recons-

trução... Depois dos barbaros veiu a edade-media e com esta a civilização catholica.

A philosophia passou a ser "theologia", isto é, sciencia de Deus (theos-deus) e coordenando todos os sentimentos religiosos, inspirando-se n'uma formidavel construcção religiosa, theocratica, o grande poema do espirito humano foi a Divina Comedia, em que se espelha todo o catholicismo. Foi o poema da Fé, da Hierarchia Sacerdotal, do peccado e da recompensa, do Inferno, do Purgatorio e do Paraiso. A cidadela do catholicismo que parecia eterna no espirito humano teve de se render a essa milagrosa explosão de vida sensual, de arte, de liberdade, a essa volta ao paganismo, a essa combustão do espirito nas chammas do incendio esthetico, e que é a Renascença!... Veiu toda essa arte que tu sabes, e toda essa poesia meio christã, meio pagã, de Tasso, Camões, Ariosto, Petrarcha, Shakespeare... Mas o espirito humano na sua essencia não voltou ao paganismo. Os deuses estavam eternamente mortos. Apareceu então a metaphisica... isto é, a philosophia que procura as causas originaes e as causas finaes, que quer saber o principio e o fim das causas, do Universo, e que não se contentando com a explicação theologica, religiosa, busca todas as explicações. E' o grande momento da Duvida do espirito humano. Veiu a philosophia de Descartes e de Spinosa, mas já antes a duvida soprava no espirito e o homem teve a sêde de "tudo" saber, de indagar o segredo da vida, a ancia de descobrir. Foi um extraordinario instante esse da liberdade que começa, da angustia da descoberta. Fausto é o symbolo dessa ancia de saber, da curiosidade incansavel e immortal.

Agora tu vêes o poema. E' o poema do estado metaphisico. O espirito humano procura o mysterio, tudo

quer sondar, elle penetra nas coisas pela sciencia, e, como esta está em formação, em vez da astronomia, que é positiva e certa, elle tem a astrologia, que é vaga, inquieta, e imaginativa. Em vez da chimica, a alchimia. Pela astrologia, procura saber o destino do Univerſo e dos homens. Os astros presidem á sorte. Pela alchimia busca a origem dos corpos da Natureza e quer refazer o que a Natureza fez de mais mysterioso e secular, quer fazer o ouro, o diamante, e prepara os philtros que dão a vida, a morte, o sonho e o amor... E' a ancia do espirito inquieto... E' Fausto. E elle aceita o pacto infernal, que lhe dá a mocidade e o poder de se transformar. A mocidade é a surpresa da vida, todo o espirito que descobre novos mundos, que cresce e vibra á novas sensações, é eterna e divinamente joven. A mocidade é a acção. E Goethe diz: "no principio (isto é, o leit-motiv da vida) é a acção". E' Fausto no mundo exterior, na civilisação. E vence Mephistofeles, que é o "espirito que nega". O amor é a primeira acção de Fausto. Elle "devia" morrer no amor como Werther, Romeu? Não, elle não é o "amante", elle é o symbolo do espirito humano que continua... Margarida é um accidente, e Fausto prosegue para adeante, em mil transformações e o seu casamento mystico com Helena symbolisa a união da epoca moderna com a antiguidade. E' o triumpho da civilisação fundada na Arte e na Belleza, "l'éternel retour à l'Héllade". Dessa união nasceu "Euphorion", a imagem de Byron, que representa o espirito humano libertado, subindo, subindo e morrendo nas alturas do pensamento.

Assim eu sinto Fausto e é com um exaltado goso que eu te digo toda a minha emoção desse livro, que só a ti saberia communicar...



Oh! minha doce, minha genial Nazareth, como eu te adoro, e como eu sinto um fremito de orgulho em teu amor immortal e divino ! Tu és grande, e tu tambem és a minha Petite Chose adorée que eu beijo, beijo na bocca maravilhosa e que eu aperto nos meus braços apaixonados. Oh! meus loucos e fogosos beijos. Oh ! tuas caricias de amor ! Minha Paixão !



Para divertimento de meu amor !

*(Haya para Paris).*

4 da madrugada de 3 de abril de 1913.

Psychologia Divina

Deus, creando Adão e Eva, não tinha seguramente a intenção de passar o resto dos seus dias em companhia desses dois innocentes, o que seria monotono e extremamente aborrecido. Assim o seu intuito com a criação dos seres humanos foi o de fazer surgir na face da Terra, sem trabalho para elle, uma multidão innumeravel de gentes que, movidas pelos seus instinctos e paixões, praticassem toda a sorte de loucuras e o interessassem e o distrahissem. Elle previa todo esse multiplo e extraordinario espectáculo de risos, de dores e de lagrimas que vêm se desenrolando na marcha infatigavel do Tempo, e que vae proseguindo até o fim dos seculos dos seculos... E foi para esse divertimento divino, baseado na multiplicação da especie humana que

Deus creou e aparelhou Adã e Eva. Mas, sabendo quanta a hamem desinteressada é indalente, e cama a mulher é desabediente, nãa lhe quiz revelar as seus verdadeiras designias, que nãa trariam o menar proveito a Adão, e que Eva par teima havia de contrariar... Partanto, para abter as seus fins secretos, prahibiu-lhes de fazerem exactamente a que queria que elles fizessem... Ainda assim, a terror que elle havia incutida na espirita de Adã e Eva fai tão grande que elles hesitavam em desabedecer. Deus, venda que o tempa corria sem praveita, e que os humanas nãa venciam a meda, tarnau-se impaciente e apressado. Recanheceu que havia exagerada e entãa recarreu á astucia para realisar o seu plana e metamarphaseau-se em serpente. Foi a primeira metamarphase de Deus, que mais tarde se transformou em sarça ardente, queixada de burra, Anja Gabriel, Christa, pamba do Espirito-Santa, etc., etc.

E quanda Eva, melancolica e curiosa, passeiava sásinha no Paraiso, Deus-Serpente começou a fazer-lhe insinuações expressivas e demanstrações symbolicas... Assim estimulada, Eva se revaltou cantra as ardens prahibitivas, e nessa revalta se creou bruscamente a alma feminina. Adão não teve remedio senão sahir da sua commoda indifferença...

Depois veiu-lhes um grande meda de Deus, que, tomando a sua primitiva e carrancuda farma divina, se divertiu em lhes ralhar, fingindo-se muita irado. Adã e Eva, tremendo, juraram ao Senhor não repetir a desabediencia... Deus, que sempre exagera, mas que ás vezes se corrige, camprehendeu que devia mudar de tam, sarriu, e lhes disse: "Já agora, cantinuem!"

E como Adã ainda estava descantfiada, nãa sabendo nunca ao certo quanda lhe falavam a serio,

Deus bateu-lhe paternalmente no hombro, e insistiu bregeiro:

“Cresce, e multiplica-te !”



*(Paris para Paris).*

*27 de abril de 1913.*

Domingo, meio-dia.

“Nosso Ninho”

Meu divino Amor ! Luz da minha vida, minha Amante sublime e idolatrada, vou partir neste momento e vim buscar aquelles dons do teu carinho amoroso, e deixar aqui mais beijos, mais beijos ! Lá vou nessa viagem do teu desejo... e faço esse sacrificio de me apartar de ti, Adorada, para a tua calma, tua tranquillidade ! E o que eu não faço por ti, Amor unico, com alegria ?... Hontem, depois de te esperar longamente em vão na place Vendôme, eu te vi sahir, acompanhada, do chá. Tu me buscaste... e eu penso que não me viste. Que pena ! A tarde estava tão doce e eu te levaria até o “nosso” Luxemburgo...

Minha mãe deu-me á noite impressão da tua bôa e agradável visita. Nuta espera hoje os teus carinhos. Tu és bôa ! e eu te quero tanto nesses “élans” de sympathia.

Que vaes fazer da tua vida amanhã, e depois, e depois ?...

Eu te entrego o minho alma, e tu vives radionte e gloriosa no meu eterno pensamento.

Até sobbodo, ós 3,1/2.

Como vae ser duro esse pequeno e longo exilio !  
E quanta recordoção do teu ser magnifico, do teu moravilhoso Amor, neste retiro da nossa incomparovel Poixão! Adeus, odeus! Eu te beijo loucamente. Adoração.



*(Haya para Paris).*

*Haya, 29 de abril de 1913.*

Terço-feira, 5 e meia.

Minho Amante sublime e immortal ! Minho Vido gloriosa ! Alma de minha olmo, ma Petite Chose odoréel o tua carta de domingo e de segundo-feira é tão doce, tão saudosa que é o divino espelho do teu pensamento e do teu amor.

Nella eu te vejo quasi em todos os instantes e ossim eu tenho a tua morovilhoso existencia sob os meus olhos reconhecidos e admirados, e como se os fios da tuo vida estivessem nas minhas mãos !

Desde hontem á noite uma extronho meloncolio me toma todõ o ser. Eu estava triste, muito triste, porém não sentia essa abstrocção, esso obsorpção, esse immenso silencio dentro de mim, o melancolia indefinivell

Comprehende bem, meu doce Amor, não é froqueza, não, porque lutarei e estou forte até vencermos tudo, não é desespero, é "outro coisa" e tu me enten-



des. Eu quizera nada fazer, não falar, não me mover, contemplar, sonhar, recordar sem um instante de desvio, sem cessar...

E' a saudade do meu idolatrado Amor ! E' a saudade no que ella tem de mais pungente, mais absorvente e aniquilador. E como tudo isto aqui é triste. Oh! Morada silenciosa da Saudade, onde eu soffro e nada me consola ! O tempo está bello de mais, o céu muito alto, sem nuvens, pallidamente azul, o vento parado, o sol extravagante, a luz excessiva, as arvores revestidas de frageis folhas, velhas arvores docemente, tristemente remoçadas... verdes as folhas, verde o grammado, verde a propria sombra ! Oh! verde verdura, côr de melancolia !...

E estive na legação, e de lá venho. Nada de importante. Hoje de manhã, ao sahir do hotel, encontrei dois collegas. Fiz alguns passos com o ministro da Allemanha que me quiz deslumbrar com as suas recentes leituras. Que martyrio a reputação de escriptor ! Abandonei-o logo e a tua carta lida no correio me deu o encanto desejado e com ella vim até o "Bois", e ahi a reli mil vezes e a vivi na intensidade da nossa Paixão.

Depois, ainda antes do almoço, fui escolher as flores que te mando. Vão muitos "muguets" e tambem tulipas raras, lindas, e "pois de senteurs" (escreve-se assim?). Tudo me pareceu delicioso e longinquo sonho e perpetuo pensamento de amor. Receio que as flores cheguem amanhã á tarde, quarta-feira, e assim não tenham aquella fragrancia e frescura que eu desejava a 1.º de maio.

Quem sabe, se tratarem bem?... Recommenda ahi que não cortem "por óra" e na tua ausencia, os pés das tulipas. Tu mesmo as arranjarás a teu gosto para as leares na quinta-feira para a casa. Escreve-me

ainda na quinta-feira, pois sigo sem falta na sexta-feira, porém só ás 2 e meia.

Está custando muito a passar o tempo desta separação, e cada dia me é mais difficil viver um instante fóra de ti, e quanto mais, longe de ti... Toda a minha vida, toda a minha alma, é o desejo, a aspiração de ti, meu infinito Amor! e enquanto eu não realizar a suprema vontade do meu ser, que martyrio e que tortura !...

Não poderás jamais saber como eu te amo, porque não ha expressão para definir o meu amor, e o que eu manifesto é apenas a idéa da intensidade que lavra em meu coração, em minha alma, em todo o meu ser!

Oh ! hoje eu paio extatico deante da tua imagem, e não sei me exprimir !

Vou por ahí fóra, errante, triste, sonhador, amando-te, amando-te ! oh ! melancolia !

Recolhe a minha alma dolorida e apaixonada... Agasalha-me bem, bem no teu peito amante... E eu te beijo, louco, mystico, ardente. Oh ! morte de amor ! Vida eterna ! Adoração !



*(Haya para Paris).*

*Haya, 2 de Maio 1913.*

Sexta-feira, 5 e meia da tarde

Ah ! Minha vida, meu anjo adorado, minha Paixão, que martyrio ficar hoje aqui longe de tua divina presença ainda dois dias !

Pelos meus telegrammas e pela carta do correio hontem tu viste o effeito que causou em mim esta grande decepção... O meu primeiro impulso foi de partir, e de estar contigo ainda que uma rapida hora... E assim estive decidido, mas nesta dura e longa vigilia da noite fui pensando que tu vives tão sobresaltada e ao mesmo tempo tão escravizada, minha adorada Petite Chose, ultimamente, e quem sabe se te seria facil vir ao meu encontro ou de manhã ou de tarde, e que irias forçar uma situação difficil, que eu, oh ! dôr ! me resignei a esperar a tua relativa liberdade !...

Oh ! tu, minha alma eterna, sabes o grande sacrificio que fiz ao impulso do meu ser que só em ti vive e se alegra...

Aqui estou triste, acabrunhado, amargando este exilio, longe de ti, longe do que adoro, da minha luz e da minha razão de viver...

Nem mesmo posso escrever a minha magua... Mas eu não me queixo de ti, meu Anjo adorado. E' da fatalidade que me queixo. E tu comprehenderás que tudo o que faço é pelo amor, para que não soffras ainda mais do que tens soffrido neste mundo. Eu te adoro. Tu sabes !

Ahi estarei no domingo, ás 11 da noite. Vou dormir nessa cama da nossa paixão, do nosso extase e como que o teu delicioso perfume, a tua mysteriosa essencia, e as lembranças eternas do nosso amor incomparavel me agasalharão, me adormecerão e me darão um doce repouso emquanto não me chega a presença real d'A-quella divina adorada, da minha Petite Chose, da minha Belleza sobrenatural, que é toda paixão, alma, vida eterna !

Não te escrevo amanhã. Mando-te um telegramma. Avisa ahi ao "concierge" a minha chegada. Escreve-me

amanhã para que tenha a tua carta domingo antes de partir.

Perdoa não te escrever mais hoje... Estou exausto com esta decepção. Oh! eu te adoro! e morro por ti. Quero o teu pensamento eterno, a tua alma sagrada, o teu corpo divino e beijo-te, beijo-te com os transportes de uma paixão sem igual! Adoração, amor.

6,1/2. No Correio. Não tive o teu telegramma até agora! Hélas! Voltarei mais tarde. Hoje telegrapho á tua casa e assim terás como que uma resposta minha.

Dorme calma, meu Anjo adorado!

Não penses que estou, de leve mesmo, triste contigo. Não! tu és a minha alma musical, a minha poesia! e eu te admiro neste Universo e te adoro com a paixão sem igual que tu sabes.

Sê gloriosa para segunda-feira no nosso divino extase!



*(Haya para Paris).*

*Haya, Junho 1913.*

Para a tua cultura.

Sim, tens razão, Juliano é uma figura enigmatica. Elle persistirá como um problema de psychologia na historia. Fatalmente influenciado pelo espirito da sua epoca, a sua tentativa de resuscitar o "hellenismo" foi falha e desastrosa. Não se volta a um sentimento per-

dido, e o christianismo tinha destruido o paganismo. O hellenismo de Juliano é falso, e por isso elle querendo restabelecer o passado, é um retrogrado e a sua reacção contra o novo espirito é um aspecto do romantismo politico, desse mesmo romantismo que perdeu Napoleão, quando, deixando de ser "realista", e ser o porta voz da Revolução, quiz ser o restaurador do Imperio romano, e reunir o Occidente ao Oriente.

O christianismo "domina" o espirito de Juliano, que "artificialmente" se faz um helleno.

O seu paganismo foi o christianismo polytheista, como mais tarde o catholicismo foi o paganismo monotheista.

A sua "restauração" do paganismo é impregnada da organização christã, é uma adaptação do christianismo, o que prova que este era victorioso na epoca de Juliano, e que as suas instituições servem de modelo á restauração.

O paganismo de Juliano é "virtuoso" á feição do christianismo e d'ahi o grotesco da imitação e de toda a reacção do novo hellenismo.

Ha um paganismo inspirado pela "fraternidade", pela caridade e pela philantropia. E o proprio ascetismo que começa a exaltar o espirito christão é copiado pela organização pagã de Juliano.

Que singulares mosteiros em honra de Aphrodite !

Tudo é formal, exterior, na reacção hellenica de Juliano.

E para chegar a esse desastre, a esse artificio, Juliano foi dissimulado, hypocrita, incoherente. O homem é interessante, pelo seu genio literario, e pela sua "actividade".

No fundo elle é mais um oriental do que um grego, um occidental.

O seu gosto do mysterio religioso, é uma ficção do espirito oriental.

Ha um estudo a fazer sobre o espirito mediterraneo-hellenico, em conflicto com o mediterraneo-africano.

Meditemos sobre o segundo Fausto, a Tentação, Solambô, Juliano.

Ha tambem a considerar a aproximação entre o seculo 4.º e o seculo 19. No seculo 4.º ha a dissolução, a morte do paganismo pela theologia monotheista, pela moral dos escravos. No seculo 19 ha a morte do christianismo pelo espirito critico, pela "analyse", que destruiu os milagres e pelo advento das sciencias naturaes, (o darwinismo).

Mas em ambas as epocas reina uma grande confusão espiritual, ha um perpetuo conflicto de religiões, de sentimentos philosophicos. No seculo 4.º apparece a sciencia e os laboratorios, que nasceram das praticas religiosas e dos mysterios dos augurios, dos exames dos corpos e das visceras. Começa-se a se occupar com as origens das especies, a evolução, e tudo é envolto em mysticismo.

Por outro lado a religião é um tumulto, um formigueiro de heresias. O espirito humano é levado ao maximo das disputas religiosas da exaltação e da indagação. Ao mesmo tempo ha um desgosto em muitos espiritos. Uma literatura antiga que persiste, ha ainda todo o hellenismo morto, e uma aspiração romantica de voltar ao passado, "le retour à l'Héllade".

No seculo 19, tambem apparece o mysticismo ao lado do realismo, é o occultismo, o mysticismo das forças da natureza, a profecia baseada nos phenomenos naturaes. Ha a crise scientifica do dogma christão, mas ha a theosophia, o espiritualismo, a indagação das causas finaes, ha a divinição da natureza, o pantheismo.

Na literatura, tambem ao lado do novo espirito ha o espirito do passado, ha uma emigração moral para a epoca perdida.

Na politica ha tambem o "élan" humanitario, o socialismo, o anarchismo, toda a massa escrava, proletaria, que se levanta e quer dominar a Sociedade.

São duas epocas que se assemelham, epocas de profunda crise moral, e de transformação do espirito humano, determinadas por dois factos identicos: a morte do paganismo e a morte do christianismo.



*(Haya para Paris).*

*Haya, junho de 1913.*

Terça-feira, 6 horas.

Oh ! minha gloriosa Amante, minha Belleza triumpante, meu milagre de Amor, é n'um immenso vôo de paixão que eu te busco e corro para os teus braços divinos ! A volupia, o desejo, essa secreta e intensa vibração de todo o meu ser e que não tem nome, mas que tambem é a tua, tudo me exalta e me transporta. Que famintos os nossos beijos, que infinitos os nossos extases ! que arrebatamentos em nosso delirio !...

É como tu me vaes acariciar. oh ! minha ardente Amante !... e eu estremeço de goso antecipado... de tudo que de bello, grande e eterno eu terei do teu Ser sublime e da tua paixão incomparavel !

Oh ! Petite Chose adorée ! se tu soubesses como eu preciso de ti, da tua ternura, do teu consolo !...

Tenho soffrido muito, muito, e tu adinharás.

Eu vou buscar depois de tantas lagrimas e de tanta angustia, a alegria eterna em ti, oh ! meu anjo, meu paraiso ! E tu serás tudo, immortal, poderosa, fragil, doce, ardente, meiga, alquebrada, exaltada, pallida e transfigurada, porque tu és a Paixão, e tu és a Amantel E como tu és bella ! Oh ! maravilhosa Narazeth, oh ! minha vida, minha consolação, alma de minha alma, corpo do meu delirio ! . . . Eu sou teu ! e eu morro por ti, minha vida ! Tu viste que esta manhã recebi a tua carta que é uma maravilha de amor e eu quero que a conserves. Ha tudo nella que é bello e eterno. Tudo se arranjou bem e quinta-feira, nós nos beijaremos. Irei ao teu encontro de 2,30 a 3.

Oh ! tu debes saber como estou impaciente por ti.

Deixo Haya amanhã ás 2,40 e chego a Paris ás 10,45. Pela manhã terei a tua carta de hoje.

A minha partida se arranjou sem violencia, se bem que desde ante-hontem a megera diga desejar ficar ainda aqui por quinze dias. Oh ! essa mulher ! que infernal creatura ! Hontem e hoje ella está terrivelmente endemoniada ! Nada a nosso respeito, questões de raiva contra mim, procurando brigar por tudo, e sempre se queixando e me analysando com maldade e calumnia ! Horror ! Ufa ! . . .

Mas tu és minha, tu és eterna, tu me adoras como tu me adoras e ninguem foi adorado com eu ! e por isso oh ! Amor divino, esqueçamos essa "miseria" e sejamos heroicos e sublimes !

Todo o meu ser em ti e eu te beijo com loucura e paixão. Oh ! como eu sou teu ! Adoração.







**GRAÇA ARANHA**

**1913**

**HAYA**



*(Haya para Paris).*

*Haya, 30 de junho de 1913.*

4,1/2 horas.

Minha adorada Petite Chose, minha alma, minha vida eterna, meu Pensamento immortal, oh! minha doce paixão, eu estou contigo na unidade absoluta e divina! Que imensa dôr a desta separação e como nos separamos hontem! Estavas tão nervosa, tão inquieta, que fiquei n'um grande e angustioso tormento de te deixar assim... Que martyrio sem nome o teu que vi-ves attribulada, sem repouso, sem olvidio, quando tu só devias ter a felicidade infinita, o doce esquecimento para o pleno gozo do teu amor!

Tu que és o amor, e que amas extraordinariamente e que sentes o amor, que é a tua vida, condemnada a este supplicio de não te poder dar inteiramente a ti mesmo, e aos teus nobres e divinos sentimentos!

Eu não falo de mim... O que eu não quero é te ver soffrer. Isto me tira a vida... E de todos os lados te vem o martyrio... Soffres no teu orgulho com estes "dois entes" inferiores que cada um a seu modo te offendem... Soffres o terror do perigo que a cada instante abre para nós o desfecho final desta tragedia... Soffres na tua propria grandeza de espirito, que subiu muito, muito, que é uma maravilha, e que se debate n'um quadro pequeno e miseravel...

Que posso mais fazer para cessar o teu soffrimento? Oh! dura e inexoravel fatalidade que nos mantem na tortura e que não nos abre a sahida para a liberdade e para a verdadeira vida! Não sei o que faça mais...

Não estou desanimado, mas estou desesperado, venda-te enervada e triste...

No meio de todos os supplicios o que me apoia é a consciencia forte e grande, é que jamais eu te fiz soffrer directamente, eu sei que tu soffres pela nosso amor, mas eu não offendi nem por um pensamento descuidado esse amor sublime... Preferia morrer, sem ti, a te causar a mais instantanea tristeza. Vês? Oh! minha belleza exaltante, minha creatura adorada, pequenina e immortal!

Onde estás neste momento? Na "Bais"? Oh! Natureza campanheira e bemfazeja! agasalha a minha divina Amante e mostra-lhe tudo que é bello, e que nella se reflecte! A luz, a côr, a forma, o sanho; tudo é Amor!... São as expressões mudas do Amor!

Voltarás um instante ao nasso "paraiso"? Verás ahí a tua imagem extasiada, ardente, amante, que ficou neste retiro de saudades e que acompanha nesta solidão a tua presença de triste "Petite Chase" que evoca, que vê, que se sente alquebrada e dolorida!

Meu Amar, meu Amar! eu estou contigo!

Tu paras um momento, tu sanhas, tu scismas, e tu quererias ficar ahí nesse unico e divina sanctuario da nossa paixão! Como o teu coração está apertada, como as teus immensas olhos estão extaticas, como a tua garganta se constrange! E as tuas mãos gelam e todo a teu ser soffre a infinita angustia sem nome da saudade! no lugar onde tudo foi amar, delirio, paixão! Ah! se eu ahí apparecesse... que beijos, que abraços em teus abraços, que delicias! "Tu és minha" ! e eu morro e vivo por ti, minha Santa transfigurada, belleza maravilhosa que é a minha vida e o meu extase!

Antes de deixar Bruxellas mandei-te um longo telegramma. Ao chegar na Haya, da estação, mandei-te outro.

Já houve o primeira reunião do tal "Conferencia do Opio". Amanhã segunda e provavelmente ultima reunião. E' quasi certo que seguirei d'aqui no dia 3 ó torde.

Olho, se eu fôr na quinta-feira, e chegar ahi sexta, mandarei o meu telegrammo de felicitações pelo teu onniversario, o telegramma "publico", assim: "sinceros" felicitações. Se eu "não" fôr na quinta-feira, telegraphorei: "muitas" felicitações. Assim estás prevenida. Tu sobes que tu és a minha vida!

Beijo-te, beijo-te, oh! minha eterna e divino Santal



*(Haya para Paris).*

*Haya, 1 de julho de 1913.*

Terça-feira, 12,1/2.

Meu Bem! todo meu sublime e delicioso Bem, minha eterna vida, minha Santa transfigurada!... o tua carta de hontem chegou cedo, e quando fui aindo ha pouco oo correio jó a encontrei. Dormi fatigado da tristeza da saudade immensa e da duvida em que estou se posso ou não voltar omanhã.

Hoje ha uma sessão que pode ser decisivo e eu oinda te direi o resultado. As minhas horas, quando não ás dedico a te escrever, se têm passado em tra-

balhos do cargo e em aturar as dolencias do Alcoforado, desconsolado de ter sido mandado para o Equador, e do Arminio nervoso em extremo por não saber o seu novo posto de primeiro secretario.

Imagina se o futuro ministro do Exterior é o Enéas! Recebi telegramma do Enéas dizendo em cifra que o nosso candidato a pasta do Exterior devia ser o Azeredo! Procurei o Azeredo hontem antes de partir. Repetiu-me este não poder e nem lhe convir ser ministro, e autorisou-me a telegraphar ao Enéas dizendo ser elle Enéas o nosso candidato e que nesse sentido se começava o trabalho junto do novo Presidente. Mandeí hontem este telegramma ao Enéas. Seria optimo que nós conseguissemos isso, para não perder a partida.

Li a noticia do "Figaro" que redigi sobre teu Pae.

Tu sabes quanto é sincero o meu sentimento e só lamento não ter feito melhor. Haverá occasião. Gostei que tivesses gostado... Eu me sinto tão bem, tão deliciosamente bem, quando tu me approvas... Vê... é o teu Mestre e Senhor que te pede o sorriso da harmonia... Oh! eu te adoro loucamente, minha Coisinha de nada e omnipotente!

Como eu me abysmo na saudade da tua immortal belleza e de tuas divinas caricias e de nossas profundas, mortaes e transcendentés voluptas!

6, 30. — Venho da conferencia e chego ao hotel depois de ter ido ao telegrapho te mandar o meu desolado telegramma, avisando que é impossivel partir amanhã como eu tanto desejava. Estou muito, muito contrariado. E tudo por culpa do tal presidente da conferencia que é um imbecil, não sabe resolver, e, como hollandez, está prolongando esta reunião que só dá lucro aos hoteis!

Quarta-feira

10 hs

12.11.1913  
1913



Meu Anjo de Paixão meu  
doce Amor, meu eterno Bem,  
eu te adoro, ' como eu te adoro!

Tu és a minha Alma musical,  
meu Penamento, meu Êxtase, mi-  
nha Poesia, meu delirio sublime  
Minha Paixão! Que suprema  
um instante longe de ti, ' Onde  
neste momento a musica de tua  
voz que canta em mim? a luz  
meiga radiante suprema de  
seus olhos devotos? Tu és a  
luz! Tudo em ti é bello, luminoso

HAYA, 2 DE JULHO DE 1913





Ha um desespero geral em todos, que se veem dirigidos por um incapaz, e a "Conferencia do Opio" (que ridiculo !) se está tornando barulhenta e tumultuosa.

Escreve-me, Amor, é o meu unico consolo, a não ser a tua divina imagem que me acompanha na mais profunda e doce saudade. Tu és um anjo! Meu thesouro incomparavel, como tu és grande, e como tu és a Aman-te ideal! Eu tenho orgulho da tua revelação e me entrego a ti na mais absoluta confiança.

Mas porque tanta separação?!... E agora neste momento, quando longos dias de duro afastamento dos nossos corpos estão para vir... E esse Brasil?... Quanto desespero.!

Tu vês que o meu estado de espirito mudou, só pela decepção de não te ver na manhã de quinta-feira. Esperemos. Meu Amor, consola-me com os teus beijos de ausente idolotrada, com a eternidade do teu divino pensamento. E para a vida e para morte! Adoração. Amor. Paixão immortal !



*(Haya para Paris).*

*Haya, 2 de julho de 1913.*

Quarta-feira, 10 horas.

Meu Anjo da Paixão, meu doce Amor, meu eterno Bem, eu te adoro! como eu te adoro!

Tu és a minha Almo musical, meu Pensamento, meu Extose, minha Poesio, meu Delirio sublime, minha Pai-

xão! que angustia um instante longe de ti! Onde neste momento a musica de tua voz que canta em mim? a luz meiga, radiante, infinita de teus olhos divinos? Tu és a luz! Tudo em ti é bello, luminoso e uma aureola que emana de teu corpo divino e de tua alma transfigurada te envolve e offusca os outros seres... Tu caminhas dentro da luz! oh! Misteriosa! Como eu amo a tua pallidez luminosa, é a côr do extase, a côr santa em que a paixão e a morte se annunciam! Tu és bella e admiravel, tu és a minha Vida!

Amanhã é mais um anno da tua vida humana. Eu celebro na minha alma o mysterio do inicio da tua existencia. E' o ponto de partida indispensavel á tua formação e a esse esplendor a que attingiste! Eu sei que o teu "outro" nascimento foi quando o teu ser teve a revelação suprema do Amor. O Amor é o teu verdadeiro creador. E a tua existencia em pouco mais de dois annos pela sua sublime grandeza, pela sua incomparavel intensidade deixa apagados os annos anteriores de adormecimento, de apathia, de incompreensão! Mas o teu "primeiro" nascimento, se posso assim chamar, era indispensavel ao mysterio do teu grande destino, e é por isso que eu celebro na minha alma ardente o instante em que começou a tua existencia que devia ser mais tarde gloriosa e sublime!

Eu te tomo docemente em meus braços e beijo-te meigamente, com a minha profunda ternura, e por uma transformação imaginativa, eu te vejo o pequenino ser desabrochando á vida, trazendo em si o segredo da minha alma, guardando mysteriosamente o germen da minha essencia, da minha emoção eterna, para me revelar a mim mesmo mais tarde!

Tu sabes que ha no Universo uma harmonia profunda, que tudo tende para a unidade absoluta, que

cada ser se completa definitivamente em outro ser, é a afinidade electiva, é o Amor!

A creancinha que ha annos tu foste, minha adorada Santa, já era o ser a mim destinado, e eu caminhei pelo mundo buscando-te, e quando nos encontramos, como nos illudimos durante annos á força do Destino! Mas esse era immortal, e o momento da revelação chegou emfim! Tu nasceste para mim, tu vieste tambem peregrinando pelo mundo até chegar á minha essencia que era a tua alma... E os nossos seres se fundiram na união eterna, absoluta, sublime!

E que "viagem maravilhosa" a tua! O nosso Destino é trágico e bello! Não é porque a Morte nos acompanha os passos, é porque o Amor nos deu a chave do mysterio universal, e nós vemos e sentimos tudo! A tragedia está na elevação de nosso espirito, na exaltada vibração dos nossos corpos apaixonados em que se revela o senso profundo do Universo, até então não attingido. Nós estamos além de tudo, muito longe, muito alto, e nós comprehendemos o relativo porque vivemos no absoluto!

Eu não conheço nada mais maravilhoso do que a tua alma! Eu repito sem cessar que tu me deslumbra, e que tu és Unica. Ha uma infinita e doce harmonia em tua alma e essa harmonia é illuminada por uma poderosa intelligencia, pelos raios de um genio. E' por isso que quando eu vejo que as contrariedades, as miserias, as offensas, as limitações arrancam-te da immensa e forte paz de teu espirito, uma grande tristeza me invade, como a instantanea obscuridade do sol entristece o mundo...

Mas como o proprio sol tu vences "tudo", tu brilhas logo, e o mundo da minha alma resuscita!

Tenho uma pena indizível não estar ahí amanhã contigo, Santa, minha Petite Chose adorada! Mas o meu pensamento companheiro eterno e abençoado não te deixa! E tu és sempre gloriosa e amada como ninguém!

6 horas. Fui interrompido neste vôo de amor e saudade por visitas (um ministro, o Arminio, e gente do serviço da legação).

Naturalmente fiquei triste porque o meu unico consolo é te escrever! Consolo!...

Antes de almoçar corri ao correio e tive as tuas duas cartas tão doces, tão apaixonadas, tão bellas, tão tuas! Foi uma admiravel surpresa. Duas cartas! E a segunda de "nossa" casa, do nosso paraíso. Oh! Amor! Como tu és sublime e sempre unica! Como eu te adoro e te admiro! Fiquei tão contente que, correndo, mandei-te n'um telegramma o meu doce sentimento, e esta mensagem do meu coração que só, e inteiramente teu, te chegou sem duvida ahí a tempo de o receberes hoje "mesmo".

Pensei que estaria contigo sexta-feira. Mas esses miseraveis não encerram a conferencia amanhã, temos sessão "final" sexta-feira de manhã e eu não posso partir sem "escandalo" antes de sexta á tarde.

Mas sabbado sem "falta" estarei nos teus braços e tu me beijarás. E eu te acariciarei docemente com toda a minha doçura mais profunda. E terei as tuas divinas caricias!

Oh! meu Amor idolatrado, minha Paixão! Dá-me a tua bocca ardente, pensa em mim que morro por ti e amanhã e sempre e eternamente estou em a minha Petite Chose adorée. Oh! Belleza! Beijjos, beijjos!

Guarda bem para mim toda a tua alma na festa do teu aniversário... Tu és minha e relê o que eu disse de ti, meu divino Destino, minha força, minha alma musical, Nossa Senhora da Paixão!



*(Haya para Paris).*

*Haya, 3 de julho de 1913.*

*Quinta-feira, 5,30.*

Minha doce Petite Chose adorée, minha alma imortal, meu extase, meu anjo da paixão, quando eu penso que a esta hora eu "devia" estar a caminho das tuas carícias e de tua divina presença e no entanto estou tão longe, tão só, sem ti, meu Bem eterno, o meu desespero é sem nome, e apesar da minha extrema resignação e da minha incrível força não posso fugir a uma tristeza infinita que me magôa e me acabrunha. Como eu te quero, com que paixão, com que ardor! Nada me contenta, nem o pensamento, nem a saudade. Tudo é mortificação, agonia, ancia. Um desejo de me agarrar a ti, de te "sentir", de te beijar incessantemente, de te respirar, de te ver, de te ouvir, minha deliciosa alma musical! de só viver contigo, minha Essencia immortal, meu Tudo, meu Encanto, meu Paraíso!

O meu pensamento te segue sem variar de atenção... eu só vejo a ti... Oh! Paixão incomparavel! Oh! martyrio delicioso, oh! desejo sem fim e sempre ardente!

Tudo aqui é triste. O tempo é feio, humido. Ha nevoeiro e chuva. Estou só! Muito só.

Se eu ahi estivesse, tudo sorria para mim. Nós vivemos n'uma grande agonia, os nossos encontros são tão rapidos, mas ainda assim nos vemos, nos tocamos, nos confundimos na volupia immortal, e as nossas boccas, os nossos corpos vivem, se exaltam, e tudo é a gloria do amor, o delirio no paraíso da paixão!

Tenho sêde e fome de tuas caricias de fogo, de doçura e de transfiguração sensual e ideal!

Eu te adoro! oh! como tu és bella ! Tu te ergues da Terra como uma Rosa! E tu és pallida como um cirio, e tu és como a chamma! . . . Tu és a minha alma amante e nos teus olhos eu me abysmo no paraíso da paixão...

O teu espirito é angelico, a tua intelligencia é prophetica, tu tens o segredo do passado e do futuro, e em cada linha, em cada movimento de tuas fórmas sobrenaturaes se revela o mysterio do Universo, o sentido occulto da minha propria vida.

Como eu te quizera commigo eternamente, divinamente, no extase, no esquecimento! Eu te quero, meu Amor! eu te quero!...

Que doce e penetrante poesia em tuas cartas! Como tu és bella e grande e maravilhosa. Tu exprimes admiravelmente a tua paixão incomparavel, e como tudo te fala tão sublime e tão intenso e tão intimo!

Nosso ninho amado, nossas horas tragicas e divinas !...

Eu volto, eu volto, e sabbado á 1 hora estarei nesse recanto onde tu passas a scismar sósinha presa á minha imagem e sacerdotiza da Paixão no mysterioso templo do Amor !...

Ahi encontrarei a tua imagem e tu virás aa meu encontra, e tudo será bello, immenso, infinita. Oh! ex-tase de Amor!

Durma amanhã em Bruxellas, no Palace Hotel, com meu name. Siga na trem de 8,20 para Paris, sabbado. Infelizmente vou darmir nessa noite na Hotel de la Trémoille ! Hélas !

Estava anciosa para saber a que haviam comprado para o teu presente de annas. Manon! Porque?... Não. "Il n'y a aucun rapport"...

Oh! "Hebé" triumphante! Tu sim, exprimes alguma caisa da minha amante divina! Tu és alada! Tu és cama ella a Aspiraçã, a Sonha, a Infinita. Tu és ligeira, elegante, graciosa cama ella, e tu dás aos deuses a ambrasia, cama ella me deu na sua bocca divina a paesia, a alvidia, a valupia, a mysteria, e a Paraiso !

Eu te adora, eu te beijo laucamente, minha alma, minha vida, meu pensamenta camtigo, Amor!

Tu tiveste esta manhã as rasas que te mandei. O meu triste telegramma fai mal, a meu telegramma de amar e saudade, que espera tenhas recebida, tem sempre o meu pensamenta, as meus eternas desejas, e a minha vida.

Beijo-te, beija-te. Até sabbada e seremas glariasas na paixão.

Eu te quera para mim sá.

Eu te adara. Tu és immartal!



*(Haya para Paris).*

*Haya, sexta-feira, 4 de julho de 1913.*

6 e meia.

Minha vida eterna, minho supremo Delicia, oh ! minho Amante idolatrado, só ogora te escrevo porque desde esto manhã o meu tempo tem sido tomado por visitos de collegos, que me vierom consultor sobre questões a resolver no Conferencio, depois do olmoço oindo combinações e de 3 horas até agora uma fatigonte sessão, que nos enervou o todos, e jomois eu imaginei que o "opio" produzisse esse effeito de excitação como acobo de testemunhor.

O peor é que tenho de oturor o ministro omericono, que é meu omigo, porém muito teimoso e confuso e sou eu que o tenho de convencer. Emfim só me faltova essa mossada, depois de tanto oborrecimento.

Temos sessão amanhã, ós 10 horas, e eu espero portir ós 2 e meia, e ir dormir em nosso doce e agradavel recanto de amor...

"Se eu não telegraphor" muito cedo, é porque assim fico resolvido e tu virás me ver no sobbodo, de monhã, e mais tarde ós "3 horas". Eu forei minha opparição no hotel ás 6 do torde de sabbado. E' o melhor, meu Amor.

Assim nós temos um dio para nós, e como eu necessito dos teus corinhos, dos teus beijos, de teu divino e morovilhoso corpo, do teu extase sublime, de tudo, de tudo que é a belleza, a immortalidade e o poixão!



Não me telegraphes amanhã, tu me escreverás como se "eu estivesse" aqui e deixa a carta ahí para eu ter a sua deliciosa companhia durante a noite.

Meu eterno e exaltante Amor! Como vibrou em meu coração todo o teu grito de paixão na tua carta de hontem, e nos teus telegrammas!

Tenho tanto que te dizer, e hoje não posso. E' uma infelicidade, mas estou cansado, vou levar esta ao correio e venho me deitar um pouco, pois á noite tenho uma conferencia com alguns collegas em casa desse fatal americano, ainda sobre o opio.

Perdoa e recebe a minha alma que te adora em meu ser extatico!

Beijos, todos os meus beijos, minha vida eterna...



*(Haya para Arcachon).*

*Haya, agosto de 1913.*

(Trecho de carta)

**Idolatrada! Minha gloriosa Paixão !**

.....  
 O milagre da tua aparição no mundo das fôrmas ficará inexplicavel eternamente. O Tempo foi o artista subtil, mysterioso e infatigavel que te creou, e de tão longe!

Quando a primeira nebulosa se formou vagamente no chãos, já trazia o "desejo" dessa ultima e final creação. E tudo foi uma "Viagem Maravilhosa". O Universo era luz e calor, e um raio dessa luz eterna, e divina,

ficou immortal, e uma chamma desse fogo entranhado permaneceu doce e violenta... Nos teus olhas se guarda aquella luz e aquelle fogo do primeiro instante em que o cháos despertava da nada, e por isso nelles está a vida eterna, a fonte de toda vida.

A agua correu sobre a face do mundo e ella está como uma fonte pura e longinqua nos teus olhos cheios de amor!

Não houve um gesto de belleza na natureza que não fosse em tua intenção. A luz, o sol, as estrellas, as arvores, as flores, a fôrma de todas as coisas bellas, a sombra bemfazeja e agasalhadora, as linhas das cathedraes, a fronte do Parthenon, tudo que o genio e a vida produziram, tudo triumphou na magia da tua fôrma incomparavel. Tu és a paizagem, tu és a estatua, tu és o templo, tu és a arvore, tu és a flor, tu és o sol, és a estrella. Se tudo que é fôrma e expressão no Universo desaparecesse, tu restarias para dar a resurreição e a vida. E só "eu te comprehendo", é por isso que me calo, e do profundo e maravilhoso silencio, o grande extase se ergue como um lyrio puro numa attitude de adoração.

Tu e eu somas a unidade perfeita e absoluta. A tua vibração intensa, divina, é a minha vibração. Não ha nem para ti, nem para mim, segredos no Universo. Nós samos intimas com todas as coisas. A tua voz resoa em mim como a musica secreta da minha alma. As tuas palavras são sempre profundas e ellas dizem o mysterio imperceptivel. A tua "intuição" é a que vem do Tempa Creador, e não ha força maior de intelligencia que esta da perfeita unidade cam tudo que é immortal.

Os nassas desejos se unem e tu fizeste da Amor, a epapéa da tua alma. O Amar é a teu Creador. Tu és

a grande heroína do Amor, e da Paixão numa raça mystica e sobrehumana.

“Vita Nuova” para mim e para ti.

Tu te ergues no mundo que nos formou, como a auróra que sáe da noite. Mas em vez da tristeza de nascer para a vida, tu te ergues como a expressão do triumpho do Universo, na Belleza, no Genio, no Sentimento, e no Amor eterno. E por isso tu sorris, e nós realizamos por entre as cousas indifferentes e bellas, a Unidade das nossas almas, das nossas sensações e da nossa divina Fatalidade. Oh! Amor!

.....  
 .....



*(Haya para Paris)*

*Haya, dezembro 1913.*

Domingo, 12,1/2.

Minha Luz divina! minha Belleza extasiada, como tu és bella!

Toda a minha noite foi um longo e delicioso sonho contigo. Tudo que é de grande, admiravel, unico e supremo em nossa união incomparavel, “tudo” me appareceu em sonho. E como a tua belleza é profunda, perfeita e immortal. Eu te vi sempre muito bella, pois tu me deste, oh! ventura, a sensação absoluta do Ideal! Tu “realisaste” aquillo que eu eternamente buscava, a

suprema belleza, a alma sublime, o corpo maravilhoso, em que o espirito vive em perpetua gloria !

Medita nisto: a vida do teu Amante não tem sido mais uma peregrinação até a revelação da sua paixão em ti, a realização da tua Belleza. Eu te buscava n'uma vida inconsciente, eu te busquei na vida consciente, e tu vieste a mim, e nós nos unimos para a eternidade !

E que destino sem igual o nosso de termos realizado o Amor, como não ha outro, o Amor fóra dos tempos, e que domina os espaços, que é soberano e divino! E eu fico deslumbrado em ver como tu tens a admiravel consciencia do teu destino e da sublime e amada fatalidade que nos uniu e nos sagrou!

Todos teus actos e teus pensamentos são a pura harmonia, a musica e os gestos da Paixão.

Na tua magnifica e poderosa cartinha de hontem eu senti a medida exacta do teu estado de espirito. Vejo-te no absoluto do Amor! Vejo-te altiva, contente de mim mesmo, bella, invencivel, orgulhosa e soberba Amante. E eu accrescento: divina! idolatrada! Meu Amor, como eu te amo e te venero, e como tu me enches de admiração e respeito pelo teu indomavel e bello character!

Tambem, tem coragem e para adeante, para adeante, para a vida, para a gloria! Sim, faze essa linda "viagem" pela Natureza e pela Arte, enriquece o teu genial espirito! E tu já disseste o motivo sublime da tua "viagem maravilhosa". E eu te beijo, te beijo apaixonadamente!

Hontem fui com o Arminio e o Rodrigo á conferencia de Richepin. Havia muita gente da burguezia e do povo da terra. Alguns diplomatas, o italiano, o francez, o belga, e apenas uma senhora, a ministra da

Itália. Felizmente Richepin partiu hoje ás 9,30 para Paris. Conversei com elle algum tempo, no intervallo da conferencia (porque assim é o estylo da terra, ha meia hora de descanso). Richepin está inteiramente preocupado com a sua peça "Le Tango" que será representada amanhã e do que elle me disse, creio ser uma palhaçada representada pela Lavallière e pela Spinelly! E se passa no seculo 18. Porque?...

Hoje de manhã como não podia te escrever fiz esse pequeno "croquis" de Richepin como conferencista:

"Pequeno divertimento literario para ma Petite Chose adorée":

"Richepin fez hontem uma conferencia sobre Napoleão. Elle foi como de costume muito brilhante e agradável, mas extremamente superficial. Em todo o caso aqui, nesta somnolenta e humida cidade, em plena noite de inverno, a conferencia, embora cheia de evocações de cousas conhecidas, produziu o bello effeito de uma visão do Mediterraneo, que surgisse no nevoeiro do Norte. Richepin possui a "sciencia alegre", é a sciencia que Nietzsche proclamava como característica dos povos herdeiros dos gregos e dos romanos, e que elle designava em italiano: "la gaya scienza". Richepin anima todo o seu discurso de imagens, de anedotas, de poesia, e elle o diz como um verdadeiro "actor". Esse orador "representa" o seu discurso, e por isso o melhor espectáculo é elle mesmo e se gosa mais do "como elle diz", do "que elle diz". Em geral nos pensadores ha sempre mais interesse no que elles dizem do que na forma ou na maneira pela qual elles exprimem os seus pensamentos. Em Richepin, é o contrario. Estamos em presença de um homem que "só" diz o que todos sabem, mas elle sabe dizer como ninguem. E assim ha um

"rapido" prazer em seguir o "actor" em todos os seus effeitos. Hontem elle foi de uma grande virtuosidade. Foi eloquente, chegou ao instante da poesia, foi "familiar", vulgar, desceu á grosseria, foi Bonaparte, foi Marechal de la Grande Armée, foi o "petit caporal", foi mamelouck de la Garde, foi criança do tempo do imperio, e se exaltou, e riu, e se commoveu, e como um "troupiér", um "grénadier", cantou ao som do tambor, e morrendo em Waterloo, gritou: "Vive l'Empereur!" Voilà "la gaya sciencia!..." E assim soprou neste nevoeiro da Hollanda, o espirito do Mediterraneo! Mas esse espirito me pareceu vir dos tumulos... E' uma resurreição de mortos. Pura rhetorica!

Oh! eu só penso em ti, e só penso para a minha Coisinha adorada e que eu devoro de beijos e caricias. Oh! Amor eterno! Meu Amor! Hoje te escrevo pouco. Vim ao correio buscar a tua carta e te respondo da legação, onde estou fechado.

A megéra, (oh insupportavel creatura!) foi á missa.

Tu vêes que a minha vida tem o bello rythmo da tua e eu te "sou absolutamente fiel".

Oh! eu te adoro e tu és a minha vida eternal

Que eu sonhe contigo, como sonhei hontem, e parecerá que a noite é mais doce!

Beijo-te, beijo-te! escreve-me como tu sabes me escrever. Conta tudo e sê sempre gloriosa.

Nhnhô foi promovido á capitão de fragata e ficará na Europa.

Cuidado com as duchas! Não te resfries.

Mon Amour! Ma Petite Chose adorée!

.....



*(Haya para Paris)*

*Haya, 29 de dezembro de 1913.*

Segunda-feira, 7 da noite.

Meu divino Amor, minha vida, minha Belleza imortal, hoje que minha alma soffre mais e mais e que eu devia me consolar te escrevendo e cantando a minho paixão, quiz a sorte que eu tivesse um dia horri-vel! Desde manhã estou prisioneiro e tu imaginarás em que desespero.

Houve hoje de manhã o funeral do filho do Presidente do Conselho, morto n'um desastre de trem. Essas cerimonias acabaram ás 2 horas e estive no cemiterio por um tempo medonho, mettidos os pés na humidade, horas e horas, e sob a neve!

Almocei ás pressas porque tinha de assistir uma estúpida e inutil conferencia de um padre dominicano sobre "arte-moral", conferencia patrocinada pela legação da Italia, á que por cortezia devia ir. Essa conferencia durou mais de duas horas!

Voltando ao hotel, fui perseguido por visitas que me deixaram neste momento!

Corro a ti, Amor, eterno Amor! e encontrei teu telegramma desta manhã em que vejo que adivinhas o minho decepção, a minha revolta e tambem, onjo de meiguice, exprimes a tua afflicção, que queres occultar.

Ah! Amor! que oborrecimento! Foi um rude choquel Umo cilodo, um tração do Lauro e eu estou revoltado mas não acobardado. Tu sabes que ninguem me vence, e nem me esmaga, e que eu só cedo quando ha inte-

resse para o nosso Amor, e pelo teu bem! Recebi o telegramma ás 3,30 de hontem, domingo. Fiquei calado e nada disse á megera até que veiu o Arminio ás 5 horas e com este desabafei.

O meu soffrimento é sem nome! Como poderei eu me resignar a cumprir tal estupidez, e não te ver, meu anjo, minha Nazareth idolatrada? Seria a morte... o fim do esplendor, do sublime, do milagre! A minha luta é enorme. E' preciso ser "habil", energico e firme.

E eu tenho de lutar contra a megera tambem que neste momento e na "apparencia "está pela questão pecuniaria e porque não gosta da Haya, está disposta a ficar em Paris, mas tu sabes como ella é voluvel e perfida, e de um momento para outro pode se collocar do lado dos meus inimigos. Ha tambem o golpe traiçoeiro, a intriga, o capricho, da gente do ministerio. Um inferno! Passei uma noite pessima, como calcularás, Amor! Esta manhã estou mais calmo e disposto a ficar indifferente, esperando tudo da fatalidade, da minha esplendida sorte, da minha forte personalidade.

Perdoa que te fale sem sombras de modestia, nós somos um, eternamente, a absoluta Unidade da Paixão na vida e na morte. Eu te tenho, Amor. Tu estás commigo! Vivamos, vençamos, sejamos heroicos, e se eu posso variar em detalhes a attitude para não provocar insolentemente o governo, como é do meu temperamento, não mudarei de conducta e assim estarei contigo até 8 de janeiro e nos teus braços apaixonados, nos divinos beijos da tua bocca, nos transportes ardentes da nossa Paixão infinita, seremos gloriosos!

Ah! Lauro Muller! Não será o futuro ministro, se antes disso eu não deixar esta carreira, como devo.

No meu telegramma de hoje eu classifiquei esse acto perfido e idiota como elle devia ser classificado. O



meu telegramma desta manhã se crusou com o teu, Amor idolatrado.

Amanhã te escrevo com mais ordem. Hoje estou a correr, mas amanhã terei a tua carta que me consolará, me fará mais heroe. Tu és divina e sublime, e nesta hora sempre tragica como todas as da nossa paixão, tu sabes que eu sou teu para a vida e para a morte e tu receberás os meus beijos apaixonados, loucos, beijos de extase!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 31 de dezembro de 1913.*

5 horas da tarde.

Quarta-feira.

Minha Amante sublime! Alma de minha alma, meu Extase, minha Belleza! esta é a minha ultima carta deste anno tão glorioso da nossa vida, porque foi de amor infinito, de mais unidade, se possivel, entre nós dois, ligados eternamente pela Paixão e pelo Destino! e foi pena que tanta felicidade na dolorosa relatividade da nossa existencia fosse amargurada por estes ultimos dis-sabores em que a estupidez e a perfidia nos martyrisam neste momento. Como tudo é tão triste! Mas eu te sinto tão minha, tão na minha alma, e eu tão glorioso no teu ser divino, que me sinto forte e energico e tenho

segurança na victoria muito breve e que tudo se curvará á nassa poderosa vontade.

Sei quanto a luta é seria e como é preciso nella todas as nassas qualidades, a energia, a astucia, a decisão, a vontade, emfim o genio.

Estou muito concentrado depois dos primeiros desa-bafos, e "só comtigo combinarei" tudo. E eu me sinto muito bem por te ver e te sentir prompta e resoluta, vigilante e activa.

Espero que a minha carta de hontem tenha te tranquillizado, e que tu não desanimes da minha energia e da minha confiança na victoria.

Na tua tão deliciosa e tão tua carta de hontem, oh! minha idolatrada Santa, tu repetes que devo escrever ao Lauro. Na minha carta de hontem por minha vez te dei as razões porque "mudei" de resolução e não quero ou melhor penso não escrever ao amigo que foi e que se tornou perfido e ingrato e que "friamente" zombará da minha indignação e não me responderá... Emfim... ainda é possível que eu escreva, se o teu firme palpite fôr esse... O meu plano é não escrever neste momento a ninguem sobre tal assumpto, nem ao Azeredo, nem ao Fontoura.

O que eu preciso é ir a Paris te ver sem demóra. Tu és a minha vida, nós somos um, e juntos nós nos consolaremos e formaremos o nosso plano de acção.

Pedi ao Vital que me dissesse quando chega ahi (em Cherburgo) o vapor "Andes" por que vem Themistocles. Se chegar a 8 ou 9, sigo d'aqui a 6, e seremos "nós" no dia 7.

Oh! como serão intensos e immortaes os curtos instantes da Paixão eterna! E como tu serás bella, oh! minha incomparavel e sublime Amante!

Não sei até que ponto o megera é "responsovel" por isso "medida" vexotorio. Ello sempre me comprometteu, censurando abertamente a minho estodo em Paris, e é possível que um "écho" disso tenha chegado até ao Louro.

Tu sabes que este me mondou oquelle recodo pelo Alcoforodo, e o rozão fôro, segundo dissera o Régis, pelo facto do Alcibiades Peçonha, ministro no Russia, estar installado em Nice. E' estúpido dizerem ohi que fui eu que provoqueei isso medido. Não. O Louro me feriu paro ferir os outros, e sobretudo o Fontoura, pois elle onda damnodo com este ha muito tempo, desde a componho feita contra o nomeoção do Oliveiro Limo poro Londres, lugar disputodo pelo Fontoura. Tu tens rozão em dizer que elle detesto o Azeredo, e está com inveja do que tenho feito por este oqui. Mos eu extornho o Louro, que é covarde e desta vez se sohiu orrogonte. Porque?... é o "ponto" mais "mysterioso e que descobrirei.

Meu Amor, não fiques doente. Não, Adorodo minho! e pensemos no que é sublime e grande e vençomos todos esses miseraveis.

A megero pode estar exultando, mas o Hoyo lhe é insupportavel, ello aqui não encontro em que se divertir. Commigo se limito ao que é formol e ossim continuerei, de geito que ello vive se lomentando e desesperodo por Paris, onde mexe, remexe, folo, "intrigo" e expande o suo vulgar noturezo. Assim ello mororá em Paris, e como é leviono e incoherente, diró horrores da Hoyo e tambem do Louro...

Hontem, como te disse, o minho torde e o minho noite foram os mois socegadas possiveis. Não sahi á noite e o Arminio não oppareceu. Hoje ho umo recepoção na legoção do Allemanho, omonhã na Argentino,

depois será a Côrte e sabbado jantar na legação da Italia. Pobre de mim! Como me sinto ridiculo, fazendo vida diplomatica! E neste momento em que o desespero, a tristeza e a saudade inconsolavel de ti, Amor, me dominam!

Amanhã haverá tantas recepções officiaes das pessoas da Côrte que passarei o dia estupidamente tomado. Mas serei sempre acompanhado do Arminio, que continua muito dedicado.

Meu doce, eterno e infinito Amor, que te posso dizer na passagem deste anno, neste instante symbolico, que não seja o canto da minha incommensuravel e unica Paixão! Tudo o que de gronde, de bello e de sublime nos trazer o anno novo será o doce reflexo do nosso Amor! Eu te beijo com o ardor dos meus profundos e maravilhosos desejos. Eu sou "teu" e tu és minha, oh! Petite Chose adorée, e tu és a Belleza, a Felicidade absoluto, eterna!

Beijos, beijos, oh! Saudade!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 1.º de janeiro de 1914.*

Quinta-feira, 12 e meia.

Minha Luz Divina! Minha Amonte eterna e sublime! minha Doçura! Minha Esperança e minha Vida! Não te posso dizer a profunda e immortal emoção que me deu a tua apaixonada e incomparavel carta de hontem, do

nosso glorioso recanto de amor!... Todo o meu ser se espiritualisa e se torna mais divino á intensa e maravilhosa luz da tua Paixão, e nessa magica atmospheria de extase sobrenatural que tu, creadora immortall, fazes nascer da tua Belleza, da tua Alma, do Mysterio da tua Essencia! E "viveste" hontem, na Saudade e na Resurreição, todo o Universo e todo o Infinito. E a carta que escreveste é das mais bellas que o teu genio e a tua transcendental paixão tem inspirado, e ella é tão sagrada, que apezar do meu juramento não tenho animo de a rasgar, e ella volta ás tuas divinas mãos para que a guardes ahí, e que eu a releia, releia, e quando estiveres tambem longe de mim, e me sinta por instantes desanimado, ella me dê a força, a energia, e a transfiguração...

Sim, Amor eterno e minha immensa Ternura, nós seremos gloriosos nesse anno decisivo da minha situação material. Tratarei de pôr tudo em ordem. Libertar-me-hei da carreira diplomatica, e darei uma solução definitiva á nossa liberdade, e se pela piedade que tambem move o teu divino coração, nós resolvermos ainda ficar como estamos, pelo menos nós, pela independencia material, estaremos livres para as resoluções definitivas. Estou calmo e intensamente resolutto. Tu me conheces, Amor supremo! como ninguem, e tu sabes até onde eu vou. A maior difficuldade que eu tenho neste momento é não possuir meios de dinheiro, para me mover mais. Se eu tiver alguma cousa que me livre dos embaraços, e me possa dar facilidade de agir, e mesmo de supportar uma disponibilidade, ah! "elles verão"!

Deixa dizer que fui eu quem provocou a medida estúpida do Lauro. Procuram os miseraveis um responsavel, e como eu sou o mais forte, attribuem a mim tudo.

E' uma homenagem que me fazem os covardes. Melhor. Gosto de me sentir responsavel, e "dono" de uma situação, seja mesmo má. Oh! tudo "isso" é miseria e não vale nada. Lauro Muller foi um balão que eu soltei nas nossas relações exteriores. Como é facil furar esse balão!

Amor! Perdoa se com essa expansão de defeza e aggressão eu te roubo e a mim instantes profundos de pensamentos. Mas tu sabes que se trata de nós, do nosso amor eterno. Para mim só ha uma cousa na vida, aquillo que interessa a nossa Paixão unica e absoluta... Tudo se regula por esse sentimento immortal e tu serás orgulhosa do teu Amante! Oh! minha Amante tão doce, tão meiga, minha pallida e extatica Nazareth!

Hoje escrevo menos, é o dia da recepção no Ministerio do Exterior, nas casas das velhas "grandes-maîtresses" da Côrte e da inscripção nos Palacios.

Meu Amor, minha Belleza, eu te beijo toda, total! Oh! que saudades profundas, "dolorosas"... Amor! Minha divina Amante.



*(Haya para Paris)*

*Haya, 2 de janeiro de 1914.*

Sexta-feira, 6 horas.

Minha doce Petite Chose adorée, alma de minha alma, meus formosos olhos de saudade! meu Tudo, oh! como eu te tomaria nos meus braços apaixonados e te

beijaria, te beijaria e na posse suprema realisaríamos o profundo e eterno desejo dos nossos seres immortalmente amantes !

Esta separação está sendo tão dura, hélas! e não ha consolo possivel para ella. Tuas cartas são divinas, nellas se reflecte a tua alma sublime, o teu coração amantissimo e unico... Mas como tu, a tua vibração sentida e vivida, o teu Ser ardente e palpitante nas minhas mãos soffregas, és incomparavelmente mais infinita, mais transcendental! Oh! nossos instantes de delirio e extase, nosso abandono infinito e tão doce, divino esquecimento! E em vez disso a separação, a tortura, o martyrio. Amor! Amor! Como é dura a existencia dos amantes separados e se não fosse a Esperança e o proprio mysterio do Amor insaciavel, onde buscar forças para tanto soffrimento?...

Como eu te vejo errante, inquieta, infeliz, pobre Petite Chose idolatrada, que busca o seu companheiro eterno... e hoje ausente, e por toda a parte a saudade a lhe acompanhar!

Eu tambem pergunto como tu, onde está a minha Amante sublime neste momento. O seu pensamento, o seu coração, oh! fidelidade absoluta, esses estão cheios de paixão. Mas o que faz ella?... onde as exigencias da vida a conduzem, heroína do Amor, Santa da Paixão?!... Mas por toda a parte Ella vive em mim, como Eu vivo nella! e tudo nos separa de todos e um halo mysterioso, sobrenatural a protege, e a torna longinqua, como a Estrella inatingivel...

Estou tão triste hoje! E não te quero escrever de tristezas... Mas que fazer? Não é desanimo. Não. E' o indefinivel da separação, é a ancia de ti, Amor! Que vida horrivel levo aqui! Hontem fiz tres visitas officiaes. Depois, jantar na legação argentina, que horror! Mas

quonda voltei, metti-me na meu salão, e acobei de escrever para ti, meu Amor, a resumo do historia da guerra de Troia e da cyclo troyano. Sei que tu já estudaste o assumpto, a que muito, muito me alegrou. Mas eu te mudo o que fiz para confrontares com o que tu sabes e para teres um interpretação minho, pessoal. Não tive livro nenhum para me ajudar, apenas verifiquei num pequena Larousse os nomes dos reinos, dos guerreiros e chefes gregos. O "resto" é composição minho. Tu me dirás como te pareceu. Empreguei o estylo familiar das narrativas.

Estou domnada por não poderes levar para como as troicas gregos. Que sujeito mais imbecil e mesquinho! pobre Amor meu!

Aqui tombo a situação é desagradavel. A megera ontem me fez uma dos seus scenos de molcrição. Que mulher insupportavel e otrevido. Também o trato tão friamente!... Ainda hoje appareceu aqui na legação para me buscar e ir possor comigo. Não se troto de cumprir um dever officio, simples passeio. Recusei, e ella levou-me a Arminio, até com prejuizo do serviço porque hoje foi dia de soque no bonco e hioo necessidade de fazer as devidas communicões. Que martyrio!

Oh! tu, meu doce Amor! como tu és grande, sublime e como eu teodoro e teodmiro! Tu és um verdadeiro e incamporavel heroina e eu esqueço martyrio, soffrimentos que me esperom, porque te sei firme, inabalavel, sublime, unico, divina! Meu Amor! Tu sabes que os nossos pensamentos se communicam eternamente! que eu vivo de ti, minha creatura idolatrado, que eu penso, me agito, crio, me elevo, e sonho, e venço, porque a minho força se apoia e se alimenta da tuo po-



derosa paixão e de tua radiante e sobrenatural belleza, cujo mysterio eu possuo soberanamente, eternamente !

Oh! escreve-me, dá-me a tua alma que é a minha alma nas tuas magicas palavras e eu supportarei ainda este martyrio! Amor, eterno e sublime Amor!

Já fui muitas vezes ao correio e ainda não chegou o teu telegramma tão desejado. Esta, tu vaes receber amanhã, e como domingo não é certo sahires, telegrapharei annunciando a partida do Rodrigo.

Hoje é a noite da Côrte, mas não haverá baile por causa da morte da velha rainha da Suecia. Melhor.

Ainda e sempre beijos e toda a minha alma apaixonada n'um beijo eterno!

Adoração! "Fidelidade absoluta!" Para a vida e para a morte!...

### Estudo Troyano

Celebraram-se no Olympo as nupcias de Thetis e Peleu. Thetis era uma nympha e Peleu era um rei de uma parte da Thessalia, ao norte da Grecia. Desse casamento nasceu Achilles, que foi por sua mãe mergulhado no Stix, rio dos Infernos, o que o tornou invulneravel, excepto no calcanhar, por onde foi seguro quando se fez essa immersão.

A' festa do casamento de Thetis e Peleu não fôra convidada a deusa Discórdia, filha da Noite e irmã de Marte, e que havia sido expulsa do Olympo por suas maldades. Ella jurou se vingar e, uma vez que n'um banquete, no meio da alegria geral e emquanto por entre gargalhadas dos deuses, Vulcano côxo e desageitado e esposo infeliz de Venus, servia o nectar (a ambrosia, a bebida celeste) a Discórdia atirou á meza um pomo de ouro que trazia esta dedicatória: "A' mais

bella". Esse pomo teria sido colhido no jardim das Hesperides (As Hesperides eram filhas de Atlas, e no seu jardim havia uma arvore de maçãs de ouro, naturalmente muito cubiçadas. Atlas era um rei da Mauritania, hoje Marrocos, e que por castigo fôra transformado em montanha e obrigado a carregar o mundo nas suas costas. Pensa-se pois que o jardim das filhas de Atlas, o jardim das Hesperides, devia estar situado na Mauritania ou em terras de Hespanha, e julga-se que a arvore dos pomos de ouro é a laranjeira, natural dessas terras, e cuja fruta parecia mysteriosa para os gregos).

Uma vez que a Discordia atirou na meza do banquete o "pomo da discordia", tres deuses o disputaram, Juno, Minerva e Venus. Não havendo accordo entre os deuses, resolveram estes que a decisão fosse confiada a um mortal, e o arbitro escolhido foi Paris, filho de Priamo, rei de Troya, cidade da Asia-Menor.

Cada uma das deusas disputantes procurou conquistar o voto do joven príncipe. Juno prometeu-lhe o poder, a magestade, o dominio entre os homens. Minerva prometeu-lhe a sabedoria, o genio, a arte; e Venus o Amor, ou antes a mulher mais bella do mundo. Ou porque Venus fosse realmente a mais formosa, pois era já consagrada deusa da Belleza, ou porque a promessa de Venus fosse a mais seductora, foi a ella que Paris deu a victoria, e entregou o pomo de ouro...

As outras deusas, irritadas, juraram vingança, enquanto Venus tratou de cumprir a sua promessa. Ora, succedia que a mulher mais bella do mundo era Helena, irmã por parte de sua mãe Leda, de Castor e Pollux (gêmeos, filhos de Leda e Jupiter, que para possuil-a se transformou elle mesmo em cysne), Helena era mulher de Meneláo, rei de Sparta. Com o auxilio de Venus,

Paris raptou Helena e levou-a para Ilion ou Troya. Meneláo, desesperado, vae de reino em reino na Grecio e supplico que todos vinguem o sua desgraça conjugal. Os reis, incitados por Minerva, se conjuram e resolvem pelas armas retomar Helena e destruir Troya. Forma-se um grande exercito sob o commando de Agamemnon, irmão de Meneláo e rei de Mycenae e Argos, na peninsula do Peloponeso, na Grecio. Agamemnon e Meneláo eram filhos de Atreu, rei sanguinario de Mycenae, e que massacrrou os filhos do seu irmão Thyestes, e os serviu ao pae n'um banquete. Os filhos de Atreu, conhecidos na historia e na lenda pelo nome de Atridas, foram celebres pelas suas desgraças e pelos seus crimes. O sangue dos Atridas é o sangue de Orestes e de Electra, filhos de Agamemnon.

Os outros principaes chefes do exercito grego que foi combater Troya são: Ulysses, rei de Ithaca, celebre pela sua astucia, pelo seu engenho oo mesmo tempo que pela sua bravura; Nestor, rei de Pylos, muito respeitado pelo seu bom senso, pela sua prudencia, e pela sua idade; Diomedes, rei de Argos, de uma grande voluntia, (foi Diomedes que feriu Venus quando elle combatia contra Enéas, filho da Deusa); Idomeneu, rei de Creta, neto de Minos (celebre pelas suas leis, e que depois de morto foi juiz nos Infernos para julgar com mais dois outros os crimes e acções heroicas e nobres dos mortaes); Achilles, filho de Thetis e Peleu, o mais valente dos gregos, rei dos Mirmidões, que eram um povo do Norte da Grecio, de estatura muito pequena.

Além desses reis, havia outros guerreiros famosos, como os dois Ajax que não eram irmãos, um era filho de Telamon, rei de Egino, o outro filho do Oileu, rei dos Locrianos; Potroclo, amigo e companheiro de Achilles; Pyrrho, filho de Achilles.

O rei troyano era Priamo, marido de Hecuba, e pae de muitos filhos, entre os quaes Heitor, o mais valente dos troyanos, e Paris. Muitos reis e chefes guerreiros da Asia-Menor vieram em auxilio de Troya, e entre estes Enéas, filho de Anchises e de Venus.

Logo que os gregos puzeram cerco á Troya, sobreveiu uma grave discordia entre os chefes do exercito, porque depois da tomada de uma pequena cidade nas immediações de Troya, coubera a Achilles, em partilha, a sacerdotisa Briseida, e mais tarde, no acampamento grego, Agamemnon, abusando da sua autoridade de chefe supremo, tirou a Achilles essa joven captiva. O heróe irritado se retirou á sua tenda, não mais combateu, e assim se passaram dez annos sem se poder decidir a victoria nem a sorte da guerra, apezar dos violentos e successivos combates em que gregos e troyanos praticaram feitos notaveis sobretudo Heitor, os dois Ajax, Diomedes, Enéas, etc. Aconteceu porém, que Patroclo, revestido das armas de seu amigo Achilles, se bateu em combate singular com Heitor e foi morto por este. Achilles depois de prestar ao seu amigo as honras funebres, por sua vez sahio da immobilidade em que se conservava, da sua longa "colera", e combateu com Heitor, e o matou, arrastando-lhe o cadaver varias vezes deante dos muros da cidade sitiada. Pouco tempo depois, Paris vingou a morte de Heitor, matando Achilles, que elle conseguiu ferir com um dardo ou uma flecha no calcanhar, unico ponto vulneravel do corpo do guerreiro que havia sido mergulhado por sua mãe Thetis, no rio Stix.

Muitos combates singulares se succederam até que Priamo foi morto por Pyrrho, filho de Achilles. Ainda assim a victoria não se decidia pelos gregos definitivamente, e estes aconselhados por Ulysses fingiram que

abandonavam o cerco, que embarcados em seus navios, voltavam á Grecia, deixando como presente aos troyanos um immenso cavallo de páo. Vendo que os gregos se haviam retirado, os troyanos sahiram da sua cidadella e, interessados pelo cavallo, levaram para a cidade, apezar das exhortações do grão-secerdote Laccoonte, filho de Priamo, que lhes advertia de temer os "presentes dos gregos". O cavallo era um estratagemma de Ulysses. Uma vez dentro da cidade e quando todos estavam descuidados, de dentro do bojo do animal de madeira sahiram centenas dos mais valentes guerreiros gregos, que fizeram uma immensa carnificina na cidade, e puzeram fogo nella. Entre os chefes que escaparam fugindo, notou-se Enéas, que carregou seu pae Anchises ás costas e levando seu filho Ascanio.

Uma vez arrasada Troya e ficando perpetuamente cheio de melancolia o lugar onde fôra a cidade, "campus ubi" (onde) "Troya fuit"... finda a raça de Priamo, Helena reconduzida á Grecia, Venus ajudada de Apollo e de Neptuno e com a tolerancia de Jupiter, exerce a sua vingança sobre os perfidos e vencedores gregos. Cada heróe tem um destino tragico.

Agamemnon chegando á sua patria, encontrou a sua mulher Clytemnestra casada com Egisto, parente de Agamemnon, filho de Thieste, irmão de Atreu, pae de Agamemnon. Egisto, depois de matar Atreu, seduziu Clytemnestra e matou Agamemnon quando este entrava no seu palacio de Mycenae. Mais tarde Egisto e Clytemnestra foram mortos por Orestes, filho desta rainha e de Agamemnon, e irmão de Electra. E' essa a historia tragica dos Atridas.

Ulysses perseguido por Neptuno, viajou, perdido, desviado do rumo da sua ilha, Ithaca, e levou errante longos annos combatendo, soffrendo, quando enfim

poude voltar ao seu reino, onde sua mulher, a fiel Penelope, o esperava se defendendo dos "pretendentes" que a disputavam para desposar-a.

Um dos Ajax se havia matado durante o cerco de Troya, depois de disputar a Ulysses as armas de Achilles, e quando possesso, furioso, começou a degolar rebanhos de carneiros e bois, julgando immolar os inimigos. O outro Ajax, voltando do cerco de Troya, naufragou e morreu afogada.

Ha um "fundo commum" na mythologia que se encontra nas fabulas ou lendas dos povos os mais diversos. Assim na legenda da guerra de Troya é interessante que o "começo do mal" vem de "uma maçã" que uma "divindade infernal" por "vingança" atirou no "Olympo", servindo de instrumento aos seus designios tenebrosos, a " vaidade" da "mulher" ("a mais bella!") Na lenda da Biblia o peccado original veio de um pomo (maçã) que a demonio, Satan (a deusa Discordia) deu no "paraiso" (Olympo) á "mulher" excitando a sua "vaidade" e "curiosidade."

Ha uma perfeita identidade de processo de intenções e de resultado. Por ahi se prova uma "unidade" literaria, religiosa, inicial nos povos primitivos e as lendas populares imigram pelo mundo e trazem reminiscencias de uma origem commum.

Na guerra de Troya se deve observar o symbolo dessa continua luta do Occidente com o Oriente. A marcha da civilisação é do Oriente para o Occidente. Do Egypto, da Assyria á Grecia, da Grecia á Roma, de Roma á França, Allemanha e Inglaterra, e dahi para a America. Mas o Occidente sempre teve de combater o Oriente. Depois de Troya, a guerra dos Medas e Persas cantra a Grecia, senda as "invasores asiaticos"

derrotados pelos gregos em Marathona, e na batalha naval de Salamina.

Depois vieram as conquistas de Alexandre, grego da Macedonia, que dominou o Oriente, e depois as guerras dos Romanos, depois já no fim do Imperio, Juliano, que morreu na Persia.

O Cyclo Troyano foi fecundo para a literatura. Os primeiros momentos da literatura grega, de obras de Homero, são inspiradas do cyclo troyano, a Iliada, cujo nome vem de Ilion, Troya, e a Odysseá, de Ulysses.

Eschylo tratou desse assumpto soberano em varias peças, sobretudo na Orestiade, trilogia, que é a tragedia de Orestes, e dos Atridas. Sophocles escreveu Electra. Euripedes escreveu outra Electra, e Helena. Nesta ultima peça o engenhoso grego para salvar a reputação da bella grega, imagina que fôra a "sombra" de Helena que Paris raptou e que esteve em Troya, por artificio de Venus, enquanto a mulher de Meneláo ficara socegada e honradamente no seu palacio real de Sparta !

(Acabado ás 2,3/4 da madrugada de 2 de janeiro de 1914. Haya.)

A's 6,1/2 da tarde.

Ha ainda como poema sahido do cyclo troyano a Eneida de Virgilio, onde se celebra a peregrinação do heróe troyano Enéas, que fugiu de Troya, quando os gregos queimaram a cidade. Enéas terminou o percurso na terra, no Lascio, (Latium)), de onde proveiu o povo romano. A lenda attribue a origem romana a Enéas, a seu filho Ascanio, e seus descendentes. E como mais tarde Roma foi a rival victoriosa da Grecia, talvez haja

nisso um "retour" mysterioso do destino, que vingou Troya pelas armas dos descendentes dos troyanos.



*(Haya para Paris)*

*Haya, 3 de janeiro de 1914.*

Sabbado, meio dia e um quarto.

Minha sublime Esperança, minha Força immortal, minha doce e divina Amante... tuas cartas de 1.º e de hontem me extasiam. Nellas, junto ao mysterioso perfume da tua alma cheia de Paixão, unica e incomparavel, ha tambem esse perfume raro que vem de tudo que tu tocas, e ao abrir o envelope é como se eu abrisse um cesto de flores, de rosas, como se eu entrasse em um jardim encantado, em que fosse deliciosamente envolvido do halito divino das rosas... Como tu és sagrada! Tu exhalas esse odor que se encontra mysticamente no corpo das Santas! e tudo o que se approxima de ti e tudo o que tu tocas se enche desse perfume immortal que emana do teu ser mysterioso...

E é por isso que eu te zelo tanto, que não te quero senão em ti mesma, na profunda e sublime solidão! E tu, Amante, a grande Amante, te separaste de tudo, ficas intangivel e unica para a gloria do teu Amante, para a sublimidade da nossa paixão.

Essas cortas são maravilhosas e tão commoventes! Que poder de expressão tu tens, ma Petite Chose adorée! Cada palavra, cada phrase tua é a deliciosa "pai-



sagem' da tua alma e do teu Ser... E eu te vejo, linda, linda, o formoso rosto transfigurado, os olhos em extase, a bocca suspirosa, e todo o Ser se partindo de ti mesmo para as regiões infinitas e ethereas da volupia e do amor...

Oh! Solidão sagrada, augusta e mysteriosa da minha Amante sublime, como eu te adoro, e te respeito! Solidão divina, em que a alma paira, e todo o Ser se transporta, se exalta, e sóbe até esse mystico Paraíso que só a Paixão conhece! Como tu és incomparavel, unica, ma Petite Chose adorée, a mais sublime das Amantes!

Na tragedia e no extase em que tu vives, tu és a Paixão! e eu te venero, e eu te idolatro, e meu sangue, minha alma, minha vida, tudo em mim eternamente em ti! Oh! Nazareth! como eu te amo!

Deixa que eu te conte as cousas inferiores em que me movo. Hontem á noite foi a recepção da Côte. Não houve baile por causa do luto e nem houve musica. E como aquillo tudo me pareceu horrivel e singularmente triste... Tu comprehendes, Amor, que uma alma como a minha, ardente, extatica, cheia de ti, oh! divina! devia soffrer muito naquelle constrangimento. E por mais que eu me diga que é uma comedia, que não "sou eu" que ali estou, eu sou muito sincero para não deixar de soffrer, e eu não quero absolutamente crear no meu espirito esses artificios, essas combinações engenhosas das almas inferiores. Não. Era "eu" mesmo que ali estava, eu, o teu Amante incomparavel, o teu outro ser, ou o teu proprio ser, que estava ali contrafeito, humilhado, desesperado, e sentindo esse horrivel "degoût" das cousas que nos atiram ao Nada...

Oh! libertação como tardas! e eu repillo toda a transacção, Amor meu, e tu tambem não te deixes invadir por essas condescendencias ordinarias que admitem ao "coeur léger" o amor e a vulgaridade, sob o pretexto de força e indiferença. Oh! Não. Tu és Unica, e sublime! e jamais tu transigirás contigo mesmo e por isso tu serás sempre admiravel e exemplo da paixão e do heroismo!

Emfim está passado mais este tormento. Disseram-me que eu estava de uma "grande pallidez" toda a noite... Devia ser assim, todo o meu sangue pulsava neste teu coração...

Hoje ainda uma massada, jantar na legação italiana. Themistocles chega a 10, e eu vou no dia 8, quinta-feira, chegando á noite em Paris. E assim no dia 9, sexta-feira, nós seremos felizes eternamente, e gloriosos e divinos. Dá-me muito, muito, de tudo... e tambem do tempo!

Do Brasil chegou-me hoje um telegramma amavel de cumprimentos do Régis, em que elle accentua: affectos, saudades. Do Lauro, nada. Tambem só mandei o telegramma "formal" do ministro e dos secretarios da legação ao "Ministro do Exterior". Para adeante.

Amanhã segue para ahi o Rodrigo.

Sim, lê bem Homero, que é maravilhoso como artista! Que belleza a Illiada lida por ti, oh! divino Parthenon, milagre de Belleza e de Genio! Ahi tu me dirás o teu encanto! e eu te quero!

Beijo-te oh! minha maravilhosa Amante terna e incomparavel!

Como nós somos a gloriosa Unidade na Paixão! Amor! Eterno Amor!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 4 de janeiro de 1914.*

Domingo, 12,1/2.

Meu eterno Amor! Minha sublime Amante! todo o meu ser n'uma suprema emoção se recolhe em tua alma e em teu corpo, minha divina Petite Chose adorée! Recebi neste instante o teu intenso, profundo e ardente grito de paixão, e os meus olhos se enchem de lagrimas de saudade, de esperança e de desejos...

Fiquei radiante de ver como achaste "bem" o resumo que fiz para ti, oh! minha sublime discipula idolatrada, e eu senti a vibração de amor e arte que se apoderou de ti... Já te disse que, pensando que tu lês Homero e com o teu genio intuitivo, tu tens a revelação definitiva do genio grego, sinto um immenso prazer e um extase esthetico que tu debes imaginar em mim. Tu, que eu considero a mais bella encarnação do genio antigo no que este teve de puro, de simples, de grande, de luminoso, conheces emfim o milagre grego, e vês como a religião, a poesia, a arte, a historia da Grecia têm uma profunda e maravilhosa unidade. Homero te dá a chave de todo o mysterio da Grecia. Por elle tu comprehendes o Parthenon, toda a Acropole, todas as tragedias, todos os deuses, esse povo olympico, que parece a continuação dos gregos da terra, como estes são a continuação dos divinos... E como Homero é artistal Todas as metaphoras, todas as imagens, comparações que ainda usamos vêm da Illiada e da Odyssea. E' a fonte suprema da literatura occidental! E que

"pintor" sublime! que côres, que grupos, e que movimento!

Oh! Petite Chose, como eu sou feliz te sabendo em plena revelação desse mundo magico da poesia! Como tu palpitarás nos meus braços, de emoção do teu genio, e de paixão da tua alma e da tua carne de paixão!

Eu te adoro, oh! minha beleza!

Já te disse que ahi estarei quinta-feira á noite, e sexta-feira contigo, adorada! Escreve-me ainda quarta-feira, e manda, por garantia, a carta expressa, que assim a terei sem falta na manhã de quinta.

Hoje mandei pelo Rodrigo a minha carta, em resposta a de "O.". Assim tu terás qualquer cousa do teu saudoso amante. Escrevi a carta hontem á noite, de volta do fatigante jantar na legação da Italia, mas fechei hoje de manhã.

Sim, fizeste bem em acompanhar o "sujeito" ao theatro. Tu fazes tudo pelo melhor, e eu imagino como isso não te contraria.

Creio que não verei o Parsifal, porque terei de voltar á Haya onde ha ainda obrigações da Côte. Hoje te escrevo pouco, infelizmente. E' domingo, chove muito e vim sob um vago pretexto ao correio e te dizer o meu eterno amor. Não sei se me restará liberdade durante o dia, e assim, por segurança, escrevo-te agora. Mas tu me perdoarás, Amor meu! Tu sabes que sou teu, e que tu reinas victoriosamente, gloriosamente na minha alma apaixonada e no meu corpo que te é fiel, "religiosamente fiel".

Cuidado com a tua tosse que me inquieta. Tu és minha... Recorda-te sempre disso, minha eterna e adorada Petite Chose. Beijos. Amor! Amor!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 5 de janeiro de 1914.*

Segunda-feira, 4 horas.

Minha Paixão eterna! minha Doçura, minha alma divina, minha harpa sublime, tudo em mim hoje é a bella allucinação da esperançal

Começa a semana em que vou ver a minha idolatrada Petite Chosel e só esta "idéa" me anima e resuscita este ser, esmagado de dôr, de saudade e desterrado de tuas caricias immortaes! Como eu te quero, meu doce Amor! Oh! eu mesmo sou orgulhoso da paixão que te tenho. Que vale a propria arte quando se sente em seu sangue, na sua intelligencia, nos seus profundos desejos, esse fogo mysterioso e sublime da paixão que nos queima, nos illumina e nos arrebatá!

Eu sou Aquelle que viu o Paraiso pelos teus olhos sublimes e eternos... Eu sou Aquelle que preferiu reinar em tua alma a reinar no mundo! Tudo em ti, arte, poder, força, dominio, gloria, e toda a vida!

Oh! "elles" me atacam, buscam me prender, me fazer esse ridiculo prisioneiro, me humilham, a pobreza me embaraça, que importa! Eu sou o mais forte, tenho o teu amor, a paixão da Mulher incomparavel, da belleza unica, da sensibilidade mais profunda, mais além da realidade que no mundo possa existir! E' o Paraiso, e quem possui o Paraiso é um Deus! Sinto em ti a Victoria e eu vencerei!... Como a tua realidade é magica! Só a approximação, ainda longinqua de ti, me alvoroa todo, e eu estou "louco" de grandeza, de paixão e de desejos! E' singular. Até hontem tudo definhava em

mim. Se tu visses o teu amante como morrial... Sim, morria de tristeza, de saudades, de tudo o que tu sabes... Mas esta madrugada, quando a insomnia costumada me persegue, veio então tambem um extase de amor, forte, imperioso, um immenso e entranhado "desejo" de ti, das tuas caricias, dos teus affagos, de tudo que é a tua volupia sublime, immortal... E eu vi que começava a semana em que me aproximava de ti... E foi uma primavera em meu ser! Oh! doces pensamentos de amor! oh! scismas melhores que os sonhos de amor!...

Como eu te amo! e como sou teu!

Ainda esta manhã fui ao correio e nada recebi de ti, nem a tua carta adorada e consolação suprema neste desterro, nem uma palavra pelo telegrapho. Vou voltar agora e com certeza terei um telegramma porque vejo que não podeste escrever hontem, ou não sahiste de casa.

Aqui tudo estúpido agora, reina atrapalhação com o luto da rainha da Suecia. Essas rainhas aqui são muito caprichosas com o corpo diplomatico, como tu sabes, e isto nos põe a todos em difficuldades. Aqui não se sabe nada com antecedencia, e se é "chamado" á recepção da rainha algumas horas antes!

Hontem fiquei preso com visitas. Vieram alguns ministros e mais tarde fui á legação austriaca. A' noite não sahi. Escrevo-te do hotel! Eu espero o ministro americano, que é um escriptor notavel, e pela primeira vez diplomata. Elle fez conferencias na Sorbonne, do que resultou um livro interessante que felizmente já conhecia, antes de vir para a Haya. Isto lhe deu prazer. E emquanto não vem, oh! delicioso instante de liberdade para conversar com a minha Amante idolatrada e eterna!

E que fizeste hontem? Ainda o divino Homero? Vistas? Sahiste? Oh! eu quero saber "tudo"!

Como a tua vida me pertence!... e como tu és minha!

Tu deves imaginar a minha "tortura" longe de ti, Amor! Sim, a minha confiança é illimitada. Tu és grande e sublime e eu te entreguei a minha vida.

6,30. Interrompeu-me a visita do ministro americano, que conversou longamente e com que desespero eu não via o tempo que fugia roubado a nós... Sahiu afinal o homem, fugi de casa, carregando estas folhas preciosas que são o pallido espelho da minha alma ardente. Fui ao correio, de lá trago victorioso o teu telegramma tão intenso e tão bello em suas poucas palavras e aqui estou na legação, onde não ha mais ninguem. O Arminio está em Bruxellas.

Dize ahí aos "nossos concierges" que chego a 9, porque ainda não lhes paguei o aluguel de janeiro e não quero mandar o dinheiro pelo correio com receio de alguma complicação e explicação a dar, pois não sei "bem" o nome do "concierge".

Fico ancioso por tua carta amanhã, pois vejo que não a remetteste hontem, e que hoje ás 2,30 telegraphavas. Hoje á noite não saio. Aproveito para preparar algum expediente com a Delegacia. Oh! só para ti eu vivo, e que vida maravilhosa não "faremos" quando sem mais hora e em toda a parte fomos eternamente, divinamente juntos!... Nós somos "um". A unidade absoluta e triumphante do Amor, mas precisamos, nos rapidos momentos que temos de existencia em nossas formas distinctas e que "se completam", viver sempre juntos... "Aquelle que não me deixa mais... Oh!

tu és mais sublime que a pallida e transfigurada Francesca !

Eu te adoro, minha Rosa Mystica! e com que immensas saudades eu fico quando deixo de te escrever... Acabou-se a alegria, o enthusiasmo, com que abri hoje o meu coração... Veiu a realidade da separação... Onde está a minha divina e immortal Amante, que busca em tudo, tudo, no céu, nas estrellas, nas flores, nas cousas mais insignificantes o seu Amante e só o encontra no seu immortal pensamento, no seu immaculado e apaixonado coração?!... Agora tudo é triste, morto, é a grande noite silenciosa e só o companheiro pensamento me vela nesta dura prisão...

Bôa noite, Petite Chose adorée! Bôa noite, Divinal Recolhe a minha alma em tua alma e o meu coração palpitante em tuas mãos pequeninas e poderosas.

Para a vida e para a morte...

Eu quero morrer te beijando... Amor! Eterno Amor!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 6 de janeiro de 1914*

Terça-feira, 4 horas.

Oh! Ma Petite Chose adorée, meu eterno Amor, minha Paixão immortal, saber que tu, na noite de Parisifal estás com os Azeredos foi para mim um golpe muito rude!... Imagina tu que eu não "penso" senão



no nosso encontro, e que será logo depois de ouvires essa musica quasi para mim desconhecida e que é sublime! Imagina que eu vivo da idéa que tu vaes sentir uma emoção artistica rara e que tu estarás profundamente concentrada, recolhida, vivendo em nosso amor, e sagrada! e venerada e intangivel. Eu estaria longe de ti, mas a minha alma contigo na doce e mystica communhão dos nossos seres! Imagina que eu reflecti muito sobre Parsifal para mandar-te as minhas meditações, e que hoje me dispunha a te escrever tudo isto que vem do meu cerebro e do meu coração amoroso... Imagina que antes de ir ao correio passei no florista e mandei-te flores, e todas de uma grande pureza, lyrios brancos, lilas, muguets, cravos da mesma côr ou sem côr, e as primeiras tulipas brancas e tudo para Aquella que iria no recolhimento da sua alma e "só" "só", ouvir Parsifal!... E agora que ironia nos arranjou o destino!... Em vez desse recolhimento, o contacto com a vulgaridade, com o que ha de baixo, de torpe, de "immoral"... Oh! noite de Parsifal, do heróe "loucamente casto" !...

Como eu sinto tudo estragado, corrompido, como os meus sonhos são irrealisaveis, e como tudo é contrario...

O meu enthusiasmo morre... E porque eu não morro tambem?...

Não, meu eterno Amor, não, eu não irei essa noite á Opera. E' impossivel arrastar essa megera na manhã de 8 e eu iria chegar ahi ás 5,1/4 na estação. Para ir á casa, vestir-me e ir ao theatro na "duvida" de encontrar lugar no "tal" camarote que deve estar cheio e completo, tu comprehendes que é impossivel! Resignação!

Oh! minha Amante sublime, não julgues um instante que eu te censure. Jamais! Que culpa tens tu dessa es-

tupida fatalidade?... Oh! nenhuma... Mas tu me comprehendes, e eu te revelei as cousas sensiveis do meu coração e do meu pensamento, e tu que "és minha", terás a extensão do meu soffrimento que só pode ser exagerado ou desarrazoado para quem não ama... Oh! horror!... Pobre Petite Chose idolatrada, estou te fazendo mal com esse meu desespero. Mas para que soffrear o meu coração que se derrama no teu e vive contigo? eternamente contigo...

O que eu te peço é que guardes "para ti" as tuas emoções. Não converses com essa gente, de Parsifal, nem de Wagner. "Nada..." Tanta cousa eu tinha de te dizer dessa musica e desse immenso Poeta! Falta-me a força de escrever o que eu pensei. Em todo o caso mesmo me "arrastando", te posso dizer que Wagner no Parsifal se revela um grande reaccionario contra o espirito classico e contra o paganismo grego. No fundo, a arte de Wagner se inspira da idade-media, ha um grande sentimento "christão" e isso é para mim o seu ponto fraco.

Emquanto Goethe, no Fausto, faz a idade-media volver á antiguidade grega, e Helena é o symbolo do passado, da belleza, da arte, Wagner é o autor de Tannhauser, de Lohengrin e de Parsifal.

Ora, tu que lês Homero, e és uma alma "antiga" n'um corpo classico e bello e divino, sentirás a differença do teu temperamento a esse poema. E' verdade que como todas as grandes amorosas tu "és mystica", e é pelo mysticismo que tu sentirás a composição wagneriana. Para Parsifal, como na Biblia, a volupia dá nascimento á dôr, e por ella a todo o soffrimento humano. Parsifal é o poema da piedade, inspirado no soffrimento. E' o poema da redempção pela morte da volupia, pela castidade. Oh! é bello! mas é uma arte fóra

dos sentidos, e o proprio Wagner é trahido pela arte, quando compõe a sua musica toda de sensualidade (no grande sentido da palavra) e por isso eu te digo que o mais sublime em Wagner não é o poema, não é a idéa, é a musica, independente de tudo, a arte divina e eterna. Ora esta é que tu debes recolher em tua alma, em teus sentidos... E que a profunda e immortal arte te dê, oh! minha pobre Petite Chose idolatrada, o esquecimento instantaneo, o vôo eterno ás regiões puras da harmonia e do amor!

Musica, musica, faze o teu effeito magico e envolve e protege a minha Nazareth! Oh! minha Amante! Musica! Paixão! Eternidade!...

Ah! se ao menos eu tivesse os teus beijos apaixonados, a tua voz, o teu ser immortal! Nada! A solidão!

E... o pensamento a divagar... errante, sombrio!

Oh! eu sou teu, intensamente teu, e eu te beijo louco, apaixonado, oh! minha divina Amante! Dize a hora do nosso encontro na sexta-feira. Oh! como eu te desejo! Amor! Minha vida eterna!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 19 de janeiro de 1914.*

Segunda-feira, 3 horas.

Minha Paixão eterna, minha sublime Amante, minha doce Consolação, todo o meu ser se funde no teu ser e n'um supremo espasmo, eu revivo em ti, minha belleza, minha vida!

Esta separação de agora é despedaçadora, tudo é saudade, recordação, e um pensamento unico! Mas como eu te disse esta manhã no meu telegramma, tu me deste uma immensa força com a tua infinita e transcendental paixão, e com essa consolação incomparavel do teu divino e amantissimo coração.

Oh! tu és "tudo" e "unica" para mim! Em ti a minha força, a minha esperança e tudo o que ha de grande, de tragico, de bello. E eu, te dando a minha vida, sei que te fiz esse dom supremo á Aquella que ama e sabe amar como ninguem no mundo e que é a mulher mais amada do mundo! Que saudades, Amor, que saudades! Eu só vejo a ti, oh! meus olhos fieis! minha lembrança eterna e divina!

A viagem foi muito aborrecida e além do meu estado moral houve contratempos com a falta de logares e duas baldeações, em Bruxellas e Anvers. Pensei, pensei no meu Amor! A's 9,30 estava nesta solitaria terra e encontrei convite para o jantar na Côte amanhã 20. Concerto a 21, e a 27 recepção annual do ministerio dos Estrangeiros. O jantar e o concerto são em honra da Grande-Duchesse de Luxembourg que chega amanhã.

Como é intoleravel viver um instante sequer longe de ti, ma Petite Chose adorée!... Tudo que não és tu, é nada. E como nós vivemos os rapidos e maravilhosos instantes desses ultimos dias!

Agora estás ahi só. Só! nesse nosso ninho de paixão e de extase. E tu és divina e sublime! A tua pallidez é dolorosa e bella, de uma belleza profunda e infinita. O meu corpo estremece... Ha uma saudade que o martyrisa e um tremor de agonia e de suprema tristeza... Que frio em me ver assim tão só!

Escrevo-te na legação, enquanto os dois secretários falam das banalidades do officio. A noite desceu. E eu tenho uma immensa pena de mim mesmo. Pena dos meus olhos que não te veem! Pena da minha triste bocca que não te beija... pena deste meu corpo que tu divinisas com as tuas caricias immortaes! E olho as minhas pobres mãos... minhas mãos que te envolvem, que te afagam e hoje desamparadas, e ante-hontem á esta hora tendo ainda bem deliciosamente tua divina cabeça, que se fez ainda mais bella, mais formosa e tão pequenina! a doce cabecinha da minha Petite Chose adorada!

E essa piedade de todo o meu ser que é glorioso pelo teu amor, me enche de melancolia...

E a tua voz canta eternamente em minha alma. Ah! quando, no supremo esquecimento, conchegados, procurando nos extinguir um no outro, e viver e viver e sempre viver, eu te falava no grande esforço do Universo que é a unidade pelo amor... e que eu pensei um instante na morte... oh! tu me disseste a palavra unica que é a "da perpetuidade na unidade attingida", a "delicia", o "goso" da Paixão triumphante e immortal. E tu foste a Amante! tu foste o Amor e tu foste a Revelação! Seja a tua profunda philosophia, e o teu sublime sentimento o nosso guia, a nossa razão de ser. E sejam quaes forem as difficuldades de hoje ou de amanhã, nós seremos a Unidade absoluta que tudo ha de vencer! E eu te confio a minha vida, a nossa felicidade na absoluta e profunda e inabalavel confiança que tu me inspiras! E tu sabes tambem como eu velo por nós, pela nossa Paixão e para que tu sejas sempre orgulhosa de mim e feliz, feliz, minha pobre e idolatrada Petite Chose...

Interrompi esta carta diversas vezes por causa do serviço insignificante aqui. São 5 horas. Agora vou ao

correio e talvez já tenha o teu telegramma tão esperado. Oh! Amanhã terei uma carta tua!... Tu és a minha vida!

Beijos, beijos e minha alma n'um beijo infinito e fofoso em que te abraço de amor divino e unico! Minha Consolação! Eterna fidelidade.

Do correio. São 6 horas. Oh! minha incomparavel e divina Amante, que maravilhosa e terna surpresa tu me fizeste com a tua tão bella e apaixonada carta de hontem! Oh! eu te beijo, te beijo de reconhecimento eterno e n'um extase supremo. Tu és sem igual, e porque eu ainda estou aqui longe do meu Bem supremo, quando só ao teu lado, ao fogo das tuas caricias, sou feliz, e vivo?!...

Serei ainda mais valente hoje nesta longa e aborrecida noite. Tu és a Aurora, o Amor, o Sol, a Belleza e a Paixão!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 20 de janeiro de 1914.*

Terça-feira, 3 horas.

Oh! Minha sublime Amante! Meu Paraiso, minha Vida eterna! Como a tua alma divina vibra e canta nesta extraordinaria carta de paixão e de extase que me deslumbra, me exalta e me faz morrer de saudades...

Meu Amor, meu Amor, como tu és inexcelsível e incomparável! Cada dia, se é possível, tu sóbes ainda mais, e nessa chamma de amor, o teu maravilhoso coração se abrsa e me illumina, como n'um prodigio de belleza!

Tu attingiste ao que eu no meu mysterio aspirava forte e secretamente, áquelle sublime estado de paixão que nenhuma mulher até então havia alcançado!... Tu és unica!

E envolvido nas tuas doces e immortaes caricias, amparado pelo teu invencível amor, realisando com o teu divino ser a unidade absoluta e suprema, eu me sinto "feliz", bellamente "feliz", na grande tragedia do nosso Destino...

E' singular essa extranha felicidade no immenso oceano de dôr em que vogam as nossas almas unidas! Amor sublime, tu me comprehendes... Tu sentes em mim a bemaventurada vibração da nossa Unidade na morte e na vida! A paixão é isso, uma só alma, e a fusão "completa," "definitiva" dos corpos, dos sentidos, na voluptia, no extase!

Tu és minha! Tu és a minha Vida, a minha Belleza, a minha Força, o meu Paraiso, a minha Fatalidade, o meu Extase, o meu Encanto, e eu sou immortal!

Oh! o teu Amor! oh! Nazareth divina e minha Nazareth, que lagrimas ardentes de reconhecimento, de saudade, de desejo, de admiração, descem agora da minha alma! E que desespero esta separação tão iniqua dos nossos seres que se buscam, que se desejam, que se adoram, e que se fundem na gloria da paixão! Mas é preciso vencer, é preciso o triumpho, e o divino esquecimento nos teus braços apaixonados onde eu sou glorioso, immortal, fragil e heroico!

E tu, minha sublime Amante incomparavel, conta com a minha força, com todo o meu ser, consagrado a ti, oh! minha Santa transfigurada! Mas como é duro e terrível o meu exílio! e como o meu pensamento está eternamente contigo enquanto o meu corpo enlanguece, esperando a hora da resurreição no teu corpo divino e loucamente desejado! Oh! tua bocca ardente, deliciosa, e o teu halito perfumado, mysterioso... A tua pelle pallida e tepida, as tuas caricias alquebradas e meigas, todo o teu ser em extase se transfigurando na ternura infinita, no sonho, no delirio... Amor, amor! sublime amor!...

O que fiz hontem?... Depois que sahi do correio, ás 6 e meia, fui ao hotel, e depois de ficar sósinho em longo silencio, vesti-me para ir ao jantar na legação da Russia, em honra do ministro dos Estrangeiros. Oh! esses jantares da Haya! monotonos, enfadonhos, e sempre a mesma gente que me é indifferente! A vantagem é tudo acabar cedo. A' noite não li, mas pensei em nós... e foi um simulacro de viver! Hoje de manhã escrevi cartas. Depois do almoço corri ao correio e tive o meu deslumbramento! Oh! tu és "verdadeiramente" um milagre de amor!

Eu te adoro, e te venero infinitamente e eu te amo, e sei que em ti está a minha morte e a minha vida. E's o sublime Destino do teu Amante!

Hoje é uma tarde massante. Chega ás 4 e meia a Gran-Duqueza de Luxembourg e agora no hotel descobriram que ella passa, vindo da estação, em carro descoberto, por deante da legação, e o ministro da Suissa, que é o "doyen", deliberou vir para aqui, e com elle aquella familia colombiana e a megera. "Voilà!"



Depois dessa massada, tenho de ir para o hotel, para vestir-me de uniforme, pois a recepção (cercle diplomatico) é ás 7,15 e o jantar ás 7,30. Quanto horror!

Agradou-me tudo o que me contaste de tua "cor-vée", Amor, em casa dos Paul Adam, e gosto que The-mistocles se aproxime de ti. Elle saberá um dia admirar o Ente divino e sublime da minha Paixão, Aquella que é o milagre do amor, não sómente em nossa raça, mas em todos os tempos e em todos os povos, porque para a tua honra e para a tua gloria e para o meu extase, eu te digo que és "Unica" e não tens e nem tiveste igual, e que eu morro de paixão pela tua beleza, oh! meu corpo idolatrado e maravilhoso, e pela tua alma sublime e angelica, alma de paixão!

Mando-te a tua extraordinaria carta de hontem para a guardares preciosamente. Oh! nosso sagrado recanto de amor... Por toda a parte nós, eternamente nós!

Beijo-te, beijo-te. Adoração! Adoração! Para a vida e para a morte!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 21 de janeiro de 1914.*

*Quarta-feira, 6 da tarde.*

Minha sublime e immaculada Amante! Minha vida eterna, doçura infinita! como eu te desejo e como eu

estou só! e que immensa tristeza! Pensei hoje ter um dia tranquilllo para te escrever toda a minha paixão sem egual e toda a minha dolorosa saudade, e tem sido um dia atormentado!

Logo pela manhã recebi aviso de que eu seria hoje á tarde recebido pela Rainha-Mãe. Venho do palacio depois de uma futil conversa de um quarto de hora. Hoje á noite ás 8 e meia é o concerto de gala. Parece uma vida de actor. A cada momento uma entrada em scena e uma mudança de traje. Foi hontem o jantar da Côrte, um grande jantar, com dois "cercles" diplomaticos, um para a Rainha e outro para a Gran-Duqueza. Esta, como sabes tem 20 annos, é magrinha, timida, e de longe não é muito feia. Disse a cada um de nós, ministros, uma banalidade e passou. Ao jantar leu um discurso (em francez) em resposta a outro da Rainha. Foi um longo jantar, e eu tive a sorte de ficar entre o ministro da Justiça e o ministro das Colonias. Não tive nenhuma "idiota" para "conversar... A's 10 e meia estava no hotel e no meu apartamento, enquanto os outros diplomatas se reuniam no salão do hotel.

Oh! eu voltei n'um tedio, n'um aborrecimento, n'uma melancolia, minha Petite Chose adorée, que tu, só tu, podes imaginar e comprehender.

Oh! uma vontade de partir, de me ir embora, de voar para o teu seio, de me abrigar em ti, no doce e maravilhoso conchego do teu divino corpo. E áquella hora mais ou menos tu voltavas de outro jantar, e tu me desejavas, me buscavas no teu leito onde tu me queres tanto e onde eu não te amei ainda!...

Foi uma noite angustiosa, uma noite de saudades, de insomnia e de tanto pensamento!

Sim, eu pensei "tudo!" o que devemos fazer, e como eu devo agir para a nossa cubiçada e indispen-

savel liberdade. Eu preciso proceder com a maxima "ordem", além da energia absoluta. Já por este vapor mando ao Rodrigo Octavio o meu requerimento para a contagem do meu tempo no serviço diplomatico. Apurado bem este tempo (porque poderiam levantar duvidas sobre o meu primeiro anno) eu apresentarei o pedido de aposentadoria no dia 15 de julho deste anno, quando completo dois annos de Enviado Extraordinario. Oh! libertação tão sonhada e que se realizará!

Amor supremo, meu doce Amor, sim, eu quero a tua confiança absoluta, a tua força immortal, a tua fé inabalavel, e serei vencedor! Oh! ma très-douce Petite Chose idolatrada, como a tua carta de hontem, poesia da tua paixão incomparavel, me enterneceu! Tu és unica e tu és minha, eternamente, infinita, absolutamente minha na tua alma sublime, no teu coração divino, nas tuas entranhas immortaes!

Como eu sou recompensado nesta paixão minha que realisou contigo a unidade absoluta!

E como soffro horrivelmente longe de ti, meu Tudo! e como eu queria que me acariciasses, e que eu repoussasse a minha cabeça cheia da tua imagem em teu seio e que a tua bocca maravilhosa beijasse a minha bocca suspirosa e os teus olhos deitassem nos meus essa luz divina e angelica e eterna, luz amantissima, doce e ubradora, fogo da paixão suprema!

E estás longe, tão longe! Pobre de nós, meu Amor infinito, pobre de nós!

A coragem não me abandona. Tu és minha e serei sempre heroico. Como as tuas cartas me extasiam e como são lindas, unicas, as mais bellas cartas desta vida! jamais escriptas.

Oh! sim, dá-me sempre esse consolo incomparavel! E eu vejo tudo, toda a tua vida, que assim sigo a todos

os instantes, e o teu pensamento fiel e eterno, e os extases da tua saudade, e os gritos do teu coração dolorido! Sublime Santa! Carne pallida e mysticamente "immaculada!" Eu conto eternamente contigo "em tudo", Amor!

Lá váe o teu Amante, aquelle que é teu e "só teu", e "gloriosamente teu", lá vae para a comedia da vida! Oh! inferno! como a minha pobre cabeça pesa hoje... Soccorre-me, oh! meu Amor eterno! O teu pensamento me ampara e eu me abysmo no teu ser divino no transporte da paixão .....

Amor! eterno Amor! Adoro-te. Para a vida e a morte. A minha bocca em tua bocca e tudo é um infinito beijo de paixão e de desejo immortal!

Beijos, beijos, beijos! beijos...



*(Haya para Paris)*

*Haya, 22 de janeiro de 1914.*

Quinta feira, 4,30.

Minha divina e incomparavel Paixão! Minha Alma celestial, meu Bem supremo, meu Tudo, tua carta de hontem me "diz" que não estás bem! e eu fico inquieto... Pareceu-me te "ver" alquebrada, fatigada e procurando repousar a tua linda cabecinha no esquecimento infinito...

Tu não me escreves que estás doente, mas eu adivinho, Amor meu, e fico muito, immensamente triste em

não poder com uma palavra da minha voz a mais doce, a mais apaixonada, te dar um instante de olvido e de extase sublime.

Como eu me sinto acabrunhado neste longo exílio e cada hora é mais dura a passar...

Sejamos heroicos, eu sei... Mas, meu Anjo, minha divina Amante, porque eu não te tenho nos meus braços e porque eu não te aperto bem contra mim e que o meu corpo se une ao teu e que nós procuremos nos confundir até a absorpção completa, extatica um no outro!

Isto aqui é doloroso para mim! é um desterro em que o meu corpo padece enquanto a minha alma enlanguece e emigra para o teu seio amantíssimo.

Hontem foi o concerto. Ah! Santa idolatrada! que amargura eu senti, e que isolamento o meu! Não quero te descrever o que foi a festa, mediocre e desigual, o que eu sei é de mim, de nós. Puz-me todo o tempo no meu lugar, um pouco afastado, e não procurei conversar nem com mulheres, nem com homens.

Tu comprehendes! E' um estado de aversão, uma necessidade de não ver ninguem, de me concentrar nos meus pensamentos e na minha paixão.

E isso é o reinado absoluto do amor! De tudo o que tocaram (a orchestra era pequena, relativamente, porém excellente) achei "pobre" uma aria de Samsão e Dalila, para canto, "Verse-moi l'ivresse..." convencional e mediocre. Porém foi magnifico o que deram de Listz. Conhece, Amor, os Preludios? Oh! a grande e heroica musica! Como eu te desejei e como "eu te senti" ao meu lado, triste de mim! Quizera um dia ouvir musica contigo, ter as tuas divinas mãos nas minhas mãos, oh! sentir a vibração mysteriosa e infinita de teu

corpo agarrado ao meu, e a tua alma musical subindo, subindo, e nas harmonias do som, cantando! Oh! Tu és a musica! o mysterio do som, a melodia das vozes, a harmonia dos gestos, a graça das attitudes, e esse vôo mystico de tua alma, como um cherubim, nas regiões placidas e puras do sonho e do extase!

Tu me darás, Petite Chose, esse supremo encanto! e eu terei o deslumbramento da vibração de teu corpo, e a transfiguração do teu rosto, e "aquellas" lagrimas sublimes em teus maravilhosos olhos. Amor! Amor! meu eterno Amor! Oh! lagrimas de amor, lagrimas de saudade, oh! eu as tenho tantas no meu coração, e ellas se derramam por estes meus olhos tristes de não te verem! E assim foi essa dolorosa noite.

A's 11 horas eu estava no hotel e tive uma noite difficil a passar apesar da consolação incomparavel que por vezes me vinha de ter-te bella, soberba! divina, em meus sonhos que são scismas infinitas e não a mortel

Hoje de manhã tambem não sahi de casa como tu hontem. Senti-me fatigado, puz-me a examinar o meu tempo de serviço diplomatico para mandar ao Rodrigo Octavio o requerimento para a contagem do mesmo.

Depois do almoço ao correio, ao teu encantado e prodigioso encontro e tive a tua carta de paixão e de tristeza, onde adivinho que soffres, e que mesmo a tua saude está abalada pela ancia da saudade... Amor meu eterno, repousa um pouco, se te é possivel, alma ardente e soffredora! e que uma doce paz te envolva e te tranquillise o peito arquejante!

Tudo é soffrimento neste instante. Ambos padecemos cruelmente nesta iniqua separação. E se pudesse-mos nos ver um minuto! oh! meu Anjo, que triste, de-sejar o impossivel! Aqui tudo me aborrece, me ani-

quilha... Não penses que alguém me distraía... Nada. E essas pobres e insignificantes colombianas a que te referes não são dignas da tua mais simples e indifferente preocupação. Não existem. E se tu as conhecesses! E na realidade pouco lhes falo. Talvez eu nunca estive tão concentrado, em época diplomatica, como agora.

Oh! minha Petite Chose idolatrada e sublime e divina e unica, eu sou teu, gloriosamente teu para a eternidade, na tragedia do nosso Destino, na vida e para a morte.

Hoje não saio á noite. Vou preparar o que tenho de mandar ao Rodrigo e escrever mais uma vez ao Alberto Faria sobre as acções, liquidar tudo. Fiquei triste de receberes tão pouco, mas alegrei-me que já tivesses pago logo o "Bechoff". Ah! como nós estamos pobres! Hoje mandei pagar o Doeuillet e o dentista da megera, 650 francos. Ha tanto a pagar por ella! que não sei como me arranjarei!

Vim acabar no correio, porque os secretarios me esperavam para sairmos juntos e por cautella não quiz pôr o endereço alli, na legação. Que inferno! Sempre gente! A hora que receberes esta, terás uma agradavel surpresa com as flores que te mandei!

Lindas e saudosas flores, ellas, ao menos, são felizes em te acompanharem ahi e em perfumarem e embelezarem a solidão do Anjo da Paixão! Eu te beijo n'um delicioso impeto de amor.

Eu te quero e te entrego "confiante" e "radiante" a minha vida. Beijos! Beijos!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 23 de janeiro de 1914.*

Sexta-feira, 3,30.

Minha sublime Amante! minha vida eterna, minha glorioso Belleza, a tua carta de hontem, rapido embó-  
ra, é tão maravilhosamente do teu opoixonodo cora-  
ção que me pareceu, e eu senti, que tu, oh! meu omor  
supremo, corrias de longe para os meus braços, que  
me buscavas, me tomavos paro ti, dando-te a ti mesma,  
extotico, divino! E essa impressão me tomou tanto que  
eu fiquei longo tempo n'uma grande emoção, e os la-  
grimos nos olhos me impediram de vir o legoção, e  
andei vagando, vogando, em sonho, e na saudode, na  
esperonça... e na realidade triste do separoção.

Oh! meu infinito Amor, como eu te amo! e como  
só em ti eu vivo, e como tu me faltos profundamente.  
Oh! minha vida que eu sonho e que eu realisorei, em  
extase deante de ti, bem "unido" a ti, os nossos olhos,  
as nossas boccas, os nossos peitos!...

Oh! Amor sublime, pallido, transfigurada, diviça  
Amante!

E como tu és bella! e como a tua bellezo é transc-  
endente, "unica"! Tu és a mediterraneo bellezo, feita  
de linhas admiraveis, de expressões sublimes e nesse  
corpo extraordinario, musicol, sob essa fronte de Par-  
thenon e nessas olhos infinitos, immensos, doces, flu-  
ctuantes, negros-azues, oh! a alma antiga e immortal e  
incomparavel e eterna que vibra e sóbe, e cria, alma  
igual a dos heroes e dos deuses, e mois profundo oinda,  
mais "alta", mais "exaltada", e mais "bello" porque





**NAZARETH**  
**OUTUBRO DE 1913**  
**PARIS**



a sua perfeição foi augmentada na chamma purificadora da Paixão!

Sim. Tu podes pelo espirito, pelo sentimento inconsciente e já consciente teres a significação do mysterio universal! Tu podes possuir o segredo dos deuses antigos e seres a companheira das estrellas, a irmã das arvores, das flores, ser uma expressão immortal do Universo eterno. Mas pelo extase que reina em tua alma, pela ascensão soberba da tua Essencia, és mais angelica, mais divina que os antigos porque tu és mais espiritual e tu realisaste o amor, que a Grecia não conheceu e com a expressão que só as raças de soffrimento, as raças mysticas possuem. Tua natureza ainda tem mais esta maravilha: de ser mystica e pantheista. Tu me comprehendes, Amor idolatrado, e eu não posso exprimir, tu entendes, divina Petite Chose!

Ah! estás ahi no nosso saudoso e sublime recanto de amor! e as flores te acompanham, as flores da minha saudade, as minhas mensageiras. E entre ellas tu és a "Rosa!"...

Quando eu vejo uma rosa é a ti que eu vejo. São os teus olhos nella, é toda a tua maravilhosa cabeça, é todo esse perfume que se desprende do teu ser incomparavel!

Oh! Saudade intensa "mortal!"... e a minha "Rosa" ahi... e ella me lê esta carta de paixão, de delirio e de dôr suprema... e ella é minha, immaculada, angelica, sublime! Mas, depois as exigencias da vida a tomam... E a pobre e linda e divina flor lá vae, triste, recolhida, pendida a frente, mas altiva e isolada, lá vae... Oh! como é triste viver assim!... E como é doloroso ser forte e ir para adeante lutando... Oh! Meu Amor, Amor... que outro nome não sei mais que te dê, tu és a minha vida eterna, o meu Tudo, o meu sublime Eu! Perdoa,

estou soffrendo muito... mas irei para a frente, porque tu és a Esperança e tu és a Paixão e a Belleza!

Hoje trabalhei toda a manhã em papeis e cartas, preparando a minha aposentadoria.

A minha saude se mantem e eu tenho, a impressão de que tu melhoraste com o repouso da noite de quarta-feira e fico mais tranquillo.

Fiquei cantente com a tua bôa impressão de The-mistocles. Eu quero tel-o sempre sob a minha dominação e que elle te venere e te queira bem, coma Aquella que é a minha vida e a minha alma, e que é a realisação sublime da Paixão na nossa raça e neste mundo!

A megera vive cama sempre muita afastada de mim e no dia 28 volta a Paris.

Sabbada tens essa maldita reunião da Olyntho. Oh! que horror! e quanto a vida é uma agonia! e tu és a Doçura suprema, o divino Extase! Amor, meu infinito Amor!

Na mais profunda emoção, no mais ardente deseja de viver em ti, eu te quero e eu me lanço em teus braços e te beijo, te beijo, sau teu eternamente "fiel" e "puro" para a vida e para a morte.

Rosa de Amor! Paixão!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 24 de janeiro de 1914.*

Sabbado, 4,30.

Minha doce e immortal Petite Chose, meu Tudo, minha Aurora, minha Esperança, minha alma é a tua

alma e nós somos a gloriosa e absoluta unidade da paixão! Hoje a tua deliciosa carta adorada me deu o extase da alegria que sentiste com as flores felizes que te acompanham nessa augusta solidão... Tu sorriste! tu ficaste enlevada! oh! Amor, como eu te vejo nessa saudade sublime, a tua alma n'um divino vôo de amor, e o teu maravilhoso coração estremecendo da "lembrança" eterna, do "desejo" immortal...

E eu me sinto mais animado também porque antes de acabar a outra semana estarei contigo.

Oh! meu Paraiso immaculado, meu corpo divino e transfigurado! Resolvi partir a 29, quinta-feira. Assim tu não precisas te preocupar em arranjar uma distração para as meninas. O meu plano é partir d'aqui no trem de 9,30, da manhã, ahi chegar ás 5,30 da tarde. Assim tenho Themis á noite "longtemps", talvez Elisa, Nhonhô e no dia seguinte estou livre e Themis não quererá me reter. Não vou na quarta porque é logo em seguida á recepção official, á noite, no Ministerio do Exterior e pode haver qualquer cousa a communicar ou a fazer na legação no dia immediato. E' triste que no sabbado ainda tenhas a maldita recepção da Olyntho. E no outro sabbado não haverá!...

Ficarei inteiramente incognito em Paris, e já me arranjei com o tal "cercle" de escriptores, com revistas, bibliothecas e outros pretextos, e só verei amigos brasileiros muito seguros...

Descansa, Amor meu, que tudo continuará divinamente para nós, e se assim não fosse, não seria preferivel a morte?... Oh! que desespero horrivel estar privado de ti, meu Anjo de Paixão, privado das tuas caricias immortaes, minha vida, meu Tudo, minha poesia, minha arte, tudo, tudo!... Eu te adoro loucamente! e eu te quero n'um ardor sem nome! Estarei contigo sex-

ta-feira. Falta tanto, Petite Chose idolatrada, mas já falta menos. Que importa que eu vá com a megera, se eu vou para os teus braços. Deixar que ella vá só e partir dois dias depois, é exquisito. Demorar por mais tempo a minha partida é horrivel e insupportavel. Não te inquietes que a megera não poderá viver na Haya. Ella está convencida de que deve partir. Não penses que lhe faço vida agradável. Não a acompanho a passeios. De manhã "nunca" sahimos juntos, á tarde eu venho á legação, só, e se ella insiste em apparecer como hontem, a mando embóra. A noite só sahimos quando ha um dever a cumprir, jantar, Côrte. Vivemos o mais longe um do outro, menos mais talvez do que em Paris... e quanta ao que me é sagrado e divino, oh! meu puro e dace e eterno Amor, "eu te sou immaculado e intangivel".

"A minha fidelidade é absoluta", e eu não a chamo de gloriosa, porque é "natural", é a consequencia "profunda", fatal, da minha paixão por ti. Não ha o menor esforço da minha parte, é um acto simples, bello é verdade, mas que não é heroico, porque eu não luto nem contra desejos estupidos, bestiaes, baixos, indignos, que por acaso me viessem... nem contra impetos devassos da megera... Porque, oh! meu Amor eterno! esse acto da paixão quando é um acto de amor é divino, glorioso, quando é um acto sensual, é estúpido, é infame...

Sejamos puros e maravilhosos no esplendor dos nossos desejos, na nassa volupia sublime, na unidade suprema dos nossos corpos em extase!

Esta carta foi interrompida. Escrevo-te na legação. Houve serviço que está acabado e depois que os secretarios partiram, continuei a te escrever, Amor! São 6 horas aqui, e ahi ainda não são! Estás tão longe, em

plena recepção mundana, tu a Santa da Amor, a gloriosa e transcendental Santa Thereza da Paixão divina! Tu, a mulher a mais amada do Universo, meu thesaura, ma Petite Chose adarée... E depais que d'ahi sahires tu te lembrarás do teu Amante, marto de saudades, nesta terra langinqua, sonhando, pensanda em ti, vivendo por ti! e tu não terás as nassas carpas unidos, as nassas boccas se beijanda, as nassas alhos se consolando... E assim depais desse sacrificio da tua alma, da tua intelligencia, nãa terás, oh! Amar, a resurreição!

E será mais triste esta longa noite, e te recardarás, e desejarás voar, vaar aos meus braços que te esperam, e em vão te buscam e se abrem nos espaças mudos para ti, que não vens... senãa em visão, em sonha... O meu caraçãa saffre demais... E nãa terei haje farças para nada...

Vou d'aqui, depois de pôr a minha triste e ardente carta de amor no correio, vou deitar-me e na escuridão, e na "solidãa" eu estarei "bem unida a ti"...

Oh! minha saudade companheira!... Meu doce refugio, minha desalada consalação!

Virás amanhã ao nasso recanto de amor? Ficarás um dia na contemplação e na silencia? Eu me pergunto tuda isto e quem me responderá?!...

Fico muito cantente sabenda que Themis te procura. Escrevi-lhe hantem para que "me siga em tudo, me obedeça e me seja fiel". Eu quera que elle seja da nassa lada, e que nãa se sujeite á megera. Nãa vale a pena escreveres a esta, que tem sida tão malcreada contigo. Hontem ella "quiz" remexer nessas tristes cousas e eu tive de a repellir. Nãa ha a menar confiança em seme-

lhante mulher, má e louca. O melhor é o indiferença, é a situação que estamos creondo. Umo corto tuo talvez seja motivo de remoque, de discussão, e não, meu Amor, tu já tens soffrido muito poro oinda cortejares esse "demonio"... Vae chamondo Themis a ti, elle é sensivel e docil. No dia 27, terço-feiro, elle foz annos. Nós não estaremos oindo ohi, dó-lhe um "pequeno" presente, (nodo de loucuros, Amor meu) e "talvez" elle vá ou jontor, ou ó noite, depois do jontor com Eliso, ó tua casa. Chomo-o pelo telephone.

Ah! agora me lembro, omonhõ, é a motinée do "Ideal", e lá voes tu, mo Petite Chose adorée, o mois este sacrificio, mas a tua olmo é immortol, e o teu corpo é glorioso, puro e divino.

"E tu és minho" e nós morreremos e viveremos um pelo outro no gloria da mois admiravel poixão! Oh! meu pensamento! minho vido! Eu te beijo no bocco or-dente e morovilhoso. nos olhos sobrenoturoes, no fronte divina, nos cobellos infinitos e ocorciadores, nos brocos, e em todo teu corpo esguio e divino...

Beijos, beijos! Adoração! Eternidade!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 25 de janeiro de 1914.*

Domingo, 3,30.

Minho sublime Petite Chose idolotroda, minha eterno poixão, meu Poroiso, oh! minho Poesia! escrevo-te



no silencio da legação solitaria. Vim fugindo á megera que está insupportavel. Deixei-a furiosa e naturalmente não lhe disse que vim para aqui. Ah! Amor meu, quando eu terei a minha liberdade completa, o meu supremo descanso! Oh! minha doce consolação como eu aspiro pela tua meiguice tão immensa, pelas tuas caricias que me dão a vida, a força e a esperança!

Hoje ao meio dia tive a tua carta de hontem, sabado, escripta ás 3 horas no "nosso ninho"... e tu escreveste no mesmo sentimento de alegria intensa, de desejo ardente e que vae emfim se desferrar um pouco, como eu te escrevi e te escrevo! Nós nos aproximamos, oh! Amor, Amor! e tudo será bello, divino, o esquecimento, o sonho e a profunda realidade!

Já te disse que ahí estarei na quinta-feira, á noite e nos veremos e seremos gloriosos na sexta-feira! Assim não ha necessidade de arranjares a "matinée" para as meninas, mas se esta foi arranjada, tu me dirás por um telegramma, amanhã, quando tiveres a minha carta, e eu sigo na quarta-feira. Se nada arranjaste de difinitivo, então transfere o arranjo para a outra quinta-feira, e assim teremos toda a futura semana para nós, pois tambem Mme. Olyntho não recebe no primeiro sabbado.

Vejo o que me dizes da amizade que te mostra o Themistocles. Ainda bem. E agora é preciso que elle não mude com a presença da megera. Elle é delicado, sensível, mas é tímido e não gosta de lutar. E' bom que elle saiba que não deve ter outra attitude, e que deve continuar a te vêr, e a ser teu amigo. Elle é um "pouco vaidoso" e gosta de ser querido. Se elle percebe que tu o aprecias como intelligencia e superioridade de educação e se lhe mostras, como mostras, confiança e estima, então elle não te faltará. A ausencia da megera

por esse lado foi boa, porque assim Themistocles poudese approximar de ti e "comprender" a tua grandeza, e te venerar, como eu desejo que elle venere o meu supremo Amar, a minha maravilhosa Creatural Sim, porque tu és minha, a minha Coisa idolatrada, o ser que eu criei e por quem vivo e morro... E eu sei que a toda a instante, em toda a parte, tu sabes que "tu és minha", a Creatura do meu amor, e tambem a sublime Escrava da Paixão!

E que divino encanto em teus gestos, e que incomparavel vida a tua, ma Petite Chose adorée! Eu sei quanto te é penoso viver fóra da divina atmospha da paixão, como é um sacrificio para o teu espirito, para o teu genio, para o teu coração e para o teu corpo, viver no meio de outros e longe de ti e do teu Amantel Pobre e immaculada Martyr! Mas tu serás recompensada e ninguem terá a Felicidade que nós teremos quando soar para nós a hora da liberdade do nosso Amor, e o extase perpetuo da Paixão!

Apezar de todo o martyrio do presente, eu sinto em ti a Esperança, e tu me arrebatas para longe, para acima, além das miserias, das dôres, das desgraças, e de tudo o que é relativo, e se chama "sociedade humana"! Da humanidade só queremos a nossa alma, a nossa sensibilidade, o nosso coração, a nossa volupia, emfim o que constitue o "nosso ser", porque é difficil imaginar como seria a paixão em nós, se nós fossemos outros seres, outras formas do Universo!

Sim, flores, nuvens, arvores, sóes, não importa, nós nos amariamos transcendentalmente, mas a nossa paixão de humanos é tão bella, tão forte, tão unica, tão exaltada, tão intelligente, tão arrebatadora e tão fragil e tão doce, que nós devemos ficar ainda por longo tempo em nossa propria forma actual e gosarmos esse

amor incomparavel, que vence a Morte e o Tempo e o Espaço!

Meu Amor divino, ma Petite Chose adorée, eu te aperto bem nos meus braços, eu me abysmo em teu maravilhoso ser e tudo é volupia, paixão sublime e eternidade. Amor! oh! meu Amor! minha sublime Amante, minha idolatrada e divina Nazareth, que saudade e que desolação aqui! e que esperança! Amor! minha alma! Para a morte e para a vida, Paixão!

São 4,30! Onde estarás a esta hora? Que turbilhão de gente horrivel em torno de minha Santa! Desespero! oh! saudade! oh! meus beijos! Agasalha em ti teu Amante que te quer como tu o queres... e que morre de paixão por ti...

Adoração. "Fidelidade immaculada".



*(Haya para Paris)*

*Haya, 26 de janeiro de 1914.*

*Segunda-feira, 5,30.*

Minha sublime Petite Chose idolatrada, minha vida eterna, minha Esperança immortal, como tudo é mais triste hoje, mais insupportavel, porque tive a decepção (que é sempre grande) de não ter a tua carta que me consola e me illumina. Oh! se tu soubesses como eu vivo e eu renasço quando leio as paginas sahidas da tua alma divina, em que vibra a tua incomparavel Paixão!

Oh! meu Amor supremo, tu imaginarás também o meu desespero de me sentir privado desse infinito bem e de andar vagando, vagando sem um, sequer, pensar... n'essa dôr profunda, animal, de estar desamparado, ainda mais morto do que vivo, longe de ti! Oh! tu sabes tudo isto e tu me adoras! Amor, porque tanta tristeza e tanto soffrimento no Amor? Eu sei que também ahí penaste hontem, que fiveste o desespero de não poder mandar a tua carta de paixão, o consolo infinito do teu Amante, do teu Amante idolatrado!

E tenho uma immensa pena de tudo o que te faz soffrer a ti, meu Anjo da Paixão, tu, tão meiga, tão doce, alma musical e poetica, minha Amante eterna e desejada, como eu te desejo!

Hoje fui a um almoço na legação da Austria e como sempre insupportavel. Estive ao lado de duas velhas, sendo uma dellas a mãe da ministra, uma velha americana, e tive de falar inglez durante todo o tempo. Amanhã também almoço na legação de Cuba, e á noite a recepção no ministerio do Exterior.

Oh! libertação! oh! Amor!

A minha aposentadoria será uma cousa feita este anno, e depois nós veremos, tudo será outra cousa e nós não nos separaremos mais, meu divino Amor. Tu és a minha unica razão de viver!

Quasi não posso te escrever... Anceio muito e muito por noticias tuas, e vou ao correio de novo, onde talvez tenha o teu telegramma. Tu debes estar ahí em nosso ninho, oh! saudades! e eu te envolvo, eu te acaricio d'aqui de longe, em cada objecto a nossa alma, e por toda a parte a nossa Paixão!

Oh! minhas flores que te admiram! oh! perfume que tu respiras, oh! pensamentos que tu pensas e im-

mortaes e omnipotentes desejos que tu desejas... Somos nós, Amor, nós em tudo que é eterno, divino e bello!

6,20. Ah! Como é bom agora viver, mesmo na saudade! Tive o teu telegramma neste instante e tu és um anjo em arranjares a tua liberdade para quinta-feira. Eu te beijo, te beijo e se tu estivesse aqui ao meu lado, tu verias a minha alegria! Oh! meu divino Amor! como eu te quero! E tudo mudou! agora é a esperança, é o vôo ardente para os teus braços, é a carícia immortal de tua bocca e do teu corpo! oh! meu Anjo da Paixão! eu te cubro de beijos, eu te quero, eu sou teu, eternamente, gloriosamente teu! Minha mão treme de prazer! Faz um tempo horrivel. Chove, nevoeiro. Que importa agora!...

A ti, a ti, todo o meu ser que te quer, te busca! Pensemos nas horas longas e breves que vão passar e sorri, Amor, doce Amor! Eu te vejo, e tu és bella, tu és um passaro e tu voas na alegria e no desejo. Paixão! Eternidade! Beijos, beijos! E tu és divina, minha vida eterna!

Até quinta-feira, sê o que tu és, a mulher a mais amada, a Amante incomparavel, immortal!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 12 de fevereiro de 1914.*

Quinta-feira, 3,1/4.

Oh! minha Amante idolatrada e sublime! minha doce e exaltada e divina Santa! tu és a minha vida, o

meu perpetuo Encanto, o meu Paraiso e a minha Eternidade e como tu podes imaginar que a megera tenha de mim carinhos e affeições para ella se gabar da "bella vida" que leva! Essa mulher é uma terrivel comediante. Na vespera da minha partida, á noite, fez uma scena de desgraçada creatura abandonada e despresada!... Queixou-se de mim, que nem "mesmo a olhava"... e não a queria ao meu lado... nem mesmo a acompanhava em visitas e que a sua vida era de mulher "viuva" em "todos os sentidos", só parecendo que eu tinha uma paixão que fazia com que ella me apparecesse em horror... Não lhe respondi... e apenas com máo humor disse que se contivesse e que eu não tinha que mudar a minha vida e que ella já me havia feito soffrer muito e muito...

No dia seguinte essa demonia se pinta, se mascara e vae se dizer "a pessoa mais feliz do mundo"... Que miseravel! Oh! não é só o odio, o aborrecimento, mas tambem o supremo desprezo que ella nos deve inspirar, meu divino Amor...

Sim, como tu, eu me indigno com o que ella conseguiu, as relações frias em que estão as nossas familias. Oh! isso me revolta. Mas que fazer com um demonio infame como esse? Tu sabes que temos empregado todos os meios, a energia, as boas maneiras, e mesmo o escandalo... Ella é perversa e incapaz de nada que não seja o odio... E tu sabes que o máo e suspeito temperamento de "O." não permite uma situação clara, quer dizer, relações commigo só sem as da megera, e tu sabes que eu estou prompto a "abandonal-a", a deixal-a e que só a tenho aguentado por causa de um serio escandalo, e que depois de me ver livre desse posto diplomatico, tudo pôde mudar... Esperemos, esperemos, ainda que sofframos. O que eu

não quero é que te abarças demais, que fiques triste, e que a tristeza ou a raiva perturbem a doce e infinita harmonia da tua alma divina. Vive para a Amar! e somente para a Amor! Fai elle o teu sublime creador! e tu és a Anja da Paixão, tu és a maravilhosa expressão de amor, cama jamais haue! Esse é a teu immensa Destina! Foi a tua sublime e divina Fatalidade! Pela Amor tu tiveste a revelação profunda da vida eterna... Pela Amar tu és uma forma ideal da Infinita, pela Amar tu tiveste a Esthetica, tu dominaste a Universo, tu tiveste a unidade absoluta, e na volupia magica, suprema da Amar, tu conheceste a mysteria profundo e eterna do teu ser e te dando maravilhosa, unica na Paixão, tu és o Creadar do teu Amante, tu és a Luz, a Delirio, a Paz, a Côr, a Sonho, a Esquecimento, a Musica, a Vida eterna na corpa e na alma da teu Senhar, da teu Mestre, da teu Creador!...

Adaração... Amor! Amor! Sublime Escrava da Paixão!

6 horas. Do Hotel.

Meu divino Amor, minha dace Ternura, escrevia-te da legação quando fui obrigado a interromper para dar attenção a inspidos officias e aos tristes secretarios.

Da legação vim para aqui continuar a me entreter cam a minha sublime alma.

Cheganda, encontra um telegramma de "O." chamando a minha attenção para qualquer causa que sahio no "Figaro", mas que elle não me diz o que é. E tenho de esperar até ás 7,30, quanda poderei ter o "Figaro" de hoje! Que será? A minha ida para o Brasil? E' só a que me aterra e afflige. "Mas eu não irei". Coma me separar de ti? Querem a minha morte? Será a nomeação de "O."? ou a promoção para outro posto?

"Mas tu ficarás commigo". Enfim, veremos o que vae ser. Em todo o caso vejo que "O." está attento a mim.

Fiquei muito satisfeito com o diagnostico do homeopatha. Segue rigorosamente o tratamento que é facil e não estragará o teu estomago.

Como é possivel que o teu coração, o teu divino e amantissimo coração seja "lento" se o rythmo da paixão ahí é ardente e acelerado? Ou o coração não é o orgão do amor? E o amor é tudo, corpo e espirito, sangue e nervos, e tudo o que não se pôde precisar e é tão mysterioso!

A minha saude, apesar de tudo, se vae aguentando. Mas é singular como a Haya me cansa! Eu creio que é a dura separação, a terrivel ancia em que vivo por ti, minha Petite Chose adorée!

Deitei-me hontem cedo, ás 10,1/4. Dormi, porém, sem repouso. A's 7 horas foi impossivel ficar deitado. E andei por aqui no apartamento, vagando, lendo sem ler, meditando, pensando, oh! mas te desejando, te desejando, Amor!

Porque ainda não estamos unidos dia e noite? Porque não desperto nos teus braços... e porque estamos privados de tanta cousa em commum e que seria um encanto e uma eternidade?...

Já te disse que farei o menos possivel vida social. Tudo me aborrece. Amanhã irei á noite á legação americana, onde ha um concerto. A tal recepção da Gran-Maitresse, no sabbado, não ha mais. Só terça-feira tenho o concerto na Côte. Recusei hoje de manhã o convite dos Ligne para um jantar no dia 26. Só temo que a Rainha-Mãe me convide á jantar e assim me prenda aqui. Ella costuma dar dois jantares por semana, ás segundas e ás quintas, e convida os ministros apenas com



48 horas de antecedencia! Imagina se me canvida para quinta-feira, quando eu sigo d'aqui na quarta, de manhã! Velha cacete!

Oh! cama tu és divina lendo e estudando a Parthenon, cuja imagem representas! e vivendo em espirita nessa antiguidade grega, que tanta admiras! Meu dace Amor, eu te quera, cama eu te quera!... Meu doce Amor, tuda é infinita paderoso vôo de paixão para o teu seio! Tu és a minha vida gloriosa! Eu te cubro de meus apaixonados e loucos beijos. Eternidade! Adoração! Para a vida, para a morte!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 13 de fevereiro de 1914.*

*Sexta-feira, 12,1/2.*

Oh! minha pobre, idolatrada e divina Petite Chase! minha Dôr! minha Alma! minha Vida eterna! como tu saffres! e cama eu estou longe de ti, meu Bem supremal! Ainda estau atordaada com a tua dilacerada carta de hontem, que acabo de receber, e depais de te mandar as expressões da minha angustia, da meu ardente amar e da nossa piedade junta, em um telegramma que talvez recebas haje, vim para casa escrever-te n'um estado de tristeza que tu imaginarás.

Oh! eu te adaro, eu te adaro! E todos os meus beijos, todas as minhas caricias, toda a minha ternura não

chegarão jamais para exprimir essa paixão sem nome infinita, eterna, dominadora, vasta, divina, que eu tenho por ti, ma Petite Chose adorée, minha pobre e formosa creatura, meu proprio Ser, que padece e que é torturada pelo estúpido soffrimento! E eu longe! Oh! sorte ingrata! Nem ao menos te posso beijar dos meus labios doces e ardentes, nem te acariciar das minhas mãos apaixonadas e santas pelo amor! Nada! Nada! Aqui a solidão que esmaga e define... ahi a solidão que apavara e exalta! Nós somos duas solidões... Nós, a Unidade absoluta! Nós! o Amor eterna e immortal! Como é horrivel a tyrannia das convenções... E aqui estou prisioneiro... Tenho vergonha e uma surda humilhação me acabrunha. Mas como agir de outro modo? Meu impeto é partir para junto de ti, dar-te meu consolo, ainda que por algumas horas! Escuta, Amor meu, e obedece: se a agonia do teu coração fôr muito forte, se o teu ser precisa "um minuto que seja" do teu Ser adorado, do que amas e que é a tua vida, então sem a menor hesitação, tu me passarás um telegramma amanhã, e eu sigo immediatamente e domingo e segunda-feira tu me terás contigo. Voltarei na terça-feira para o miseravel concerto da Côte. Vou incognito, para ti só, e ficarei em nossa ninho. Sei que não terás disponiveis para nós senão alguns instantes, mas ainda assim eu irei, porque é esse o impulso do meu coração e do meu amar! No meu telegramma, que foi passado immediatamente depois da tua dolorosa carta me chegar, não te disse isso. Volto ao telegrapho para te mandar este recado.

2,1/2. Volto a te escrever, depois do almoço. Meu pensamento fiel, profundo, intenso está a todos os instantes contigo!

Como deves estar afflicta! Tu tão omorosa, tão sensível, e no meio de tanta preocupação angustiosa!

Confio absolutamente em tua heroica energia, e quero que sáias desso rude provocação sem prejuizo para a tua saude. Ah! meu Amor divino, minha gloriosa Belleza! os teus, os nossos soffrimentos são enormes! mas ho paro elles uma força invencível, é o nosso amor! Soffre-se, se é martyrisado, tudo, tudo, mas como é poderosa, immortal e confortante a certeza da paixão que faz a unidode eterna e absoluto de 'dois seres!!

Ha esse consolo supremo: eu sou adorada como nenhum ente no Universo! Elle vive da minha belleza, do minha Essencia, da minha alma, da minha sensibilidade, do meu Extase, de mim, de mim, e só e eternamente de mim! E Elle, o Amante, morre por mim. Sua alma é a minha alma, seu espirito é animado do meu Ser, o seu Ser vive glorioso da minha belleza, das minhas formas, do meu mysterio, que elle revelou e de que só elle tem o segredo.

Ahi, quando tu contemples o soffrimento, quando o teu amoroso coração de mãe arquejar de piedode e de anciedade, ahi nesse instonte de tristeza, o teu pensamento te dorá a companhia do amor immortal, e tu terás o perpetuo deslumbramento, a consoloção infinita, e dentro de teu coração brilhará a luz divino, e orderá o chommo em que se abrasa gloriosamente o teu Ser de paixão!

Como eu quizera tomar-te nos meus braços, minha Santa torturada e te agasalhar docemente e te beijar longamente, e que tu repousasse, e que a paz, a doçura infinita te envolvesse e que o esquecimento te arrebatasse... bem agarrada a mim, muito, muito conchegada, obandonado ás minhos forças, á minha ter-

nura, ao meu amor! E eu me sinto alquebrado de tanto desejar e de não realizar!...

Oh! como eu me arrependo de ter vindo, como eu me arrependo de tudo! que sou eu na vida senão o teu Amante?!

Porque o "resto", o que não conta, só apparece para nos fazer soffrer?... Oh! vida trahidora e perfida, quanto engano, quanta mentira, quanto sacrificio e quanto martyrio!

5 horas. Volto da legação e do correio. Não havia telegramma teu. Esperemos. A noite desce sobre esta terra longinqua e ausente. Será uma noite como a de hontem, e ainda mais triste. Hontem depois que te escrevi e voltando do correio tive o "Figaro" assignalado pelo telegramma de "O." Vi do que se tratava e fiquei mais calmo. Telegraphei ao jornalista que dera a falsa noticia, e que já está me aborrecendo e telegraphei a "O." e a ti mandei do fundo da minha alma aquelle desejo de paz e de calma sobre ti, meu Anjo! "Bãa noite"! e que noite angustiosa tu tiveste!

Eu senti uma tristeza tão forte que quiz fugir á gente conhecida deste hotel, e mandei chamar o Arminio que é taciturno, e fomos jantar em um restaurant, onde nãa havia senão duas pessoas e essas, desconhecidas. Depois do jantar fomos de tramway a Scheveningue, um immenso silencio! A praia deserta, fria, aspera... a principio meio escura, depois chegou o clarão da lua. Nós eramos sós n'aquella vastidão triste.

E camo é solemne, meditabunda, a grande lua boiando no espaço livre sobre o mar infinito e sobre a terra adormecida. E a luz da lua é como uma mortalha que envolve o mundo. Tudo era vago, indeciso, livido, mortal... E a minha Essencia buscava a tua Es-

sencia n'aquelle silencio, naquelle infinito, n'aquella luz, n'aquella morte!...

Voltei a pé até o hotel por um caminho de arvores que eram espectros branqueiados

Era uma hora da noite quando me deitei.

Oh! meu pensamento! Oh! minha saudade. Oh! minha alma!

Como tu me procuraste nessa longa noite, ma Petite Chose adorée, minha vida! Como tu precisas de ser heroica, minha sublime Amante!

6,1/2. Escrevo-te do correio, onde tive os teus dois telegrammas. Parece-me que estás mais tranquilla e vejo que não queres que eu vá... Espero ansioso a tua carta de hoje. Meu pensamento eternamente contigo, minha Idolatrada! Beijo-te muito, muito, e confio na tua força, e não quero que adoeças. Adoração. Beijos, mil, mil beijos, minha vida e toda minha alma.



*(Haya para Paris)*

*Haya, 14 de fevereiro de 1914.*

Sabbado, 5 e meia.

Minha Doçura! Alma de minha Alma! Anjo da Paixão, tua carta de hontem, ainda que angustiada, traz mais calma e mais segurança, e eu naturalmente me tranquilliso um pouco, vendo que o perigo de uma grave molestia nas meninas não se apresenta. Mas como tu estás fatigada, te arrastando nessa dura situação, pobre e divino Amor, tu, minha gloria, minha esperança eter-

na! Eu te vejo debatendo-te entre tantas preocupações: molestias, falta de liberdade, angustias e saudades! E sem um consolo, sem uma doçura, e só sacrificios e mais sacrificios! Quanto martyrio para ti, minha sublime heroína do Amor!

E todo o meu ser se exalta de compaixão por nós, de infinita ternura por ti, e eu te admiro, te venero, e te adoro! Como eu quizera te adormecer nos meus braços... Cerrar as tuas lindas palpebras, apagar por uns instantes a luz transcendental dos teus imensos e maravilhosos olhos... ter os teus doces e infinitos cabellos em minhas mãos, e a tua divina cabecinha socegadamente repousando sobre mim... e um grande, um inquebrantavel silencio... e um mysterioso e adormecedor perfume vindo do teu corpo em flor e da natureza bemfazeja... E tu dormirias! e a grande paz te envolveria toda! e da extrema fraqueza, do cansaço, da alquebrada prostração, tu renascerias docemente para a vida, para a alegria profunda e terna do teu corpo e da tua alma! oh! Mas a ti, nunca foi dado um momento de verdadeiro socego! um instante de esquecimento, de somno no amor... de horas assim divinamente perdidas. Nada! Sempre a luta, a atenção, o sacrificio, o martyrio... Como te é dura a vida, oh! sublime Paixão! E quando tu terás aquelle momento sem cuidados, sem tormentos? Quando, quando? E porque tanta prisão para tão grande e incomparavel Amor? Oh! como eu medito assim sobre as injustiças da sorte! O nosso Destino foi maravilhoso, foi unico! Mas como para a Belleza suprema da nossa Fatalidade temos de soffrer! E nós soffremos ainda mais, lutaremos sempre, sempre, não recuaremos deante do martyrio, não tememos nem as lagrimas, nem as dôres, nem os desesperos e por um pouco de alegria eterna nós padeceremos até

o infinito! Eis o que é a Paixão! E nós somos heróes e nós somos bemaventurados! e quem é feliz como nós, que temos o Amor como ninguem tem, e que realizamos a Unidade absoluta, que é a ancia, o mysterio de todo o vida, a tragedia do Universo, e o desespero dos desgraçados que não sabem o que é o Amor, ou que não tem a recompensa sublime do Amor-Amor! isto é de amar e ser amado na absoluta communhão dos corpos e dos espiritos!

Fiz uma pequena interrupção... "Ver-te" assim prostrada, tão martyrisado, oh! meu Amor, me abote, e me entristece tanto! E eu fiquei sem forças para continuar a te escrever quando todo o meu ser voova mysticamente para ti, e se unia ao teu Ser... Assim passaram-se alguns minutos de meditação profundo, de "ausencia" completa em que só o meu corpo quasi inanimado aqui ficou, enquanto que toda a minha alma, a minha Essencia estava ohi contigo realmente... Oh! recorda-te, recorda-te, Amor, e seguramente tu tambem a esta horo (ó do tarde) sentiste a mesma extranha "morte", a seporoção da tua alma "buscando" o teu Amante, e se "unindo" a elle! Recorda-te e tu me dirás se não se possou contigo a mesma divino e mysteriosa sensoção...

Fico certo de que defenderás energicamente a tua saude. Tomo os moiores precauções, faze gorgarejos, e ao primeiro symptoma de grippe, toma aspirino. E' melhor do que quinino. E evita o resfriamento. O tempo deve tambem ter mudado ahi, vae fozer um pouco de frio. Aqui choveu toda a manhã, mas agora está secco. Eu estou bem e não estou resfriado.

Hontem á noite houve a recepção do ministro americano com um concerto um pouco infeliz. A mes-

ma enfadonha e fatigante gente. Segunda-feira recepção na legação da Rússia, e terça o concerto da Côte.

Como estamos combinados, chego ahi na quarta-feira ás 5 e um quarto. Oh! meu Amor divino, minha Belleza, minha vida eterna!

Maldita megera que se porta tão mal contigo. E' sempre a mesma, ordinaria!

Trato com energia da minha aposentadoria, e hoje mandei a procuração ao Rodrigo Octavio para liquidar o meu tempo, e no momento opportuno elle fará o requerimento final.

O meu telegramma ao Bourdon, do "Figaro", não era para ser publicado. Mas não me aborreço de o ter sido. Vá lá! E' uma nota de decisão.

Sim, eu serei calmo e forte, mas tu não vaes cahir doente, Petite Chose adorée... Sim?...

Oh! meu Anjo, que immensas saudades e quanta solidão! Porque estás tão longe? Tu sabes que eu te adoro?... Ah! Sim... tu sorriste... Oh! meu Amor! e sobre a tua bocca sorridente a minha bocca apaixonada! Amor eterno!

Para a vida e para a morte! e os meus loucos e doces beijos...



*(Haya para Paris)*

*Haya, 15 de fevereiro de 1914.*

*Domingo, 4,30.*

Alma de minha Alma! Minha vida eterna, minha gloria, minha belleza immortal, já o teu inspirado te-



legramma de hontem á tarde havia me trazido um certo repouso, sabendo-te mais tranquillã, e hoje a tua carta me confirma que a grande e doce paz entrou de novo em teu espirito, e que a tortura porque estavas passando diminuiu. Oh! socega, alma divina e tão castigada de angustia!

Eu pergunto sempre ao Destino porque um ser como tu soffre e se debate em mil prisões? Como te seria doce a profunda liberdade, e a separação de tudo que não é a essencia da tua vida!

Emfim tu és heroica e supremamente energica em tua admiravel esperança! e eu me deixo ir tambem nessa aureola de luz e de felicidade que tu crias para nós! Oh! ma Petite Chose adorée! Sê bemdita entre as cousas bellas e sorri para a tristeza e a solidão do teu Amante, de quem tu és a vida eterna e o paraíso!

A tua carta de hontem foi escripta em casa, e tu não respondes a minha que encontraste ahí. O telegramma foi passado antes de chegares ao nosso ninho, onde a tua divina presença é a luz e o milagre!

Vejo o que me dizes sobre o grosseiro procedimento da megera e de Themistocles. "Era o que eu esperava", e não ha mais commentarios a fazer! O que eu não quero é que a raiva ou a simples indignação tirem ao teu espirito os instantes que tu consagras aos teus bellos pensamentos e ao teu sublime amor. Não dês á "semelhante gente" a importancia de te aborreceres no teu intimo. Sê indifferente e soberanamente desdenhosa, e jamais, jamais, me accuses de qualquer culpa nesse misero procedimento, por fraqueza da minha parte. Oh! Não! "e tu sabes tudo o que já foi e "o que vae ser!" "Vive sómente para mim", e eu te adoro tanto como não é possivel se adorar no Universo e ninguem é amada como tu, e em todas as

gloriosas expressões da alma e dos sentidos! E como eu preciso de ti!... da tua infinita meiguice, das tuas carícias incomparáveis!

Não me sinto bem. Há uma grande fadiga que me prostra, e eu só quero estar na quarto, deitado, e sem nada fazer, a pensar, a pensar!...

Não te afflijas, meu Amor! Isto passará ao teu lado, ao magico encanto da tua presença e será a ressurreição!

Como tudo que não és tu, me é indiferente!... e coma eu estou prompto para tudo que fôr da nossa Paixão... seja a vida, seja a morte!

Vou soffregos para ti na quarta-feira. Como te disse saio d'aqui ás 9,30, da manhã e ahí chego ás 5,1/4. Tu vens me esperar como dantes n'um taxi-auto, no canto da rua em frente á "sahida" da estação.

Escreve-me amanhã segunda-feira e na terça apenas me passarás um telegramma. Eu ainda te escrevo amanhã.

Vou levar esta ao correio e torno ao hotel, venho deitar-me um pouco e naturalmente janto no meu salão.

Oh! minha alma vò para o teu ser. As saudades que tenho de ti, das tuas carícias, dos teus beijos e da tua divina e transfigurada volupia... são mortaes!

Oh! minha Santa idolatrada, como eu te quero, e como eu quizera te dizer tanta cousa, tanta! mas te beijando, te acariciando e no extase supremo da paixão!

Beijos, beijos e toda a minha alma para a vida e para a morte! Adoração! Paixão immortal!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 17 de fevereiro de 1914.*

1 hora, terça-feira.

Minha sublime Amante, meu Tudo! meu Paraíso!  
Vim da carreira e do telegrapho. Tua carta de hantem é de uma belleza immortal, é a paixã ardente de um ser divino e incomparavel e eu não quero e nem paderia rasgar... Seria demais. Vim á legaçã e par ter esquecido as chaves da secretaria não tenho papel para te escrever, oh! meu Anjo! e felizmente encontrei envelope. Tada o meu ser vibra de desejos... de paixã, de entusiasmo... Oh! eu vou te ver! eu te beijarei e serei feliz, eternamente feliz! Depais do almoço te escrevo.

Oh! como tu és bella, herica, immortal!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 5 de março de 1914.*

Quinta-feira, 5 horas.

Minha immensa Paixã, minha Daçura infinita, ah! alma de minha alma, toda a minha vida em ti, e na grande depressã da saudade coma eu estou sã e tã triste! Nós nos separamas ante-hantem a esta hara, e na inquietaçã da tempa que fugia e da claridade que

trohia (oh! nosso eterno amor onnipotente, mas que se esconde para a sua felicidade...) nós cortomos bruscamente o encanto em que vinhamos, e os nossos adeuses foram rapidos e deixando tanta cousa em nossos corações... como é a fatalidade do destino. Nós, a unidade absoluta, nós que morremos do nosso amor, que vivemos só um do outro, assim separados em plena rua, cada um seguindo machinalmente rumos diversos, e levando para lados oppostos esses corpos que foram tão gloriosos, que foram a chamma e morada da paixão, e que agora envolvidos, amortalhados entraram na gronde morte que é a separação...

E assim fui eu desolado e extranho oté aquelle chá, onde fui extremamente prudente, calmo e indifferente.

No hotel recebi telegrommo avisando-me que a Rainha-Mãe deste pueril paiz, me convidava a jantar hoje. De forma que em vez de jantar com o ministro dos Estrangeiros, jantarei com a velho rainha. E'-me profundamente indifferente! Tu sobes como depois que a idéa de me aposentar se fortaleceu no meu espirito, é grande o distoncia em que me ocho de tudo que é dever diplomatico e mesmo de relações politicos no Brasil. Estas só me servirão para manter "O." em Paris e nos dar alguma vantogem pecuniaria depois de aposentado.

Minha mãe apporeceu-me hontem de manhã, e tive prazer em vel-a, pois eu sabia que os seus olhos tão cheios de doçura e de bondade iam te ver, oh! minha Santa idolatrada, ma Petite Chose adorée! E assim no olhor de minha mãe eu te mandei um "reflexo", uma pallida impressão do meu olhar de paixão e de admiração. E parti! ainda ontes do trem me arrebatat, corri

oo telegrapho da estação e mandei-te o telegrammo que recebeste. E vê o meu esplendido palpíte... Tu não devias vir ao nosso soudoso ninho... Pensavos escrever de caso, e mandor logo o tuo carta. Eu desejei que tu viesses... e te mandei os meus ardentes pensamentos e os meus beijos loucos, fogosos, oh! beijos de paixão!

A viagem foi como sempre fatigante, estúpida, silenciosa. A megera desesperada de ter vindo, interrompia o somno para se queixor... No hotel encontramos dois convites para jantar no dia 17 e 19. A "bicha" não quer ficar e parte na segundo-feira proximo! Que successo! Eu fico, e talvez seja possivel ir ver-te ahi, em segredo, por um dío ou dois. Que dizes?... Seria por exemplo, na sexta-feira do proximo semana, chegando-se ahi quinta ó noite. Não posso resolver nado porque estou chegando e ainda não sei o que ha de serviço e de obrigações oqui. Em todo o caso já é uma vantagem me libertar da megera! e esta fica muito desmoralisada com as suas controdições que ello procura explicar de mil moneiras, mas a verdade é que ella detesta Haya e a vida d'oqui.

Passei uma noite má. A megero estive aborrecendo-me a folar, a falar, recapitulando cousas tristes e querendo se justificar de tanto maldade. Ella falou tanto da sua cama para a minho, que eram 2 horas do madrugada e como eu não tivesse somno e estava morto fui pora o solão, deitei-me no canapé e ahi fiquei meditando oté 3 e meia, e quando voltei ao quarto ella já dormio, emfim! Que horror!

Oh! tua deliciosa corta, Amor! mesmo no cansaço em que estás, no obandono e na prostração, como tu tens o maravilhoso energio de me consolar! E como eu me ogosalhei em ti, e ossim pelo forço da idéo,

senti um doce conforto, parecia-me que tu me tomavas carinhosamente a cabeça fatigada, que a beijavas ternamente com a tua bella e saborosa bocca, que me olhavas tão profundamente, com esse olhar d'alma que é o teu olhar de amor! e me acariciavas com a tua profunda e melodiosa voz e com todo o teu divino corpo! Como eu estou cansado hoje! e como eu dormiria nos teus braços, oh! minha Belleza, minha infinita consolação!...

Tua carta me fez tanto bem!

Escreve-me "toda", "toda" a tua vida. Eu quero te ver em tudo, e a todos os momentos... "Tu és minha" e eu te adoro loucamente, beijo-te no ardor da minha paixão immortall

Como tu descreves bem o jantar e as suas ridiculas ou insignificantes figuras! Pobre do meu doce Amor! E com que dolorosa expressão tu me dizes: "lointaine, silencieuse, triste et solitaire" Tudo está maravilhosamente dito nestas quatro palavras que te pintam a alma, nesses momentos de opressão e de desanimo e de saudade!

Amor, meu eterno Amor, eu já não posso escrever... a cabeça me pesa muito e eu vou para casa ver se durmo um instante ou ao menos me deito antes desse estúpido e formalissimo jantar. Vae passar... Não te inquietes. E' o cansaço, é o enervamento, foi a cacete noite, tudo, tudo, que não é luz, não é vida, não é Amor!

Beijo-te loucamente. E tu oh! minha Santa transfigurada, pallida, divina, tu és a minha vida eterna, a alma da minha alma, a minha gloria, o meu supremo e unico encanto! Beijos, beijos e tua bocca!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 6 de março de 1914.*

Sexta-feira, 6 da tarde.

Meu divino Amor, ma Petite Chose adorée, minha Belleza triunphante e immortal, esta manhã, antes do meio dia, vim ao correio e tive a tua cartinha escripta a lapis, do banheiro, mas que tu tiveste a suprema habilidade de me remetter, e foi uma grande, grande alegria!... A minha saudade de ti, Amor, é torturante e aniquiladora... Só ao teu lado posso viver, e só nas tuas immortaes caricias encontro o esquecimento para tanta ancia e tanta angustia. Como eu preciso de ti!... Como o teu agasalho é tudo para mim, e como eu quizera beijar-te e tambem dar a ti, minha idolatrada Coisinha, o supremo consolo, a eterna ventura! E abysmados em nossa transcendental volupia, deixar que as outras cousas continuem a sua marcha fatal e nós, divinos em nós mesmos...

E por isso a tua cartinha mesmo apressada, mesmo como reflexo da tua anciedade, e dessa tortura em que vives, me ampara e me alegre! Quiz escrever-te logo hoje de manhã, mas vindo á legação aqui encontrei o Arminio e passamos a nos occupar dessas cousas tolas de nossa terra, desse estado de sitio, dessas agitações de mestiços, que são afinal de contas as revoluções da Sul-America. E não te pude escrever!

Depois do almoço passei algum tempo com aquella dôr de cabeça que me persegue desde ante-hontem. Dormi um pouco, e depois vim á legação. Aqui estiveram os secretarios até agora e só neste momento estou tranquillo. Tu vês tambem que tenho constrangimentos e isso me desespera.

Não te preocupes com a minha saúde, que é bôa. Apenas tenho fortes dôres na cabeça, mas espero que, com algum repouso e muito somno, este mal desappareça. O que eu lamento é não poder te escrever muito porque qualquer attenção me fatiga e nem mesmo passo ler. Hontem eu sei que estive extremamente pallido á meza da Rainha-Mãe, durante o jantar. Mas não seria o contraste com a vermelhidão dessa velha? Ah! esse jantar! Só velhas, velhas! Eu era o homem mais moço... Um jantar muito socegado, muito "reglé", como uma encenação de theatro. Estive á esquerda da rainha (á direita, o ministro da Russia, mais antigo). A conversa foi bem distribuida entre os dois ministros...

Depois do jantar a rainha falou com os outros convidados, "menos" com os seus vizinhos de mesa. A's 9,3/4 ella se retirou e todos em seguida. Do palacio da rainha, fomos á casa do ministro do Exterior, onde deviamas ter jantado. A's 11 horas estava eu em casa, caceteado, fatigado, doente. Dormi e apezar de haver recebido ao voltar ao hotel, o telegramma da legação de Paris, sobre as acontecimentos politicos, telegramma cifrada, mas que não me preocupou demais, porque Themistocles havia na mesma occasião me telegraphada dizendo haver estado de sitio no Rio e Petropolis.

Vejo que o máo tempo só te deixou estar com minha mãe hontem. Espero amanhã a tua bôa e tão desejada carta em que me dirás as tuas impressões.

E Themistocles não irá te visitar? Se elle souber que a mãe volta breve, com certeza iria te ver domingo! Ah! covardia humana! Emfim deixemas os outros e falemos de nós.

Que fazes, meu doce Amor? Eu d'aqui te sigo minuto por minuto. Tu és a minha alma e tu tens em tuas



divinas mãos a minha vida e a minha morte. Oh! Poderosa!

Tens lido? Antes de eu deixar Paris tentei mandar-te um livro de Jules Lemaître que acaba de sair com o título "La vieillesse d'Hélène". Mas não havia na proximidade do hotel. Trata-se de commentarios ou melhor contos e phantasias, tiradas da Odysseá, da Illiada, e de Ovidio. Isto te divertirá. Pois bem, peço-te que compres um volume para ti com o dinheiro que está na gaveta e tambem com esse dinheiro compres um "vidro grande" de agua de colonia, "ambre antique". Tu farás isso, Amor, porque é meu desejo, e nós somos um, a Unidade eterna, immortal, absoluta e divina!

Vou ao correio e depois vou me deitar. Não te inquietes, Petite Chose adorée. Isto não é nada e quanto á calma e á resignação do meu espirito, estas são sobrehumanas!

Tu és a minha Belleza e nessa solidão eu te "vejo" e coma eu te desejo, Amor meu!

Beijo-te longamente, loucamente. Tu és minha, a minha vida, o meu Tudo! Eu te adoro! Beijos. Adoração. Minha fidelidade é eterna como a minha paixão.



*(Haya para Paris)*

*Haya, 7 de março de 1914.*

Sabbado, 3 horas.

Minha divina Amante, minha Doçura infinita, meu Paraiso, minha vida eterna, eu vivo em ti e nesta im-

mensa solidão, desterrado da tua beleza que exalta, dos teus immortaes carinhos, minha alma é a morada da saudade! Saudade do Amor, saudade da Adorada, saudade de mim mesmo em ti, oh! minha divina Nazareth, amante incomparavel e sobrenatural!... Eu te adoro como só eu adoro e como tu me adoras!

A tua carta de hontem me sensibilisou muito, ella é como uma conversação que não quer acabar, e quando interrompida, renasce mais viva e mais brilhante.

Gosto tanto quando me escribes assim, quando vens de vez em quando conversar commigo. Tu me escribes neste momento! E como tu és bella e magnifica! Todo o teu ser vibra, as imagens de amor te povoam a cabeça tão linda, o teu coração palpita pressuroso, tu aspiras, tu desejas, tu soffres... e todo o teu ser divino se lança no espaço em busca do teu adorado Amante ausente, e aqui te buscando atravez dos espaços!...

Oh! como eu beijaria a tua ardente bocca neste instante! e como nós seriamos unicos no supremo extase da nossa voluptia transcendental! Oh! ninho da nossa paixão, leito do nosso amor! Oh! corpo immaculado e maravilhoso da idolatrada Amante minha, minha! E tu tens assim o segredo do meu acabrunhamento, é a "saudade" é o desejo de ti, é a Paixão mortal e immortal!

Porque tanta separação? Tu já me disseste de um modo sublime, que no amor a separação é a imagem da morte. E tu comprehendes tudo. E as tuas ancias, as tuas tristezas não são ellas da mesma fonte, da mesma melancolia?... Não penses que ha a desesperança em mim. Não. A energia, a audacia, a coragem não me abandonam. Eu sei, "tu" que és a Esperança! e eu vivo por ti. Mas é tudo o mais que vem da privação do amor. E' a solidão. E' o immenso silencio! Não te ver!

não te ouvir, e não te sentir, oh! ma Petite Chose odorée, e depois não te dizer o que me enche o coração, as idéas bellas, sublimes que me veem, passar triste e silencioso deante do espectáculo maravilhoso da vida e do Universo, quando tu me "comprenderias" tudo! Eis a infinda e enorme tortura que aniquila e despedaça! Ah! esse meu immenso e pobre coração como elle soffre! como elle é obafado longe de ti, e que pena me faz elle que podia ser tão vivoz, tão olegre, tão radiante, assim tão machucado, sombrio e desamparado!

Pobre coração meu! coração cheio de amor de sua eterna e transfigurada e bella Amante!

Mas tu me confortas tanto neste exilio com as tuas carinhosas cartas e eu sinto sempre e sempre o teu profundo e immortal pensamento commigo... E assim sou forte e heroico! Não temas o meu desanimo.

Tu sorris, é a Aurora que me desperta! Sorri, Petite Chose adorée, e nos teus formosos e infinitos olhos se reflectirá a visão, a imagem do teu Amante, illuminado e invencivel! Tu vês, que só de pensar que tu vaes sorrir, eu me onimo... Oh! Milagre do Amor! como eu me sinto outro, exaltado e vibrante, só de "ver" a belleza do minha Santa, sereno, desonviada e docemente confiante! E eu te beijo fortemente, com toda a immensa ternura que vive em mim, com a meiguice e com o ardor do minha paixão. Beijo-te toda.

Oh! a tuo fronte! meu immortal "Parthenon" (agora tu sabes o segredo da minha comparação...) teus cobellos frondosos... e essa bocca, minha, minha, e esse pescoço torneado, que eu acaricio com as minhas mãos voluntoriosas, e esses divinos peitos onde tudo é esculptural e tão macio, e onde eu repouso e sou pequenino... e esse ventre que se apago e é firme... Oh! eu.

te beijo, eu te beijo e exaltado e divino eu morro e vivo de amor!

Oh! porque eu te desejo tanto e tu estás tão longe! que martyrio!

Tu me dizes tão docemente: esperanças! Sim. Só me parece que os tempos da nossa "vida-una", sem interrupção, estão próximos! E mais uma vez a nossa vontade heroica triunfará de tudo e de todos. E tu me seguirás sempre, fiel, sublime e idolatrada!

Hontem depois que te escrevi fui para o hotel e deitei-me. Dormi um pouco e só ás 9 horas, jantei no meu salão. Ahi estive em silencio, percorrendo os jornaes de Paris, e ás 11,30 voltei á cama. Dormi regularmente e hoje amanheci melhor. Apenas ás 11 horas tive de novo dôr de cabeça, que me durou até quando tive a tua carta, agora ás 2,1/4. Hoje continuo repousando, não saio á noite e não recebo visitas.

Ainda não sei se irei te ver na sexta-feira. Neste momento parece conveniente ficar aqui na legação pois pode chegar algum telegramma urgente do governo. Enfim eu te direi o que deves fazer, no principio da semana.

Não te agonises com o que se está passando no Brasil. Trata-se de um symptoma do militarismo e o responsavel ainda é o Hermes, que deixou os militares se apossarem pela violencia dos Estados como Pernambuco, Ceará e Alagoas. Elle está agora colhendo os frutos da sua má fé e da sua incapacidade. Penso que haverá muita atrapalhação no governo Wenceslão Braz. Elle continuará a passar o que começou com o Affonso Penna. A America latina é uma terra de mestiços, ha uma grande desordem moral, e uma confusão de raças, de sentimentos e de ambições. E' natural que

o elemento militar procure ser preponderante, mas como elle é incapaz de governar bem, sempre encontrará reacção do elemento civil mais culto e mais equilibrado.

A unica solução para esses paizes seria uma immensa immigração de europeus que transformassem a raça e modificassem a cultura. Mas isto, Amor, será longo e difficil. Por agora temos de supportar toda esta desordem que nos aborrece e nos desmoralisa. Nós andamos a simular, a fingir uma civilisação que na realidade não existe, e de vez em quando uma convulsão revela que o paiz soffre de um grande e terrivel mal, e o que temos apparentado de cultura, de educação, de poesia, de superioridade é artificial, e não corresponde á profunda verdade do estado da nação.

Vivamos longe disso, Amor. Vivamos o nosso sonho immortal, e extranho ás restricções de raças, de nação e mesmo de civilisação. Vivamos na eternidade. Pessoalmente essas desordens do Brasil não nos interessam. Estamos fóra de tudo isto. E vê o que é singular. Isso vem ajudar ou melhor facilitar a minha aposentadoria. Porque? perguntas Petite Chose adorée?... Porque eu rigorosamente só me posso aposentar depois de 15 de julho. Ora dizem que a nova lei passaria em fins de maio, o que me atrapalharia muito. Agora com essa agitação politica, estado de sitio e ainda a apuração da eleição presidencial, a Camara não se occupará de outra cousa senão desses assumptos. O governo terá de dar contas dos seus actos, e a discussão se abrirá apaixonada, douda, má, feroz, e por longos mezes! Assim não haverá nada antes do fim do anno e eu terei o tempo de me libertar. Gostaste?... Tu vêes que não perco a cabeça e que o meu pensamento é constante, firme e glorioso. Oh! tu terás sempre o orgulho de mim

e da meu infinita Amar! Vivamos da eternidade da nossa paixã e da belleza transcendental da nassa alma e das nassas carpas em extase!

Eu sabia que Sophocles havia de te encantar! Elle é mais pura, mais suave do que Eschylo, parecendo que este é mais sublime e mais creador. Eurypedes é inferior a ambas, e tem mais artificio, mais aquella "ingenhosidade" grega, que se liga a Ulysses.

Tu verás a que elle fez da legenda de Helenal Espantoso!

Terias comprado a livro de Jules Lemaître? Tu o podes ler "publicamente", e essa leitura "assim" terá o mesmo sabor, ah! "tu chi legge"!...

Vi um conta desse livro, publicada no Temps, sobre Daphné. E' curioso e gracioso. A vantagem para quem conhece cama tu, Amar, a "fundo", a mythologia, e a alma da Grecia antiga, é a recardação, a evocação das lendas, e da literatura gloriosa dos Hameras e dos tragicas gregas. Tuda issa é cama tão admiravelmente nataste, a essencia da nassa alma, da nassa intelligencia, da nassa cultura. E' a formação, a geração!

Escreve-me muito e muito. Canta-me tudo de bom e de máa... Tu és a minha vida e a confiança em ti é infinita, absoluta, immortal. Não penses que eu vacile. Jamais! O que tu vêes em mim ás vezes, é inquietação... a ancia de te ter para mim só, longe da sociedade, da familia, dos filhos, de tuda... de tuda! Oh! minha alma musical, minha saudade!

Eu te beijo ardente, fogoso e vivo e morra por ti...



*(Haya para Paris)*

*Haya, 8 de março de 1914.*

Domingo, meio-dio.

Meu divino Amor! Minho Coisinho idolotrodo, minha Soudode! Hoje, domingo, vim do correio onde recebi o tuo corto que me consolou tanto e que me offligiu tonto por ver quonto soffres, e que tombem terriveis dôres de cobeço te perseguem no minho ousencio. Eu melhorei desde hontem depois do tuo corto, como te disse, e pude te escrever como gosto.

Hoje vou indo regulormente, se bem que ainda não me sinto "perfeito"

Oh! como eu quero que tenhos hoje um dio calmo e que omonhã possos estor bem, sem sombro de sofrimento!

Soffrer, tu? Oh! como a Natureza é cruel com seres do tuo ordem que são o harmonio e em que não devio hover o nota discordante do dôr!

Poro vir te escrever oqui no legoção tive de usar de alguns estrotogemos. Imogino que chove torrenciolmente! e que o correio fecho ós 12,30! Ficar sem corto tuo, minho supremo e unico consoloção neste exilio! horror! serio um immenso mortyrio! Assim sob o pretexto de precisar do corimbo poro telegrommos, pude escapor-me sem escondolo.

Oh! com eu soffro longe do meu Amor! Longe do meu Tudo! E porque este doloroso estado de oppressão, de tedio, e de uma tristezo que não é divinamente bello?

Oh! esto tortura de te sober longe, de te sober orrostodo o contro gosto embóro, mos sempre orrostodo

a uma vida que não é a do teu coração! Eu sei que tu fazes o maximo, que "ninguem te eguala" e eu te admiro exaltadamente e te venero de toda a minha alma... Já é muito! mas o "resto" me faz soffrer... Perdoa, tu queres que eu seja sempre franco e "um" contigo que és o meu Tudo, "a minha razão de viver" (e tu sabes quanto essa expressão é profunda e decisiva em mim).

E eu não poder te arrebatat de tudo isto... Tu deves comprehender com o teu immenso talento, com a tua sublimidade paixão, toda a angustia da minha existencia.

Eu comprehendo que tu fizeste bem em te resignar a ir ao theatro, sem a tua vontade. E a decepção do "imbecil" foi uma pequena desforra, e talvez uma lição! Qual com este "sujeito" nada aproveita... E fico muito contente que vás amanhã ao Parsifal. Oh! isso sim, somos nós. E' a Arte divina e sobrenatural! E tu sonharás e a musica será para ti "o amor procurando se exprimir".

Aborrece-me muito que vás ao jantar do Dantas. Serás cercada da canalha "equivoca" e miseravel que eu detesto, dos Azeredos, e outros... Tu! Oh! minha Gloria! meu Orgulho! minha Alma Musical! Tu!

Mas... eu estou sendo cruel. Perdoa, Petite Chose adorée, meu Anjo da Paixão, alma soberana e "immaculada!" Eu te beijo loucamente, loucamente... E estou contigo sempre e eternamente no soffrimento e na alegria! Perdoa, Amor!

Vi que o Azeredo chegou. Elle não avisou "O." pelo telephone? Ainda não appareceu em tua casa?

Como tu és tão admiravel com a minha pobre mãe! Oh! eu sei que elles ali te adoram e te veneram!



Vou te deixar. Que dia será o meu hoje? Tudo é tão triste e tão incerto na vida... E só o nosso Amor é grande e immortal! Eu te tomo nos meus braços apaixonados e te beijo, te beijo no supremo extase da nossa Paixão! Adoração!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 9 de março de 1914.*

*Segunda-feira, 5,30.*

Minha Paixão immortal! Minha vida eterna, minha esperança! quando fui ao correio logo depois do almoço fiquei triste de não encontrar a tua adorada carta, que eu não esperava... por ser hontem um dia de prisão para ti, meu doce Amor! e agora volto com o teu telegramma que me acaricia tanto, me consola e me exalta e me anuncia que hontem me escreveste longamente, e que a tua alma divina poude voar, voar, no sonho e na mais bella poesia da tua admiravel paixão! Oh! minha Petite Chose adorée! Como tudo em ti é sublime! e como eu te adoro na mais profunda admiração do teu ser incomparavel!

E quasi sem palavras, intensamente, gloriosamente teu, o meu desejo unico é de me recolher em ti, de receber as tuas immortaes caricias, de esquecer... e de viver! Como eu preciso de longos dias ao teu lado... de uma infinita successão de horas a te beijar, a te contemplar, a te admirar, e a receber dos teus labios,

das teus alhas, das tuas mãas, e do teu exaltante e maravilhasa carpa, o dam suprema da volupia na paixõol  
E em vez dista, tenha aqui a salidão, o aborrecimento, a depressãa, a ancia, e tudo que é martol na seporação de dais corações que vivem um do outra tãa sómentel  
Eu sei que tu és a esperança, que mais um esforça nós teremas uma cansalaçãa "relativa", porém, para ahi chegar quanta pena! quanta tartura! E vejo tristemente que ainda aqui ficarei até 20, porque me parece difficil ir antes te ver, Amar!

Quarta-feira tenho uma audiencia da ministro do Exterior, a proposita da nameaçãa da nava ministro hallandez na Brasil, casa que merece a minha attenção.

Ir na sexta-feira tu tens esse maldita sobbada do Olyntha e depais seria damingo.

Emfim tuda é prisãa neste momenta, e ha aindo a hypathese de um telegramma do gaverna par causa dos acontecimentos!

Que massada! Na semana praximo tenho dais jantares, um a 17, outro a 19, de fóрма que só estorei livre a 20, e siga entãa de manhã vinda tu aa meu encantra, au me esperando ás 5,30 no nassa amodo recanta de amor e vida! Tu vês? Por maior e mois impetuasa que seja a meu desejo de te beijar... eu creio que sá na dia 20 teremos essa ventura suprema.

Mas se eu não puder me reter e haver a menor passibilidade, entãa sexta-feira e sabbado desta semana, estarei contigo, chegando aqui na damingo de manhã. Veremas.

Deitei-me hontem ás 11 horas, dormi muito pouco. Veiu-me uma harrivel insamnia, e levantei-me ás 4 haras e estive no salãa lenda, tamanda natas, pensando em ti e em nás, até ás 7. Voltei a deitar-me e dormi um pouco até ás 9,30.

Não é uma vida normal a que levo aqui. E por mais heroica que seja a minha vontade, não pude ainda dominar essa ancia que me tortura! Oh! como te vejo! como eu te desejo! como eu te adoro, idolatrada minha! Porque estás tão longe e porque eu sofro tanto?

A megera está convencida que é o clima, uma velha da terra confirma esta crença e diz que se trata de "malaria"! Oh! illusão! Deem-me a minha Amada um segundo e tudo será alegria, saude, vida, entusiasmo e criação miraculosa! Deem-me os seus olhos, a sua bocca, a sua voz, os seus beijos, o seu corpo, a sua alma e tudo o mais que é sobrenatural e eu desafio a morte e a doença!

E aqui dessa infinita solidão toda a minha essencia te busca. Beijo-te, beijo-te! Agasalha-me, Santa immaculada! E para a morte e para a vida eterna! E as nossas almas unidas viverão e morrerão no extase do Amor!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 10 de março de 1914.*

*Terça-feira, 7 da noite.*

Minha sublime Amante! Meu Paraiso! Minha doce vida eterna, tu vês a hora tardia em que te escrevo! Estou desapontado e desesperado! Hoje vim cedo á legação. E antes estive no correio. A tua carta foi um deslumbramento para este teu pobre Amante desterrado. Ella é simplesmente sublime, e tu, meu Amor infi-

nito te excedeste a ti mesma! Oh! glorioso dia em que tu podeste te expandir no meu coração! E toda a tua alma em mim, e teu espirito a subir, a subir! E depois no dia seguinte a tua alegria de receber uma longa carta do teu adorado, e a tua cabecinha tão linda e abatida e como que curvada sobre o meu peito, tu triste, envergonhada de te veres na sociedade de gente tão miseravel como a que terás amanhã á noite! E eu vim correndo para te escrever, para te consolar com o meu amor, para impedir que soffras mais... e tanto, oh! Petite Chose adorée!

Ao chegar a legação já encontrei os secretarios que me amolaram com trabalhos estupidos, e quando o expediente estava feito e eu podia enfim estar livre, eis que apparece, de "surpresa", a megera, que vinha me buscar para uma recepção na legação americana! Declarei que não a acompanhava a essa visita, mas como todos iam sahir, não tive remedio senão sahir tambem, pois que pretexto daria para ficar? Fui até o hotel, e quando a mulher partiu e eu sahia e vinha para aqui (escrevo na legação) chega o representante do Nuncio que não tive remedio senão receber, pois haviam annuciado o proprio Nuncio... Ainda estava o tal Monsenhor quando me introduzem outras visitas... Afinal vim correndo a te escrever e esta vae "expressa". Tu comprehendes que seria para mim um horror deixar de te escrever, de te dar a minha alma a ti, Adorada, que anceias por ella! Oh! Tu adivinhas tudo, e quanto o meu martyrio é sem nome! Minha carta de hontem te deu a exacta imagem do meu espirito e da tortura em que eu me debato.

Sim, eu sou forte, heroico mesmo, mas não significa que eu não soffra!... Como não soffrer se eu te idolatro, e se tu és toda a minha vida! E estás longe,

e eu te desejo tanto, e não te tenho! A força não me abandona, mas o soffrimento é um companheiro terrível, e é este o que eu tenho longe de ti, nesta infinita e profunda solidão!

Oh! como eu vivo em ti! Meu pensamento eterno, meu sonho das minhas solitarias noites, és tu, Adorada sublime! E tu sabes como ainda hontem eu passei recolhido, magnifico em mim mesmo, emquanto as divinas sensações vindas da musica te extasiavam! E tu deves imaginar como eu estarei "mortalmente" ferido emquanto estiveres na noite desse jantar, rodeada de entes abjectos, emquanto tu soffres tonto, e estiveres martyrisada...

Tu és o meu Idolo! a minha Alegria, a minha Luz, o meu Encanto, tudo, tudo, "eu só tenho a ti na vida"... e tu sabes que eu não quizera que essa luz brilhasse senão na pura atmosphera da gloria e da elevação, que esse Idolo... Oh! Amor, porque eu te faço triste com o meu soffrimento?... Resignação á miseria!...

E sejamos bem unidos, um só, que as nossas almas não se separem nunca, que tu vivas em mim como eu vivo em ti!... Oh! eu sei como o teu amor é incomparavel e como tu és sublime!

Tu vês, eu não tenho senão a mais intima, a mais profunda e doce e eterna unidade contigo... Tu és minha e me dizendo sempre isto, sorrio á minha profundo dôr!

Amanhã estarei livre e poderei te escrever mais tranquillo. A megera parte pelo trem da manhã.

E que tortura não poder voar aos teus braços... Oh! tu me exaltas, tu me divinisas nessa chammo oriente de tua maravilhosa e transcendentol poixão! Amor, amor!

Dá-me a tua bocca! Dá-me a luz diaphana, mais que luz, dos teus olhos... Aconchega-te bem a mim porque tu soffres e tudo te despedaça o ser divino e amante!

Beijos, beijos e para a vida e para a morte!

Li o livro de Lemaître, que me deu decepção. E' "à la manière de..." Puro virtuosismo, e uma contrafação dos mestres!

Pobre Grecia!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 11 de março de 1914.*

Quarta-feira, 10,1/2 da manhã.

Oh! meu divino Amor! minha vida eterna, minha unica consolação, minha sublime Amante, escrevo-te da liberdade! Estou só! e muito longe de ti, embóra, e com que dôr! mas ao menos estou só e livre! e te posso escrever quando quizer, sem constrangimento, dono do meu tempo e dos meus actos.

A megera partiu ás 9,40 e depois de uma noite desagradavel, pois se disse doente de "appendicite", e gemeu, e se lamentou a noite toda. Em grande parte é histerismo, porque sempre se queixa de mim e se lamenta. Ah! meu Amor, já viste comediante maior? Com que "aplomb" mente e se contradiz, como se os meus olhos não penetrassem naquella alma e não descubrissem o artificio e a mentira! E eu me sinto um pouco alliviado, separado dessa aborrecida e exigente creatura, e se a minha tristeza vinda de tanta outra cousa é

infinito, ao menos sou livre na minha dôr, e na grandeza dos meus pensamentos e do meu amor que é a minha alma e o minha vida.

Logo que deixei o megera no trem que se foi, corri ao correio, e não tive a tua carta de hontem. Era ainda cedo! mas eu estava soffrego por ler os doces e eternos accentos do teu maravilhoso e incomparavel coração. E' a musica sublime que me divinisa e me faz viver, sonhar e me transporta. Porque tu cantas com a penna, Petite Chose adorée, e o teu canto é a suprema melodia da paixão! oh! meu saudoso rouxinol, oh! as madrugadas do verão passado! oh! as horas eternas, os minutos infinitos em que o teu amor canta, e cantando tu sóbes sempre, e subindo tu cantas ainda mais!...

Como tu és unica!... Sabes... commetti uma desobediencia e não rasguei a tua extraordinaria carta começada no domingo, e que me deslumbrou tanto... Deixei-a na legação em movel de segredo, de que "só eu" tenho a chove, e dentro de um envelope fechado e endereçado a "Angély", pessoal, e fazer seguir, (assim no caso de uma desgraça, os secretarios cumpririam as minhas ordens). E depois do correio a fui buscar, e aqui está defronte de mim, triumphante, radiosa, apesar de dolorosa no final. E della vem o teu perfume que me faz sonhar e "desejar", alguma cousa de material e de carnal da minha Amante idolatrada, que eu quero devorar de beijos e esmagar de caricias voluptuosos, loucas, sensuaes, extraordinarias!... E eu releio a cada instante a divina carta e como tu és immortal e como eu devo viver eternamente nos teus braços e sob as murmurantes e exaltadas caricias do teu corpo maravilhoso... Oh! sim, eu te desejo, e desfalleço de tanto te desejar, e de não te ter!... Tu sabes o que é esse desejo que toma tudo, que páro o sangue, que pre-

cipita o sangue, que nos transfigura, nos allucina e nos faz languidos e potentes!

Paixão que de infinita se concentra no desejo!

Oh! morte de amor! oh! volupia immortal que me esmaga e me arrebatá! Como neste momento em que o desejo me possui, em que tudo o que tu és de volupia, de belleza, de transfiguração, de ardor, de transporte, de arquejante, de sem mais nome na paixão, no delirio, no extase, tudo, tudo o que os nossos corpos bellos e exaltados e loucos, e as nossas almas sobrenaturaes nos dão na Unidade absoluta, no instante sublime da morte e da vida eterna, tudo, "tudo", me vem á mim, e me leva no maximo do desejo...

Oh! sonho da paixão! oh! imagens unicas, vividas e ternas e desejadas, e que virão sempre, sempre até a consumpção dos nossos corpos em nós mesmos!... na grande e divino incendio da nossa paixão incomparavel!

Meio-dia!... Depois de te escrever da minha saudade e do meu desejo, oh! Petite Chose adorée, me veio uma languida prostração... A triste realidade da separação... tu estás longe, Amor meu... e tudo é sombrio e mortal aqui...

Mas, respande, Amor, meu Amor, o desejo, a saudade mesmo torturante, allucinadora, não são uma companhia para o coração desterrado? Oh! mysterio sagrado da paixão!

4,1/2. Deixei-te, Amor, para a toilette e o almoço. Depois fui immediatamente ao correio. Oh! a tua carta! tua carta! Santa adorada, que extase, que doçura e que paesia na expressão de tuas sublimes sensações do "Parsifal"! Quanta pureza em tua alma divina e em



“tada” o teu ser transcendental! e que balsamo e que cansalação para a minha alma inquieta, tarturada.

Foi uma tarrente de bandade, de resignação, de esperança, de luz, de suavidade e de “transfarmação” que tu derramaste na teu Amante! Oh! dace e profunda paz, harmonia infinita, esquecimenta no sublime arrebatamento do amor! A aureala em que tu viveste n’aquella noite, me illumina e me deslumbra. Vivemas na Aurara e na Luz! E coma eu te quizera bem junta a mim nestes divinos instantes! Parque não nos foi ainda dada esse gaso de arte e de extase na volupia da paixãa?

Sim, Amor, nós buscaremos um dia esse encanta, sás, e a mundo das harmanias!

Imagina o meu extraordinario estado de espirito, torturada, inquieta e arrebatado na extase e tratando de negacios com o ministro d’aqui! Venho dessa conferencia e já esqueci o que é inutil. Estou camtigo, Amor! E o tempa haje depais da chuva e “grêle” se acalmou. Veiu o sal. Ha uma grande paz na atmospherã.

Tu estás ahi na nossa solidãa saudasa e abençoada. As nossas essencias se buscam e se unem mysticamente na eternidade da amar!...

Eu estou sempre comtigo. E tu vaes ás outras esphe-  
ras muito inferiares, mas a tua alma paira no alta, e o teu carpa é intangivel e sublimel Eu sei, Amar...

E hantem eu te expliquei o que tu chamas meu des-  
fallecimento... Não é fraqueza, é dôr, é saffrimenta.  
E a meu heroismo é enorme porque eu soffro e vivo na martyrio.

E porque eu vivo senãa por ti? senãa pela nosso amar? Tu sabes que com as minhas idéas da Universo e da vida, a marte não é um pavor, é um refugia, um descança, uma saluçãa.

Viver é mais heroico, ás vezes, do que morrer. Tu me comprehendes. Nós somos "um" E porque então me dizes que eu não soffra? Fica, minha Santa idolatrada, segura da minha força, do meu valor deante de tudo e de todos. Tu tens a minha decisão, a minha energia, a minha bravura, mas como eliminar de mim a amargura e a tristeza na dura fatalidade do nosso destino? Como ser feliz quando estou longe de ti, da tua immortal belleza, dos teus carinhos infinitos, das tuas caricias sublimes? E quando ainda a nossa vida de todos os instantes não é a mesma?... Tu me comprehendes e eu "vivo" por ti, ma Petite Chose adorée!

Vou levar esta ao correio, volto para a casa, pensarei em ti, Amor, mais do que amor meul e se puder verei se trabalho um pouco n'um artigo que entrará no meu livro de idéas geraes. Tu vês que eu procuro por todas as nobres e bellas fórmãs da vida vencer a prostração... Oh! só tu!... só tu! és minha alegria, a minha vida, a minha força, o meu esquecimentol Como eu te quero!!

Beijo-te, agasalha-me, e nas divinas caricias dá-me a tua alma e a tua vida! Oh! Amor!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 12 de março de 1914.*

Quinta-feira, 5 da tarde.

Meu divino Amor! Minha alma sublime, minha sublime Paixão, estou muito inquieto sobre a tua saude. Oh! meu Amor unico! Que quer dizer isto? Estás doen-

te? Não quero que adoças. Tu és a minha luz, o meu sol, a minha belleza, a gloria, o triumpho humano da fórma e do espirito, tu és a minha Paixão, a minha Vida, o meu Tudo, como eu te posso, mesmo imaginar doente! Porque essa fatalidade do Universo que tem em ti uma divina expressão de gloria!

Oh! que sacrificio sem nome esta estúpida separação em que estamos! Hoje tive impetos de seguir pelo trem da noite e te fazer uma surpresa! E no momento em que te escrevo a tentação é muito forte e não sei o que farei. Não, não é possível e isto é mortal! Agora me lembro que ha muitos officios na legação para mandar amanhã por causa dessas massadas de estado de sitio, e tambem a nomeação do novo ministro hollandez no Brasil. Um inferno. Oh! como custa a resignação! Amor, amor! perdoa do fundo da tua alma se não corro aos teus braços como me ordena o desejo o mais violento, o mais bello! Perdoa. Oh! minha Santa immaculada como eu te afflijo com o meu ideal! Mas o nosso ideal é um só! é o ideal da Paixão, da pureza da belleza eterna, da elevação, de tudo o que é sublime, divino e immortal!

Vejo que estás satisfeita contigo mesmo e é a força sobrehumana da consciencia que tudo domina, que nos dá essa aureola intima, suprema consolação e profunda recompensa da vida! Oh! o teu orgulho de amante sublime e incomparavel como eu o venero e o admiro! E' uma força como a do sol! Sim, tu és unica! tu és a transfigurada! a transcendental amante, a "casta", a immaculada, a maravilhosa Amada que eu beijo, que eu adoro, e que é a minha gloria e a minha vida! Oh! Esperança!

Pela tua carta de hontem e pelo teu telegramma desta manhã, vejo que estás sem liberdade hoje para

escrever ao teu adorado. Pobre e linda amor! Compreendendo tudo... e esperarei.

Hontem, depois que te escrevi, voltei como te disse ao hotel e recolhi-me em ti na profunda liberdade em que estou. Jantei sásinho. Que allivio! E nenhum secretario appareceu. Li, tomei notas, e pensei, pensei... A' meia noite fui deitar-me. Tu já havias voltado á casa. Assim pensei... e eu estava de vigilia enquanto te sabia tão torturada. Depois pude dormir e até ás 6 da manhã. Não tive mais dôr de cabeça e ás 10 horas comecei a escrever com certo prazer.

Oh! nossa maravilhosa e dolorosa vida! Fiz uma meditação sobre a lingua portugueza no Brasil e cheguei ao resultado que essa desordem em que estamos é um encanto, porque é um signal de esforço, de energia, de aspiração e que o genio poderá se manifestar com mais liberdade e "procurar" attingir a perfeição... Logo que esta é attingida é que começa a decadencia do genio literario, ou pelo menos de uma manifestação da arte e da literatura. A esculptura grega chegou á perfeição com Phidias, no Parthenon. Depois ella se fixou. Praxiteles nada creou de novo, apenas repetiu e aprimorou a "mesma" belleza já encontrada. A poesia franceza chegou á perfeição na fôrma raciniana. Depois de Racine, nada de novo, de sublime, como originalidade. O proprio genio de Victor Hugo se move dentro da fôrma de Racine e quando não o faz, elle é inferior ao modelo supremo. Transportando estas observações á literatura brasileira eu noto que a nossa desordem é um bom signal, e interessante, porque ella seduz e anima ao esforço para melhor, para a perfeição. Esta está longe de ser attingida felizmente.

Vê a literatura portugueza. Chegou ao maximo em Camões e ha mais de trezentos annos que morre. Que

diferença entre as duas linguas, a de Portugal e a do Brasil! Esta inferior, tola, incipiente, barbara, é viva, a outra formal, feita, regular, é mortal

Está em que trabalhei, amor. Escrevi alguma coisa interessante para esse livro que é pelo menos vadio, livre, sem ser paradoxal.

Ah! como eu suspiro e como eu aspiro por trabalhar junto de ti! Como seria bello, delicioso, sublime! Porque tu és a minha "creação", tu és genial, e tu sentes o Universo, e o teu inconsciente é divino. O que tu me dizes sobre Parsifal é inexcedível e escripto de um impeto, no calor de uma inspiração que só é dada aos seres superiores e privilegiados como tu. Uma das manifestações literarias do teu espirito que me encanta é que tu não dizes o "logar commum", a phrase feita, tu não repetes. Tu és creadora e tu dizes o que tu sentes, o que tu vives! Isto é rarissimo.

Tu não notas que os francezes são excellentes escriptores do "logar commum?" Vê tu os livros francezes, os discursos. Sempre "a chapa" E os que imitam os francezes acabam perdendo a originalidade e a força. Acabam fazendo espirito, que é um signal de "inferioridade". Fica-se gracioso, amavel, mas isso já é decadencia, amollecimento cerebral. E como o "sul-americano" é fraco deante da cultura europea e sobretudo franceza. Abaixa-se e rebaixa-se. Onde o sol, o sangue, o calor, a atmosphaera ardente em seus escriptos?... Oh! não, amor meu, tu és grande. Tu modificaste o teu espirito, tu entraste na alta cultura, mas tu te engrandeceste, e o que tu "viste", o que tu te adquiriste só serviu para te exaltar o espirito, para te alargar a intelligencia para te dar maior personalidade. E que orgulho eu tenho no sublime vôo do teu espirito! Eu sei que eu te

dei a revelação suprema. Eu te criei á minha imagem. Tu és a minha creatura, o meu proprio ser na forma feminina e se eu não te fecundei as tuas adoradas entranhas, hélas! eu te fecundei o espirito, e tu foste e tu és eternamente, gloriosamente a "mulher". "Seja feita a vontade de Deus, meu Creador!"

Oh! mystica e sublime concepção do espirito da Amante! Oh! União sobrenatural do Amante e da Amante na Carne e no Espirito! Oh! eternidade! Paixão, Vida e Morte! Porque só o Amor é sublime e omnipotente. E o nosso amor é o nossa "destino", no que esta palavra tem de mais profundo e de mais solemne, como tu me dizes, Santa da Paixão.

E' noite aqui. Ha uma grande tranquillidade nesta cidade que é um rapido intervallo de aglomeração humana na pacifica e infinita planicie da Hollanda. Eu te tenho em mim! Eu te vejo! Eu te adoro loucamente. Tu "devias" estar aqui. A nossa communhão de volupias e de desejos seria sublime... Eu te beijaria docemente, ardentemente... Nós seriamos mudos e aconchegados nesta tarde que morre humida e triste e entra no grande mysterio... Mas tu estás tão longe... tão longe... A noite sim vem proxima... Tudo é muito triste aqui... O meu saudoso e inconsolavel coração te deseja, a minha alma soffrega, torturada, te busca... O céu está muito pallido... Ha a luz morta da lua que se annuncia... Nos meus olhos as lagrimas inquietas me impedem de admirar as primeiras e longinquas estrellas que vêm vindo...



*(Haya para Paris)**Haya, 13 de março de 1914.*

Amor! Idolatrada! Estou muitissimo preocupado sobre o teu estado, Amor meu. Assim me improviso teu medico. E tu vaes me obedecer se houver necessidade de um tratamento serio. Em ti, como em mim, é preciso dar toda a attenção ao estado nervoso. Muitos symptomas podem surgir apenas de passagem devido ao sofrimento moral determinando uma depressão do organismo.

Tu debes repousar o mais possivel, visto a agitação a que tu és obrigada pelas fataes circumstancias da nossa pobre e admiravel vida. Assim tu fazes imprudencia em sahir muito para o theatro, é sempre a fadiga nocturna a mais inconveniente de todas, porque a fadiga do dia aspira pelo repouso da noite.

Como eu estou te censurando! Não, Amor, é apenas a preocupação com a tua saude, porque nella como em teu amor está o milagre da minha propria vida. E eu te falo com a maior doçurã e com o mais profundo carinho. Eu sei que tu sães pouco, o menos possivel, mas tu mesmo reconhecerás o bem "relativo" que terás de uma noite tranquillã, salvo quando é uma noite gloriosa com a de Parsifal.

Hontem depois que te escrevi voltei ao hotel, tendo passado antes por umas livrarias. Jantei no restaurant. Não havia ninguem. Ouvi do meu canto um pouco de musica de Beethoven e quando a orchestra passou a tocar as odiosas valsas langurosas... recolhi-me ao meu quarto. Li, e como sempre pensei, scismei docemente, tristemente, mas nada escrevi. E me estranhei muito não

ter partido ao teu encontro. Porque? Fiz mal? fiz bem?... Oh! esse Arminio! é um excellente secretario, mas coma elle me prende! E assim, meu Anjo, minha Santa idolatrada, ainda temos de passar uma semana separados.

Sabes?... Penso em ir "dormir" na sexta-feira em nassa ninho. Assim te terei na tarde de sexta, na "manhã" de sabbado, e na tarde de sabbado! Que dizes?... Posso facilmente fazer isto, porque diria aqui que quebraria a viagem em caminho e só estaria em Paris na sabbado. Seria um grande bem para mim. Estaria contigo com toda a calma, muito em nasso extase, e supportaria o domingo longe de ti, depois de sermas assim gloriosamente unidos e divinos.

Interessou-me muito o que me disseste do telegrama do Laura aa Olyntho.

Nãa temo nada, mas comprehenda que é preciso prudencia, principalmente quando me preparo para me libertar de tudo isso.

Fiz bem em avisar que usaria das minhas ferias em abril. Quando as meninas entram em ferias de Paschaa?

A minha demara em Paris será até o dia 1.º, porque no dia 2 tenha um jantar na legação de França. E como eu tinha de vir por poucos dias aqui em principios de abril, acceitei esse jantar, tendo já recusado dois a esse meu collega.

A megera nãa virá mais a nãa ser talvez na verão, se até lá eu não houver requerido a aposentadoria.

Eu só aspiro ao maior silencio, a viver no extase do meu amor, viver contigo, eternamente contigo, oh! minha alma musical! minha saudade! Nada mais quera.

Escreverei sim, porque o meu amor precisa de cantar o seu idolo! E tu serás immortal! Porem o resto está acabado.



Emquanto eu precisei de fazer um nome na Europa, movi-me. Enquanto eu precisei de justificar e explicar a minha presença em Paris, fiz o esforço que tu sabes. Foram ingratos no Brasil. Tudo ahi se confunde. Pois bem, serei solitario e grande no meu amor e no meu isolamento.

Não pensas que procedo bem? E' tempo de mudar de attitude. E' tempo de me recolher. A gloria, se esta me vier, será dos meus livros, e não das minhas relações. Estas servem para encaminhar e para aquelles fins que te disse. Mas hoje está tudo mudado, e cada vez mais se possivel\* viverei no profundo mysterio da minha paixão incomparavel, viverei por ti, Adorada! e tu me darás sempre o extase, a paixão, o deslumbramento, a magia, o encanto e o esquecimento. Amor, Amor, que mysterio! que doçura! Oh! minha Nazareth immortal, minha Paixão! tu és minha, tu és a eternidade da minha vida!

São mais de tres horas. Vou levar esta ao correio. Vou depois á legação, onde ha um pouco o que fazer. Tu debes estar me escrevendo! Oh! Amor! que profunda e invencivel saudade! Vem! Vem! Eu te chamo... eu te quero! eu morro longe de ti... Não. Eu viverei por ti, Idolatrada! Eu te adoro, eu te beijo loucamente. Adoração! Adoração!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 14 de março de 1914.*

Sabbado, 2,30.

Minha divina Amante incomparavel e idolatrada e desejada do meu sangue, da minha alma! Minha arden-

te e apaixonada Petite Chose, eu te tomo nos meus braços, aperto-te muito ao meu corpo e te quero, te quero... O martyrio da ausencia já é demais! Eu pensei ter forças para me resignar e esperar a pesada passagem desses interminaveis dias... Não! Soffro muito, excessivamente, e foi uma loucura minha tão ter voado ante-hontem aos teus desejados e desejosos braços... Oh! volupia do pensamento, oh! delicia, oh! tortural! Eu sei que terias me dado apenas alguns instantes, pois a nova doença em casa te impediria de ficar commigo como "nós precisamos". Amor meu! Emfim o facto é que constinuamos separados e só sexta-feira teremos o deslumbramento dos nossos beijos e das nossas caricias!...

Como dormi mal esta noite, li até tarde, e já ás 6 horas estava sem somno e me puz a ler a obra de um critico dinamarquez sobre Nietzsche.

Não vejo ninguem absolutamente. Apenas "falo" quando estou na legação, umas duas horas. Gasto muito desse regimen do silencio. Vivo com o meu fiel e profundo pensamento em ti, idolatrada! e scismo, e vem-me idéas, tomo notas, e como eu imagino a tua divina presença ao meu lado eternamente e como tu não me deixas mesmo em sonhos!... E um ardente, intenso, devorador desejo me agita, me "exalta"... Compreendes?...

Oh! Como eu te adoro, como eu te quero e como eu morro na tua volupia, na tua louca paixão sublime!

Tu soffres, Amor, de todos os lados e eu tenha uma piedade indizível de te ver angustiada. Além de tudo o que é essencial, tens agora a preocupação da doença de Candida, que não te dá cuidados, eu sei, mas que te tira a liberdade.

E tiveste a inquietação da minha carta que, acabando de modo extranho, te fez suppor com razão um no-

vo, extravio de uma parte. Fui culpado. Quando ia fechando a carta quiz ainda terminar como de costume, mas como eu já tinha no periodo antes do fim te beijado com toda a minha paixão, pensei que verias que a nota sobre a noite que me ia envolvendo era como um "post-scriptum" um estado da minha alma que me desamparava n'aquelle momento. E vejo que te inquietaste. E tens razão. E' preciso sempre desconfiar das distracções, e eu mesmo faço muita attenção a mim. O meu telegramma terá te dado tranquillidade. Não ha nada extraviado, nada mandado por descuido, e eu só escrevo a outros, depois que a tua carta está fechada e quasi sempre já no correio. E ainda mais, as tuas cartas são as "unicas" que eu mesmo levo ao correio. E' uma regra absoluta que me impuz. As outras cartas são entregues ou aqui no hotel ou na legação. Estou experiente. Não acreditas? Amor, sempre inquieta!

No meu telegramma passado ás pressas, e com uma economia de palavras que me envergonha (imagina que eu tinha muito pouco dinheiro hollandez commigo, apenas o necessario...) não te disse que fiquei mais alliviado com as noticias que me dáas da tua saude.

Minha radiante Belleza! Será possivel?... Minha Santa idolatrada! Porque não?...

Se nós tivessesmos um filho não seria elle admiravel e sublime? Eu me alegro profundamente com este pensamento e eu sei que seria uma tragedia, mas seria a belleza da nossa paixão... Ainda ante-hontem eu lamentava que as "tuas adoradas entranhas" não tivessem ainda sido fecundadas pelo nosso amor!... Vês que eu aceito radiante a fatalidade! E tu sabes que sou teu na vida e para a morte. Mas não será um sonho vão, e a esta hora tudo se tenha desfeito? Quantas

vezes tu já desejaste essa flor da nossa paixão! E quantas vezes já tememos esse filho do nosso Amor!

Como tudo é triste mesmo na grandeza de nossas almas! Ainda não te falei da bolsa que deste a Elisa. E' bella demais! Eu sei do imenso prazer que lhe fazes, e da alegria do teu incomparavel coração. Mas se "nós" estamos tão pobres!

E agora me faz pena saber que "andas" de "métrô", ou foi só uma vez? O "métrô" é a promiscuidade, e eu te quero no esplendido isolamento... Para que guardas esses pobres trinta francos ahi na gaveta? Tu sabes, o que é meu é teu, nós somos "um" e eu acho que tu debes praticar absolutamente commigo essa regra. Nós já somos ligados, unidos, e assim seria ainda a expressão da nossa inteira e immortal communhão em tudo, em tudo!

Neste instante sou interrompido por um telegramma não assignado, mas que deve ser de Themistocles ou da megera, dizendo que o meu retrato foi recusado no "Salon". Porque? Não comprehendo. Achariam muito grande? Seria porque tiveram de aceitar outro grande quadro do Vasquez-Dias, e não quizeram dar tanto espaço a um joven pintor? Nada sei, e francamente não me entristeço senão por causa do pobre pintor, que fez aquella obra com tanto enthusiasmo, com tanto desinteresse. Pessoalmente, não me importo. Estou n'um momento de uma grande indiferença, de uma grande renuncia. Só ha uma verdadeira alegria na vida, a do Amor! Eu te admiro de joelhos, ardente e transfigurado. Beijos, beijos! Adoração.



*(Haya para Paris)*

*Haya, 15 de março de 1914.*

**Domingo, 4,30.**

Meu divino Amor, minha Adorada e sublime Amante, minha doce vida eterna, tua carta de hontem me deu o supremo encanto de te sentir radiante, deslumbrada com a surpresa das flores!

Oh! saber que a minha Coisinha idolatrada se alegrou, que por alguns instantes lhe veiu a paz, o extase! que a belleza e o Amor lhe deram o esquecimento de tanto martyrio, oh! que esperanza tambem em mim!

Como a tua alma é musical, Amor! Como ha uma inquebrantavel harmonia entre os teus pensamentos, os teus sentimentos e as tuas expressões... e que risos de melodia nessas sensações e nessas lindas e doces phrases!... Eu te adoro, eu te canto! e tu és immortal e transcendental!

Não é só o que tu queres ser que me delicia e me transporta, é mais ainda, é o teu inconsciente, o teu mysterio, o que tu não sabes, tudo que é indefinido e tão profundo na personalidade humana, a "essencia" que é sublime e rarissima, incomparavel! E que vida extraordinaria a tua, não sómente o que deixas de fazer, não sómente a vida externa, mas a vida intima, a vida intensa, secreta, de cada um de nós, a nossa propria formação, essa elevação perpetua em que tu vives, essa divina e ardente chamma em que te apuras sempre e sempre, a aspiração e a realização suprema de todo o teu ser! E se eu pudesse te contemplar sem a minha paixão, como se estuda a vida, a alma de

uma Santa, de uma grande figura humana vista ha seculos de distancia, ah! que admiração eu teria pela alma dessa Santa, dessa heraina da Amar, que é como dace e paderasa luz no sombrio e longo espaço dos tempos innumeraveis... luz que atráe as almas e que seria a própria luz do Ideal de toda a gloria, de toda a purificação, de toda o martyria e que nós buscamos attingir nos vencenda a nós mesmas!...

Oh! os santas! as heráes! as deuses! sãa como as estrellas na grande noite dos soffrimentos!...

Mas eu não te admiro só, não te contemplo, eu te ama! tu és a carne da minha carne, a sangue do meu sangue... e a amar é isto, é a unidade absoluta, a dace e profunda e eterna communhão na ideal, no extase, na valupia, a separação sexual para a fusão sexual! a espirito masculina e a espirito feminina, o mysterio insandavel e sempre revelada, a marte e a vida nas "olhos" que se abysmam uns nos outros, os contactas secretas e indefiniveis, a pallidez da desejo, a attracção perpetua das duas "essencias!...

Oh! Paixão, como tu me daminas, e como eu sou teu, e como eu não te possa exprimir!... Tu és sem nome! Tu és o Mysterio e o Conhecimento absolutos! Tu és a farça universal, tu és a extase, a encanto, o deliria, a exaltação, a vida e a marte! Tu me revelaste, oh! Paixão creadora, eu te sinto, mas eu não te posso explicar, oh! Mysteriosa!

Meu Amor, meu Amar, que transparte na alma e no sangue da teu Amante neste instante de silencio e de evacação!

Como eu te quizera ao meu lado, sempre e eternamente, e nestes sagrados momentos como eu viveria em teu caração maravilhoso e as teus cabellos, como a

doce e eterna vegetação da Terra, me acariciariam... e as tuas mãosinhas me abrasariam e me dariam a suprema calma, e a luz dos teus olhos, como duas estrelas, velariam o somno, o esquecimento do teu Amante na doçura do teu corpo!

Sim, Amor. Ahi estarei na sexta-feira á tarde, e dormirei muito feliz em nosso recanto, nesse leito da nossa Paixão.

E quando, hélas! estiveres longe de mim, toda a tua essencia sobrenatural estará commigo!

Ahi combinaremos o que devemos fazer durante as ferias das meninas. Eu creio que só tomarei as minhas ferias "ostensivas" depois de 20 de abril, ficando todo o mez de maio claramente em Paris. Mas que vida recolhida e bella vou levar dessa vez!

Espero anciosamente uma carta tua amanhã, escripta da tua solidão, oh! meu Amor, como eu te adoro! e a esperança de te ver, de acabar esta semana em teus braços me conforta de novo.

Quero ver se trabalho bastante neste bom estado de espirito em que vou agora.

Hoje sahi um pouco pela manhã. Andei, andei... Havia um vento terrivel que judiava com tudo, com as nuvens, com as arvores, com a terra e com as gentes. E uma luz extraordinaria! Depois agora, veiu a chuva e tudo morreu tristemente...

O Arminio veiu aqui depois do almoço.

Foi-se, felizmente. Hoje não verei mais ninguem. Janto aqui no salão e trabalharei um pouco. Não vou ao restaurant porque prefiro o meu recolhimento e hoje domingo, burguezmente, muita gente dessa provinciana sociedade se diverte vindo jantar no Hotel des Indes...

Imagino a tua tarde hoje. A megera terá apparecido?! Mulher endiabrada! E minha mãe, e Elisa? Que prazer lhe deste!

Ao menos eu me consolo sabendo que estás cerca da das minhas flores, que pensas profundamente, apaixonadamente em teu Amante, e que tu sabes que penso em ti e só em ti, sem cessar, e que tu és a meu Paraiso, a minha alma musical, a minha alegria. Eu te beijo loucamente . . . . .

Adoração! Adoração!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 16 de março de 1914.*

Segunda-feira, 12,3/4.

Minha divina Musica! Minha alma sublime, minha Amante incomparavel, minha suprema Delicia, estou arrebataado para as regiões as mais altas, as mais bellas, as mais puras e as mais azues pelo teu mavioso canto de paixão, por essa melodia infinita e dulcissima, que vem da tua alma de anjo, de tua paixão transcendental e que eu recebi neste momento... Oh! Musica da alma! ah! poesia de amor!

E todo o teu Ser vibrante, e toda a tua belleza maravilhosa, toda a teu pensamento, todo o teu desejo nesse hymno, nesse vôo pelos espaços buscando o Amante idalatrado! ah! Divina, oh! Doce, oh! Sublime!



eu te adoro, e coma um thuribulo, minha alma desprende brandamente toda a sua pura essencia deante da tua santa imagem, ou cama um ciria eu me consuma de paixãa e de extase deante de ti, ah! Santa immaculada, ah! Amar!

A tua maravilhasa carta fez do meu coraçãa um jardim de flores azues... E tudo é meiga, é bam, é infinita e luminasa dentro da minha alma... E tu, unica e divina, és a mysteriasa dana desse jardim, és a anja dessa alma. Oh! Santa, a minha vida é o nassa amor! E não ha outra alegria maior da que a de amar, talvez a não ser da paixãa recipraca, do amar-um, da unidade absoluta... Sim, é ista. E' a farça absoluta, a razãa de ser, de existir.

Tirem-nas par um instante, a idéa apenas, de não amar e de nãa ser amada, e cama tuda está acabada, marto, na miseria, na frio da alma, na eterna silencio...

Emquanto que a Amar! oh! a Amor! O Amar és tu, minha divina Nazareth! Sá tu és a paixãa, a gloria, o extase da amar! e só tu és a incamparavel mulher que fez da amar a sua vida, e que sente e exprime maravilhasamente esse amar que tu vives!... Cama tudo te é inferiar a este respeito!...

Eu nãa fala de mim, porque eu sei camo eu te ama, mas só tu poderás dizer e sentir se a meu amar tem a magnifica beleza e a sublimidade que tu aspiras... Sim, sim, a nassa amar é um, e nós samas a unidade absoluta na extase e na paixãa.

2 horas, (depaís do almoço, continua)

E nós somos inseparaveis na vida e na marte, e porque nas separamas mesma na idéa e na camparação?...

Eu tenho em ti toda a minha vida, e apesar de todas as infelicidades que nos veem da vida, o nosso amor é a suprema alegria, a gloria, a irradiação dos nossos corpos e a de nossas almas.

E ahi é que está a sua força indomavel que tudo vence, mesmo a dôr, o desespero, e alimenta a eterna esperança!

Amor! tu és a minha doçura infinita, ma Petite Chose adorée... e eu te beijarei, te beijarei e te darei a consolação, a felicidade suprema ao teu desejado e maravilhoso corpo idolatrado!... Imagina como eu não penso em nosso proximo e longinquo encontro! Tudo em mim é a divina allucinação do desejo, da volupia e da paixão...

Oh! como é difficil esperar!... Mas esperemos... e que esses impetos de volupia se acalmem por um momento em mim para te poder escrever...

Vá... depois de um instante de repouso...

Não podes mesmo imaginar como me encanta saber toda a tua vida, tão bella, tão pura, tão extraordinaria. E tu n'um traço dizes tudo, de um modo definitivo e admiravel. Tu não és sómente um grande poeta de coração e imaginação, tu és um magnifico escriptor pela vivacidade da expressão, pela evocação, pela vida que dás a tudo que tocas... E eu vejo tudo, factos, quadros, conversas, pessoas, e a tua maravilhosa presença acompanhando e commentando com espirito, com energia, com a superioridade de creador, que tudo domina.

Como tu defines as pessoas! — Eu vejo "O." na sua imbecilidade, nas suas perpetuas "furias" a se mal-dizer e inquieto, indeciso, n'um continuo arrependimento de mil tolices que faz... eu vejo a megera com a sua

alma negra e feroz, louca, hysterica, passeiando a sua molestia... e esse miseravel idiota "X", tudo e todos, e é um refinado goso, um encanto, meu Amor!... E o resto, o resto?... o que é poesia, sentimento, elevação, a tua alma sublime, a tua paixão immortal! como tu sabes exprimir e como eu te admiro...

Mos deixa que eu tenha o orgulho supremo de te dizer que tu és minha, minha discipula, minha Amante divina!

Hontem, Adorada, logo que terminei a minha corto fui ao correio. Chovia muito, mas eu prefiro ir eu mesmo do que mandar pôr pelos creados, ou aqui na caixa do hotel.

Voltei e não sahi mais do meu apartamento. Foi ainda a grande e fecunda solidão.

Tu és a minha eterna e doce companheiro! mesmo nos trobalhos que poderiam "porecer" mais extranhos ao omor, tu estás presente e tu me inspiros e me guias, sublime Adorada!

Deitei-me cedo e dormi bastonte. Como te disse, recupero a minha saude e tu me terás "forte" e vibrante. Tambem te quero ardente, voluptuoso, extraordinaria... Eu te adoro tanto! e tu és tão bella! sublime e maravilhosos!...

Tu me escreverás até quarta-feira, dia do tal boile do "Ideal", e na quinta (se poderes) telegrapha-me dizendo se tudo vae bem. Como está decidido, durmo "ahi" em "nossa" casa no noite de sexta-feira. Oh! gloriosa torde em teus braços apaixonados!

E na monhã de sobbado... e á tarde... Sejomos bellos, divinos e heroicos!

Eu te beijo loucamente, minha bocca em tua bocca,  
meus braços te enlaçando e te apertando ao meu corpo  
exaltado!

Adoração! Eternidade! Paixão!  
Para a vida e para a morte. Amor!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 17 de março de 1914.*

Terça-feira, 5 horas.

Minha idolatrada Petite Chose adorée, minha vida eterna, meu tudo e minha pobre e sublime Amante! que infinita saudade e que desespero de te ver assim nesta angustia e eu longe, terrivelmente longe, sem te poder consolar, sem te beijar, beijar, e te fazer sorrir um instante sequer em nossa imensa tragedia! Como eu me desespero! e como eu devo ser forte e heroico neste momento em que tu, oh! minha doce e eterna vida, te abates e soffres!...

Em tudo tu és unica e incomparavel, seja no sonho que passou, nos instantes de illusão, seja na agonia suprema! e eu te adoro loucamente, e a minha vida é a tua vida e sem ti eu não viverei. Tu sabes! e esse pensamento me dá uma soberana força.

Amor! Amor! Agora deixa que te tome nos meus braços amantes, que te beije a cabecinha ardente, que te acaricie docemente, que te veja bem pequenina, um

ngdinha de gente, e uma immensidade de paixão! E assim eu te falo e tu me ouves. Sim, doce Amor, minha divina Amante! meu paraíso? Ouve. Esta manhã, ás 7,30, fui chamado pelo porteiro que me deu o teu telegramma. Imagina o meu espanto! e o meu aborrecimento, porque o telegramma fora expedido hontem ás 4,53 da tarde, chegou á Haya ás 3 da madrugada e só fora entregue no hotel ás 7 da manhã! E por ahí tu vêes que não pude responder hontem mesmo. Immediatamente mandei-te a minha resposta te tranquillizando e espero que ella tenha chegado a tempo para te dar alguma coragem, Amor.

Pude te responder com certa tranquillidade e muita segurança. A carta de domingo foi posta por "mim mesmo" no correio. Aqui o domingo é um dia terrivel, como em geral nos paizes protestantes. O correio se fecha ao meio-dia e trinta. As cartas são postas pelo lado de fóra e com a preguiça desta gente, o serviço não se faz regularmente. Imagina que os jornaes de Paris chegados á tarde, ás 2,52, só são distribuidos no dia seguinte. Um inferno! e que me desespera porque te causou tão grande abalo.

Pela minha carta de hontem tu viste que eu sempre vou pessoalmente ao correio. Espero que a carta atrasada tenha te chegado ás mãos. E tu viste em que encanto de amor, em que serenidade de espirito eu escrevi á minha adorada Petite Chose!

Em todo o caso, fiquei inquieto esperando a tua carta, e esta me fez uma immensa e indefinivel tristeza! Senti de novo um grande desanimo, vendo-te soffrer tanto e como que a nossa tragedia se precipitando.

Mas precisamos de toda a nossa coragem para reflectir, meu anjo idolatrado. Como a nossa situação é dolorosa e difficil, e a razão principal neste momento é

a nossa pobreza! Eu comprehenda e sinta a gravidade da que se está passando e nos espera. Tu sabes que sou teu, glariosamente, apaixonadamente teu, e que "par fórma alguma" eu admitta sequer a idéa de nos separarmos. Não. Não. Tu deves continuar silenciosa deante das ameaças e dos projectos de "O." E que desespero eu tenha de não te poder libertar desse verdadeira martyria, em que tu te debates, minha Santa idolatrada e mais que vida minha!

Ainda conversaremos e talvez juntos, bem unidos, como em dia de paixão, de desgraça, de naufragio, mas com a esperança na alma, nós encontraremos a salvação. Oh! o consola, nós o teremos em nassa paixão immortal, em nassa volupia infinita, em nossos extases supremas!

Ahi estarei sexta-feira á tarde. Sorri ao teu Amante ardente e extasiada.

Escrevi a "O." sobre a marte da Calmette que muito me penalizou. Perco uma sympathia. Que furar anda no cerebra dos políticos francezes! E que mulheres! Aproveito para fazer uma lição á megera, mostrando-lhe a que póde levar o adio. E ella não te foi ver! que ordinaria! que roncorosa! Mas tu és uma verdadeira santa! um anja! a Paixão! Oh! coma eu te adara! e como eu te sinta minha, eternamente minha! Eu te venera, Amor e eu te admiro!

Vou levar esta ao correia e pela terceira vez vou ver se já chegou telegramma teu em respasta do meu segunda. Se houver telegramma teu, responde do correio.

Hoje tenha a massada do jantar do belga Fallon.

Beijos, beijas. Para a vida e para a morte. Eternidade. Paixão. Adoração!

Sãa 6,30. Nada encantrei na carreia. Valtarei ás 7. Talvez nãa tenhas tarnada ao nosso saudaso ninha? Amar eterno.



*(Haya para Paris)*

*Haya, 18 de março de 1914.*

Quarta-feira, 2,30.

Meu divino Amar! minha Amante sublime e idolatrada, minha vida eterna e maravilhosa, que martyria o teu, o nossa amor!

A tua carta de hontem me fez uma pena immensa, infinita, porque veja que nãa tens sacega, que continuas sempre e sempre attribulada com mil caisas e sempre com a daença das meninas.

Eu veja par tua carta quanta estás atardaada e como tu saffres! Esta nassa separaçãa é insupportavel e eu hoje me arrependa de ter ficado aqui, deixando-te desamparada ahi, minha Petite Chase adorada! Que queres? Nãs cambinamos assim, era precisa "mascarar" a situação, que se desenhau um mamenta tãa tragica! Lembras-te? Mas confia na minha ardente, profunda, immortal e martal paixãa. Tu sabes que eu sou teu, e quando tu queres que eu sarria, eu sorria... Eu quera que tu sejas amparada pela farça do nosso amor, que só a idéa de que tu és na Universo o ser mais amado, e amada coma tu és, te dê o allivio, o enthusiasma, a vida! Eu nãa desanimarei mais e se par acasa me vier

da funda das cousas, da fatalidade, uma grande dôr, eu a matarei, tu nãa a verás, e mesma para morrer par ti, par nós, eu serei alegre e descuidada.

Espero hoje o telegramma que prametteste. Hontem eu te pedi que me telegraphasses, não a fizeste. Parque?

E tu viste pela minha carta chegada ahi hoje quantas vezes fui inutilmente aa carreio receber esse telegramma tãa desejada para a minha tranquillidade. Eu creio que fai a pressa em que estavas que nãa te fez prestar attentção aa meu pedido. Imagina que haje a tua carta chegou cam atrazo, e precisei reclamal-a para a pracurarem. Assim a tive á 1,30. Já te disse que vou infallivelmente na sexta-feira, cheganda ás 5,1/4. Mandei-te as flares que gostas, Amor, e as terás amanhã. Eu quizera te envolver a existencia só de carinhos, de bondade, de encantos. E saffro não poder realizar essa suprema aspiração da meu amor! Porque, um ser camo tu, soffre? Nãa é um harrar a injustiça da vida?

A proposita de injustiça, sinta na tua carta que soffreste par "algumas expressões affectuasas" em carta minha á megera! Oh! meu doce e infinita Amor! Como eu desejaria que tu tivesses lido toda essa carta, todas as minhas cartas a "ella!" Tu verias que apezar das circumstancias eu sou prafundamente sincero ao nasso amor! Na minha carrespondencia cam a megera, eu sou severo em geral, e sempre aproveito para mostrar-lhe a vida infeliz que ella me fez. Essa carta (nãa me lembro bem de que assumpto tratei) devia ser sobre a minha ida a Paris, para ande ella me chama por causa do tal cacete quadra que "só me interessa" pela sympathy e pena que me inspira o pintor. As palavras: "beijas", nãa têm impartancia (e que beijos são?! ) e são sempre dirigidas tambem a Themistocles, e vêm do



habito, que não posso sem ella extranhar alterar; "teu do coração," isso eu escrevo a quasi todos os meus amigos, a Enéas, Bandeira, a "O." também, é uma formula machinal, um pouco franceza, "à toi de coeur", como me diz sempre o Ferrero.

Não, meu divino Amor! Não, tu não tens o direito de mesmo no mais remoto cantinho de tua alma divina, de qualquer sombra de uma tristeza por isso que devemos considerar uma banalidade na correspondencia, principalmente quando se tem o tom affectuoso como eu me habituei, e vou perdendo.

Ah! se tu leses essa carta inteiramente, e a outra posterior, tu verias bem a amargura, a desillusão da minha vida em companhia de tal mulher! Tu comprehendes que eu seria "profundamente infeliz" se eu pensasse que tu, por um instante, duvidas da minha inteira sinceridade, da grandeza, do absoluto da minha incomparavel paixão. Oh! Santa idolatrada! não faças esse mal a nós! e não "penses", não "penses" com tristeza do que não existe e que não podia, não "devia" dar-te "une souffrance atroce" ao teu "pobre" coração "quebrado" e a tua alma "dolorida", como tu, nos mais dolorosos e tristes accents do teu mavioso e apaixonado coração me dizes. E por isso também me escreveste abatida, morta! Ah! eu te comprehendo, Amor meu, tu és a minha propria carne, o sangue do meu sangue, a alma da minha alma! Tu és minha, nós somos um, gloriosamente, divinamente um! Eu te quero repousada, vibrante, docemente amante e ardente. Nós precisamos de uns dias ao menos, de eternidade, de delirio, de descanso de tanto soffrer! de paixão e de voluptia suprema! Tu verás como o teu Amante vae para os teus braços. E elle te quer como tu és sempre, e como tu lhe prometteste ser, oh! Immortal! Belleza allucinadora!

seducção eterna e sublime! ah! Amante! nome que tudo evoca, o que ha de terna, de absoluto, de paixão, de vida, de valupia e de morte! Amante! Amante!

Daçura, meiguice, sanha, realidade absoluta, a Unidade de duas almas, a união maravilhosa dos nossos carpas... Coma elles se unem... e como elles se desejam!... Petite Chase adorée, pequenina e eterna, divina e immortal, eu morra de paixão por ti! Eu te beijo e como a minha paixão é tuda, é o Universo! E' tudo, é tudo! Amor! Amor!

Ainda te escrevo hoje mais tarde. Coma eu vibro cam a idéa de te ver! Eternidade.



*(Haya para Paris)*

*Haya. 1 de abril de 1914.*

Quarta-feira, 6 da tarde.

Meu divino Amor! Minha sublime e tão idolatrada Amante, minha radiante Belleza! Já esta manhã te mandei dois recados da minha saudade infinita e da minha paixão! A tua cartinha foi um bello acto "heroico", porque eu imagino perfeitamente todas as difficuldades ahi nesse dia de saffrimento, de cuidados e por ella eu te recanheça sempre a extraordinaria e incomparavel Amante que tu és, que vem aa teu adorado, e que sabe nãa haver para elle outra alegria, outra consolação na vida, senãa as que vêm de tua alma e do teu coração e das tuas caricias. Oh! como eu te beijo! com que vene-

ração e com que fremito e com que desejo! O nosso amor é assim, o mais idealista e o mais realista! E' a Paixão! e essa divina mistura é que o torna unico e immortal e poderoso. No amor, a nossa alma e o nosso corpo. Tudo. A vida! E' por isso tambem que a separação é como a morte, e que a morte é o destino comum, unido, das nossas fórmulas! Oh! com que transcendente extase e ardor entranhado tu me disseste, fremente, amante, que tu eras minha, e que só eu tinha o poder sobre a tua vida, e tu, radiante, divina, mysteriosa, te glorificavas desse dom supremo, desse reconhecimento intimo de ser a cousa, a creatura de teu Amante... "E a minha vida é tua", e por isso eu a quero gloriosa, sublime e eternamente creadora e pura! Eu vivo em ti e tu em mim, e tu assistes e me acompanhas em todos os instantes...

Quando tu me deixaste ante-hontem á tarde, todo o meu corpo era divino!... Tu o havias immortalizado pelas tuas caricias... e a minha carne era a tua carne, e a minha alma a tua alma! Uma transfiguração em tudo! e naquelle eterno silencio feito de lembranças unicas e da passagem gloriosa da paixão, eu tentei te escrever ainda o meu amor como tu tiveste a surpresa de encontrar hoje. Oh! eu te adoro, te adoro!... Depois, oh! depois... (como a vida é triste e desigual!...) fui um momento ver o Fontoura, a proposito de uma questão de immigrações na Hespanha e que se repete aqui na Hollanda. D'ahi fui ver minha mãe.

Oh! como tu os encantaste! Estavam á meza: Assisti todo o jantar delles. E só falaram de ti, da tua bondade, dos teus agrados e do futuro apartamento que minha mãe, como Nuta e até Nhônhô, muito desejam. Só lamentam que neste momento tu não possas procurar alguma cousa que lhes sirva. Depois do jantar delles vim

para o meu hotel com Nuta que assistiu o meu jontar. Cansado de tanta emoção e de tanta cousa diverso só pedi silencio, e ás 10 e meia fui deitar-me.

Hontem de manhã, tratei da viagem e ás 11 e um quarto, como haviamos combinado, desci e folei pelo telephone para a tua casa. Nos falamos... Oh! o desejo louco de estar contigo mesmo isolado ainda, assim á distancia, e só pelo laço profundo do pensamento e pela confusão doce de nossas vozes... e foi mais forte do que a prudencia e assim nos falomos... Nada dissemos, Amor meu! Nada do que nos enchia a alma e o coração. Nado. Mas foi tão bom, tão extraordinario, oh! emoção da nossa commoção extranha e indefinido! Eu senti o teu peito orfar, e o tua voz traduzia o prozer, o oncio e a inquietoção! Mas não aconteceu nada de mal! Não é, Amor?

E eu vim com a tua voz divino, consoladora e reveladora! Cheguei cedo á estação. A viagem foi um longo silencio. Fazia um tempo moravilhoso, e eu vim te imaginando n'aquelle esplendor do Terrol

Quando chegou a tarde, eu senti pela primeira vez este onno o impressão do primavera... E essa sensação vinha da liberdade, do misturo da gente e da paisagem.

Nas planicies da Hollonda tudo era verde, novo, e risonhamente tranquillo. Os "villages" cheios de gente, de creanças.

Um momento, ao pôr do sol, na fresca tarde, uma doce claridade enchia o mundo, e as forças profundas da alegria triumphavam! Quando eu passei em Anvers havia ao longe o mar. O sol era aquelle braseiro, que nós vimos, Amor, no Oceano. Isso ao longe, no horizonte. Mais para cá, apenas os mastros innumerados dos navios, e a fumaça que sahia das chaminés, e como não se viam os cascos das embarcações havia o quadro de

uma faresta carbonizada, secca, em que ainda persistia teimosa a fuma da incêndia! Tal foi a paisagem da viagem e em que eu te vi, e tanta te desejei e tanta sanhei cantiga! Oh! meu Amar!

Parque estamos sempre separadas e nãa nas é dada gasar de tuda que é bella e tãa rapido... e tãa eterna! Parque ? !...

Ha um canflicta a prapasita da Palacio da Paz, ha a tal questãa de immigraçãa.

Haje amanheci e fui varias vezes aa carreia antes de te mandar a meu primeira telegramma. Depais tive a tua decidida e apaixonada e dace cartinha que me encantau. Antes já havia encammendada as tuas flores.

Já é tarde, Amar, receia perder a carreia.

Escreve-me tuda a tua vida. Beijas, beijos, beijias! Adaraçãa.

Ahi estarei daminga á naite. Beijas. Para a vida e para a "marte !..."



*(Haya para Paris)*

*Haya, 2 de abril de 1914.*

Quinta-feira, 2 horas.

Oh! minha idalatrada Santa, minha vida, minha paixão eterna e minha beleza exaltante! porque tanta safrimenta em tarna de ti? Sempre a tartura, a angustial

Já lá vão longos mezes sem socego, oh! adorada! Sempre a doença dos filhos queridos! Quanta afflicção e como isto deve te abater e fatigar! E eu admiro a tua extraordinaria resistencia, a tua bondade profunda, a tua doçura divina que não te abandona um instante e não te dá o menor movimento de revolta.

Tu és na verdade um anjo, e eu me commovo muito, em tudo o que é mais entranhado em mim, pensando em teu continuo martyrio, e em tua infatigavel meiguicel E como eu te quizera consolar com o meu ardente e immortal amor! com a minha ternura... e como eu, nessa grande angustia que nos opprime, me sinto recompensado se tu encontras em mim, no meu ser que te adora, um momento de alegria! Eu te aperto muito, muito nos meus braços e te beijo numa mistura de paixão, de veneração, de idolatria, de desejo, e de vida e de morte...

Eu acaricio docemente a tua divina cabeça, os teus fluviaes e infinitos e doces cabellos, a tua fronte soberba, beijo os teus olhos sobrenaturaes, miro longamente, perdidamente a transfiguração do teu rosto sublime, e pouso a minha bocca ardente em tua bocca fria, mortal, exangue... bocca de mil desejos, extase de paixão! Oh! eu te adoro!

Como te disse em meu telegramma de hoje, passado depois de receber a tua triste carta de hontem, eu fico inquieto por tua saude, e te recommendo vivamente que não faças esforços de escrever neste momento. Manda-me "apenas" algumas palavras do teu coração amantissimo para o meu immenso consolo, e sabbado manda-me um telegramma. Vou decididamente no domingo, e como o Arminio me acompanha irei pelo trem

da tarde, ahi chegando ás 11 da noite. Não vou sabba-  
do para evitar estar domingo inteiro com a megera e  
sem nos vermos. Segunda, ás 3,30, tu virás, Amor idola-  
trado! aos meus braços e eu te darei toda a minha  
paixão e a minha ternura. Espero que até lá a crise  
aguda da molestia tenha passado e que tudo entre no  
periodo de declinio e da calma. Oh! como tu precisas  
de repouso! Eu te sinto tão fatigada, que estou verda-  
deiramente inquieto! Creio que a presença de uma  
"garde-malade" é necessaria, e assim terás um pouco  
de descanso, mesmo na convalescença das meninas.  
Pobresinhas! Que pena me faz tanto soffrimento inutil  
e tanta doença! E como eu fico furioso e abatido de  
estar quasi privado de lhes dar um pouco de ternura, e  
da minha profunda amizade!

Oh! que megera monstruosa! Que louca perversa!  
Tu a julgas como ella merece. E tudo o que te diz é  
pretexto para não ir te ver tão cedo. Miseravel!

Gostei que minha mãe e Nuta tornassem a te pro-  
curar e se minha mãe não faz mais é por acanhamento,  
receio de te constrangir, e tambem ella iria tirar-te um  
pouco da tua tão curta liberdade.

Que te direi da minha vida aqui?!... O meu espi-  
rito e o meu coração, sabes como estão, meu Anjo!  
Hontem trabalhei muito na legação, tive uma longa  
conferencia com o ministro dos Estrangeiros e tomei uma  
attitude ousada na questão de immigração, preparando  
uma nota que será publicada hoje e amanhã, aqui, em  
Roma, em Madrid, em Berlim, emfim em todos os paizes  
de immigração e tambem no Rio.

O Lauro vae ficar um pouco surpreso. Mas é preciso  
sahirmos da attitude humilhante em que temos andado,  
soffrendo a diffamação sem um protesto, sem uma re-

plica. Mandei anunciar que algumas legações brasileiras na Europa, entre outras a da Haya tinham aconselhado ao governo brasileiro de impor medidas severas ao recebimento de immigrants para que invalidos, vadios, e ineptos, não sejam admittidos no territorio brasileiro, e depois não venham a se queixar do paiz, e reclamar a protecção das seus respectivos governos. É uma politica de "crânerie" e a immigração assim restringida, vae augmentar.

Meu pobre Amor, o que tu tens com isto?...

Tu és minha e foi uma pequena diversão ao teu espirito, e assim sabes em que me occupo, e se tu te distraiste um segundo, eu ficarei contente de te haver contado o que é tão pouco interessante e sem importancia para nós.

A' noite tive a longa visita do consul brasileiro que acaba de chegar do Brasil.

O Lauro deixa o ministerio tambem porque quer ser senador em janeiro e precisa se desincompatibilisar (que palavra comprida!) Parece com elle! Meu doce Amor, tu vês, eu brinco contigo.

Oh! que saudades das tuas caricias, do teu immorttal Amor! "Que saudade!"

Hoje é o jantar na legação da França. Não tenho a menor idéa de quem vae. Tambem que coragem a minha de ir!

Meu Anjo, meu Tudo, eu te beijo loucamente, eu te adoro, como eu te adoro! e eu quero que haja um instante de alegria em tua alma e muita paz, muita saude e calma, calma!



Tu és o minha vida eterna, o meu orgulho, a minha razão de ser! e eu te beijo com a paixão immortal que me arreбата!

Adoração! Eternidade!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 3 de abril de 1914.*

Sexto-feira, 6 e meia da tarde.

Ah! meu supremo Bem, minha vida eterna, minha sublime Amante, estou desapontado e desolado e quasi não posso te escrever! Não é mais possível estar contigo, minha Santa idolatrada, na segunda-feira. Venho da reunião do Corpo Diplomático o proposito do Polocio do Paz, como te disse. E paro resolver o conflicto foi nomeado uma commissão de quatro ministros, o do Inglaterra, da França, da Allemanha e "eu!" Tu não imaginos o que com geito fiz porã não entrar nisso. Mos houve tanto protesto, tanta exigencia dos collegas que foi "impossivel" recusar. Trato-se de um caso serio e de consequencias importantes aqui, e como os outros delegados do Corpo Diplomatico são representantes das grandes potencias como vês, trata-se de uma distincção pessoal a mim e eu não podia resistir mois do que resisti, chegando mesmo a allegar necessidade de me ausentar. Tem coragem, Amor meu. E lembro-te sempre que tu és meu Tudo, a minho olegrio unico, a minha vido, e que sem ti não vivo, e nem sou um momento fe-

liz. Conto com a tua força, oh! minha Petite Chose adorée, e escreve-me "muito, muito". Mas não te canses em excesso. Tu vês, o meu espirito está atordoado e não sei o que quero, a não ser a ti, a ti e só a ti.

Creio poder partir terça-feira, assim nos beijaremos e seremos gloriosos na quarta-feira. Como vou passar estes dias! Ah! Meu Amor! Como a vida é dura! Que horror!... Mas eu te amo loucamente e a minha Paixão é incomparavel. Beijos, beijos. Adoração.



*(Haya para Paris)*

*Haya, 4 de abril de 1914.*

Sabbado, 2 horas.

Minha vida immortal, meu Paraiso, alma de minha alma, eu te adoro! E todo o meu ser é a sublime expressão de uma perpetua adoração a ti, oh! minha Amante sobrenatural e transfigurada! Eu quizera viver assim, junto de ti eternamente... tudo o mais esquecido e a unica e profunda realidade a nossa paixão, os nossos corpos e os nossos espiritos... E assim tu imaginarás, Amor meu, como é dura e pesada a separação no amor, e como esta decepção de ficar mais alguns dias privado de teus doces affagos, de tua belleza, da tua divina paixão, é difficil de supportar. Depois que te escrevi hontem, recolhi-me muito aborrecido. A' noite veiu por alguns instantes o Arminio, e ás 10 horas eu estava deitado n'aquelle abatimento, n'aquelle desolação que

tu conheces. O que fiz? Não sei... Imaginei, pensei, dormi mol, e pela modrugodo li esse estupida livro de Anotole Fronce, "La Révolte des Anges", que é pesada, tolo e máo e secco, sem o menar encontra. Hoje de manhã não soceguei emquanto não tive o tuo carta, que busquei vorios vezes, como doce refugio para o meu carção morta de saudades e ardente de amar... Logo que o recebi mandei-te a telegromma que recebeste, ovisando-te que só hoje ás 3 haras eu possa sober quon-do acaba este incidente, pais a conferencio da ministro das Estrongeiros não fai passivel esta manhã e será d'oqui ha pouco. Que massada! que me importa a mim a Polocio da Paz, o Fundocão Cornegie, o corpo diplomotico do Hoya! São mesquinhas occidentes na vida profunda e odmirovel!

Sim, porque eu ocho que é odmirovel uma vida como a nassa sob a rythma mysteriaso e divino do amor !

A tuo cartinho me tronquillisou porque vejo tudo melharondo, e a volto do saude dos creanças, me olegra intensamente. Ah! eu amo muito, e muito as teus filhos! que hélos! deviom ser meus. Eis ahi, meu Amor, a fundo das meus sentimentos em reloção a elles. Oh! eu amo tudo que tu amos, porque ha sempre uma porticula de ti nas causas que estimos e no que admiras... eu ama o ti em todos as outras cousos! Tu vês, eu me obsarvo em teu ser!... E' o supremo e absoluta unidode no paixão... Como eu te quizero oqui cammigo nessa immensa calmo, em que a meu corocão é perturbado pela lembrança do Adoroda!

Como eu imagino uma vido comtiga, muito doce, muito intensa, no perpetuo extase, na prafundo esquecimento! E o tempo vae passanda... e oindo não nos trouxe o realisacão da sonha...

Primavera! Foi n'uma primavera que o nosso Amor se revelou definitivamente! Elle é a resurreição! E assim como a Terra renasce na primavera, por uma maravilha do Destino, as nossas almas renasceram ou mesmo nasceram na resurreição da Natureza! Tudo é um milagre em nosso amor! E a sua vida é um poema sublime de desejos, de realizações, de extases, de combates, de victorias, e nós chegamos a essa apuração suprema de nossas almas e nossos corpos, ao fogo da paixão, do martyrio e no heroismo! Que gloria!...

Da legação. 4,30. Venho da conferencia com o ministro dos Estrangeiros. A minha impressão é que posso enfim partir na terça-feira, mas só na "tarde" de segunda-feira poderei ter uma solução definitiva e telegraphar-te o que ficar decidido. Em todo o caso, como na terça estarei em viagem tu encontrarás nesse dia o meu telegramma.

Estaremos juntos, minha Santa idolatrada, na quarta-feira, ás 3 horas. Preciso muito, muito, meu Amor, que me dês pelo menos 2 longas horas! Tu prometteste hontem em tua deliciosa cartinha, e o meu coração bateu apressado, e o meu sangue alvorçou-se n'um immenso e irresistivel desejo da minha Adorada! Oh! tu que és a Belleza, a Pallidez, a Volupia, a Delicia, eu te quero como tu sabes, Petite Chose adorée.

Ha tanta cousa, tanta volupia que nós ainda devemos pedir á nossa paixão... Sim?... Amor, Amor...

Como eu sonho contigo! E como mysticamente tu és tudo: a suprema Idealidade, a Alma Musical, angelica, e o delirio, o transporte ultimo dos sentidos transfigurados!...

Fala, murmura, canta, voz de paixão, e o meu ser se abysma em ti... eternamente e como eu "quero" a tua

intangibilidade! Como eu morreria se o teu corpo não fosse só meu... meu... Porque ha segredos nelle, ha mysterios, ha delicias que eu criei e revelei, e antes a morte me arrebate, que tudo seja um doloroso e pesado silencio, do que te imaginar submettida á tortura... Para que eu falo nisto?... Para que soffrer?...

Amor divino meu, quando lerás estas palavras de paixão, de saudades e desejos?... Beijo-te loucamente e a minha vida é tua para a eternidade. Beijos! Beijos!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 5 de abril de 1914.*

Domingo, 3.30.

Minha alma musical, minha divina Amante, meu Tudo! hoje pela manhã fui ao correio pensando que por felicidade eu tivesse uma cartinha tua. Nada recebi e a falta é immensa! Eu sei que a minha demora, contra tudo o que estava combinado, foi para ti uma surpresa e vejo pela data e hora dos teus dois telegrammas de hontem, que sahiste tarde de casa, e vieste tarde ao nosso saudoso recanto. Depois, eu mesmo havia dito em uma das cartas, que no caso de me telegraphares era signal que não havias escripto. Mas que falta não ver a tua letra, não me extasiar com as tuas phrases de amor, não sentir a vibração com que escreveste e mandaste o grito da tua paixão!

Oh! como tu és creadora! As tuas palavras, os teus pensamentos, os teus sentimentos, Amor meu, criam em mim um mundo magico e sublime! todo um mundo, e eu vivo na grande belleza que tu criaste em mim! E cada dia eu subo mais e como que augmenta prodigiosamente a força do meu ser! E as tuas cartas são os écos, as expressões admiraveis do teu mysterio.

E quando eu não as tenho tudo é tristeza, desamparo e desalento. Tu vês como eu te adoro! E eu não sei mais como te cantar a minha paixão! Mas eu sei a exprimir nos teus braços e na doçura do teu amor incomparavel. E como o tempo em que nos vemos é tão curto! um instante, e tudo o que é infinito e sublime desaparece... Se nós vivessemos juntos! e se ao menos nós podessemos nos acompanhar um ou outro mais vezes!

Quanta cousa! Quanto goso da alma e dos sentidos nós teriamos ao lado do grande extase!... Tudo isto hoje é impossivel, a não ser quando nós deixarmos essa prisão social em que nos debatemos e somos torturados. Quando? Pergunto a mim mesmo. E a Esperança teimosa não me desanima!

O teu primeiro telegramma chegou depois que eu havia posto no correio a minha carta. E como eu tive uma conferencia com o ministro americano, eu o recebi sómente ás 7,30. Depois recebi no hotel o segundo telegramma (Angély). Tive a impressão de que a visita da megera te surpreendeu e não te causou nenhum grave aborrecimento, e que por este lado tu estás mais calma. Ella é varia, douda. E ás vezes eu penso como tu a poderias dominar, mas tambem desanimo porque tudo já tentaste sem resultado. Emfim, que neste momento ella não te faça mal! Oh! como tu precisas de repouso,

de socego, de paz! Pobre meu divino Amor, quanto tormento e quanta luta! A megera só me escreveu uma vez para se queixar da sorte, das suas tristezas e do seu abatimento.

O teu telegramma "Angély" foi muito bom, e eu gostei da phrase feliz, da tua invenção: "votre livre"...

Sim, tu és o meu livro mysterioso, o que ninguem escreveu, e nem escreverá igual, livro da paixão, do extase, livro sublime em que todo o Universo se reflecte, livro angelico, transcendental, poema de amor incomparavel, e ahi eu dei tudo o que tinha de bello, de grande, de magnifico, de puro, de forte, de imaginativo em meu ser! Esse livro divino é toda a Creação! E' a Belleza! E tudo o mais ao lado d'elle é pequeno. A minha grande felicidade na vida é a felicidade absoluta que ninguem teve, foi o teu amor! Por elle eu cheguei ao mais alto do meu ser, e ao maximo de extase! Por elle fui ao fundo da vida, por elle soffri, lutei e fui um Deus! E esse Amor teve o supremo dom da Creação. Porque elle é o teu creador, e elle te fez á sua imagem, á imagem do Ideal, que todos buscam, e que eu de geração em geração fui buscando até realisar em ti... Oh! minha genial e idolatrada Santa, nas tuas scismas pensa bem no milagre do nosso amor, e como elle se produziu, se revelou, como elle veiu de longe, de muito longe até o seu grande e divino momento, e tudo o que elle produziu em tua alma, na minha alma, no teu corpo e no meu corpo!

Não é sobrenatural? Um milagre?

E quando uma paixão é assim, é só a ella que se deve obedecer, porque só ella é a Verdade, a Realidade, a Unica.

O resto é mentira, mesquinhez, falsidade, morte.

Sejamos eternamente "fieis" a nós mesmos, á nossa Paixão !

Oh! tu, sempre amorosa, sempre doce, sempre meiga, sempre transfigurada, minha dulcissima Nazareth immaculada, e linda, apaixonada e idolatrada, meu Paraíso, meu divino esquecimento, minha "Fórma" maravilhosa, minha alma musical, minha saudade infinita, daqui desta longinqua solidão todo o meu ser em extase te busca através dos espaços, e n'um beijo eterno elle realisa com o teu ser a unidade absoluta e transcendental, Nazareth, Nazareth!

Escreve-me amanhã, segunda-feira, porque eu sigo na terça ás 2,30. E assim, ainda tenho a tua carta. Na quarta-feira ás 3 horas, nos teus divinos braços. Amor! Amor! Amor!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 20 de abril de 1914.*

Segunda-feira, 10 da manhã.

Minha Belleza! Minha Vida! Alma de minha alma! Venho de um bello e longo sonho contigo, Amor incomparavel!... Depois de uma madrugada de insomnia, pude dormir toda a manhã até agora, e dormi contigo! Eu te vi sempre, sempre, tu me falavas, nós riamos, nós estavamos ora deante de outros, constringidos porém



unidos e maravilhados em nosso amor, ora na paisagem ao ar livre, em viagens, e eu te vi nua, sim, minha Amante sublime, nua, no esplendor das tuas formas, em tua côr que me exalta, em tuas linhas tão puras, tão unicas, que são um milagre de resurreição da forma hellenical. E eu tive o teu extase, os teus murmúrios, a tua doçura, a tua paixão...

Manhã misteriosa de amor e sonho!... Onde estaes, horas de magia e encanto?... Tudo se foi... mas a divina recordação ficou como companheira da minha solidão, e eu agradeço o Amor, ás divindades secretas do Amor, que me deram essa maravilha e esse supremo consolo!

Na verdade não foi um singular privilegio esse lindo sonho de amor? Que meu coração poderia ambicionar de mais bello e de melhor do que a sua Adorada, mesmo na illusão?

Oh! deliciosa e sublime imagem da Idolatrada que de tão longe, deixando a sua fórmula real veiu "viver" na imaginação do seu Amante desterrado! Porque foste tu mesmo que vieste... que por um prodigio da saudade e da paixão te desencarnaste e emigraste para a minha alma, pois tão real, tão viva, tão perfeita, eu te vi!

Amor, amor! Quando chegará a hora da nossa eterna vida sem mais separação? Esperança! Esperança!

A minha partida de Paris foi um pouco precipitada, ou melhor descuidada, porque confiei nos creados, e só na estação notei que não havia trazido sobretudo! Ainda tive tempo de telephonar para o hotel... A megera já não estava. Oh! essa creatural! Ella não pode esconder a alegria de me ver partir! Agora vive me

aborrecendo com a "sua" cura em Châtel-Guyon, que deseja fazer em junho. Infernal e estúpida mulher!

Quando tu me deixaste na tarde de sabbado, vim com "O." conversando longamente. Eu sei que elle muda sempre, mas uma cousa me parece "fixa", porque é natural. Disse-me que só deixaria Paris se de todo não ganhasse algum dinheiro, porque toda a sua vontade era de ficar o mais tempo ahí e só no momento de se aposentar, conseguir a nomeação de ministro. Eu o convenci e elle concordou, de que a minha aposentadoria, portanto a minha liberdade, era "para elle" uma grande vantagem pois eu tomaria a iniciativa e a responsabilidade franca dos negocios... Estou decidido a me aposentar. Recebi ao chegar aquí carta do Rodrigo Octavio, a quem encarreguei de fazer contar o meu tempo. Elle me escreve rapidamente, porem é contrario a minha aposentadoria por eu ser muito moço e estar em situação privilegiada no corpo diplomatico. Compreendendo tudo isto, mas elle não comprehende o resto... A minha resposta foi um telegramma insistindo para que aproveite a estada do Luiz Dantas para a contagem do meu tempo. Feito isto, eu mesmo peço daqui a aposentadoria. Segundo o Rodrigo a nova lei não passa este anno, estando a Camara absorvida na politicagem. A situação do Brasil é pelo menos aborrecida neste momento. Como seria doce e divino organisarmos a nossa existencia em Paris, de uma maneira definitiva e "esquecida"... Na nossa situação, Amor, ainda o que nos convem é Paris. Eu sei os inconvenientes e as massadas de muita gente que ahí temos, e gente desagradavel. Mas ainda assim tudo nos serve de pretexto para as rapidas e immortaes horas de paixão e vida. No

Brasil seria impossível, de um modo permanente, em Londres seria difícil a ti te separares das meninas durante horas e horas e como eu poderia viver ao teu lado sem escandalo, e sem uma terrível contradição contra tudo que venho sustentando? Só Paris, e para isso preciso de toda a minha energia.

E como tu vês, eu vou seguindo o nosso rumo, inspirado pelo teu divino amor!

A minha viagem no trem, teve duas diversões inesperadas. A' hora do almoço appareceu-me o João Lopes que vinha a Bruxellas trazer um menino brasileiro para o collegio. Conversou longamente, deu-me mil novidades, e falou mal de toda a gente. Depois de Bruxellas appareceu-me o Lampreia, antigo ministro portuguez no Brasil e depois na Hollanda, que vinha á Haya ver a Rainha por occasião do anniversario da princeza, no dia 30. E esses dois cacetes me tomaram aquelle bom e costumado tempo á reflexão, e eu vi como é muito preferivel a solidão!

Aqui na estação, o Arminio, e depois no hotel mais o Alcoforado! E conversa de brasileiro: casos pessoais, vida alheia, perguntas, lamentações, pessimismo... e como diplomatas, ainda a carreira. Oh! como tu deves ter pena de mim!

Felizmente me veiu a noite e com ella a solidão, eu mesmo e tu, minha sublime Amante, e veiu esta maravilhosa manhã celebrada pela tua presença mysteriosa, "real" e divina, manhã de sonho, de extase, de saudade, e que se vae prolongando pelo dia inteiro e mesmo na noite escura ainda será a eterna, doce, clara manhã em que tu me appareceste! Resurreição! Eternidade!

5 e meia... Já fui duas vezes ao correio, e ainda não tive a teu desejado telegramma. Vim te escrever um pouco mais, pois nisto está "todo" o meu unico prazer longe de ti. Estive na legação e como acontece sempre no primeiro dia de chegada trabalhou-se muito. Mandeí um grande expediente para o Rio hoje, e é singular como eu faço render o serviço insignificante desta legação sempre em contacto com todos os assumptos da nossa vida internacional. Nisto eu sigo a regra do nosso Mestre, Goethe, a actividade de espirito, como regra de conducta. Até da questão do Mexico me pre-ocupeí telegraphando ao Domicio. Mas tudo isto é o accidente, é a expressão externa para disfarçar em certos momentos a unica força poderosa e dominadora da meu ser que é o meu Amor! E só tu, sabes o que eu sou verdadeiramente, em minha profunda natureza, simples, puro, deante dos olhos da minha idolatrada e divina Amante! E tu és a fonte dessa força, a razão de ser da minha vida. E tu me darás sempre, sempre, o extase e a inspiração! Eu preciso eternamente de te amar e de te admirar. Sem isto coma me será possível viver um minuta? E a tua Imagem será immortal, sublime, sem uma mancha, linda, maravilhosa, e que eu olhe no mais profundo do teu ser, e que eu seja perpetuamente illuminado, magestoso, unico!

Não te disse ainda a singular e agradável impressão que tive quando aquella creança te saudou pelo meu nome!

No mysterio, na sua profunda inconsciencia divinatória ella percebeu que "tu és minha!..." que o teu ser é o meu ser, e que recebeste, absorveste na volupia e na paixão! E' preciso dar importancia á linguagem dos seres muito proximo da natureza, como as creanças e

as animaes. Elles têm o segreda das causas, a instincto, e por isso elles espantam aas que não percebem e não são iniciados. Os poetas, os mysticos, sãa tambem prodigiosos porque ha nelles uma intuição inexplicavel que os guia e as inspira.

E tu és a melhor parte de mim mesmo!

Sem querer fazer um jogo de palavras, tu tens além da força indamavel e bella da Paixão, tu tens a Graça! A "graça" é a aurara, a luz suave, o encanto, a doçura, a "harmonia" perfeita, a "elevação" em tudo, nos pensamentos e nos actos, um estada de divindade, de immortalidade, de aspiração! Oh! a "graça!" Tu me comprehendes a que eu não sei explicar. E ahi tado o meu ser se extasia em ti! A "graça!" a "graça!"

E tudo é adoraçãa em mim! Na solidão eu medito, eu rememara toda a nassa divina e tragica paixão, eu sonho, eu deseja... Oh! como eu desejo a ti, meu Amor, minha idolatrada Amante, e as causas que poderiam fazer melhar e mais doce a nossa existencia e acabar cam tanta martyrio!

Conta-me a tua alma divina, canta-me as instantes da tua vida que me pertence e de que fizeste a maravilhoso dam incomparavel que fizeste.

Coma eu te sinto palpar na meu coraçãa! e como eu me abysma maravilhasamente em teu ser! Amar! Infinita e doce Amor!

6 e meia... Do correia. Encantrei a teu consaladar e tão saudoso telegramma que já me esperava algum tempo. Creio que fai expedida antes de teres recebida o meu e de passares em nossa amada recanto. Espero que tenhas encontrado aquellas "rasinhas" que deixaste sabbada. Com que anciedade nãa deseja a tua carta!

A carta da minha Amante idolatrada por quem morro e vivo. Oh! Eu te beijo, eu te beijo, e toda a minha alma, Adorada!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 22 de abril de 1914.*

Quarta-feira, 2,30.

Meu doce Amor, minha Belleza, minha vida eterna, eu te adoro e tu me fazes uma falta immensa, immensa! Hontem depois da minha abandonada carta de paixão e saudade, fui caminhando dentro dessa grande e triste luz e todo o espectaculo do dia a morrer no espasmo da belleza, ainda mais exaltou o meu espirito! E assim cheio de tua divina essencia que é a alma, a essencia do Universo, errei longo tempo.

Como te dizer os meus pensamentos? Como te dizer essa mysteriosa viagem do meu espirito, inspirada em ti? Vaguei na belleza, na luz, na côm, nas fórmãs, e fui até á unidade profunda e infinita de todas as cousas.

Tudo é um, essencialmente um, e nós somos as phantasticas aparições da essencia universal, e por isso nós devemos manter em nós a divindade maravilhosa do nosso ser! E tu me inspiras e tu vives em mim. Oh! como eu tomaria nas minhas mãos ardentes, doces e apaixonadas, o teu palpitante coração, onde a Paixão sublime móra e que é como o pendulo do rythmo da

minha vida! Ah! minha Petite Chose adorée! como eu te faço bem pequenina para te ter toda, toda, nas minhas mãos e na minha alma!

E assim fui, solitario e divino, meditando a poesia do meu amor, até que a banalidade da existencia me levasse a outro rumo. Entrei para me vestir e jantar na legação americana. Oh! estúpido destino, pobre de mim! O jantar foi como todos os mais, ou peor ainda. Fez-me mal esse esforço, porque tive febre á noite. Talvez resfriamento, talvez... eu mesmo não sei. Amanheci fatigado e pouco a pouco fui melhorando e sahi para ir ao correio (era todo o meu medo!) e acabo de almoçar no restaurant do hotel. Estou te escrevendo para te mandar eu mesmo esta, vou um momento á legação e recolho-me. Amanhã estarei bom e vou almoçar na legação da Allemanha, inteiramente entre homens. Tambem convidei a jantar amanhã, intimamente, os ministros da Allemanha, da França, da Belgica, o Lampreia e o Alcoforado. Não ha mulheres, e assim aproveito para convidar esses amaveis collegas, na ausencia da megera.

As finanças estão pessimas, mas que fazer? Ha muito tempo não convido ninguem. Convidei verbalmente, e por ahi tu vêes a sem cerimonia.

A tua doce e intensa carta de hontem me encantou muito, muito, e é o meu unico conforto e consolo neste desterro. Eu a li na rua e antes de voltar ao hotel fui comprar o livro de Melchior de Vogué, "Jean d'Agrève", que nunca li porque elle gosa de uma reputação de enfadonho. Mas a tua emoção o transforma, e assim hoje á tarde começarei a lê-lo e ahi tu me dirás o ponto sobre que queres a minha opinião. Imagina a minha curiosidade!

Jó é tempo de começares a ler o "Wilhelm Meister", depois de acabares os gregos, e esse pequeno romance "Histoire sans nom".

Oh! o teu espirito, a tua cultura, tu sobes como eu a zelo! E o que é que eu não zelo em ti?... Não és tu o minha creaturo, Aquella que eu formei, criei, o quem dei amor e vida, que é a almo do minha olma, a minha paixõo sublime, o meu corpo divino e idolotrado, o sogrado templo do Amor? Nosso destino é um só, por que os nossos octos não serão sempre inspirados pelo formidavel "consciencio" desse destino? Por que não terão elles sempre, sempre, o ideal harmonia, a realidade essencial, o suprema unidade? Amor! Amor! tu me comprehendes, e tu me adoras... O resto é silencio!

Como tu és bõo, e sempre a mesmo poro minho mãe, Nuto e os outros. Hontem á noite por telegramma vejo que minho mãe sobe da morte do irmão. Pobre do seu resignodo coração! Voe vel-a um minuto, tu és a "Graço", o bondade supremo, a tua voz é angelico... tu és a consoloção, e ella te odoro!

Não te ossustes pensando que eu estou "doente". Noda tenho. Talvez, como te disse, resfriamento (o meu sobretudo jó veiu) ou um febre de esforço nervoso. Que massodo! Mas eu sou ossim, e tu vês que estou te escrevendo, que estou de pé, e que vou sohir de novo para levar esto oo correio. Fico tronquillo.

Oh! eu se te tivesse oqui nesta solidão! ou n'uma solidão eguoll... O teu olhor me illumino e eu só soffro quando me aparto de ti... Eu te quero e todo o meu ser opaixonodo te busco, e se obysma em til Dó-me a vido n'um beijo infinito, louco e eterno! Adoraçõo!



Estarei contigo, minha Santa, na sabbado ás 3 horas. Amar, meu infinita Amar!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 23 de abril de 1914.*

Quinta-feira, 10 da manhã.

Paixão sublime e immartal, minha Alma musical, minha Daçura, ma Petite Chase adarée, levanta-me neste momento da cama depois de um longo samna, e de uma demorada "rêverie" em que as infinitas saudades de ti, Amar, me deleitaram de lindas recardações e me exaltaram de intensas desejos... Tive um somno de repausa e estou melhar, mas com este alquebramento de convalescente, como se eu estivesse estado daente muitos dias, tal foi a chamma febril que me queimou o sangue.

Fai uma tempestade que passou, e estou cançada, cançado... e como eu quizera te ter junta de mim, e nos teus doces braços e sab as teus divinas alhas, e no murmuria da tua vaz, e na tepida canchega do teu maravilhaso e abandonada carpo recabrar toda a força e toda a saude... Viver, viver... mas viver contigo, minha adarada Amante! E tuda que não é issa, au pela menas a "illusã" dessa, é a immensa tartura, o martyrio martial que me cansame.

Sabes?... Li hontem Jean d'Agrève. Tens razãa, é um bello e emacionante livra. E' pena que haja na pri-

meira parte tanta digressão, e que haja tanta palavra... Mas o "romance" é commovente. Nelle domina a alma! E' um livro de paixão. A inspiração é wagneriana e schelleyriana, a inspiração transcendental. O character, o temperamento, a alma de Helena são admiraveis. Como na vida real mais uma vez se prova como a mulher é superior ao homem em amor. Helena, sem ser uma Francesca, uma Heloisa e mesmo uma Isolda, é já a paixão, e ella domina a vida e reina sobre as cousas. E' ella que morre de "amor..." enquanto elle morre do "dever..." E' verdade que ella partiu para longe. A piedade a levou e nisto está o crime, a fraqueza da sua vida. Mas ella lutou por se libertar, e voltou livre, radiante, dominadora... Elle curvou-se á necessidade social duas vezes, a primeira deixando ella partir, "quando ella não tinha filhos", e portanto o que se chama a vergonha "social" do nome não iria recahir sobre innocentes, e estes não soffreriam do abandono... (tu me comprehendes, meu sublime Amor!) A segunda vez que elle foi infiel ao amor foi quando partiu para a guerra, para obedecer ao sentimento militar. Em ambos os casos se vê a "machina social", que depois de arrastar o individuo, o esmaga...

Mas a doce e pobre Helena! Que belleza o seu amor! Como ella se dá, e como para ella o mundo não existe fóra do seu amor! E eu encontro, oh! minha divina Nazareth idolatrada, um éco da tua sublime alma que é "ainda mais" transcendental, mais exclusiva, mais maravilhosa de paixão!

E que poema não escreverei que será o reflexo de todo o teu incomparavel character, do teu amor inegualavel e que jamais será comparado a outros!...

Quando me é dado na luz offuscante do teu amor, ou no abrasamento da minha paixão, quando me é

dado pensar em ti, examinar-te um momento, tudo é deslumbramento em mim, extase, admiração. O sonho, o ideal, a miragem, a phantasia, tudo que nos parece inatingível, eu vejo realizado em teu coração e em teus actos... E eu me ajoelho diante de ti, oh! minha idolatrada Amante, na veneração profunda do Amor e da Paixão, de que tu és a sublime e suprema Encarnação, a poetica, a divina Realidade! Adoração!

5 e meia. Interrompi a minha carta com a chegada do Arminio, que vinha a serviço. Depois veio o barbeiro, tomei banho e fui ao correio. Oh! meu immortal e pobre Amor! Como as tuas palavras me quebraram o coração! Como tu soffres e te debates na prisão de uma existencia contraria ao nosso amor! Eu sinto no mais profundo do meu ser, tudo o que tu sentes, e todo o mysterio do meu soffrimento está exactamente no transporte de uma paixão incomparavel, indomavel, e que quer o seu mundo "exclusivo", o seu reino, que é a vida eterna com a sua Amante idolatrada!

Vejo a afinidade das nossas impressões com a leitura do romance "Jean d'Agrève..." E' o terror da separação! Mas nós não faremos "jamais como" esses pobres fracos amantes. Nós somos mais decididos, mais heroicos, ma Petite Chose adorée! E porque aquella mulher partiu "inutilmente", e porque ella jamais foi franca, absolutamente franca com o seu amante? Todo o mal, toda a desgraça do Amor vem em geral da falta de franqueza absoluta, dessa estúpida reserva, desse "criminoso" medo de fazer o mal ao outro, e "que revela sempre a consciencia attribulada".

Oh! Helena, doce, meiga, transportada, louca, apaixonada, escondeu ao Amante toda a verdade de sua vida, da sua situação, e não lhe deu conta de todos os

seus actos e intenções. D'ahi a fatal e irremediavel "malentendu!" E se Jean d'Agrève, francez, portanto inferior em amor, preferiu cumprir o seu dever de soldado, Helena é um pouco respansavel. Não pensas assim, Amar meu? Tu vêes que o ramance tambem me preoccupa.

Vejo que estás inquieta da tristeza que me tama neste momenta. Não te sei explicar o que sinto. E' extranho! Mas eu attribuo tudo á separação de ti, á tanta causa que te leva a outros rumos...

Oh! meu infinita Amar, eu sei que tu és minha, eternamente minha, e a minha canfiança em ti é absoluta, sublime. E não sei mesma explicar a meu estada de espirita! Só sei que a minha Paixão é unica, soberana, e só em ti eu viva. O teu divino olhar, as tuas daces e immortaes caricias me darão a paz, e a harmonia... Eu te adaro, e te quero como eu te quero!

Na minha carta de hontem eu te havia pedido que fasses vêr minha mãe depois da certeza da morte da irmã. Tu já a fizeste, cama que adivinhando a meu pensamento. Minha mãe com certeza encontrou em ti um grande consolo porque a tua meiga bandade é infinita e angelica. Meu Anja, minha suprema Doçural Depais que fui aa correio almocei na legação da Allemanha. Eramas quatra ministros.

Haje á naite jantam commigo, como te disse alguns collegas. Fai necessario fazer isto.

Sigo amanhã pelo trem de 2 e meia. Assim terei a tua carta que me consalará muito e muito. Aqui não precisa voltar antes de 21 de maio, e eu quero viver contigo a mais possivel (hélas! que desejo impossivel

de realizarl e que todo o nosso mez de maio seja glorioso, divinol

Ahl meu supremo Amor, minha Belleza transfigurada e extraordinaria, eu te tomo nos meus braços, eu te aperto muito, muito e eu me abysmo em todo o teu ser amoroso. Minha Paixão, alma de minha alma, até o nosso divino encontro no sabbado, ás 3 horas!

Amor! Adoração! Para a vida e para a morte!... Beijos, beijos, beijos...



*(Haya para Paris)*

*Haya, 22 de maio de 1914.*

2 horas.

Minha doce e amantissima Petite Chose idolatrada, alma de minha alma, minha saudade eterna e suave! minha gloriosa Belleza, esperei até agora inutilmente a tua carta de hontem!... Ainda não chegou, e eu estou ainda mais triste de partir para Amsterdam, sem esse grande consolo. Parece que a separação é maior e mais dolorosa. Mas antes de partir passarei no correio e talvez seja desta vez feliz!

Sigo para Amsterdam ás 3 horas, porque o "cercle" é ás 6,30, em seguida o jantar e depois concerto, de modo que tenho de dormir allí. Amanhã voltarei cedo, antes do almoço. Aqui na Haya tenho um concerto (que mania!) amanhã á noite e a isto limitam as festas aos Reis.

Como te disse, quarta-feira ha uma importante sessão da Côrte de Arbitramento, e só na quinta-feira voltarei a Paris, a ti, á minha vida eterna e unica!

Foi singular que o acasa nos levasse ambos ao "Bois" na tarde de ante-hontem, e que nos vissemos pela ultimo vez, na triste banalidade da avenida das Accacias!...

Depois daquelle chá no Ritz, Mme. Amoroso Lima quiz nos levar ao "Bois", e quando alli cheguei, vendo a Paulo, desci da automovel para o felicitar pelo seu anniversario. Momentos antes eu havia dito que ia ver a Paulo, e assim o visitei na avenida dos "rastas". E neste momento tu passaste, Amor, e nos olhamos... Para onde foste? Nunca mais te vi, porque voltei no direcção que levaste, voltei só, e tu não tornaste... Nada te direi do meu estado de espirito que tão bem conheces...

A minha viagem foi aborrecida. Aqui chegando tive que aturar os secretarios até quasi meia noite. Exhausto, deitei-me. Pela madrugada me acordaram para me entregar um telegramma do Lauro em resposta ao meu, e nestes termos de paz e de amizade: "Melhor, agrade-cida e saudoso. Lauro". Fiquei commovido e tanta coisa passada me veiu á recordação... Ah! meu doce e divina Amor!

la me esquecendo de dizer-te que trabalhei no "Peça". Não preciso mais de elementos fataes e de coincidencias. Basta-me o character exclusivo do pae, o ciume, o amor exagerado á filha, a inquietação deante da desconhecido, desse homem que vem pelo ar, e é o mysterio. Explicar-te-ei melhor. Vae bem e eu achei o symbolo, nos dois contrastes; o "passaro" é o espirito errante, incerto, moderno; o velho é a tradição, a raiz, a terra perpetua. E assim está acabado o "romçon",

como tu bem definiste a primeira idéa, e entramos na philosophia, na poesia, na novidade. Não te posso mais escrever. Chega o Arminio! que prisão! Tu és a minha vida, a minha gloria, a minha eternidade. Adoração, amor, amor!

E eu cubro de beijos infinitos o teu maravilhoso corpo.



*(Amsterdam para Paris)*

*Amsterdam, 22 de maio de 1914.*

Sexta-feira, 5 horas.

Bracks Doelen Hotel.

Meu doce Amor! Minha Luz, minha Esperança, acabo de chegar a este Hotel, depois de viajar com alguns collegas, os ministros de França, Allemanha e Russia

Tu vês que a solidão é impossível. Aqui está cheio do pessoal da Côrte, e o hall do Hotel brilha em uniformes!... Mas eu estou no meu quarto, onde vou tomar sósinho o chá e enquanto tenho alguns minutos venho mandar-te todo o meu pensamento de Amor e de Paixão e toda a saudade do meu pobre coração. Antes de deixar Haya fui de novo ao correio e nada recebi... Começo a ficar inquieto. Terias adoecido? Terias tido impossibilidade de mandar a tua carta hontem? Neste caso terias telegraphado... Faço todas as conjecturas que a separação e a tristeza inspiram... Amanhã irei cedo á Haya e antes de ir ao hotel passarei no correio.

Como a vida é dura e má! Ah! minha Petite Chose, como está a minha alma dilacerada! e eu prometto a

mim mesmo uma grande força, e uma divina paz na incomporavel paixão que te tenho. Oh! eu terei a energia para o que fôr bello e sublime e doce, porque eu te adoro, eu te adoro, e toda a minha vida és tu, e se tu soffres de mim, como eu poderei ser feliz e mesmo resistir? Eu sei que o Amor cura as feridas que o Amor faz, e só elle é grande e misericordioso. E' uma maravilha!

A tua esplendida belleza enche a minha saudade. E' uma gloria! Eu me inclino sobre os teus olhos extraordinarios, eu aspiro o teu halito de paixão e eu bebo a divina e mortal volupia na tua bocca, no teu corpo immortal! Adoração! Meus beijos, meu extase, minha vida eterna!

Para a morte! Para a vida!



*(Amsterdam para Paris)*

*Amsterdam, 23 de maio de 1914.*

Sabbado, 9,1/2 da manhã.

Bracks Doelen Hôtel.

Minha doce e sublime Amante, minha Petite Chose adorada, eu te adoro!

Vou partir para Haya e soffrego por noticias tuas.

A noite de hontem foi extenuante. A's 6,1/4 estava no Palacio. Houve o "cercle" do Rei, depois o cercle das Rainhas, e o jantar começou ás 7,1/2. Depois fomos á representação de gala no theatro, que consistiu em



concerto e quadros vivos com relação a historia da Dinamarca e Hollanda. Nada de extraordinario, e muito máo gosto. A peça de resistencia do concerto foi a "Vida do heróe", de R. Strauss, que como tudo que elle faz é desigual, ha belleza e máo gosto, ha inspiração e "recherche". Foi uma peça mal escolhida e que cançou muito. Emfim só á meia-noite e um quarto estava eu no hotel! e assim passei seis horas de uniforme, e estou hoje com o corpo sentido, mas minha energia vence tudo, e já estou prompto para partir. De tudo isso a unica impressão agradável foi o golpe de vista do jantar. A sala é realmente imponente e característica, desta arte hollandeza sobria e realista. As mezas estavam esplendidamente guarnecidas, e muita rosa, tanto que me fez sonhar... Junto de mim havia este pequeno bouquet que acariciei todo o tempo como se eu acariciasse a tua divina cabecinha! Ahi vão já mortas estas rosinhas... ellas guardam a doce côr do encanto, ellas são a reliquia do pensameno de um amor incomparavel e eterno!... Eu as beijei com toda a alma e os teus sublimes labios colherão os impalpaveis desejos da minha bocca, de todo o meu ser! Adoração!

Até mais tarde, da Haya, oh! minha Amante immortal!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 23 de maio de 1914.*

Sabbado, 3 e meia.

Alma de minha alma! minha eterna Amante, minha divina belleza. Ao meio-dia cheguei á Haya e fui dire-

ctamente ao correio e tive o doce encanto da tua sublime carta e do teu consolador telegramma! Tu me escreveste a carta que eu esperava do teu incomparavel amor, e tu foste fiel a ti mesma, á tua maravilhosa paixão, aos extraordinarios e bellos sentimentos do teu amantissimo coração, e ao teu genio inconsciente e por isso natural e unico! E eu me sinto apaziguado e canfiante para te transmittir toda a minha alma e recolher toda a tua meiga, sensível e divina alma!

Eu te adoro n'uma sublime paixão e eu não quizera jamais que em ti o Amor não fosse sempre a gloria e o bem supremo! E oh! felicidade inaudital eu me orgulho de ver que no meio das nossas desgraças, em plena tragedia, tu mesmo proclamas a tua felicidade, e tu sentes esse encanto, esse extase intimo, profundo, eterno, que só o Amor glorioso póde dar ao ser humano! Bem-dita sejas tu, mulher incomparavel, eleita da Amor, que vive da sua Paixão, e que sabe amar, como ninguem na Universal! Cada vez mais, se é possível, eu me sinto teu, eu sei a extensão do meu Amor, as razões eternas do seu exclusivismo, e se eu não posso nem devo trahir a mim mesmo, e se por acaso eu me manifesto um pouco em desacordo contigo, doce "Petite Chose", é ainda em nome do Amor, e pelo impulso indomavel da minha Paixão!

Não penses que o meu "genio" mudou, que o meu temperamento se tornasse mais exigente... Não, meu Anjo, meu Bem... Não. E' que entre nós, a confiança é definitiva, unica, absoluta, e tu vês toda a minha franqueza.

Quando nós nos unimos PARA A ETERNIDADE, no começo da revelação sublime, eu tive a feliz intuição do teu ser excepcional e maravilhoso, e nada "exigi de ti", deixei que o Amor te criasse na mais profundo da

tua essencia... E pouco a pouco, se bem que vertiginosamente (tu me comprehendes) tu fizeste a "Viagem Maravilhosa", e tudo se transformou aos teus olhos extasiados. E não houve jamais espectáculo mais divino do que essa gloriosa ascensão da tua alma, e essa apuração sublime do teu lindo corpo, de todo o teu ser.

Foste tu mesmo que n'uma evolução incomparavel, porém absoluta, decisiva, revelaste a tua nova imagem. Foste tu mesmo que fizeste do Pudor, a divindade veladora da tua Belleza, que fizeste da tua nova existencia o espaço maravilhoso em que devia se mover o teu espirito illuminado, tudo nasceu de ti, a composição ideal da tua imagem, oh! Amante, amante!

E se eu fui o teu Inspirador, o teu Mestre, o teu Deus, tu sabes bem que tambem fui o espectador deslumbrado dessa criação sem par!

Ora, que sublime representação não tenho eternamente de ti, minha Adorada?!...

Acostumado a esse deslumbramento, eu tenho uma segurança absoluta em ti, eu hoje sei o que pensar sobre todas as cousas, e como o teu pensamento é nobre, é poetico, é grandioso, é doce, é fiel aos teus sublimes sentimentos, e eu sei como tu procedes em todos os casos. Pensamento e acção, quando assim em profunda harmonia não é o que constitue o maravilhoso character da minha idolatrada Santa?...

Antigamente, repito, eu não tinha esse conhecimento tão intimo e tão seguro, e tu não tinhas tido a gloriosa transformação, ou melhor, a criação do teu Ser, que a Fatalidade marcou para um destino de Paixão incomparavel e immortal! Hoje tu és esse Ser que se imagina, que se sonha, que se chama em seus pensamentos e em seus desejos, Ideal, Ideal!

Tu sabes... A imagem divina, o anjo, a beleza, a santa, a inacessível, o infinito de amor e de pureza...

O teu reino "não é mais" desse mundo a que tu pertenceste, pobre creatura inconsciente, hoje gloriosa alma, maravilhoso Ser de Paixão e de vida e de consciência...

E se por acaso um acto teu, um gesto que por mais insignificante não me parece corresponder á tua Realidade profunda, á tua Imagem, a minha surpresa é imensa, e eu a manifesto na "sincera" espontaneidade do meu Amor...

E ahí está a explicação do que se poderia chamar a minha exigencia. Tuda vem da sublimidade a que atingiste, e da qual eu não posso te ver apartado um instante... E', Amor meu, a homenagem, a veneração a ti, a fidelidade ao meu proprio extase, que és tu...

E para sempre tu me comprehendeste! Minha Coisinha idolatrada, meu Nada, meu Tudo, eu te aperto nos meus braços, meus olhos se abysmam nos teus, minha bocca se une forte e docemente á tua, e tudo é a divino esquecimento no transporte maravilhoso da Paixão! Adorada, Desejada, eterna, eterna!

Estou aqui n'uma desoladora solidão, em que tenho o consola de pensar em ti, mas torturado pela saudade.

Onde estás? A tarde está descendo, é a hora do teu chá... Estás com minha mãe? Estás?... Onde estás?

Eu vim muito fatigado de espirito e de corpo. Fez horrível calor essa noite em Amsterdam, pela madrugada veiu a tempestade, e hoje refrescou. Chegando aqui, não quiz ver ninguem. Tomei um longo banho, almocei no meu salão, e relendo, relendo a tua incomparavel carta, sentindo em mim a vibração sublime do teu amor, fiquei até agora muito quieto, deitado, em profunda silencio e delle sahi para te escrever o que vim

te dizendo mysticamente ha longas horas... Adoração, meu supremo Amor!

Sim, na tarde do Bois, eu devia estar de uma pallidez mortal. Tu sabes como eu soffri, e ao chegar no Ritz, oh! inferno, eu tinha a impressão de ter espalhado alli a impressão da morte... Mas agora fico triste pensando que notaste o meu soffrimento, e que delle tambem soffreste. Está tudo passado... Eu soffri?... Não me lembro... O que eu sei é que soffro de uma saudade infinita dos teus beijos, dos teus extases, da tua divina expansão de amor e volupia... Oh! desejo!...

Tu me consultas sobre Byron (esta transição brusca é um esforço para não soffrer demais, e para continuar a conversar docemente contigo.) Deves lê-lo. E' immenso. Elle trouxe a poesia, o romantismo exuberante, a nota da paixão contra a sociedade, a revolta. Não é o mais "poetico" dos poetas, mesmo inglezes, porém é o mais "eloquente", e se isso é uma relativa inferioridade, foi tambem o imán do seu prestigio e da sua influencia. A sua vida foi extraordinaria, e elle é um inquieto, um errante. Shelley é mais poeta, Keats é mais divino, porem Byron teve maior acção, e por isso Goethe o admirou tanto que fez do seu "Euphorion" (Fausto, 2.a parte, oh! tu sabes isso mais do que eu!) a imagem delle. E o que é maravilhoso é a fertilidade, a criação continua. Não é singular que os românticos fossem todos assim? Vê Victor Hugo, Lamartine, Musset, que precocidade! Hoje os maiores genios como Ibsen ou Tolstoi não produziram com essa vertigem. Porque? Reflexão? Maior cultura? Influencia da sciencia?

Lê Byron, já que não podes ler o "teu" Shelley. Mas tu lerás porque ao chegar ahí te darei. Que idiota esse estúpido inquisidor!...

O artigo do Arinos é uma polemica de viagens no Brasil. Felicitei-o porque o artigo está muito bom, está decisivo e porque gosto de animar a todos.

Hoje á noite tenho ainda um concerto em honra dos reis da Dinamarca. E' a ultima coisa.

Agora vou me vestir para levar esta ao correio. Oh! como me faz bem conversar "assim", com toda a alma contigo, meu sublime Amor!

Até amanhã, doce Petite Chose! por que eu te acho "tão doce", tão meiga, tão irreal de bondade, de paixão? Por que essa deliciosa e divina sensação? Amor, amor, tu és o Amor! Eternidade, adoração. Beijos, beijos, todos os meus apaixonados beijos!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 24 de maio de 1914.*

Domingo, 12, 1/2.

Meu divino e doce Amor, minha meiguice, minha Petite Chose adorée! tua carta da noite de ante-hontem e da manhã de hontem é um encanto, um sonho, um ideal! Oh! que orgulho eu sinto em te ver assim, amante sublime, alma tarnsfigurada, realidade profunda e ethe-rea visão !

Imagina a minha extrema commoção, e as lagrimas que tu chamaste como desabafo da angustia, estão correndo docemente como allivio do coração magoado!... Eu te adoro apaixonadamente e aquelle esforço de me conter me fez um grande mal, como tu comprehendeste da minha primeira carta. Mas desde hontem depois de te escrever como é do meu immenso amor, e de toda a minha alma que é tua, sinto-me melhor e mais consolado. Não falemos mais nisto, Amor meu! Dá-me a tua bocca de doçura e de volupia, dá-me o esquecimento na tua maravilhosa paixão. E assim, eternamente unidos, vivamos na gloria e no extase! Como tu és bella extremamente bella, e como a tua linda e sublime imagem vive em mim!

Oh! Adoração de todo o meu ser, bemaventurança do amor, encanto, transporte do sonho! oh! Idolatrada, agasalha-me na tempestade do Amor, e eu te conduzirei para além, para a belleza, para a suprema revelação da maravilha.

Como tu és docil, "mon enfant adorée", e como os teus olhos divinos reflectem a belleza eterna!

E assim curvado sobre ti, Petite Chose idolatrada, deixa-me contar a minha existencia e o meu coração.

São 3 horas. Interrompi-me para ir almoçar com o ministro americano, em familia. Elle é um velho poeta americano, professor de Universidade, que fez notaveis conferencias na Sorbonne sobre o "genio americano", e que improvisaram ultimamente em diplomata. Como já te disse elle se entende muito bem commigo, e como nós temos uma seria questão na Côte de Arbitramento, quarta-feira, a questão que sabes com a Fundação Carnegie, pediu-me hontem á noite, que viesse almoçar para conversar.

Foi um almoço de família, a mulher que é uma velha surda e que parece bôa na sua grande fealdade, uma filha de quatorze annos, e a ultima, uma agradavel creança de sete annos. São muito religiosos (protestantes) e antes de começar o almoço houve a oração, mas todos sentados. O almoço em uma mesa "sem toalha" e servido com muita riqueza, correu simplesmente, com a tranquillidade familiar.

Depois do almoço, fomos os dois homens conversar e acabada a conferencia que foi proveitosa para o Brasil, porque tive algumas informações confidenciaes, vim immediatamente continuar o meu doce entretenimento com a meu Amor.

Hantem depois que te escrevi vaguei salitario pelo bosque que é a dois passos da cidade. Ninguem, ou só vagos e raros desconhecidos. Era a tarde e o começo da noite. O canto dos passaros que se recolhiam augmentavam o silencio da solidão. Minha alma contigo, meu pensamento te buscando eternamente, e a tua gloriosa imagem... (nava interrupção!!) veiu o cacete Alcaforado que só agora me deixau.

São 4,30. Tem pena de mim!... e a tua gloriosa e divina imagem na minha alma, na minha saudade. A melancolia é grande aqui. E foi cam visivel esforço que ás 8,30, depois de haver jantado ás pressas tomei o uniforme para ir ao novo concerto. Este foi mais bem combinado e menas pesado.

Havia quadros vivos, mas de um modo original. Figurava a reproducção de um quadro de um pintor hollandez, Dirk Hals, representando uma festa n'um parque. Havia damas e cavalheiros com os costumes do seculo 16 e uma mulher que "devia" cantar e uns musicos.



Pois bem. De repente a mulher canta e os musicos tocam umas velhas arios hollandezas. Foi um bello effeito, mas que não foi completo porque os "espectadores" não se moviam de suas attitudes, e era um singular contraste entre a "acção" de uns e a "immobilidade" impossivel de outros. E foi desagradavel sob esse ponto de vista. O outro quadro foi mal dado. Era a representação de uma festa em honra de Baccho. Houve "dentro do quadro", dansas, ó moneira de Isadora Duncan, mas por umas meninas horriveis e desagrodaveis, e dansando mal, muito mal.

Tu vês como aqui tudo é defeituoso, e como falta o sentimento esthetico. A parte musical foi melhor. Deram a "Ouverture" de Tannhauser, e depois toda a "suite" de Peer Gynt.

Ah! meu Amor, que emoção delicioso e tormentoso quondo se tocou a morte de "Aase", justamente o trecho que tocaste na quinta-feira e de que me falaste em tua carta hontem recebida!

Como é bello esse canto plangente que a orchestro ainda foz mais triste e doloroso que o piano. Dir-se-ia o funeral da natureza do Norte. E como a "paisagem" é ahi melancolica, funebre, mortal. E como os ventos gemem, como murmuro os pinheiros, e um grande lamento, infinito, mysterioso percorre toda a solidão da terra!

Em seguido a esse trecho vem a dansa de "Anitra" Tu a conheces. E' admiravel. Essa dansa me dá uma impressão mais profunda do que qualquer dansa hespanholo ou italiano ou brosilera e sul-americana. E' terrivel, é angustiosa, é louca. E' o dansa que tudo arrebot, tudo transformo, que é o prenuncio da morte, porque os seus "arrancos", os seus "impetos" são allucinados, ha um frenesi intimo, signal do aniquilamento

ultimo, a morte vem em seguida á volupio, ao goso animal!

Duronte toda essa representação estive muito á parte. Senti uma gronde tristeza e um immenso cansaço. A noite de Amsterdam foi extenuante, e o resto passado.

Entre os diplomatas hontem havia uma grande preoccupação das questões aborrecidas de que te falei, e assim no intervallo (um só) o entretenimento foi só esse.

Socega, Petite Chose adorée, teu amante é eternamente, gloriosamente teu! e só vive em ti e por ti, Anjo da Paixão, minha transcendental Belleza!

A's 11,30 estava no meu quarto. Tomei um pouco de chá e sandwicks. Deitei-me logo e "vivi" contigo. Acordei cedo e tornei a dormir, signal de fadiga. Depois da "toilette" fui ao correio, e comecei o te escrever... Voilà... como n'um circulo a vida do teu adorodo. Agora te escrevo de novo, e vou ao correio. Depois irei ver os Guesalagas. Imagina! o meu consul, e voltarei ao hotel para jantar, talvez no meu salão.

Amanhã ás 11 horas temos uma conferencia na casa do ministro de Fronço, em pequeno "comité".

Sabes?... O meu prestigio entre os collegos é sempre crescente e muito firme.

Tratando-se de casos complicados, como esse, somos cinco ministros que resolvemos, o francez, o russo, o allemão, o inglez e eu. A meu pedido elles accrescentarom o ministro dos Estados-Unidos. Conto-te isto porque tens prazer. Tu não és "minha?" e assim tu deves sober toda a minha vida e a minho situação, e isso é a unidade absoluto e sublime!

Oh! meu doce Amor, agora eu te beijo radiante pela tuo energia em recusar o passeio á avenue des

**Acocios.** Esse e outros factos e actos marcam a tua bello figura.

Tu me dás a impressão de Minerva (sejamos eternamente classicos) creando o seu circulo com a sua lança, e afastando tudo que lhe offende. E' tambem a aureola da santidade, da belleza verdodeira e absoluto, que faz em torno de si a luz bemfazeja e doce. Muito bem.

E tua bocca, os teus olhos, todo o teu ser! Eu te adoro!

O que me dizes de Byron concorda com o que te disse hontem. Elle é o espirito da revolta, a ancio, o paradoxo, o absurdo. E o contraste que ochaste entre Byron e Goethe é perfeito. Byron é o Goethe do Werther, e ahi elle recebeu toda a sua influencia (o que elle confessa) e tambem em René (o que elle não confessa, e foi, sempre, o desespero de Chateaubriand).

Sim. Eu quero que discutas commigo, que digos toda a tua opinião. Tu és a melhor e mais admiravel sensibilidade esthetica que jamais conheci.

Toma nota desse meu decisivo conceito e vê como te considero e admiro.

Tu vaes ver a tua influencia em mim, nessa "peça" que forei e que sahirá bella, "original" e forte. As tuas objecções me fizeram bem. Foram como martelladas que fizeram saltar o ouro escondido no pedra e com esse ouro, fogulhas de luz! Meu Amor, meu Amor, porque estás tão longe? Como eu te busco! e como eu te vejo!... Não ha um instante em que estejas sem mim, e tu és para mim como o mysterioso Anjo da Guarda!

Espero oncioso amanhã a tuo carta de hoje.

Que tol o "ido" á egrejo? Porque?

Vou ao correio. Tu és a minha vida gloriosa e a minha doce e sublime Amante. Eu te beijo longamente, com toda esta minha paixão immortal!

Beijos... Oh! que saudades infinitas... Até sexta-feira... como é longe! Beijos, beijos!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 25 de maio de 1914.*

*Segunda-feira, 4 horas.*

Minha doce e idolatrada Petite Chose, alma de minha alma, oh! minha vida eterna, tua cartinha de hontem de manhã tão meiga, tão amorosa, tão profunda e tão triste me commoveu muito, muito. Oh! minha divina e sensível Amante, eu comprehendo o mal que te fez não teres sahido com minha mãe e Nuta, e a decepção que ellas te deram de não ir tomar chá contigo! Tu debes soffrer, como eu soffro vendo esse "prestigioso terror" da megera... Eu sei que ellas não fizeram reserva expressamente. Não. Queridas creaturas (sejamos justos!) que te amam e veneram, mas ellas temem a megera, procedem em relação a ella como se fosse uma pessoa extranha ou de cerimonia, pois um convite teu tem precedencia, tratando-se de gente de casa. Ellas deviam ter a coragem ou a tranquillidade de accèptar e dizer á megera que visse ou fosse fazer outra cousa... E contigo que tens sido para ellas o anjo que tens sido... Fez-me mal isso, embora eu saiba o fundo de tudo, e esteja seguro que não foi falta de attenção ou diminuição de estima. Mas ainda assim...

Oh! eu farei sentir isso a minha mãe, que está tendo uma atitude subserviente deante da megera, o que não me agrada.

Tu não deves fazer outro convite, nem te mostrar zangada, (e não deves estar, Amor) fica esperando que ellas te procurem. Como eu estou cansado com todos!

Imagina que não escrevo a ninguem da familia. A megera só mandei uma "pequena" carta no sabbado e só! Telegraphiei hontem a Themistocles, que parece ter de partir em junho.

Ah! meu Amor infinito, como eu te adoro! e como eu soffro de te ver soffrendo.

Não. Pensa em mim, em nós, na eternidade da nossa paixão, e na belleza dos nossos sentimentos!

Cada vez mais, se é possivel, eu sou teu! Ha uma força de amor, de criação, de poesia em mim que eu quero derramar em tua alma... Sim, em teu espirito, em todo o teu ser.

Como nós temos nos amado! mas como nós nos amaremos ainda! Tu vaes ver, meu Anjo, meu Tudo! A tua melancolia me entristece muito, extremamente, e eu não sei como me desfazer mais em expressões de amor para te consolar e para te dar toda a minha essencia, toda a grandeza dessa Paixão! Eu te desejo, eu te quero ardentemente e só em ti vivo e sou heroico! O "resto" não existe. Parece que cada vez sou mais concentrado, e não me é possivel supportar os outros.

Eu sei que eu não posso ser máo, mas eu posso viver só e contigo eternamente ou na divina presença real ou na magia do pensamento!

Ouve agora a relação de toda a minha existencia neste degredo. Hontem depois que te escrevi fui ao correio e de lá a casa dos Guesalagas. Estavam a familia

e dois ministros sem as mulheres. Eram 6,1/4. Ahi estive até 6,50 e vim a pé para o hotel. Fazia frio e o tempo era de uma immensa tristeza. No hotel trabalhei um pouco na "peça". Despi-me e jantei no solão ás 8,1/4. A's 10 horas estava deitado. Não veio ninguem. E como eu pensei em ti. em nós!...

Que saudades, que mortyrio e que belleza!

Não sei quando dormi... Pelo madrugada acordei e assim levei em somno e em sonhos e em viglias até ás 8, 1/2. Trabalhei de novo na "peça" (ça marche bien !). E depois do café, barba, banho, sahi ás 11 horas para a conferencia. Estavam ahi, em casa do "doyen", que é o ministro da França, apenas os representantes das seis grandes potencias europeas, dos Estados-Unidos e do Brasil. Trabalhou-se bem, até 1 hora. Vim com o ministro americano que almoçou commigo. Deixou-me ás 2,30 e eu fui logo ao correio.

Oh! tua triste e bella, muito bella cartinho, minho sublime Coisinha! Lá fui á legação e tive a força de dictar um officio, de preparar um importante telegramma ao nosso governo, de dar algumas instruccões. E vim para o hotel para derramar a minho alma no teu divino coração! Eu só vivo por ti e em ti. E a própria arte não é para mim hoje senão um reflexo de tua olma, uma expressão do meu amor! Quando essa infinita tortura da separação terminará paro nóe?... Já é demais! Como eu comprehendo o impeto dos amantes que fogem a tanto soffrimento, a tanta angustio inutil... Só a piedade pelos outros nos tem retido... Que immenso sacrificio... Amor, amor, que melancolia! Foi o rythmo inicial da nossa paixão! Recorda-te, meu Thesouro?...

Ainda tenho de te deixar... Agora á tarde temos uma conferencia com o ministro do Exterior paro com-

municar-lhe o resultado da nossa deliberação desta manhã. Somos quatro os encarregados dessa missão. Tu vêes que eu trabalho!... mas esse trabalho é contra a minha natureza, contra os meus desejos, por isso elle me fatiga e aborrece.

Mandei telephonar para o Director do Lloyd Hol-  
londez, de Amsterdam, para saber quando chega á  
Boulogne o vapor que traz teu pae. Respondeu-me que  
quarta-feira, 27, de 8 horas a 11 da noite.

Assim presumo que só irás á Boulogne na tarde de  
quarta-feira, e não amanhã como pensavas. Tu me dirás  
em carta. Escreve-me "só até" terça-feira. Quarta, tele-  
grapha, pois pretendo seguir d'aqui na quinta, ás 9,30  
da manhã.

Dize-me a que horas nos veremos sexta-feira. Tu  
sabes a minha ancia de estar o maximo contigo...  
Nós precisamos, Amor eterno! Eu te escreverei até quar-  
ta. Oh! como eu te sinto minha! e como eu te desejo e  
te devoro de beijos.. Oh! Paixão!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 26 de maio de 1914.*

Terça-feira, 5 horas.

Minha Amante sublime e incomparavel, minha Luz,  
minha esperança, minha eterna Magia! esta manhã  
antes do almoço recebi a tua linda, maravilhosa e  
"única" carta de domingo e de hontem e tudo em mim

é resurreição e gloria! Como tu és profundamente amantel e quando eu medito sobre as "outras", nenhuma é tua igual, nem Magdalena (servirl) nem Heloisa (escrava, discipula e mais que mulher) nem Francesca (fascinante, extatica e tragica) nenhuma foi tão completa como tu, minha idolatrada Santa da Paixão. A tua carta me arrebatou pelo amor que puseste nas suas bellas e felizes expressões e pelo profundo, intenso, alto e raro sentimento que a inspira. E's toda tu, essa doçura, essa meiguice, essa musica suave e melodiosa do coração. Ha uma "passividade" sublime em tua alma de amante que me exalta e me commove. A "revoltada" é o extase, é a doçura, é o extremo de ternura, de aniquilamento, de abdicacão no amor! E eu te adoro, e todo o meu ser se abysma nesse oceano de paixão que és tu, minha divina Belleza! Assim, assim, eternamente assim, unidos, confundidos, sentindo a mesma vida, vivendo o unico e mesmo amor! Tu és a minha alma, e em ti a minha gloria, o meu esquecimento, o meu encanto, a minha força e a victoria final, antes de chegar o instante da nossa morte unida... E n'um infinito e ardente beijo eu te dou o meu ser.

Além de todo esse extase que me deram a tua alma e o teu sagrado e incomparavel amor, veiu tambem da tua doçura e da tua bondade, um sentimento de "reconciliação" com minha mãe!

Tu viste pela minha carta de hontem como eu estava magoado com o medo dellas e revoltado deante do terror prestigioso da megera. Eu sei que ellas são boas, que minha mãe te adora e te prefere... (é minha mãe, é uma creatura excepcional e te comprehende e te adivinha, mas essa attitude de reserva, esse constrangimento me têm affligido. E eu não posso te ver soffrer...)



e nem suspeitar que tu soffres, sem ter uma immensa dôr, e vêr tudo acabado, sem belleza, sem alegria, sem encanto.

Não és tu a Alegria, o Encanto, a Belleza?...

Se tu soffres, eu me sinto morrer, e como eu passei hontem o dia! Oh! a tua carta é a libertação deante da opressão do infortunio, e eu te sinto feliz, e eu choro de alegria!

A nossa alma é feita dessa rara sensibilidade. Sejamos fieis a nós mesmos, e não nos contrafeçamos, porque eu sei quanto custa e como dôe esse esforço de escondermos um do outro os nossos profundos e magnificos sentimentos. Oh! jamais, jamais, eu farei a reserva, mesmo por delicadeza e respeito a ti, seria mortal! O nosso amor é uma torrente impetuosa, é a divina e bella Fatalidade. Como contrarial-o? contel-o? desviar o seu livre curso? oppor um pequeno ou mesmo formidavel dique?

Elle tudo vence, e se o retivessemos elle nos mata-ria e a belleza, a belleza da nossa Paixão, e da nossa Morte? que seria della?...

Amor, tu és immortal e nós te obedeceremos para a eternidade! Petite Chose ideal, eu te beijo com a minha paixão, beijo esse teu maravilhoso corpo, meu extase, minha transfiguração, porque quando o contemplo e quando o toco, e "vivo" nelle, eu sou um Deus! E em tua alma eu subo, subo, e tudo é luz e poesia.

Todo o meu ser está n'uma intima e bella exaltação depois da tua maravilhosa carta e deante da divindade da minha doce e sublime Amante. E eu, desde manhã quiz te escrever, mas tenho andado tomado pelo serviço e só agora fugindo da legação, vim te mandar a minha saudade infinita e os murmuriôs da minha Paixão.

Hontem á tarde ás 5,30 tivemos a conferencia com o ministro dos Estrangeiros. Eramos quatro ministros, delegados do corpo diplomatico. A situação estava grave e insolúvel, porque se tratava de capricho, teima e máo humor, de parte á parte.

Oh! minha Santa, tu me conheces... no meio da discussão eu tive um d'aquelles rasgos do meu temperamento generoso e pude ser feliz encontrando uma solução de accordo, que me pareceu digna para todos e em que a outra parte que era vencida não ficava humilhada demais como elles queriam. E alli mesmo, vencendo um pouco a resistencia do ministro allemão, propuz uma formula, que o minitsro de Estrangeiros accetou, e hoje o accordo está firme, a paz vae reinar no Palacio da Paz, e nós escapamos do ridiculo de abandonar o edificio e nos apresentarmos deante do mundo inteiro como gente de discordia... Estou satisfeito comigo mesmo. Amanhã é a sessão, e quinta-feira, como te disse, ás 9,30, vou correndo para os teus carinhos que são toda a minha vida... Como o tempo custa a passar! e como está ainda longe sexta-feira! Assim tu me dirás a que horas nos encontraremos.

Repousa bem na quinta-feira, porque a viagem a Boulogne vae te fatigar muito. Fizeste bem em tomar commodos no "Langham". Sempre me pareceu o mais sensato e conforme os gostos de teu pae. Elle depois resolverá. Ando preocupado com esse frio que está fazendo por causa delle em alto mar, e sobretudo ahí na Mancha. Toma cuidado, muito cuidado com a viagem a Boulogne e "teme" o ar frio do mar, quando fores a bordo. Os vapores costumam ficar longe, e será noite. Que massada!

Não te disse ainda que hontem depois da conferencia vim para o hotel, aqui jantei só, e muito triste, ás 10 horas estava deitado. Hoje tive muito serviço na legação porque amanhã ha sessão da Côrte de Arbitramento e quero tudo prompto para partir na quinta-feira cedo.

Meu divino Amor, vou levar esta ao correio para que a tenhas sem falta amanhã cedo. Vae "expressa". Eu te adoro. Tu és tudo, tudo para mim e cubro-te de todos os meus beijos apaixonados e infinitos.

Adoração. Fidelidade. Eternidade. Paixão.



*(Haya para Paris)*

*Haya, 27 de maio de 1914.*

Quarta-feira, 2 horas.

Meu divino Amor, alma de minha alma, minha Belleza sublime e extasiada! eu te beijo docemente e no ardor da minha infinita e incomparavel Paixão!

Ha uma mysteriosa e suprema ternura que vem do teu maravilhoso ser e que me envolve, me encanta, me transporta e me faz te desejar ainda mais (se isso fosse possivel !)

Tu és toda Amor! Tu te dás ao teu Amante no sublime extase, na doce doçura, na aspiração immortal, na profunda e transfigurada voluptia... Oh! magia! oh! sonho! oh! ideal!

E coma eu me sinto divino e todo mergulhado nesse mar de amor que és tu !... E ha uma luz infinita, meiga em nossos olhos, e tudo o que vemos é bello e unico!

Como eu te quero assim, eternamente assim... Como eu me sinto feliz na perpetua, definitiva e absoluta communhão das nossas essencias!

Não te posso mais dizer como sou teu e como eu te idolatro! Tu sabes... e tu sentes, ma Petite Chose adorada!

Esta manhã logo aa acordar tive a bôa e consoladora surpresa de receber este cartão de minha grande mãe. Comprehando tudo! a suave impressão que a tua divina essencia lhe havia dado, e que ella pensava "intensamente em mim" durante o tempo em que estava contigo. Isto me commoveu porque eu senti que a "sua alma nos abençoava!... Mando-te o cartão, e tu terás a mesma sensação e como o teu nome é alli repetido.

Depois, ás 11,30, indo ao correio tive a tua encantadora e sublime carta da manhã.

Que doce e bella paz em tua alma divinal que transfiguração! que "santidade", no que esta expressão tem de mais profundo, mais mystico... Minha alma musical... Poesia sublime, Amor! Amor!

Assim em extase, ainda fiz algum serviço esta manhã na legação, preparando a minha partida. A 1,14 tornei aa correio, e tive a tua segunda carta, de hontem á tarde. Vejo que partiste esta manhã, e que a esta hora estás nessa triste cidade de Boulogne, que conheço, e que vês o mar. O meu Amor e o Mar! Quanta recordação, quanto sonho, quanta scisma... e quantas beijos frementes e quanta volupia na tragedia do nasso Destino, sobre o mar!

Tu me dirás os teus fundos e altos pensamentos depois de amanhã, ás 11 horas, ahi no nosso sagrado

recanta... E eu sanha cam a extase da nossa Paixãa nos seus sublimes transpartes...

Vau te deixar para ir á sessãa da Tribunal, que páde acabar muita tarde, e quera pôr esta carta no correio já.

Sigo amanhã ás 9,30, e sexta-feira ás 11 horas tu me darás a tua beleza que me deslumbra... Amor! Paixão!

Oh! tu és incamparavel, unica, um anjo, um genio, meu Amar, espera a teu Amante que morre e vive par ti. Adaraçãa. Eternidade. Meus beijos, meus beijas em todo a teu corpo maravilhosa. Amor!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 8 de junho de 1914.*

Segunda-feira, 9 da manhã.

Minha divina exaltação, minha gloriosa beleza! tado a meu ser profundamente maravilhada do teu amar te busca e te adara! Aquella grande e deliciosa e magnifica jarnada de sabbado fai, no meio da nassa tragedia e na miseria de uma parte da minha existencia, uma immensa cansalação e um deslumbramento.

E oh! milagre da paixão e da beleza! de tuda a que de repugnante, mesquinho e harrivel me foi dada presenciar pouca lembrança me resta, porque as meus olhos, a minha memoria, os meus ouvidas, tados os meus sentidas estãa sab a eterna e farte e transcenden-

tol impressão do Bellezo que me foi dodo contemplar e "viver", dos coricios immortoes que dei e recebi, da musico murmurante e exoltodo que recolhi, e dos extases infinitos em que desfolleci gloriosamente e resuscitei no eternidade do omor!

Eu tenho o singular sensoção de que o ente que soffre e é mortyrisodo é outro... e não eu... e uma immenso piedode me vem do vido que esse outro meu ser posso... emquanto eu no profunda realidade sou tão feliz e tão odorado!

.Quondo eu te deixei, meu divino Amor, vim do Trocodero o pé até á coso.

Percebi que a megera estava, mos como tinha o porto do quarto fechado, e não hovie luz no oportamento, deixei-me ficar muito tempo no solão, lendo o jornal do tarde. Só depois de 8 horas é que lhe oppareci. A velho megero fingio-se de doente com pretexto poro não sahir. Estova horrivel! livida, codaverica, os olhos esbugalhodos e móos, o bocco contorcida, o cro-neo pellodo, os mãos hirtos... e arfando e gemendo, simulodo, hysterico, declorou que não podio descer para jontor... Tu imoginorós o doloroso e ocobrunhodora impressão que eu devio sentir, depois de sohir do nosso extose e sob o complexa sensoção do deslumbromento, do prozer e do tristeza e do soudade... Como é duro e difficil viver ossim! Afinol chegou Mme Bondeiro. A megera, ontes que ella subisse foi logo exigindo não ir ó tuo coso... Miserovel!

Mme Bondeiro entrou e "ello" se resolveu o vestir-se. Fomos jantor. Ahi a principio eu, por esforço heroico, pude conversor e disforçor, mos o infame mulher se vendo vencida não se conteve, e sem proposito, disse que "eu não ero generoso", porque estovo exigindo della sohir depois do jontar sem o menor con-

sideração ao seu estado de saúde! Naturalmente eu reagi e protestei contra o insulto, e ella sem pejo, sem dignidade, continuou a me accusar, estragando tudo.

Subimos, e ahí eu tive de declarar formalmente que renunciavamos á visita. Pedi a communição para a tua casa e a megera, (oh! infame e louca creatural) disse que estava prompta a ir. Vexame! Não sei o que pensa Mme Bandeira. Preciso ter com ella uma expli-ção decisiva e seria. Naquelle momento eu me pude ainda dominar, e não me fazendo zangado, mas accentuando o idiota e incoherente e ridiculo procedimento da megera, fui levando as cousas até a solução que viste, até a indispensavel e desejada visita, cumprimento de boa educação. Que ironia! Felizmente em tudo isto, o teu nome não foi pronunciado em máo sentido, e a miseravel se conteve de "proferir" allusões ao nosso amor. Mas a insinuação ficou, a raiva, a attitudo de desespero, mostravam a furia do ciúme! Que vibora perigosa! E o peor é que não ha uma solução prompta e bôa. Tudo é difficil e cheio de inconvenientes. Ella não tem a menor parcella de dignidade, e quando um ente não tem o pudor social, não ha nada a esperar!

E' indispensavel que a velha megera, essa harpia da minha existencia, fique bem conhecida e desacreditada.

E' uma questão para mim de defesa pessoal!

E quero que tu fiques sempre acima, acima, intangivel, soberana e divina. Conto para isso com o meu prestigio e com a minha calma e bom senso. Não temo a batalha.

11,30. Interrompi para tomar banho, vestir-me e ir ao correio e telegrapho, de onde volto. Ainda não tive

o teu telegramma e uma "possivel" cartinha de consolação e esperança.

Que fizeste hontem de manhã? Compiègne? Fontainebleau? Chantilly? E a chuva?

Em viagem tive uma grande tempestade, cerca das tres horas. Pensei com pena que o passeio de vocês estivesse estragado, e te vi depois, triste, prisioneira, sem poder sequer, escrever-me uma linha, e a pensar, a scismar, a recordar! Pobre e maravilhoso Anjo! Meu delirio e minha vida!

Sabes que teu grande pae está cada vez mais intimo commigo? Tenho esta impressão. Tu viste como elle me abraçou muito á minha chegada á tua casa? E depois esteve sempre muito interessado e attento á minha conversa e fez-me a "confidencia" dos telegrammas politicos que está trocando com o Pinheiro Machado, e pediu-me a minha opinião e orientação. Viemos juntos para as nossos hoteis e elle continuou sempre a conversar da politica de S. Paulo. Pediu-me que fosse para Evian, fazer alli a minha cura!...

A megera perfidamente indagou de todos os planos e datas relativas a villegiatura e viagens de vocês!... Por mais que eu, geitosamente, quizesse embrulhar o caso, teu pae foi respondendo naturalmente. Que ordinaria!

A "nota" do "Figaro" não sahiu hontem por falta de espaço. Deve ser publicada hoje e espero que saia bem e o teu velho e bom pae fique contente. Tambem providenciei sobre os logares para a sessão da Camara. Mandaram apenas dois, um fica para o Azeredo e outro para o Conselheiro. Renovei com insistencia meu pedido para o Paulo e espero obter.

Antes de sahir hontem de casa a megera (oh! estúpida e infernal creatura!) insinuou que poderíamos



convidor a jantar no dia dos meus annos os dois velhos Azeredos, minha mãe, Nuta e Nhonhô, só! Imoginol Disse-lhe categoricamente que achava a sua proposta um desaforo, e que se houvesse um jantar nesse dia, os primeiros convidados seriam vocês, os meus maiores e melhores amigos. Quiz discutir. Achei-a ridiculo, idiota, e a desdenhei. Voltou á corga dizendo que achavo melhor fazer-se o jantar com vocês, teu pae, os Azere-dos... olém de minha mãe e os irmãos. "Assim" con-cordei, mas fazendo ella os convites e directamente o ti... Que tal?... Mas eu teria prazer em jantar com-tigo sempre e sempre e nesse dia tambem. E para os outros não seria de máo effeito.

Vou almoçar e depois á conferencia que é as 2 horas.

2 horas. A conferencio é ás 2,30. Ainda tenho alguns momentos contigo e nisto está toda a minha existencia quando longe de ti... e como eu te vejo em uma vida que "ainda" não é a que eu desejo para Aquella que é o meu orgulho, o meu Amor, a almo de minha alma, a Amante sublime e gloriosa! Tu sabes que eu me refiro á tua falta de liberdade e a essa eterna attenção que és obrigada a dar a gente vasia e futil! Parece que nem podes pensar, sonhar, viver a divina e profunda vida interior que é toda a criação, a revelação, a resurreição do nosso mais intimo e admiravel ser! E ossim vae correndo o tempo... e tu lá vaes a essa villegiatura em que não terás o teu "proprio meio", e sem um desconço, um instante de repouso, presa n'um tor-velhinho inquietonte para mim... Oh! minha alma, minha doce e idolatrada Nazareth!

Bem, meu Amor, não entristeços com essa minha observação. Tu mesmo o tens notodo. E' a fatalidade!

E como no meio desse temporal e desse vasio, tu tens feito prodigios de intelligencia, de coração e de sentimentos incomparaveis e maravilhosos! Tu és admiravel e eu te venero e te adoro, minha idolatrada e eterna Amante.

Vou agora á Conferencia. Ainda ha pouco, ao almoço, encontrei alguns delegados, e o sentimento geral é que tudo vae acabar amanhã. Mais tarde te direi.

6,30. Houve a Conferencia. Depois de terminada essa primeira reunião fui ao correio pela segunda vez. Eram 4 horas, o teu anceiado telegramma não havia chegado. Estive na legação despachando e ás 5,1/4 passei de novo no correio, já estava a tua mensagem de amor e saudade. A Conferencia de hoje foi uma decepção, porque vejo que querem (os hollandezes) prolongal-a, e assim só amanhã á tarde terei certeza de partir na quarta-feira. Vae me escrevendo e quarta de manhã tu terás uma noticia decisiva. Ficarei muito, muito aborrecido de não poder partir antes de quinta-feira, e assim perco de estar contigo mais horas e de te vêr bella e radiante na recepção das Ramos.

Que hei de fazer contra a má sorte, e a ganancia dos hollandezes que querem fazer prosperar os hoteis.

Eu imaginarei deliciosamente, tristemente a tua divina Imagem! Ante-hontem á tarde onde estavamos nós, meu Amor! Como tudo mudou! e que separação!

Estou mais triste agora do que quando esta manhã, comecei a te escrever...

Recebe todos os meus beijos ardentes e apaixonados. Eu te adoro e tu sabes que eu morro dessa immorttal Paixão que é minha vida eterna!



*(Haya para Paris)*

*Haya, 10 de junho de 1914.*

Quarta-feira, 3 horas.

Minha idolatrada Santa, minha Doçura, Minha sublime Amante, que intenso e profundo desejo de receber as tuas infinitas, puras e voluptuosas caricias, de repouso sobre o teu seio amantissimo, de me abysmar nessa ardente, meiga e immortal paixão! Não sei, a tua carta de hontem tão terna e alquebrada me dá a sensação de que os nossos estados de espiritos são eguaes. Eu te sinto fatigada da vida que levas, vencida de desejo e de saudade, afflictta pelo repouso, pelo esquecimento, e ardendo pela liberdade! Pobre e divino Amor. Como eu te comprehendo! Não és tu a minha propria alma? E tu deves saber como eu me "arrasto" longe de ti. E' um grande esforço para carregar o peso da separação, e para permanecer neste doloroso estado em que o nosso Amor vive sem a calma ambicionada, sem a pura atmosphaera "exclusiva" que elle reclama!

E quando eu pensava estar contigo amanhã, eis-me aqui, longe de ti, aspirando eternamente por ti, nesta inexoravel separação que sempre chega mal!...

Ah! hontem á tarde quando li a noticia da tempestade de segunda-feira á tarde em Paris, que tortura, que agonia! Era possivel que tivesses soffrido alguma cousa e sem noticia, e sabendo que "nunca" eu teria uma noticia de qualquer accidente que possa occorrer a ti, que és meu Tudo, meu Ser, minha Vida!

Essa triste imaginação me atormentou toda a noite! Como a nossa vida, apesar de toda a nossa admiravel

vontade e força, ainda está nas mãos extranhas!... Se eu vier a morrer longe de ti quando e como tu o saberás?!... E essa idéa de que eu não terei no ultimo instante a sublime imagem tua para me acompanhar além da morte, e ficar gravada nas minhas pupillas que se fecharão para sempre, oh! minha Amante, oh! minha idolatrada Nazareth, divina e unica! Minha Paixão, meu Paraíso, minha vida eterna, essa idéa dá todo o horror do que é para nós a separação!... Mas não desanimemos. Ha em mim bem no intimo do meu ser a energia immortal e a tenaz esperança que me diz que havemos de vencer, que nós morreremos juntos n'um mesmo enlace supremo de Paixão e de Morte!

O meu telegramma de hontem á tarde e a minha carta que recebeste hoje te disseram a minha decepção de ainda ficar aqui. Recebi hoje uma carta da megera se dizendo "torturada" de remorsos. Aproveitei para lhe escrever "seriamente", fortemente, e dando-lhe pela "ultima" vez os meus definitivos conselhos. Mostrei-lhe mais uma vez como ella tem prejudicado a minha reputação, estragado a minha vida... e tudo o mais que eu devia dizer. Não falei directamente em ti, mas precisei os factos que são os das nossas relações de familia. Disse-lhe que nada mais havia que falar, que eu esperava os actos della para saber como proceder. Não tenho a menor esperança de que a situação se modifique, mas como ella sempre quer saber o que eu penso entendi dever dizer-lhe por escripto. Veremos como ella vae proceder. Oh! mulher perversa e sophista!

Penso poder partir na sexta-feira e te espero depois de uma hora, em nosso feliz e doce ninho.

Quem sabe se não é melhor eu ir dormir alli... na noite de sexta-feira e assim estaremos juntos na manhã

de sabbado, e mais tarde, ás 3 horas?... O que eu resolver te direi par telegramma. E se não poderes sahir na sabbada de manhã e "não poderes" tomar ducha?... Mas tu arranjarias um pretexto e virias aos meus apaixonados braços que tanto te desejam. Da megera pouco me imparto.

Coma é duro este meu exilia! D'aqui a pouco eu te imagino no "Bois" com Tita. Tu não poderás nunca calcular a que é a minha salidã. Hoje vou á legaçã, depais uma conferencia com o ministra americano para a redacção de uma nota diplomatica. Depais uma longa e solitaria caminhada, depois da jantar no meu salã, sósinha. Voilà! Como é duro longe de ti, meu Tudo, minha Belleza, cama é dura viver!...

Eu te cubra de mil, de infinitos beijos apaixonadas... frementes! Recolhe-me na teu pensamenta eterno e fiel.

Beijos e toda a minha alma.



*(Haya para Paris)*

*11 de junho de 1914.*

Quinta-feira, 6,40. Do correio.

Meu immenso Amor! Minha Vida eterna, vim aa correio e encontrei o teu telegramma desta manhã! Que desolação! Então achas preferivel que eu só vá na segunda-feira? Que aborrecimento é esse do trem do

Brasil? Pelos meus planos eu chegarei ahi em Paris á 1 hora e o trem de Cherbourg só ás 4,40.

Penso que tens de ir com as meninas á estação e ahi está o embaraço... Será? Emfim ainda ha tempo para uma resolução. Logo que receberes esta e um telegramma que te mando agora, telegrapha-me, urgente, dizendo-me "com toda" a franqueza o que "é melhor" e "mais conveniente" fazer. Confio absolutamente em ti. Ainda terei tempo de partir amanhã ás 7 horas e meia. Se porem estiveres impedida no sabbado, então chegarei na segunda-feira. Não te posso dizer o meu desespero! Se me disseres de esperar, esperarei. Hélas! então tu me escreverás amanhã! Eu te adoro! Oh! Só sei, oh! eu só sei, que te adoro e soffro muito, muito, longe de ti. Cubro o teu divino corpo dos meus apaixonados beijos. Para a vida e para a morte! Que desespero! Beijos, beijos!



*(Boulogne-sur-Mer para Paris)*

*Boulogne, 15 de novembro de 1915.*

7 horas da manhã.

Oh! meu Amor eterno, alma de minha alma, minha doce Consolação! Oh! Minha Paixão!

Ha longo tempo que despertei nesta cama de occasião, n'um hotel secundario, n'um quarto sem aquecimento algum e mesmo sem "chaminé"!

Quando hontem chegamos aqui e fomos os passageiros surprehendidos com a noticia de não haver communicação com a Inglaterra, foi uma precipitada corri-

do á procura de hotel. Mos a situação era difficil. Alguns hotéis e dos melhores, estão convertidos em hospitaes, os outros cheios de officiaes inglezes e da morinha fronceza, e como nestes tres ultimos dias não tem havido communicação com Londres, os passageiros vão chegando e tomando o que encontrom. Procurei por toda a parte inutilmente um quarto. Estava desanimado e ia para Vimereux (que tu conheces e onde estive uns dias com o Nabuco) quando tentondo de novo alguma cousa neste hotel, tive a fortuna de obter um quarto, deixodo por um official que partira poucos instantes antes para a frente! O quarto é triste, e eu me sinto n'um grande abandono aqui entre gente extranha e desconhecida, e torturado de saudades do meu eterno e divino omor! E faz um frio cortante á beira deste mar tempestuoso. O meu agosolho é o chole que tu me deste ainda na rue de Lille. Com elle me envolvo dos pés ao pescoço. E' algum cousa de ti, é um pensamento carinhoso teu que me agasalha! E eu me agarro bem a elle n'uma infinito e poderosa necessidade de te ter nos meus braços e bem conhegado a mim, minha deliciosa e doce e idolatrado Petite Chose!

Hontem á noite se espalhou aqui a noticia de que ainda por uns tres dias não haverio vopor para Folkestone! Nestas circumstancias eu devia voltar o Paris hoje pelo expresso. E para que não mandasses a tua corta paro Londres e determinasses os teus dios do semana de outro modo, mondei-te dois telegrammos, um endereçado á tua casa, que talvez recebestes hontem á noite, ou hoje de manhã com certeza. Assim tu não porias a corta escripta hontem domingo, no correio, e virias ao nosso ninho onde encontrarás dois telegrammas de hontem para te orientor, Amor. Depois de algum tempo, quando tendo ondado, andado por esto

cidade militar, e á beira silenciosa e deserta da praia, por uma noite de melancolia, em que a lua crescente era tão alta e pallida, soube que o serviço de vapores será restabelecido hoje, e que não haverá perigo na travessia. O perigo não era o do máo tempo, mas porque com a tempestade as minas desgarraram, e era preciso repescal-as para evitar catastrophes. Affirmam que não ha o menor risco e eu sigo nessa confiança. Mas se d'aqui a algumas horas eu morrer, sabe, oh! minha amante sublime e idolatrada, oh!... minha vida e minha alma, que eu morró pensando em ti com toda a minha infinita e immortal paixão, e que eu morro certo que tu me seguirás na eternidade! Está jurado e jurado na unidade profunda e absoluta dos nossos corpos, das nossas almas, dos nossos desejos, e das nossas essencias infinitas no extase supremo da paixão! Está jurado!

Tu executarás tudo o que combinamos, destruirás os nossos papeis, e mesmo as minhas notas literarias porque a minha arte hoje é a minha paixão, que ella sempre procura exprimir.

Que tristeza immensa nãa ter sequer ainda "redigido" alguma cousa do nosso Poema! Oh! Recarda-te sempre que eu cameço o nosso livro com o teu nirvana, no munda sentimental do amor! Tu me entendes. O meu ponto de partida é a tua "virgindade", a tua "pureza", "a ausencia do sentimento amoroso" em ti até que nós nos amamos. Só d'ahi póde seguir uma tão sublime "viagem maravilhosa". Será o seu supremo encanto, o mais delicioso e profundo mysterio, a alma que nasce na paixão e que descobre a mundo, o Universo, pela revelação do amor!

Não telegrapha á tua casa que sempre continuo a viagem (que outra viagem!) hoje. Assim eu posso tele-



graphar em Folkestone, o que te dará tranquillidade, e sempre sob o pretexto dos telegrammas a serem reexpedidos para Londres. Vou telegraphar para minha residencia a minha partida e assim terás essa noticia na recepção desta tarde, mas tu saberás antes pois deves passar um pouco em "nosso" recanto, como ficou resolvido. E' singular que exactamente á hora da recepção, quando Aquella que é a minha vida, o meu Tudo, está nesse meio tão absurdo, eu estou correndo o perigo da morte! Mas a fatalidade, quando não é sublime como a que nos ligou eternamente, é estúpida e má.

Estou te escrevendo da cama, e o mais agasalhado possivel, neste ambiente glacial. De vez em quando me interrompo e scismo longamente e tudo, tudo me rola no pensamento. Quanta bella, doce saudade! quanta tristeza! quanta esperanza! Mas eu vivo só por ti, pelo nosso incomparavel amor, e eu tenho um immenso cõsolo na profunda certeza que tu tens da minha exclusiva, absoluta e immortal paixão por ti, oh! minha Adorada! Oh! A confiança inspirada a Aquella por quem se vive e se morre! E' o supremo bem da alma.

São 9 horas... Vou levantar-me e preparar-me para sahir e verificar bem se sigo para Londres ou para Paris. Telegrapharei o que se resolver.

Meu amor sublime, com que saudades me levanto deste leito onde eu tinha a doce "imaginação" de estar conversando em meigo e mavioso sussurro contigo, Adorada! e ter o teu quente, macio e voluptuoso e lindo corpo aconchegado estreitamente ao meu, e na doce e infinita união, o esquecimento divino!... Oh! Amor! oh! saudade! Mas... para adeante!

11 horas... Meu sublime Amor! Já volto do telegrapho. O meu telegramma te dirá a ancía do meu

desejo de me unir sempre a ti, Adorada, e se eu tenho de te deixar neste mundo, que seja com os nossos pensamentos unidos e por tão breve tempo. Oh! eu sei que apesar de tudo o que ainda te prende na terra, eu te arrebatarei para a eternidade! Que sem mim tu não terás razão de viver, que a tua essência é a minha-essencia, que os nossos passos errantes e inconscientes na terra eram á busca de nós mesmos, porque tudo é unidade, ou melhor tudo se completa e acaba divinamente na unidade, e quando um ser não encontra emfim o outro ser, que é elle mesmo em outro sexo, e á que elle foi destinado, a vida desse ser é um absurdo de tolices, de inconsciencias, de mesquinhas e mesmo de torpezas. E d'ahi o terrivel e triste espectáculo do que se chama humanidade e vida humana!

Se nós mesmos commetemos "erros" antes de nos revelarmos, que um profundo e grande esquecimento encerre para sempre, mesmo em nossa má e desgraçada memoria, todo esse passado por mais humilhante que nos tenha sido. E vivamos o nosso passado, o nosso presente, a nossa tragedia sublime, a nossa esperanza e a nossa eternidade! Eu não sei se tu tens tempo de me escrever da tua alma. A tua existencia é muito attribulada e muito entravada para que tu possas dar nas cartas a grandeza dos teus pensamentos. Sim, tu dás nellas a immensidade do teu amor, mas infelizmente o teu tempo é tão roubado ás expansões do amor, á tua propria vida, que eu apenas tenho luminosos relampagos de doçura e belleza e paixão, no grande silencio das horas da saudade e do pensamento!

Deixei o meu quarto tão feio e triste, e escrevo-te n'uma sala deste hotel, inteiramente gelada. Que vida attribulada e errante a do teu Adorado! Como eu penso

no nosso quarto que tu fizeste um delicioso ninho roseol  
Como eu penso em tudo de grande e infinito e doce e  
exaltado que eu vivia alli encerrado contigo, com a  
Eternidade e a Paixão e a Belleza, n'um maravilhoso  
Paraiso! Oh! o poeta disse: "Nenhuma dôr maior do  
que recordar dos tempos felizes nos tempos da des-  
graça". Longe de ti, das tuas sublimes caricias, da tua  
extrema formosura (olha, meu amor eterno, ninguem  
entendeu a tua beleza como o teu Amante, como eu,  
que tenho o teu mysterio... Tudo o que te disseram  
era estúpido, banal, não existente!) Quanta gente pôde  
achar "bonita" a Venus de Milo, a Ophelia, que ahi  
tens, Diana... Mas quanta gente "sentirá," "compre-  
henderá" e "vibrará" ao profundo interesse e encanto  
e mysterio, e incognoscivel dessa sublime beleza, e de  
toda a essencia dessa Arte?... Assim é com a tua  
Belleza! Meu Amor! Minha Santa Transfigurada!...  
Quem a sentiu como eu?... Para quem ella foi e é a  
Revelação da Eternidade, a Esthetica absoluta, o mys-  
terio da Arte, o Universo radiante da fôrma e da expres-  
são... a vida eterna da plastica, a graça sublime do  
movimento, o Irreal, o Infinito, a morte que dá o extase  
do amor, a vida que dá a transfiguração da paixão?...

Tu sabes que eu morro na contemplação do teu ser,  
que eu me transformo, que deixo toda essa contingen-  
cia humana, para realisar contigo no supremo extase,  
no vôo de todo o nosso ser, a unidade além do bem e  
do mal! Oh! Que tu sintas em ti, no teu sangue, na tua  
carne, nos teus mais secretos e remotos pensamentos,  
toda essa vibração intensa e immortal que nos une, e  
que é a paixão, e que um não possa existir sem o outro!

Agora eu continuo... longe de ti como tudo é ter-  
rivel! Lá vou por esse mar... Affirmam que não ha peri-

go... Tu sabes que eu não conheço o medo. Mas eu não quizera te deixar neste instante, se bem que nos tenhamos separado n'uma absoluta e sublime unidade, sob a renovação de um juramento eterno.

Se eu tenho de morrer longe de ti. seria uma bôa hora, a de hoje... porque eu levo commigo para o Infinito, a mais sublime paixão e a mais sublime ternura! De todo o meu coração te digo que não tenho a mais tola e absurda queixa de ti... tudo é belleza e amor eterno e saudade infinita! Oh! Como eu senti a tua essencia ser absolutamente minha! E em tudo a unidade immortal! Que força immensa em meu ser! Vê como eu te escrevo!

Terás tu tempo de lêr perfeitamente, de sentir, de meditar toda essa expansão da minha alma que é tua, antes de precipitadamente partires do nosso "Paraiso" e lançares ao fogo estas folhas de papel que vão abraçadas da minha paixão? Não é tua culpa, é a terrível engrenhagem da tua existencia, Amor!

Oh! Adorada, como eu te adoro!

Esta minha viagem a Londres talvez traga a solução de muita cousa, de um melhor arranjo da minha vida ahi em Paris e a segurança de nosso futuro. Como eu quizera ter liberdade maior e menos occupações para poder me encerrar horas e horas em nosso ninho e escrever emfim o Poema do nosso Amor! E tu virias, tu, a Inspiradora, a Belleza! Sabes tu o que é a Belleza para a minha paixão e para a minha arte?... E tu saberás que tu és o Universo!

A's tres horas deixo esta terra. Vou percorrer a cidade tão militar e activa. Ha aspectos interessantes que eu notei, mas que passam ao segundo plano para nós.

Fico ansioso por tuas cartas. Mande-te desta cidade uma granada cheia de chocolates, granada francesa, e se não houver inconveniente dá aos pequenos. Em nosso ninho, para que uma granada?... Foi uma simples curiosidade do momento. Um pensamento de guerra. Não tenho mais papel aqui e a sala está gelada e os meus dedos um pouco entorpecidos e os pés muito frios.

Adeus! Oh! Como custa me separar de ti! e como a saudade me quebra a alma! Aperta-me bem contra ti... Oh! Adorada!

Adeus! Adeus! Amor! Recebe n'um supremo beijo toda a minha vida! Eternidade. Paixão.



*(Londres para Paris)*

*Londres, 16 de novembro de 1915.*

3 e meia.

Meu eterno Amor! minha suprema Consolação, meu divino e perpetuo Encanto, como todo o meu ser te busca e te deseja! Oh! nossa hora sublime! nosso mysterio, nosso paraíso! e tudo aqui é silencio, tristeza e inquietação! Como viveremos um sem o outro? E que maior martyrio do que eu nessa infelicidade e nessa separação!... Ao menos juntos ha o deslumbramento, ha o delirio da paixão, ha a vida, a vida!

Como eu quizera arranjar a minha existencia de fórma que eu me separasse o menos possivel de ti, meu doce Amor! E eu já penso que terei de voltar aqui em dezembro e quem sabe ainda quantas vezes successi-

vamente. A comissão que eu tenho é a minha base actual de vida e eu a devo desempenhar com o maior escrupulo. E tudo é difficil. Tenho de lutar muito para dar continuas boas provas. Já hoje pela manhã estive no escriptorio. Ha cousas a fazer e que tenho de cumprir sem demora. Basta uma palavra e tudo estaria arranjado. Mas esta palavra é um pouco difficil de obter. Seria uma grande tranquillidade para muitos mezes. O representante aqui me autorisou a tratar o negocio ahi, mas o resultado será pequeno, pagam uma comissão muito menor. Mas sendo negocio seguro, "se realisarmos", o lucro mesmo pequeno serve e eu aceitei as bases, tal é a minha pressa de pôr em ordem a nossa vida financeira. Foi o meu trabalho esta manhã. Tambem o fornecimento não é grande pois a fabrica não tem grande capacidade. Seria um negocio para 3 a 4 mil francos para cada um de nós mensalmente. E' magro?... Mas assim mesmo serve e vou tental-o com energia á minha volta.

A minha viagem foi fatigante. Foi a repetição da que fizemos juntos o anno passado. Vim para o cões a 1,42 da tarde. Já havia multidão! Com muita luta consegui entrar no vapor depois das 3 horas da tarde e o vapor só partiu ás 5 e meia. E que vento! Viajamos á noite, o mar felizmente não era máo. Viemos com muito cuidado e chegamos ao porto inglez ás 8 horas. Mandeí um telegramma á tua casa que recebeste esta manhã e te tranquillizou, e outro para nosso ninho. Cheguei a Londres ás 11 horas. Fazia muito frio. Não havia na estação nem carregadores nem taxis! Fiquei gelado, tremia debaixo da chuva, enquanto esperava que me conseguissem condução, julguei-me tão infeliz! Oh! longe de ti! Como nos abraçaríamos, nos uniríamos bem um ao outro nesta intemperie, e nesta solidão! Todo

o pavor do desconhecido morreria ao fulgor, á luz eterna do nosso amor! E tudo seria bello!

Deram-me um bom quarto, e uma cama immensa, muito grande para nós dois que nos conchegaríamos tanto! Depois de lavar-me muito e mudar-me todo, de muita agua quente, deitei-me e levei scismando sobre o meu destino glorioso e desgraçado! Tudo me rolou na memoria, e que saudades da minha divina Petite Chose!

Ha uma saudade da tua meiguice, do encanto supremo da tua voz em murmúrio, uma saudade do teu supremo abandono, da tua aureola e da tua formosura, que me dóe e ao mesmo tempo me faz querer viver, viver!...

A minha noite foi agitada por tanta fadiga passada e tanto soffrimento vivido!

Já ás 11 horas estava na City. Antes de deixar o hotel escrevi duas linhas ao Fontoura e mandei a encomenda que me entregaste.

E' quasi certo que eu posso voltar no sabbado, se não fôr possível eu telegrapharei amanhã. Prefiro ir agora ainda que torne aqui por poucos dias no principio de dezembro. Além da ancia de estar contigo, eu tenho o que fazer ahi, mesmo no sentido da minha representação aqui. O que eu preciso é de muita concentração e actividade logo á minha chegada, para resolver este caso da nossa situação. Espero amanhã com anciedade a tua carta.

Oh! meu doce Amor, tão doce, tão meigo! Porque és tão sublime em tua incomparavel paixão? Como eu sinto não te escrever como de Boulogne! Paciencia. Mas eu te beijo loucamente com o mesmo supremo ardor! Oh! teus olhos infinitos!

Acobo de te escrever, vou me vestir para trator de alguns negocios. Depois vou ao correio, antes do almoço, e terei seguramente o tuo corta de domingo e segunda.

Hóntem jontei só no grill-room deste hotel. Depois fui só o um estupido cinemo... E, só, me recolhi! Para que o comphio dos outros quando eu tenho a tua odoroda e divino Imogem commigo?!...

Meio-dia e 20. Do correio.

Nado! Porque? Penso que não foste segunda-feira como ficou combinodo ó "nosso" coso.

Foi um decepção tão grande!

Será mais um dio escuro e desolodor. Espero ser mois feliz omonhã.

Vou escrever muito o teu pae. E' oinda um sincera amizade com que eu conto.

Meu Amor, meu Amor! Tu vês, sem umo palavro tua, o Universo morre!... .. E n'um beijo eterno a minha Paixão immortal.



*(Londres para Paris)*

*Londres, 17 de novembro de 1915.*

Quinta-feira, 3 horas.

Meu Anjo da Paixão! minha eterna e sublime Amonte, meu Paraíso! A tuo divino polovro de omor, recebida esto monhã criou em meu ser o Universo! Oh!



minha Creadora, eu te adoro! Eu te disse hontem quando tive a decepção de não receber a tua carta, eu te disse: nada! Sim, Amor meu, era o nada, o não-ser, o nirvana, a morte do Universo que se esvaira na desillusão! Que triste e magoado dia eu passei! Se tu souberas, tu que me adoras, tu darias a vida para me dar a esperança e a força!... Nada! e não havia nem pensamento, nem força, nem idea, nem expressão estranha que me fizesse sahir desse estado de tristeza e de melancolia infinita. De volta do correio e da City, recebi recado do Fontoura para almoçar. Fui. Oh! como tudo me caceteou! Depois do almoço vim ao hotel e mais tarde fui á legação. Durante a noite não vi ninguem, não sahi e ás 9 horas estava deitado. Oh! como a minha vigilia, o meu somno e os meus sonhos são sempre contigo, Adorada sublime!

Hoje me levantei cedo, escrevi longamente a teu pae explicando as grandes difficuldades que sempre tenho de vencer aqui neste momento serio e em que todos os transportes são destinados ao serviço de guerra. Essa carta está de accordo com o representante da Companhia. Lá elles pensam naturalmente que o meu, o nosso trabalho é facil! Felizmente a Companhia aqui reconhece que só eu poderia obter o que se tem obtido. Amanhã terei uma conferencia no ministerio dos Estrangeiros para resolver algumas pequenas difficuldades.

Afinal e pela primeira vez appello para o governo e conto vencer. Essa victoria, se eu a obtiver, formará a minha reputação "lá-bas" e me dará tranquillidade por seis mezes!

Do Brasil não vem mais resposta se aceitam ou não a proposta franceza. Em todo o caso, estou hoje mais contente porque o inglez que fez a primeira proposta aceita e renova a proposta, e nós faremos um negocio

ou outro. Eu estava com medo de falhar ambos... e andava preocupado. Amanhã almoço com esse negociante inglês e o seu representante no Rio, e tudo será de novo bem restabelecido. O essencial é fazer alguma coisa e sahir desta inferioridade de dinheiro em que nos debatemos, e assegurar o nosso futuro. Bom. Já te aborreci muito com estas historias enfadonhas?... Tu deves saber tudo, as minhas esperanças e os meus desfallecimentos instantaneos... Mas que não são fraquezas!

Ah! meu Amor unico e infinito! Como tu soffrestel Sim, foi o abalo da separação, a inquietação sobre a sorte do teu Adorado que te fez mal. Tu vês, como tu és minha, eternamente minha na alma e nas intimas e profundas forças do teu corpo?!... Tu irás melhorando e eu vou correndo ao teu encontro, sigo sempre no sabbado.

Dá-me todo o teu sublime alento neste difficil instante que eu atravesso. Só em ti, em teu amor immortal está a minha vida e a minha esperança.

Eu preciso, como nunca, de ti, da tua sublime belleza, da tua alma immaculada, do teu sonho, da tua meiguice, da tua ternura!

Oh! minha Amante idolatrada, eu reposarei minha cabeça fatigada em teu seio e tu me beijarás para que a tortura morra e o divino esquecimento se apodere de mim, e tu me arrebatarás em teus braços, tu me unirás ao teu maravilhoso corpo e me darás o extase immortal, oh! divina Nazareth! Eu te cubro de beijos fogosos. Para a vida e para a morte.



*(Londres para Paris)*

*Londres, 18 de janeiro de 1916.*

Piccadilly Hotel.

Terça-feira, 9,30 da manhã.

Minha Paixão sublime, alma de minha alma, martyr immortal, heroína incomparavel do amor! eu te beijo ardentemente, minha bocca em tua deliciosa e apaixonada bocca, meu corpo absorvendo o teu maravilhoso corpo n'um extase profundo de desejo eterno, e n'uma admiração illimitada e divinal Oh! Adorada! Como me será possivel viver longe de ti, ficar privado do teu ser, que é meu Tudo e a minha vida?! A nossa união, a nossa unidade é tão absoluta e tão magnifica em sensações sublimes, que longe de ti, ou sem ti, nada me interessa, "tudo" é mediocre, mesquinho, falso, ordinario, estúpido, e muitas vezes odioso! E por isso a separação é uma tortura sem nome, seja de algumas horas. E no entanto o nosso martyrio é infinito porque a nossa vida em commum e inseparavel não se realizará tão cedo... Mas a esperança é tenaz e ella brilha no céu alto e longinquo que buscamos!

Que poderei fazer para que o teu soffrimento seja diminuido nessa torturante e esmagadora prisão em que te debates? A minha ternura infinita, a minha adoração immortal! a minha paixão absoluta e invencivel e sublime?... Mas tu soffres! Tu, puro Amor! Tu, a Belleza unica, minha exaltação de poeta! minha alma musical! meu sonho ethereo!...

Como póde ser torturada a Arte, a Phantasia, o Idyllio, o Maravilhoso, o Vago, o Sublime, o Amor?!... Como prender essas raras e puras expressões da Natu-

reza e da Intelligencia?... A tortura sobre um ser incomparavel como tu, é a monstruosa e absurda e revoltante oppressão sobre a Poesia, o Pensamento e a Paixão! Mas tu serás livre emfim! Eu te juro pelo nosso eterno e omnipotente amor!...

Pobre e sublime Petite Chose! A tua vida é um poema divino da Paixão! E eu me extasio e me commovo no mais profundo do meu ser em te admirar e em testemunhar cada gesto, cada movimento, cada ondulação do teu coração, da tua alma e do teu corpo... Immaculada!

A tua energia na tarde de domingo me deu uma forte confiança em tua resolução, em tua "vontade" de vencer! Bravo, Adorada! Oh! que deliciosos e arden-tes beijos de paixão tu me deste! Como todo o meu ser se abrasou em desejos e se extasiou em saudades e esperanças!... Oh! noite mysteriosa e divina... Inesquecivel momento de união e de eternidade!

Tu serás sempre assim, brava, destemida, poderosa, dominadora das difficuldades! Oh! Victoria! Oh! Diana!... E serás pura e intangivel. E serás Unica e Incomparavel... Oh! Mulher sublime! Oh! Lenda de Amor e Poesia! eu te adoro e morro neste extase infinito em que me dás a vida eterna!

Tu vês como n'um bello rasgo de character tu me déste a força de vencer?... E' preciso que eu conte contigo para a tragica luta em que nos debatemos e eu sei que eu conto em tudo, em tudo contigo, de um modo absoluto e incomparavel, que tu não terás medo desse estúpido miseravel, que tu conservarás a tua calma, a tua força, a tua independencia, que "não serás jamais" a sua escrava, nem a sua posse... Oh! horror!... Não. Tu serás sublime e immortal e nós venceremos e seremos gloriosos!...

Adorada! Paixão idolatrada! Minha Nazareth, para a vida e para a morte. Para sempre!

Que te dizer da horrível viagem que fiz? Parti às 7,50 da manhã e cheguei aqui ao hotel á meia-noite! Vento, mar, fadiga, apertadas, esperas sem conta!

Aqui estou e ainda não vi ninguém. Vou me preparar para sair e só amanhã te escreverei, depois da tua primeira carta.

Telegraphei de Falkstane, e telegrapharei d'aqui todas as dias. Pelas telegrammas saberás a minha demora em Londres.

Espero ansioso, ansiosa, as tuas cartas, e quero todos os teus actos, tudo o que sentes e que é meu, eternamente meu. Oh! tu, amor idolatrada, tu também és exclusiva em tua paixão e por mais que penses que eu sou é que sou exclusivista, tu a és, da mesma forma, com a mesma ardor e immensidade. Porque nós somos "um" para a eternidade. Não é assim? . . . Dize, sublime Santa! Meu divino Amar!

Eu te beijo laucamente. Eu te aperta nos meus braços ardentes, eu te devara de paixão eterna e immortal. Adoração. Admiração. Fidelidade.



*(Londres para Paris)*

*Londres, 19 de janeiro de 1916.*

Piccadilly Hotel

Quarta-feira, 4 horas.

Minha Paixão immortal! Minha Daçura! Minha meiga e bella idolatrada! estou um pouco cansado de

haver trabalhado toda a manhã até agora no assumpto que me trouxe aqui.

Trata-se de um caso de força maior que nos prejudicou um pouco e eu estou vendo que compensações posso obter. Felizmente nenhuma responsabilidade por ausencia de Londres me cabe. Não. A minha situação é optima e firme neste ponto, e ninguem obteria mais do que eu. Tenho a minha consciencia tranquilla e elles reconhecem os meus indispensaveis serviços.

Oh! triste coisa é a necessidade de trabalhar! de precisar de tudo isso para a minha vida! Não desanimo, mas penso que um homem da minha situação devia estar ao abrigo da necessidade.

Hontem estive longamente na legação, onde jantei na mais estricta intimidade da familia. A' noite eu estava realmente fatigado e por isso não te escrevi, minha adorada, meu Tudo!

Hoje desde muito cedo tenho andado em successivas conferencias e depois do almoço, cerca de 3 horas, é que pude ir ao correio, onde tive a tua tão pura, tão doce e tão amorosa carta de segunda-feira. Do correio te mandei um telegramma, que receberás amanhã. Por elle sabes que tive sem difficuldade a tua carta tão desejada e que partiu na sexta-feira. Meu Amor sublime, quantas saudades!

São 4 horas... Tu estarias em meus braços... Eu te contemplaria em extase infinito! e nós partiriamos no transporte da paixão para as regiões ethereas do sonho, do delirio e da vida eterna!... E no entanto a realidade é a dolorosa separação, é o aniquilamento da saudade!

Tu dizes bem, meu divino Amor! que ancia de felicidade tem o teu Amante! e a felicidade só pôde vir de



ti!... E o teu sublime destino é dar-me a vida e a belleza immortal!

Tudo em ti... E que tu sejas eternamente a minha idolatrada Petite Chose, o meu Bem, a minha Cousa, o meu Reino, o meu Universo...

Oh! tu és minha, a minha propriedade, o meu objecto idolatrado e sobre ti eu tenho a vida e a morte. Não é, adorada?

Apezar de toda a nossa desgraça, uma confiança me domina! uma certeza de vencer, uma força indomável. Porque? Será porque eu "senti" toda a vastidão infinita da tua Paixão sem igual? Porque eu te vejo immaculada, forte na tua defeza, intangível e sublime?... Tu vês, a minha adoração é sem limites, mas eu quero a tua honra, a tua virgindade no amor, esse fogo de pureza que te circunda o corpo e que te queimará antes de te ver manchada e impura.

Oh! como o teu ardente Amante precisa da doçura dos teus olhos sem par! da frescura apaixonada da tua bocca, da melodia celeste da tua voz, das tuas lagrimas divinas, dos braços frementes, de teu intimo e secreto calor... Oh! minha Paixão! E morrer e viver no extase do teu amor, e das nossas caricias immortaes!...

Chegarei na sexta-feira á noite. Passarei em "nossa" casa saudosa e desejada e lá terei a tua carta. Por ella saberei a hora que te devo ter no sabbado. E' possível que eu chegue muito tarde, ainda assim por ahi passarei. Avisa.

Hoje janto de novo com os Fontouras, mas n'um hotel, onde virá tambem um ministro estrangeiro. Alvaro deve ter chegado. Ainda não nos vimos. E' possível que venha ao jantar e por elle terei noticias tuas, indirectas.

Porque somos ainda desse mundo? e não estamos longe, vivendo em nós, na beleza do nosso amor incomparavel, dos nossos pensamentos e de todas as aspirações do nosso ser!...

Sinto um grande desejo de me separar de todos, de vêr pouca gente, de viver sómente contigo, meu Amor! E quando eu me lembro que é preciso continuar, que é preciso apparecer, mostrar-me aos outros, justificar os meus actos, a minha presença em Paris, junto de ti... Oh! que martyrio e quanta humilhação para a minha liberdade e meu orgulho! Emfim, vá lá!...

Mas tu me adoras, tu és minha! e que me importa o sacrificio se tudo é recompensado pelo mais admiravel e sublime amor humano!

E' a minha ultima carta deste novo desterro. Amanhã telegrapharei confirmando a minha partida. Nada recebi da megera. Ninguem saberá da minha chegada na sexta-feira.

Beija-me com o ardor da tua paixão e eu te beijo longamente, oh! meu corpo sublime e desejado do meu corpo!

Para a vida e para a morte!

Adoração! Immortal! Eternidade!



*(Londres para Paris)*

*Londres, Piccadilly Hotel, fevereiro, 1916.*

Terça-feira, 10 da manhã.

Alma divina da minha Amante sublime, dá-me o teu perpetuo encanto, e que eu me abysme eternamente em teu ser, oh! idolatrada do meu coração!



Neste grande recolhimento quanta meditação profunda! Quanta imagem do Passado não desfila aos olhos da minha lembrança e como o teu amor é immorttal e incomparavel! Eu sei bem tudo o que de divino tu me déste, e como a paixão te criou infinita e Unica! Eu me orgulho em ti, minha Santa extatica, e eu sinto toda a profundeza do teu amor, que não encontro igual em nenhuma mulher! Tu vives como eu sempre aspirei para o nosso amor, no absoluto. Tudo ou Nada. E Tudo eternamente, porque o Nada seria a nossa morte na união suprema dos nossos seres. A Morte! N'um dos meus livros de nota, o unico que tenho commigo, encontro este bello e triste pensamento teu: "O Amor é tudo, tudo, e a separação no Amor é a imagem da Morte. Mas a separação vive da Esperança e a Esperança é uma força divina. E a Morte? Oh! a Morte é o fim de tudo... A nossa Morte está unida, nós partiremos juntos e isso tambem é uma dolorosa mas bella consolação" Tu o disseste, Anjo sublime, e mesmo na idéa da Morte que teremos, tu puseste a imagem da Belleza que é a expressão maravilhosa de todo o teu ser. A Belleza! sempre a eterna Belleza! Sejamos gloriosamente fieis e esse destino de nossas almas e de nossos corpos, e vivemos na immaculada pureza do Bello. Que nossos mais intimos e inconscientes pensamentos, que nossos mais insignificantes gestos sejam pensamentos, gestos e actos de Belleza. Que a propria dôr, que a piedade, que a tristeza, que a desgraça, tudo, tudo se transforme em Belleza, e que a vida esthetica que é a vida da Paixão, seja a nossa vida, meu doce Amor!

Ha 15 dias te deixei n'uma tarde de angustia... Oh! Tristeza! E quanta cousa depois, e quanto heroismo tu debes ter mostrado nesta tormenta que te cerca! Mas

eu sinto uma grande consolação quando penso na serenidade da tua alma! Porque tu não és inquieta em teu ser mais profundo. Tu podes ficar atordoada com as perseguições da sorte, com as contrariedades que se oppõem ao teu glorioso e fatal caminho, mas a tua alma é serena, é confiante e segura e d'ahi te vem essa força sublime que eu admiro tanto e me conforta no meio de tanta luta em que nos debatemos. Essa serenidade eterna e intensa e intima vem da immensa confiança que tens em mim, na minha paixão incomparavel, em todo o meu ser que só vive por ti, Amor! E eu sou supremamente feliz em te dar essa maravilhosa vida secreta á tua alma, que vive em eterna primavera, e que só te dá nos dias mais torturados, o espectáculo da belleza magica da cõr, do esplendor, da força joven, da aspiração para o além puro e longinquo, o céu da Paixão, e tudo é docemente verde e ouro na paisagem da tua alma, oh esperança! Tua alma é o Paraiso mysterioso da Paixão! E embora todo o resto do mundo esteja em trevas, envolvido nas densas nuvens da melancolia e da tristeza, a tua alma vive no esplendor do Amor, na Alegria secreta da Paixão immortal, que te arrebatava além da Piedade, da Compaixão e da Morte para te dar a vida eterna, o deslumbramento intimo, o fremito da Unidade maravilhosa e sublime na alma e no corpo do teu Amante! Pelo Amor tudo venceste, e és Unica! Adoração! Belleza!

Ainda mais tres dias eu parto para as tuas caricias supremas e desejos anceiados de todo o meu ser.

Os negocios se apresentam bem. As condições que obtive são as melhores possiveis. E tu como vaes?...

Eu vivo com o meu pensamento em ti, instante por instante, te seguindo por toda a parte... Eu te quizera sempre commigo...

.....

Como nos beijariamos e nos agarrariamos bem, bem um ao outro... Beijos em tua bocca, em teus olhos... Vem, Amor meu!



*(Paris para Paris)*

*Paris, 1916.*

Segunda-feira, 2,1/2.

Meu divino Amor. Idolatrada, porque não vieste? Porque? Eu precisava tanto, tanto de ti, dessa tua immortal caricia que me deslumbra e me dá a vida, e de todo o teu ser... Estás doente? Oh! esse immenso silencio!... esse desespero do Nada!... Toda a manhã á tua espera, e estremecendo de antegoso a cada instante que passava e a cada ruido de que se podesse imaginar a tua apparição... E depois, estremecendo do frio da solidão, e da ancia da inquietação!

Espere até dez minutos depois de meio-dia...

Vim correndo depois do almoço, pensando encontrar uma palavra tua... Nada! nada! E' terrivel! E' angustioso. O meu impeto é mandar Aimée ao telephone... será uma imprudencia?... Talvez. Oh! como tudo isto é doloroso e despedaçador!... E que aborrecimento enorme de não poder passar toda a tarde aqui,

a esperar ou a tua adorada vinda, meu doce Amor... ou ao menos uma carta. Infelizmente tenho um "rendez-vous" importante ás 3 horas e sou obrigado a partir. Voltarei ós 4 horas. Serei feliz? Moisés feliz? Quem sobel... Oh! Meu Amor como tu és a minha unica e total vida, e como eu soffro na ogonia de te imoginor doente! Não! Tu estás bôa... Amor...

Escreve-me uma qualquer cousa... Voltarei. Até logo? Sim... Não. Não... Eu te devo de meus beijos na oncia da minha poixão eterno.



*(Paris para Paris)*

*12 de novembro de 1916.*

*(Trecha de carta)*

.....

Esperemos docemente a morte. E' o instante da não separação que se approxima para nós, tão dilacerados em nossos corações sempre reportados um do outro. Que o mesmo caixão nos leve o mesmo tumulo, que nossos ossos se misturem no seio tranquillo e sombrio da mesma terra, e que o pó do que foi nossos corpos se confunda para sempre. E assim unidos, indistinctos, tenhamos emfim a paz e a eternidade que buscavomos em vão por entre os tumultos da vida.

.....

Ou então que os nossos corpos sejam queimodos juntos e a mesma urna guarde os nossas cinzas que reunidas se confundirão como foram unidas as nossas



**NAZARETH**  
**11 DE FEVEREIRO DE 1918**  
**SÃO PAULO**



esperanças, as nossas alegrias e as nossas penas e sejamos assim além da morte, para sempre inseparáveis.

.....



*(Divonne para Evian)*

*Divonne, 21 de julho de 1919.*

Segunda-feira, 9 da manhã.

Ma Petite Chose idolâtrée, mon Aurore! Bom dia! oh! minha Saudade e toda minha vida!

Depois de uma longa scisma como só um grande silencio pôde inspirar, scisma de amor, de desejo, de esperança e de desolação! deixo o pensamento errante e venho deante da tua Imagem divina fazer a minha oração fervorosa e transbordante de amor eterno! Tu és bella!... tu és gloriosamente bella! Tu te ergues no espaço como uma flor! tu sobes como um lyrio, tu brilhas como uma rosa! Oh! tu és leve, e teus pés apenas tocam a terra, e tu já estás te exalçando para o Infinito! Tua cabeça é como uma chamma que aspira! Tu bebes a luz etherea, e os teus olhos dão a Esperança que corta as trevas, a Aurora que annuncia e promette, a sombra luminosa que é o mysterio, a doce noite de amor!... Eu te adoro!...

A tua suprema belleza, que tu mesma não comprehendes, como a flor não se entende, me dá em todo o meu ser este fremito, esta vibração suprema, todo este Indefinivel sentimento de desejo, de aspiração e de

passa e de unidade, que é toda a razão sublime da vida! E essa beleza se faz crianda, desenvolvendo, expandindo, se aprimorando, até se tornar este milagre de expressão divina com o Tempo, e a grande artista foi a Amor!

Como tu és bela, mais bela, depois que cada linha, cada traço da tua carpa a Paixão trabalhou! O grande labor da sofrimento e da alegria, a grande chama da amar, a alma, enfim! todos martelaram, cinselaram o teu corpo maravilhosa e em cada traço a vida eterna, a expressão incamparamvel, e essa irradiação infinita de quem leva dentro de si o Mysterio da Eternidade!...

Oh! Tu que és a Divinal que és a Absoluta o Irreal! como é grande o meu sofrimento de te ver te debatendo no relativo, e em todas estas "categorias" que são a prisão da alma e da amar!!

Eu quizeria te dizer tanta coisa, te explicar a ti mesma... Eu te quizeria aqui nesta liberdade em que viva inutilmente... Porque eu sou livre aqui onde não te tenha? Como a sorte é cruel! Nós estaríamos ainda na profunda esquecimento do tempo... nesta manhã fria e triste e a noite de amar se prolongaria misteriosa e ardente!... E estou só... só com a meu amar que me cansa, mas não me acalma nesta separação. Como é preciso ser resignado! Oh! minha Paixão! E pensar que tu saffres, que a Ser idolatrada para quem a vida devia se transformar em perpetua magia de encanto, de doçura e de extase saffre! este doloroso pensamento aumenta a minha desolação. Temos muito que lutar ainda e é terrível quando o combate é em todas as terrenas, até nas preocupações materiais.

A minha esperança de vencer em tudo é firme, e se esta me faltar que será de nós, meu suprema Bem?...



Nada está ainda definitivo em nossa situação material. Os negocios vão tão devagar! Eu sei que é assim mesmo e que é preciso paciencia. Mas não podemos esperar muito. Eu "preciso" ter uma resolução definitiva até janeiro. Agora que vejo mais claro, que muita illusão cahiu, e que conheço melhor os assumptos, a minha luta vae ser mais energica. Contento-me com o que puder obter, mesmo com prejuizo relativo. Em nosso paiz tudo é incerto e demorado. Ha uma semana que espero a resposta de um telegramma para decidir o contracto ahi, ou aqui, e nada me chegou até agora!

Não te desoles, Petite Chose adorada! Tu és forte e sublime, mas tu és tambem muito fragil... Confia e espera. Dá-me a todo o instante a tua alma, eu a recebo atravez dos espaços, como a hostia sacrosanta na mystica communhão do Amor eterno!

E todo cheio de teu espirito divino, eu me alegro na minha infinita tristeza!... Dá-me a tua bocca ardente, dá-me os teus olhos sublimes, dá-me o teu seio palpitante e tepido, envolve-me na noite dos teus cabellos... conchega-me a ti, assim, assim, mais e mais, e n'um abraço estreito e voluptuoso unamos as nossas almas e os nossos corpos em um sublime e infinito extase de amor! Amor! Amor! e eu te cubro de beijos e morro e vivo em ti, oh! Idolatrada!

Eu vi n'um tanque d'agua, ao anoitecer, na montanha, um bando de cysnes brancos dormindo sobre a flor d'agua tranquilla.

Assim repousam os teus pensamentos cheios da felicidade do Amor.



*(Divonne para Evian)*

*Divonne, 24 de julho de 1919.*

Quinta-feira, 9,30 da manhã.

Oh! que sol! que luz nesta minha grande solidão,  
minha Santa transfigurada, minha Paixão immortal!

E hontem á esta hora, (instante fugitivo de amor,  
de eternidade e de volupta sublime!) eu tinha para me  
illuminar outra luz, outro sol!... Eras tu, Amor! Belleza  
suprema, Fascinação deliciosa... E como eu te tenho  
em mim e deante de mim perpetuamente, todo esse  
outro mundo de fórmãs e côres me parece um mundo  
morto, a não-realidade, a não-existencia... E para elle  
não vão os meus olhos. Olhar o que? Quando eu tenho  
os olhos cheios da maravilha do teu corpo? quando eu  
tenho nos meus olhos os teus olhos em tão doce e infi-  
nita conjuncção? quando tu és a paisagem unica, sur-  
prehendente, que cada instante me revela mais  
belleza!!...

Lembras-te, Amor? ainda hontem, quando nos meus  
transportes de paixão eu parei um momento, repentina-  
mente inebrado de belleza pela revelação que tive  
vendo os teus cabellos cahir como delicioso manto sobre  
o teu dorso... teu dorso de um modelado tão perfeito,  
tão divino que parece sobrenatural, e de uma côr tão  
pallida, côr de marfim, côr do martyrio, do sacrificio,  
côr da Paixão e da Transfiguração?!...

Oh! Quem traz este encanto nos olhos, o resto lhe  
é indifferente. O sol dos outros brilha no céu dos  
outros? Ha côres? ha fórmãs? ha outra belleza? Não  
sei... Nada existe para mim fóra do "meu" sol, do

"meu" céu, da "minha" côr, da "minha" fôrma... E fôra deste "meu" Universo que sou eu aqui exilado neste outro mundo ignoto, estranho e intangível?...

Eis a minha grande desgraça, meu Amor divino, toda a angustia deste ser que é teu, te busca, e não "vive" fôra de ti... O que me sustenta, o que me dá a certeza, a consciencia de que não estou morto é a memoria da minha felicidade suprema! Oh! Memoria amiga e amparo do meu coração!... Como tu me resuscitas cada instante de amor, de beleza e de sonho. E' um sonho de um sonho!... Sublime mysterio da vibração do meu espirito! Eu "a" vejo! eu "a" contemplo, eu me abysmo em "seus" olhos, eu "a" beijo, oh delicia! eu "a" tenho nos meus braços, oh palpitação divina do seu coração, seu lindo corpo vibra docemente no meu corpo... oh sonho maravilhoso, sonho, lembrança, resur-reição do extase immortal!

Eu te agradeço minha fiel memoria, de me dares esta consolação que me faz ainda viver, porque na doce e magica evocação do Passado está a promessa ineffavel, exaltante do Futuro... Será amanhã, ou n'outro dia, mas "será"... E assim eu vivo, lembrando e esperando!

Saudade! que mistura o que houve com o que vae haver, e assim como n'um cyclo mystico, tudo é Eternidade pela força suprema e invencível do Amor!...

Oh! como eu te amo! e como a nossa Unidade é absoluta e immortal! Minha Paixão eterna!

1 e um quarto... Fiz, meu querido Bem idolatrado, uma pausa para ir á ducha e ao correio, de onde volto. A tua anceiada e divina carta não chegou. Era muito cedo para eu ter, mas acreditando sempre n'um bom acaso, fui ao correio.

Ainda nãa te contei o resta da minha tarde de hontem. Depois que te escrevi, veiu o "masseur", e eu tomei uma longa ducha. Pobre corpo que a batem, o amassam e o inundam d'agua, camo se elle fosse um condemnado e como se toda a agonia não estivesse na espirita.

E vaguei um pouca par estes campas e basques, quando sabre elles descia a grande paz da Natureza.

Que cantraste cam a alma do teu Amante triste, mas da grande melancalia que nas abate e nos envalve!... Meu espirita n'aquelle inquebrantavel silencio te buscava avida, ardente... A tua dalarasa imagem da cáes d'Evian se mastrava deante dos meus alhos, muda, angustiada, n'um infinita desespera de paixãa e abandono. Nãa! Eu estau eternamente cantiga!

Que cammoçãa em minha alma errante, vaga, perdida nesse silencia insupportavel, porque tu me faltas, divina Amor!...

Quanda valtei era naite. Jantei a mais levemente passivel, sem carne, sem queijo, sem vinho. Apenas legumes e um pauco de creme de baunilha, e subi ao meu quarto.

Oh! Evian! tão longe na horizonte, e as luzesinhas a tremem de hesitação e de frio na linha indecisa que a agua disputa á terra... Toda a meu pensamenta se ausentau de mim, e elle vivificou o teu carpa sublime... Eram 9 haras... Pauco depois deitei-me. Luzes apagadas, nenhuma leitura, janella tada aberta, sem véas, sem cartinas, a naite pallida lá fóra a me fitar n'uma grande tristeza e cama compadecida de mim, o meu pensamento que voltara de ti e que eras tu... e

assim adormeci n'um somno sem fim até ás seis horas de hoje!...

Chega o correio do dia, ultimo. O primeiro é ás 9 horas. Não tive nada por elle.

O "Gelria" aborrecido deixou o Rio a 24 e estará em Lisbôa a 6 de agosto. Eu tenho de sahir d'aqui a 7 ou 8, isto é quinta-feira ou sexta da proxima semana.

Na segunda-feira ahi estarei, á noite, oh! suprema felicidade... Sonho, realidade, mysterio, extase! Terça passo o dia com todos. Não pensas tu que devo dormir ahi no "Royal", ou no "Léman", de modo que passemos toda a manhã de quarta-feira juntos, nossa ultima manhã, neste recanto onde fomos sublimes?... Pensa bem, eu farei como entenderes.

Se eu sahir do "Royal" na manhã de quarta-feira, despeço-me á noite de terça-feira e digo que parto pela primeira barca de quarta e venho ao "Léman". Se eu sahir á tarde de terça-feira do "Royal", as cousas se complicam, porque eu terei de tomar a barca de 6,25 que me levaria a Ouchy, a ultima barca que não chega a tempo de tomar a que volta de Ouchy, ás 7,2. E não ha meio de fingir que venho tomar a barca porque sendo ainda cedo a sua partida, é natural que Paulo ou as meninas me acompanhem até o cães. Agora, vendo o horario, me occorre outra hypothese, vir a Ouchy na tarde de terça-feira, ahi dormir, e voltar pela barca de 7,05 da manhã de quarta-feira e ás 7,40 chegar a Evian, onde tu virás ao "Léman", "cinco minutos" depois (não mais de cinco minutos). Creio que é a melhor solução. E passarei o mais longo tempo possivel em Evian contigo, e talvez dahi mesmo parta para Paris, por Bellegarde. Este ponto é para estudar. Se concordares com o meu plano, seria bom Lina avisar o hotel que me reser-

ve o quarto para "quarta de manhã". Assim estaremos juntos mais tempo seguido, desde a "heroica noite" de segunda, até a tarde de quarta-feira. Pensa bem e responde. Aperto-te, estreito-te bem contra o meu corpo inteiro e uma vida divina se apodera de mim...

Beijo-te, beijo-te e todo a minho paixão eterna!

Meu divino Amor, lê e relê esta pobre carta em que te mondo tudo o que ha em mim.

Que estos polavras vivam eternamente em teu ser como o fluido que o animará na sua immortalidade...



### *Parque do Silencio*

*(Divonne para Evian)*

*Divonne, 25 de julho de 1919.*

Sexta-feira, 5 horas da tarde.

Idolotrada!... Minha Doçura e minho Luz!

Escrevo-te deste parque do Silencio... A solidão é infinita e ella é feito deste céu tão alto, dessas arvores tranquillias, desse verde tão doce, desse canto de passoros, desse mugido de cachoeira que conta e são como o crystal, e dessa grande e bembfaseja ausencia dos seres humanos.

Como esse, sim, é o teu reino. Aqui seria o nosso Poraiso revelado, emquanto para os outros o Poraiso é perdido eternamente! E que piedade eu tenho de ti, minha Amante divina, que devias estar aqui ao meu lado, sob a magio do Amor supremo, e no emtanto estás ahí nesse orrostar vulgor de teus passos, indo do "pâtisserie" ás lojas, do Casino ao Hotel.

Que miseria te fazem, meu grande e immortal Amor. Que martyrio sem fim o de tua Alma divina que tem horror á existencia de condemnada que te fazem! A minha piedade é immensa e eu chego a ter raiva de minha liberdade, desse prazer de poder ser livre, de poder meditar sobre a nossa Paixão, cantal-a por entre os doces encantos da Natureza indifferente e bella!

Porque não sou eu que estou nessa banal Evian, nesse detestavel Hotel Royal, enquanto tu devias estar socegradamente aqui, fremindo da maravilha do mundo e compondo estes hymnos de amor, que só tu sabes, oh! mulher incomparavel, compor para o teu Amante? E não poder eu nada por ti! Oh! Desespero sem nome!

Mas que tu ahí nessa cosmopolis, nesta insignificancia que te cerca, saibas que a mesma hora em que te arrastam, eu vivo em ti, meu amor te sustenta, te exalta e te immortalisa. Que pena tenho, profunda e infinita de ti, minha Coisa idolatrada, e que o meu coração palpita em teu corpo, como a fonte eterna da tua vida immortal, e que eu te beije e meus beijos te protejam, como meu amor vela eternamente sobre ti, Adorada! Adorada!



*(Divonne para Evian)*

*O Amor e a Vida humana*

*julho, 1919.*

O nosso Amor é infinito, elle domina o Universo e elle fez de nós o Todo, a Unidade absoluta. Elle sobreviverá a todos os cataclysmos.

Uma catastrophe universal deve vir sobre a Terra para que o nasso Amor seja invencível, e sempre victorioso paire sobre as ruinas do mundo, coma o espirito divino sobre as aguas do diluvio...

Dois annos depois dessa invocação e desta previsão penetrante do mysterio da vida, a catastrophe desabou sobre o mundo.

Oh! horror! Tudo o que era humana entrou n'um paroxysmo de destruição. Os imperios se afundaram, os poderosos foram humilhados, a Terra revolta pela metralha, as florestas queimadas, o ar pestificado, as aguas perdidas, o mar, um abysmo de traição, a sangue enrubesceu o Universo.

E nada venceu aquelle Amor, que o sangue não maculou e o fogo que tudo consumiu, a vida e a materia, deu a apotheose da morte universal para o tarnar eterno.

E sobre as ruinas do mundo paira este Amor immartal.

Do soffrimento da Terra elle recebeu o fremito da Morte.

Os nossos dois seres são a essencia do Universo. Elles não se extinguirã e sobre o que póde desapparecer, a nassa serenidade é absoluta e infinita. A nossa Unidade é tão perfeita, que tudo nos parece espectaculo, brincos da inconsciencia suprema, jogos do Destino, que a propria Morte não é mais a Morte, e que a Vida não é mais a Vida. Tudo desapparece, e nós, na volupia sublime, extinguimos o proprio Universo e nos abysmamos na divina inconsciencia.





*(Divonne para Evian)*

*Divonne, 26 de julho de 1919.*

Sabbado, 11 horas.

Meu Divino Amor! Minha Paixão Immortal, Petite Chose do meu sangue! Como estou triste! O que devia vir, não veio! O que eu chamava da minha profunda saudade não chegou!... A tua ardente e apaixonada cartinha, cheia desta infinita ternura que me sustenta na grande solidão e na desolada separação... Já fui duas vezes ao correio. Nada! e estou certo de que nada virá até amanhã. Por acaso, fatigada, tomada de uma emoção tão viva que te faz sonhar em vez de agir, não pudeste, meu doce Amor, escrever, n'aquella tarde de quinta-feira? Então o atrazo se explica, e eu terei amanhã talvez duas cartas, a de quinta (á noite) e a de sexta. E quem sabe se não terei o deslumbramento de te ver?!... O tempo está bello e não duvido que tu possas decidir a excursão. Nesse caso eu espero um telegramma que me dará aviso e que é necessario para que eu vá a Nyon. Só ha dois automoveis em Divonne que têm o "permis" internacional e podem ir á Suissa. Devo arranjar um delles. Em todo o caso eu irei a Evian, na terça-feira, como está combinado. Se eu não tiver o mesmo quarto (o que comprehenderás, por me veres te esperando á janella) tu encontrarás em baixo, no "café", uma das mulheres da casa que te dirá onde estou. Ou melhor eu te esperarei á porta. Sei que deves chegar de 7 e um quarto a 7 e meia, na quarta-feira.

Oh! que tu não estejas doente nesse dia e sobretudo na venturosa noite da bella loucura que viveremos, meu Amor eterno, da volupia, do encanto, da paixão maravilhosa que nos agita, nos exalta e nos engrandece, meu Universo, meu Tudo!...

Hontem errei por toda a parte, neste parque, nessas campinas e tudo foi uma doce conversação contigo. Um momento, uma immensa tristeza me tomou o coração. Era uma piedode infinito de ti, que ahi soffres, e vives uma vida sacrificada e tola! Não! Tu não devias estar ahi, nessa Cosmopolis idiota, vivendo no meio desses fantoches, que são como phantasmas vindos de um mundo que já morreu. E a minha tristeza foi enorme. E della tracei as linhas que te mando nesta folha de papel. Já antes eu havia escripto uma meditação sobre o nosso amor, éco da conversação tão intensa e olta que ahi tivemos, minha Santa. O nosso Amor immortal, planando sob a destruição do mundo, e se tornando universal, e fóra do Tempo, olém dos Espaços.

Aquella piedade de ti me commoveu tanto que á noite o meu organismo se resentiu. Pela modrugada tive um grande suor gelodo, e senti como se a vida se me fosse... Passou sem eu ter perdido conhecimento... Hoje de manhã consultei o medico sobre essa crise. Disse-me que noda vinho do coração. Era tudo por excesso de emoção, que eu devio ter tido um oborrecimento que me havia enervodo. Guardei o parecer, mas não disse o que eu havia soffrido. Apenas respondi que provavelmente eu havia "pensado" um pouco de mais.

Ah! Amor, amor, é o meu temperamento tão emotivo que se declara. Paciencia. Viveremos assim. E' por esta força de emoção que o Amor é o que é, e que eu sinto toda a essencia do teu ser divino. Vês como eu te amo, minha Belleza?... E o que tu fazes do meu Amor,

desse Amor unico na terra e no Universo e em todos os tempos?... Oh! sim, eu sei, minha Doçura, minha Consolação, tu fazes delle a tua vida eterna! E tu me amas, e nós somos um só na immortalidade de uma Paixão unica, e que não tem nome para sua grandeza infinita.

Meu Idolo adorado! Tu virás amanhã? Olha tudo o que é meu aqui. Vê, toca em tudo, e as coisas terão um pouco da tua vibração. Adorada!

Beijo-te com os meus beijos mais fogosos e mais ternos. Dou-te a minha vida e sou teu para a morte e para a vida na belleza da nossa paixão!

Escreve uma cartinha bem tua a minha mãe, endereço: 142, rua Humaytá, Rio de Janeiro.



*(Divonne para Evian)*

*26 de julho de 1919.*

*Poema de Amor*

Tu virás bella, radiante, como o Amor!  
 Nos teus olhos a Esperança é uma eternidade.  
 As tuas lindas mãos vêm cheias de promessas e todo o teu corpo sublime, é um poema de paixão!...  
 Tu te ergues da terra para o deslumbramento.  
 Tu vieste da nebulosa primitiva até a mim como a alma de minha alma, e só em mim a tua unidade foi absoluta e immortal.

Tu me revelaste a felicidade que me invadiu o Ser e me transfigurou.

Por ti me senti um com o Universo, e sou total, completo e innumeravel.

Eu trago em mim depois desse Amor, a alma do Todo.

Como é doce o infinito do teu olhar apaixonado, como é sublime o teu Amor que me possui eternamente!

Oh! Deliciosa, oh! Immortal!... Eu suspiro por ti longamente. Quizera a meiguice e a musica da tua voz, quizera a ternura e a vibração da tua carne, o manto da tua pelle morena que me envolve todo e me acaricia, quizera o toque e a cascata dos teus cobellos que me fazem estremecer de goso...

Quizera os teus olhos de paraiso, teus olhos de amor, o teu olhar de Santa apaixonada... Quizera a tua bocca fresca, alegre, grave, eterna... Morte de amor! Quizera ver, adorar a tua câr pallida... E quizera loucamente a ti, minha Nazareth!



*(Divonne para Evian)*

*Divonne, 27 de julho de 1919.*

Domingo, 11 horas.

Amor! Idolatrada! Minha Paixão immortal, minha Belleza que me exalta e me move!...

Por que palavras posso dizer-te, oh minha Santa, a doce vibração deste ser que tu inspiras de tua Paixão

incomparavel! Como te exprimir esta alegria allucinadora que é saudade de ti, minha Divina, dos teus extases, de nossas loucuras, que avivas na tua carta da tarde d'aquelle dia que foi toda a sublime manhã do Amor? Oh! que extraordinaria e suprema Amante é a que é minha para a eternidade! Só pelos meus beijos collados á tua maravilhosa bocca, e a minha carne na tua carne, te possuindo, te acariciando, te inebriando, te dando o immortal esquecimento na morte voluptuosa do goso inaudito, só nesse incomparavel extase, eu te poderia exprimir a belleza da minha alegria que vem de ti, vae para ti, Amor, Amor, minha Santa transfigurada, Admiração, Paixão, e tudo o que de sublime não tem nome!

Quasi que não posso te escrever, tal é a emoção que se apodera de mim, e a vontade louca de lêr e relêr a carta onde tu derramaste o fluido, o filtro da tua Paixão... Não pude resistir. Reli mais uma vez essas duas cartas, a de quinta e a de sexta, e o cartão das duchas. Oh! meu Bem adorado, como eu ahi sinto toda a tua alma ardente, todo o teu sublime coração apaixonado!

Tu és o Amor! Se pudesse te definir, a ti que estás acima das palavras humanas, o teu nome, oh minha Nazareth idolatrada, seria Paixão!...

E eu vivo desta Paixão eterna, dessa Belleza que é para mim toda a magia universall Como meus olhos se alimentam, se extasiam se exaltam da tua fórma sublime!... O artista te contempla arrebatado... O amante te possui, louco, maravilhado, transportado ao extremo do goso humano...

Tua fronte tão pura, tão simples, tão correcta, meu "Parthenon"! Teus olhos oh!, teus olhos, tão eternos, tão doces, tão meigos, tão luminosos, olhos de Paixão infi-

nita, olhos negros-azues, como o mysterio, o sonho, o extase divino!

E os teus longos cabellos que me acariciam e me envolvem e me prendem, eterna corrente amada! E a tua bocca, oh bocca maravilhosa e ardente e branda e meiga onde morre e vive e renasce eternamente a fonte dos teus beijos immortaes... Minha bocca que eu confundo com a minha e que ambas se abysmam na volupta estonteadora... E esse corpo sublime onde os meus olhos incansaveis se maravilham, se repousam e partem para o ideal!...

Oh! a graça, a elegancia, o acabado, a esbelteza, a irradiação, a pallidez desse corpo de marfim, corpo de paixão, nascido da Terra e vindo do Céu á Terra para mim, para o meu corpo, meu corpo irmão, meu Tudo, meu Paraiso!...

E o "resto" eu não sei mais dizer, Amor, é o delirio, é o goso, é a volupta, é a sensualidade suprema, é a porta sublime do templo da Paixão, e por ella eu sou immortal e a minha felicidade é unica, eterna, a morte se allia á vida, e não ha mais fim e mais principio, é a unidade absoluta, a Paixão, a Paixão...

Sabes tu o que é o Amor?... Sim, oh! sim... Só tu sabes o que é o amor e o que é a Paixão.

Meu amor, que este delirio socegue um instante para eu te poder dizer alguma cousa sobre o que temos a fazer. Meu Bem, eu estarei ahi na terça-feira á noite no nosso seguro e inolvidavel "Léman". Se achares bom, manda Lina levar a tua carta de amor e ao mesmo tempo saber qual o numero do meu quarto. O que tinhamos era o n.º 1. Se, porém, a tua carta vier pelo correio comprehendo que Lina não vem ao "Léman" Em todo o caso na terça-feira pela manhã avisarei ao hotel a

minha chegada, e assim á "tarde" tu, por intermedio de Lina, terás certeza de que não houve mudança.

Vou telegraphar amanhã, ou terça-feira ao "Royal", reservando quarto no quinto andar, de preferencia.

Oh! toda a minha vida está concentrada neste unico pensamento: ver-te, devorar-te de amor, receber o fluido immortal de tua Paixão, e me esquecer doce-mente nos teus braços, em "teu" leito! Maravilha!...

Não te inquietes muito pela minha saude. Dormi bem esta noite. Hontem não fiz nenhum esforço intel-lectual. Andei, andei, por estes morros e campos. Que grande calma, em redor do teu Amante sempre só, que não olha, e nem fala a ninguem! Tu vives em mim e eu me sinto por isso um Deus!...

Não vieste hoje! que grande pena eu tenho. Mas tu, minha Divina, não és senhora de ti!... Pobre Amor! eu te devoro de beijos, de caricias, e tu verás como tudo será bello, sublime, unico!

Esta é a minha ultima carta até o nosso divino encontro. Oh! Minha Paixão!

.....



*(Divonne para Evian)*

*Divonne, 7 de agosto de 1919.*

Quinta-feira.

Meu sublime Amor! Alma de minha alma, minha Santa amante! oh! meu doce Bem, minha eterni-

dade! Sãa 3 haras, acaba de chegar á minha melancalica solidão, abro alguns telegrammas, vejo que a minha ausencia nada perturbou, e lago venha te dizer a minha immensa felicidade e a minha infinita desgraça...

A nassa vida é a mistura deliciosa e amarga da dôr e da alegria suprema... Não sei como te dizer a minha adaração, essa posse do teu ser pelo meu ser que é a unidade absaluta e immortal. Oh! cama te vejo tãa dalorasa, tãa martificada, tãa bella e tão divinal Amor, Amar, porque és tão minha e tãa unica?!

Eu tenha uma piedade de ti que me esmaga e eu tenho uma dôr infinita dessa separaçãa que é a imagem da marte em nãs... Oh! que haras de supremo delirio, de "absoluto" nós vivemas! Jamais fomos tão felizes e par issa a separaçãa é impossivel e quem sabe a destina que ella encerra em si!... Não faça mais nada, absolutamente mais nada senão repensar a nassa vida celeste desses dias incomparaveis em nassa amor... Bemdita Amor que nas maravilhau pela grandeza, pela magestade e pela daçura das seus actas! ...

Coma te deixei n'aquella pequena rua sympathica das nassas passos de amar... Tu cam as mãos cheias de rosas, oh Divina, eu vi a tua imagem assim que nãa mais poderei esquecer... Desci rapido aquella ladeira, encontrei laga em baixo um excellent automovel e nelle me precipitei, e velaz partimos para Thonon.

O amar nas protege sempre, e a minha invisibilidade é camo um mytho. Ha qualquer causa que me tarna invisivel de todas... ah prodigio da Paixãal ah vida eterna!

Como samos invenciveis e sempre glariosos, mesmo na dôr!... Na barca nenhum canhecido. E um momento de angustia quando não te vi no cáes... ah minha Santa



idalatrada! Mas tu vieste e eu vivi em ti, na tua dâr cruciante, dôr de amar eterna... Mdl indefinivel da Paixão! e dei-te o que já eternamente vive em ti, a minha alma, a minha saudade esmagadara. Oh! que acabrunhamenta alli... e quanda nãa mais te vi... Adeus! Adeus! Cubra-te de beijos immortaes. Para a vida e para a morte. Adaraçãa eterna.

Estou te escrevenda ás carreiras. O correio vae partir. Já fiz pedir a Hotel Royal na telephane. Escrevo mais tarde. Amor! Mysteria Sublime! Minha Paixão!



*(Divonne para Evian)*

*Divonne, 8 de agosto de 1919.*

Sexta-feira, 8 e meia da manhã.

Minha Paixão eterna e immartal! Minha Glaria! meu Bem Suprema. Consalação. Força. Daçura de minha vida!

Cameça a te escrever e um grande chôro me toma... é um châra em que o meu ser desamparada se angustia e se deixa ir, perdida, sem mais vantade de nada, desgarrado da sua salvaçãa e da corrente que o mantinha firme e resplendente!

Meus olhas se valtam para o que fai n'um desespera, n'uma ancia allucinada, e todo eu, me agarro á immensa Belleza que vivemas, ah Amar meu! e quero rever tudo, e viver na lembrança de cada parte, cada

incidente desse poema maravilhoso que se foi e me deixou totalmente transfigurado... Oh! exaltação sublime, porque passaste?... que desespero, minha Adorada, que dôr no coração de teu infeliz e glorioso Amante!...

Eu sei que é preciso um valor, um animo superior, para dominar esta infinita desolação, e esperar ainda 16 longos e infernaes dias sem te ver! Eu sei tudo... Junto de ti, pelo fluido divino do teu ser eu posso tudo, eu tenho uma coragem inaudita. Mas é depois que vem a desorientação, a morte em mim, oh minha Adoradal

E é tudo que me faz soffrer, a separação em si mesma, terrivel, dura, triste, a falta, a falta, oh meu Amor, de ti, dos teus encantos sublimes, da tua belleza, do teu olhar divino, da tua voz que me exalta cada cellula do meu corpo, de todo o teu contacto que me funde, me absorve, e me divinisa!... é tambem a pena de te ver soffrer que me dilacera o coração e tu soffres muito, muito e eu não te posso saber neste desespero da dôr do Amor que é a dôr suprema e incomparavell... Tudo isto é a minha alma, e será por longos dias de ausencia... Meu pobre Bemsinho adorado, que devemos fazer?!... Como resistir ao martyrio que é o presente, e ao sacrificio que váe nos matar?!... Eu te quizera beijar, beijar sem fim! Ter-te bem agarradinha a mim, acariciar-te toda com as minhas mãos e meus olhos deslumbrados! Suspirar na tua bocca!... Que infelizes nós somos! Resignação? E' possivel viver sem um grande e nefasto soffrimento?...

E ainda vou inquieto pela tua saude. Tu me disseste hontem pelo telephone que havias "levado um tombo..." Tu sorriste da minha angustia... Amor, tu ficaste contente de sentir a minha vibração por ti... Mas ella é perpetua, eterna, immortal. Amor!

A explicação que me deste não me chegou clara, oh! que maldito telephone! Apenas percebi dizeres que estavas com teu pae, e affirmares que não estavas machucada. Isso é essencial, teu lindo corpinho divino, machucado, soffrendo, dolorido, ferido, oh! não, mil vezes não! Mas quem sabe se vacillaste e cahiste porque estás atordoada por tanta tristeza?... A dor te perturba os sentidos e tu não tens o mesmo equilibrio, pobre coração adorado da minha "Petite Chose" idolatrada! Espero amanhã saber de tudo pela tua carta que receberei em Paris. Oh! Paris sem o meu Amor! Que melancolia! mas tu virás sem falta e a Esperança me dorá a suprema coragem de esperar. Sigo hoje. Deixo esta Divonne da minha solidão de amor e sonho...

Todo o interesse acabou para mim aqui. Resta apenas uma doce e funda lembrança. D'aqui eu partia para os teus braços. Aqui eu imoginavo te ver, e sahia para te ver... Eis o que foi Divonne. Um "ponto" de imaginação e do desejo de eterno amor!... Agora que não posso mais te ver, Divonne acabou, desappareceu, e estou muito melhor em Paris no meio das nossas lembranças do "nosso tumulo" adorado, vivendo a vida sobrenatural da nossa paixão... Não te pude dizer pelo telephone hontem que te havia escripto rapidamente e que hoje Lino podio ir ao correio onde teria seguromente a minho corto, em vez de esperar até amanhã. Mas percebi pelo tom que me falavas que não estavas só e que receavas ser ouvida talvez por Eudoxia. Ou falovas em boixo e não do 3.º andar? Mas não estavas livre, e espero que tudo se tenha passado sem transtorno. E ossim os nossos divinos dias foram sem nuvens, sem tormento... Oh! sim, houve oquelle triste tormento do tarde em que nos separaram e que tanto me doeu, e que te fez soffrer e mesmo ser injusto para

commigo, teu Tudo! Pobre Amor idolatrado!... Que encanto e que dolorosa piedade de ti, quando eu tive o teu corpo combalido, abatido e apaixonado, em meus braços no meu quarto!... Oh! Mal de amor, mal sem fim e o mais terrível de todos!...

Não soffras mais assim, meu Bemsinho amado. Não! tu dizias hontem que "era melhor" não me amares! Pois sim, Petite Chose idolatrada e divina! Não me ames mais!... Mas eu te amarei eternamente e tu serás a Immortal, a sublime Mulher mais amada na Terra!

Oh! Meu ser transfigurado pela Dôr da Paixão, arranca esse amor que te mata, mas o meu amor será immortal e absoluto!... Tu não podes, Divina?... Então porque o desejava, cruel?... Eu sei o que tu és e te admiro em extase!

Como eu estou triste a morrer! Essa noite passada, logo depois do jantar sahi pelos campos socegados, vi as estrellas e a lua... Meditei, sonhei, vibrei, revivi... Foi em mim o grande e interminavel canto da Saudade e do Amor eterno!

A's 9 horas eu estava no balcão do quarto e voltado para o lugar santo em que respiras e que foi o quadro maravilhoso da magia infinita da "nossa hora..." enfim chegada... como a aurora do grande dia de sol eterno que vae vir para nós, Amor idolatrado! Eu te imaginei ahi, dolorida, extranha, mortificada, nessa miseravel existencia que te fazem!... Imaginei que o "imbecil integral" ahi estava te fazendo soffrer com a sua odiosa presença, que o "clown" procurava divertir a galeria... e tu, oh! Amor! sentias um peso no coração, uma angustia a te cerrar a garganta e todo o teu corpo fatigado de supportar a dôr, a tristeza e o nojo... E como te havias de lembrar de mim! do teu pobre amante desterrado dos teus cuidados, dos teus carinhos de

cada instante... oh! vida injusta, estúpida e cruel! Reserva as teus "cuidados", mesma em companhia dos outros para mim só. "Só" para teu velho pae permitta que faças um pouca...

E a resto da tua noite cama se passou? Onde estiveste, phantasma que ahi estavas, quando a tua alma, a teu corpa, estavam aqui na minha saudade, e no meu sangue, danda-me vida, movimenta, pensamenta, paesia, sonha, deseja, e tuda o que é a vida eterna, creada e inspirada pela mais sublime amar do Universo! Depois de uma langa e tãa triste meditação, deitei-me, beijei langamente o teu retratinha "zangada" "feraz", como "eu quero", ah! Adorada! e pensei te escrever. Mas de sonha em sonha, de evacaça em evacaça, fui adormecendo contigo, e cama a luz estava apagada, a noite entrava pela larga janella, a noite que vinha clara do teu lado... Dormi até ás 6 haras!... Era tuda cansaço, tristeza, martificaça infinita...

E agora te escrevo pela ultima vez de Divanne. Lá me vou para a verdadeira terra da nosso amor... E tu virás e nós seremas venturosas, esquecidas, grandes e laucas de paixão. Vem! Não sei se a megera se resolve a deixar Brides haje. Nãa me parece. Não lhe dou conselhos e nem faça suggestões. Ella que faça cama quizer.

De Paris telegrapha para paste restante (sempre a Lina, naturalmente) e te escreva immediatamente. E' possivel que tenhas a minha carta damingo. Farei tuda para isso.

Manda Lina aa carreia daminga por causa do telegramma.

Agora... 1 hora da tarde, acabo de almoçar e venho te dizer, meu divino Amar, a multidã de senti-

mentos da minha pobre alma dolorida. Tu me adivinhas, pois nós somos um só, e o coração que em mim palpita é o teu doce e sublime coração... Adeus!

Fica tranquilla, doce Amor, que aqui não deixei nada. O teu retratinho foi para Paris.

Oh! Minha Belleza! Os sinos!... Os sinos tocavam a alleluia da nossa Paixão! e da nossa volupia immortal!

Devoro-te de meus beijos apaixonados e n'um extase supremo, infinito, todo o meu ser se une eternamente a ti...



*(Monte-Carlo para Paris)*

*Monte-Carlo, 24 de dezembro de 1919.*

*Noite de Natal.*

Sublime Amor! minha Esposa idolatrada! Oh! minha doce Paixão e minha Belleza immortal! escrevo-te da minha tristeza infinita á tua desolação melancolica! Somos dois desesperados de amor que separaram nesta terra e que se buscam nos espaços... São 11 horas da noite... Errei longamente só, e com o amor que nos ampara e nos guia. Errei pela beira desse mar socegado e quasi morto como a face da lua... E o "réveillon" do teu Amante desterrado tem sido na solidão da terra com as estrellas do céu... oh! como conversei com ellas!... E para mim ellas são os teus pensamentos de amor, os teus divinos desejos que se illuminam no céu

e se comunicam commigo! Ha uma infinidade desses pensamentos estrellares que são teus, vêm de teu coração apaixonado e scintillam, uns docemente, outros longinquos, tímidos, outros profundos, outros ardentes, como beijos da tua bocca maravilhosa!...

E o meu silencio foi illuminado, e tudo foi divino... Foi o unico instante de paz que tive depois que me apartei de ti, Amor meu! E que paz! a paz da tristeza, o repouso na desolação sem fim...

Que separação a nossa, meu Bem adorado! E porque? e para que?

Já te disse na breve cartinha desta tarde o que foi a viagem. Simplesmente infame. 26 horas horriveis e infectas. Tivemos baldeação em Nice para maior castigo, e sem "wagon-restaurant" durante o trajecto de Paris até aqui.

A megera esteve intoleravel de cacete, a se queixar, a gemer e em tudo nojenta! Na estação de Nice esteve rabujenta, zangada, o que me deu dôr de cabeça.

Afinal chegamos e como Heloisa e o marido não estivessem na estação, fomos á casa delles. Só ahi estava a menina com as criadas. Havia um quarto, preparado para nós, um bom quarto, com vista para o mar, e sala de banho e "2 camas" (não haveria perigo, porque Heloisa não dorme mais com o marido).

Afinal chegaram elles do Casino e nos encontraram jantando depois de ter "eu" tomado banho. A megera por esse tempo se distrahia com a neta.

Fatigadissimo dormi e só acordei ás 9,30! Nunca mais me deixaram livre até ás 4,30 quando a megera voltou á casa para preparar a arvore de Natal e eu fiquei na rua sob pretexto de cabellereiro e uma visita

aas Dantas. E foi nesse momenta que pude te escrever aquellas rapidas primeiras linhas e mandar-te a meu telegramma. Quando receberás esse telegramma?

Virás amanhã pela manhã ao nossa saudoso recanta? e a minha cartinha? E esta da meu "reveillon" contiga?

Jantamos cedo e ninguem quiz sahir á noite. Sahi só, e sem plana de te escrever. Sahi para viver cantigo na grande salidãa da noite. E vivi tão profundamente, tãa lauca de paixão que entrei neste "café" para te escrever e mandar-te aquilla que já recebeste eternamente, a minha alma, a meu caração!... Oh! minha idalatrada Santa! que amar sem fim e sem principia cama a eternidade...

Neste ruido dos outras tuda é silencia e belleza divina para o teu Adarada!... Escreve-me a tua alma e a tua vida. Quero "tuda", "tuda... Oh! eu te cubro dos meus beijas... Amar, amar! E' a noite do symbolo da revelaçãa do amar dos hamens! Mas o nossa amar é eterna e divina!... Oh! Nazareth!

Beijas! Adoração!



*(Monte-Carlo para Paris)*

*Monte-Carlo, 25 de dezembro de 1919.*

8,1/2 da naite.

Minha dace Vida, meu Bem suprema, camo é triste a minha pabre existencia nista que é para mim uma



solidão pesada e asphixiante! A decepção de não poder receber as tuas cartas me exaspera e me faz doente. Depois de Monaco esta manhã, onde fui para te escrever e telegraphar socegradamente, almocei, dei uma volta, vagando por essas ruas e á beira-mar, até voltar á hora do jantar que foi antes das 7. Depois do jantar para fugir á estúpida conversa familiar, sahi sempre só e vim a este gabinete de leitura do Casino sem passar pelas salas de jogo, e nem é necessario a autorisação indispensavel para se penetrar n'aquellas salas. Aqui se é livre, e muito independente. Descobri este recurso que é um refugio agora á tarde. Posso vir ás manhãs quando te escrever. Fica socegada, minha Adorada, que tudo farei com a maior cautela.

E as cartas de teu coração que me escreveste, Amor?! Farei tudo para ver se as obtenho amanhã. Talvez mudando o empregado, vindo outro, serei mais feliz. Infelizmente não estamos na França e elles aqui querem ser mais severos, porque são desconfiados. E' verdade que estamos em Monte-Carlo, na terra dos vicios, dos furtos, dos crimes.

Oh! as tuas cartas! que tortura, que supplicio sem nome saber que ellas estão aqui e não me são entregues. E' de se adoecer de desespero! Como o meu pensamento não te abandona um instante! E a tua saude? Foste ao medico? Fico inquieto por tudo e triste, triste porque não me tens ahí ao teu lado, e não te posso acariciar com aquella paixão de todo o meu ser! Como tu és bella, meu Amor, como nós somos um só na eternidade do amor!

Ahi estarei sem falta na "manhã" de "5 de janeiro". E' uma segunda-feira. Chego ás 9 horas, e ás 11 horas posso estar no nosso "segredo..." Dispõe de "tua manhã" para nós, e da "tua tarde".

Bôa noite, minha Paixão immortal... Os meus beijos vôm para ti e te acariciam docemente...

Ainda não entrei nas salas de jogo do Casino. Só aqui penetrei para vir agora ao salão de leitura. O teu Amante é mais "sage" do que tu mesmo imaginas. Não Amor, tudo isso é muito idiota para quem vive da eternidade, para aquelle que te adora, oh! minha Santa immaculada, pura e immortal, idolatrada Nazareth!

Amor! Amor!



*(Monte-Carlo para Paris)*

*Monte-Carlo, 26 de dezembro de 1919.*

Sexta-feira 11 1/4 da manhã.

Amor adorado! Sublime Santa da immortal Paixão! Jamais deste logar de miserias, um grito de amor tão puro e tão eterno foi lançado... e dirigido Àquella que é toda luz, toda a brancura d'alma, toda a doçura do coração humano! Oh! triste sorte do amor, mas este purifica tudo, e escrevendo-te d'aqui, e neste papel, nenhuma mancha recáe sobre nós, e nada de tristemente infame chega aos teus divinos pés. Tu és a Santa! O peccado, voltando-se para a tua luz, se purifica, e tudo é belleza. Nunca me vi tão mal installado para te escrever como aqui. Preciso tomar mil precauções, examinar os outros e agir com segurança. Tudo o que te mando d'aqui, do meu coração, póde ser na apparencia, desordenado, mas é integral de fidelidade, de inten-

sidade sublime, de grandeza immortal. A essencia é unica e deste amor ninguem a não ser tu, oh! minha Belleza idolatrada, jamais teve em todo o Universo e na eternidade do Tempo.

Como eu estava hontem ferido, doente, mais morto do que vivo pela enorme decepção de me ver privado das tuas cartas que o empregado da "posta restante" não me queria dar. Esta manhã levantei-me energico e disposto a ganhar a partida, (oh! linguagem de jogol) e vim direito ao correio. O empregado desagradavel não estava. "La chance!" e ao que distribuia as cartas falei em tom decisivo e de commando. Foi um encanto, a tua divina carta passou rapida ás minhas soffregas mãos. Desappareci com ella. E na rua, em lugar solitario, abri e vi que era a de quarta-feira escripta de nosso saudoso ninho. Oh! a bella, a linda, a meiga carta do meu Amor sublime! Como a devorei de caricias emquanto a lia! Minha carta que eu julgava impossivel, perdida para sempre nos archivos do correio de Monte-Carlo!

Parecia um grande milagre e era uma maravilha que se realisava. Li e reli tudo o que me contas, Amor. "Quero" que sempre sejas assim "completa", inteira para o teu Adorado, e me digas tudo, tudo. Não sou eu o teu Tudo, o teu Confidente, o teu Amigo, o teu Mestre, teu Dono e Senhor?... e teu companheiro eterno na belleza, na paixão, na volupia, na luxuria, no sonho, no ciume e no sublime?...

Gostei muito que tenhamos ao "menos" duas longas tardes por semana, e o resto o teu amor nos dará. Vejo com prazer a perspectiva de "O." ficar em Varsovia... São favores do Destino áquelles que merecem a ventura suprema como nós, os Amantes incomparaveis.

Nada de novo em minha simples vida aqui. Vou pedir um rendez-vous a Camille Mauclair.

Aperto-te o corpo idolatrado ao meu e tudo é amor! Beijos, beijos ... ..



*(Monte-Carlo para Paris)*

*Monte-Carlo, 27 de dezembro de 1919.*

11 horas da manhã.

Meu Bem supremo, minha Santa immortal, todos os meus beijos ardentes, minhas carícias doces e fogosas te envolvem o corpo adorado e um grande e divino extase enche as nossas almas que voam da volupia aos céos do Ideal!... Como eu vivo de ti, da tua Belleza e do teu encanto perpetuo, minha adorada Seductora!... No meu silencio infinito, que é sempre a separação de ti, o teu ser está unido ao meu e tudo é grande e absoluta unidade. O martyrio de sahir desse silencio é horrivel e por isso eu fujo a tudo o que é companhia dos outros e vivo errante e só, ou então recolhido e só.

Como somos infelizes em nosso incomparavel Amor! Não nos é dado nenhum momento de longo e eterno esquecimento! Nos mais bellos lugares da terra não somos nunca sós... sempre outros, sempre devemos ser vigilantes e jamais nos podemos esquecer! Que sorte desgraçada em tanta magia! E o nosso soffrimento não terá fim? Oh! Amor idolatrado, quando a liberdade, o fim de tanta privação? Porque o mundo não entra

n'um grande cataclysmo, n'uma catastrophe em que sociedade, nações, leis sociaes, familias, tudo sossobre, se afunde, para deixar livre e radiante o nosso Amor immortal?!...

E' para essa absoluta liberdade contigo que todo o meu ser aspira, e cada gesto que eu faço é para te ter para mim só, divina, pura, sublime, imagem suprema da Paixão immortal!

A minha existencia longe de ti é aquella que se conforma com o meu sentimento infinito. Vivo só.

Ainda não penetrei em uma só sala de jogo, nem em restaurants de festas. Tenho almoçado e jantado sempre em casa.

Hontem á tarde depois de um longo passeio só, estive recolhido no meu quarto com vista para esse sereno mar. Meditei muito sobre nós, sobre o nosso sublime Amor, a nossa immortal união, sobre a tua Belleza, o teu divino coração... Oh! meu Bem adorado. E nessa meditação aspirei ao Ideal... e recolhi a inspiração que me fará trabalhar hoje á tarde. Eu estava tão cansado e depois tive uma decepção tão seria quando não me quizeram entregar as tuas cartas que fiquei por algum tempo atordoado e paralyzado. Emfim agora estou mais forte... tuas cartas me chegam bem. Recebi ainda ha pouco, o telegramma de hontem e ás 6,30 da tarde as tuas cartas de terça e quinta-feira.

Tu viste que os nossos "réveillons" foram semelhantes. "Réveillons" de amor puro, tu procurando na musica sublime do puro "Parsifal" os meios de te commu- nicar commigo, e eu passei a noite com as "estrellas" que eram os teus pensamentos, as tuas mensageiras de amor a teu Ausente idolatrado! Amor, como tu és bella e incomparavel!

Pelo meu telegramma tu vêes que tenho certeza de chegar ahi na manhã de 5, ás 9 horas, na estação. A megera fica aqui. Já tenho "couchette" para mim e Themis, tudo pago.

Espero escrever amanhã mais longamente e sem a pressa de hoje.

Adoração! Amor! Beijos, beijos...



*(Monte-Carlo para Paris)*

*Monte-Carlo, 27 de dezembro de 1919.*

Sabbado, 9 da noite.

Não pensava, meu Amor adorado poder te escrever ainda hoje. E como tenho um pouco de liberdade vim dar a bôa noite ao meu Idolo e dizer-lhe a minha saudade infinita. Oh! esta saudade que é uma resurreição, que companhia me faz neste desterro! Tudo o que é teu vive em mim gloriosamente, minha Belleza ideal! Tenho "saudade" dos teus divinos olhos tão doces, tão infinitos, tão negros-azues como abysmos tentadores, saudade da tua bocca que me beija tão gostosa, e que eu beijo ardente e voraz e meigamente, esquecendo nella tudo o que não é amor, ternura, desejo, união eterna de carne e da carne, na vertigem da paixão... saudade da tua voz, musica do amor, voz de onda que murmura, de brisa que canta, voz dos sentidos e voz da alma e da paixão, saudade dos teus braços tão esbeltos, tão elegantes, braços que me apertam ao teu corpo

e me prenderãa para sempre, saudade das tuas mãasi-nhas tãa mansas, mensageiras da ternura infinita da teu coração amantissima, mãas puras, mãas de valupia e de bandade eterna, saudade da tua pelle que me enleva, me arrebatada, me acaricia e que me envolve docemente e febrilmente... Oh! pelle do meu Amar transcendente, saudade desse callo marmorea e tenro ande a minha cabeça repausa estonteada de beijas e onde a vida eterna da amor maravilhoso palpita como ô arfar do munda da desejo... Oh! marada divina do caraçãa da minha sublime Nazareth!... Oh! Amar gloriosa e suprema, amar que é a vida eterna!... E saudade da teu cabella que me cabre, me amacia a tristeza, me exalta a sangue, saudade das tuas sublimes pernas de amar que me enlaçam, me retém, me acariciam... Oh! valupia da meu ser que se abysma na tua carne de paixãa e vive na eternidade suprema do deseja que se nãa sacia, que é eterna e é divino...

E cama nesta tartura passa viver longe de ti, meu amar adarada? Oh! que martyrio sem name... Piedade, destina atraz... Dá-me a minha Amante, a meu Tudo, a meu Amar, a minha mulhersinha idalatrada, e tira-me deste degreda infame e leva-me sem demora para o que é "meu..." país longe della tuda é morte, dôr e sacrificio sem fim! Saudade! Saudade!

Bãa noite, Amor meu, bãa noite! e as meus beijos te buscam atravez desses espaços e tuda vae se unir no mysterio do desejo sem fim... Bãa naite... Dorme com o meu pensamento que te protege e te leva a minha eterna adoração...

Oh! Saudade! oh! Paixãa!



*(Monte-Carlo para Paris)*

*Monte-Carlo, 28 de dezembro de 1919.*

Domingo, 11 3/4 da manhã.

Alma de minha alma, doce e terna esperança. Bom dia, Amor da minha vida! Comtigo me deito, comtigo me levanto!... Oh! mas é infelizmente só em pensamento, que mesmo bello, infinito, eterno, não é tudol Eu te quizera divinamente na realidade profunda do teu ser nos meus braços, o corpo fundido ao meu, no perpetuo extase! Amor!

Esta manhã fui embaraçado na rua pelo encontro com a família, furioso de não ter a minha liberdade e antes de ter ido ao correio. Depois de uma hora pude largal-a sob pretexto de ir ao cabellereiro. Monte-Carlo é menor do que Evian, e devo ter mil cuidados em evitar a "família" e os Dantas (que raramente vejo, mas que o acaso pôde me fazer encontrar).

Vim do correio e tive o prazer infinito da teu telegramma de hontem á tarde, mas a decepção de não ter a tua carta de sexta-feira.

Agora recebo a tua correspondencia sem o menor embaraço. Aquelle mesmo empregado difficil não me exige mais prova de identidade. Foi uma grande causa porque sem as cartas de minha Petite Chose adorada como poderia viver eu aqui?!

Oh! meu Amor tão bello, tão divino, como eu te quero com a mais sublime Paixão!

Então estás contente de me veres emfim "só" em Paris?! Ahi terei uma completa semana livre. Penso em te levar com as meninas ao "ballet" russo da Opera e



tombem ao "Oedipe", de Gémier. Ainda não sei a tua impressão da "morte do cysne" E' a carta atrazada que me devia dar conta do que sentiste. Adorada minho, eu te cubro de beijos eternos e fogosos. Vou olmoçar e desesperado de te deixar, meu extase sublime.

Amor! Para a vida e para a morte.



*(Monte-Carlo para Paris)*

*Monte-Carlo, 28 de dezembro de 1919.*

Domingo, 5 horas.

Minha "Thereza" idolatrada, Paixão immortol, minha Belleza! vim do correio onde tive o tua linda carta de sexta-feira, que me faltavo esta manhã. Li e reli essa carta de amor que me fez tonto bem e que te remetto para ser guardada ahí. Tu me dizes ter recebido as minhas cortas de 24 e 25. Não sei se recebeste a da noite de Natal, do meu triste e bello "réveillon" contigo, sob as estrellas. Vejo a impressão que tiveste com a "morte do cysne"...

Fui a Monaco visitor o museu maritimo que é muito curioso e me suggeriu alguns pensamentos sobre a belleza do fundo do mar, qualquer cousa que eu já cantei no "Malazarte", lembras-te: as estrellas do mar, as perolos, os coraes... Depois de sto visita voltei a Monte-Carlo. Fui ao correio, e de lá venho feliz, muito feliz de ter a doce carta do meu Amor adorado.

Domingo, 4 de janeiro, parto d'aqui com Themis, ao meio-dia e 37. Chegamos a Paris na segunda-feira ás 9 horas da manhã. Tu sabes, Amor meu? "as saudades são immensas..." E tu?... murmura nos meus ouvidos o teu canto de paixão, e tudo será divino!...

Bôa noite, Amor! Dorme bem. Eu velo sobre ti. Beijos, beijos e toda a minha alma em perpetuo extase!



*(Monte-Carlo para Paris)*

*Monte-Carlo, 29 de dezembro de 1919.*

Segunda-feira, 10 1/2.

Meu Amor! meu Tudo, minha Belleza, minha vida, sinto o coração que bate ardente e soffrego por ti... Acabo de receber a tua carta de sabbado, á tarde, que me encheu a alma de saudade e de alegria.

Tu me chamas para o teu lado... Sim, eu estarei eternamente contigo, na belleza suprema, na Paixão, na immortalidade, e tu sabes que nós somos "um", a unidade sublime e incomparavel...

Não viste agora mesmo que na noite de Natal, enquanto tu tocavas a melodia, a harmonia christã de "Parsifal", que no fundo é uma expressão do pantheismo mystico que a musica cria e communica, eu aqui neste lugar ignobil, fugia a todas as impurezas, e só, e no silencio da noite, em face do mundo dos mysterios, do mar, do céu e da sombra, falava do meu amor com as estrellas e tudo eras tu, minha Belleza, meu extase, mystica Amante do Puro Amor!...

O meu telegramma desta manhã, que receberás á tarde de hoje, te repete o meu fiel e terno juramento: "Estarei eternamente contigo"

Terás de combater um pouco por nós, para que fiques ao meu lado neste grave momento, em que a separação seria perigosa, pois "O." não está ainda installado em um posto definitivo e as cousas se devem normalisar aqui, antes de te separares de mim. Serei o teu conselho, a tua força invencivel, e a tua doçura suprema e inexgotavel.

Não é isto a Paixão? e que amor no Universo maior do que o meu?... Amor, amor! que gloria!

Vejo com prazer que o posto destinado é Christiania. Para "nós" é preferivel esse á Varsovia e Athenas. Christiania só pode ser "visitada" por ti em julho e agosto. O resto do anno é inhabitavel ao passo que Athenas é possivel mais tempo, e Varsovia na primavera é agradável.

Hontem á noite nada fiz, sahi um pouco, vaguei por essas margens do mar, á noite. O luar começa, mas o tempo ameaça chuva. Voltei á casa...

Ah! meu Amor adorado, se tu soubesses como me aborreço aqui, como acho tudo isto uma horrivel prisão para o meu espirito e o meu corpo, tu não terias socego no teu coração amantissimo emquanto não me visses livre de todo este cacete martyrio!... Eu me refugio em ti maravilhosamente! Amor.

.....

Tu és o Amor sublime e eterno.

Beijos ardentes e infinitos em teu corpo adorado..



*(Monte-Carlo para Paris)*

*Monte-Carlo, 30 de dezembro de 1919.*

Terça-feira, 11 horas da manhã.

Meu Bem! meu Adorado Bem! meu eterno Bem!

Sim, tu és a minha felicidade unica e perpetua, tu és a doçura da minha vida, a razão do meu ser!...

Escrevo-te depois de ter recebido a tua cartinha de domingo de manhã e o telegramma de hontem á tarde. Depois que li essas idolatradas mensagens da tua divina paixão (e li fóra do correio), voltei a te mandar o meu telegramma que receberás á tarde. Estou immensamente triste em ver que a tua filha é má para contigo que és a eterna Sacrificada! Miséria do coração humano! Como se póde ser a esse ponto ingrata e injusta contigo que "ainda" vives pelo bem dellas em um mundo de onde a tua alma e o teu amor te arrancararam para a tua gloriosa felicidade.

Imagino as maldades que ella te disse que não queres me referir por carta para não me aborrecer ainda mais! Fica em plena calma de consciencia, o teu primeiro dever é para contigo mesmo, ora tu e o teu amor são uma cousa só. Para gozares o teu amor na plenitude do teu ser, na belleza, na força da paixão, é preciso que não soffras nem physica, nem moralmente. A tua saude é indispensavel ao teu amor, á tua "verdadeira" vida, e tu não a pódés sacrificar inutilmente por outros que no teu sacrificio só vêm a satisfação do seu proprio egoismo. Dirão: é um conflicto de egoismos. Sim, mas porque os outros não hão de ceder e só tu é que tens de ceder?... Porque são filhos? Não procede esta razão. Tanto os filhos devem

se sacrificar pelos paes como os paes pelos filhos, e o que se deve pesar bem é saber onde está a maior vantagem do sacrificio.

A tua viagem "agora" ao Brasil seria uma "refinada tolice", sem proveito para os filhos, seria um sacrificio tolo imposto á tua saude, uma desordem levada ao teu coração, o que seria prejudicial aos proprios filhos. Fica pois bem calma, bem forte, tu procedes admiravelmente não indo agora ao Brasil.

E por outro lado tu serás immensamente feliz ficando commigo, com Aquelle para quem és o Bem supremo, a Belleza que exalta, a Doçura que esquece, a Bondade que abranda, a Seducção que enfeitiça, a Volupia que extasia, a Poesia que divinisa, a Paixão que o immortalisa, oh! minha Nazareth eterna, meu corpo sublime que devoro docemente, fogosamente de voluptuosas caricias, de beijos eternos e loucos...



*(Monte-Carlo para Paris)*

*Monte-Carlo, 31 de dezembro de 1919.*

Quarta-feira, 11,1/4 da manhã.

Meu Anjo de amor! minha Paixão immortal! E' o ultimo dia deste anno do nosso Amor eterno...

Para nós que estamos emancipados de toda a convenção e que vivemos na immortalidade do nosso amor, estas formulas nada significam, anno que se foi, anno novo que começa!... Que significa isto para o que é eterno, e que não tem fim?

Mas se as formulas são symbolicas, se o pensamento da multidão serve como uma expressão para

definir, marcar o indefinido, então fazemos o voto supremo de que este anno se cumpram milagres em nossa Paixão, que tu te libertes de muita escravidão, e que a nossa união seja mais livre, e que em face do mundo e das gentes, nós possamos ostentor aquillo que é nosso em face do eterno, do ideal, do absoluto, e do mysterio: a nossa Unidade immortal e sublime!...

No meu telegramma eu pedi ao destino que não nos separasse tanto neste novo anno... E' o voto simples de um Amor sem limites, e que se esforça por se contentar do minimo ao que elle tem direito.

Como é terrivel e triste, e mortifera a separação no Amor!... Tu disseste uma vez: é a imagem da morte... apenas com a esperança a mais!...

Farei tudo para que vivamos sempre perto um do outro e ha em mim qualquer cousa que me diz que este anno tu serás livre e lindamente minha... Oh! sem esta intuição profunda, expontanea, que brotou no ser que é intuitivo e se communica com as cousas secretas do Universo, esta prophacia se cumprirá e tudo será a poesia eterna do amor immortal!...

No relativo das cousas, enquanto esperomos o "absoluto", terás a certeza de que se fores ao Brasil no fim do anno, eu irei tambem. Já eu fiz aqui declaração neste sentido, e Heloisa julga que foi ella quem conseguiu de mim essa promessa. E tudo terá uma opposição razoavel. Nada nos impede de nos reunirmos em nosso paiz!

Oh! como eu te verei sublime á claridade da nosso luz, e á beira do nosso mar!

Minha alma transborda de poesia por ti, Adorada, que vives em meu ser e me inspiras o genio...

Infelizmente aqui o tempo de minha liberdade é muito curto. A' tarde Heloisa quasi não me deixa. Non-

tem levou-me a Menton, rapido passeio em auto-car que durou hora e meia.

Conversei a serio com Heloisa sobre a sua estúpida conducta contigo. Affirmou-me que é tua amiga e muito reconhecida, que nada tem com as tolices da mãe. Mostra-se muito contente em te frequentar de novo.

Tenho me "aborrecido" muito aqui e estou louco por me ver nos teus braços onde a mais gloriosa e mais ardente e mais transcendental paixão agasalhará este meu ser que o amor fez immortal! Themis chega hoje e a minha liberdade diminue... Mas o Amor tudo vence e tu és o Amor! Oh! minha Nazareth idolatrada! Beijos infinitos. Adoração.



*(Monte-Carlo para Paris)*

*Monte-Carlo, 1 de janeiro de 1920.*

*Anno-Bom.*

Eterno Amor! Sublime Amante! Meu Ideal e minha suprema ventura.

No symbolo a profunda Realidade!...

Tu és para mim o Sonho e a Verdade!... Oh! adoração perpetua de todo o meu ser pelo teu ser, oh! ineffavel, infinita e absoluta Unidade do Universo que se realisa em nós!... O maximo da vida foi attingida neste amor incomparavel. Vivamos esta Paixão em toda a sua intensidade, em toda a sua maravilhosa belleza. O meu voto para o Anno que começa, é a consagração de toda a minha existencia, de cada instante meu, de cada pensamento mais inconsciente para tua felicidade

e para o sublime triumpho de nosso omor!... Tudo que não te interessar não existirá para mim, meu Bem adorado. E tu me ajudarás de toda o immortal força deste amor incomporavel.

Que eu possa realizar as obras de poesia e pensamentos creados pelo nosso amor e vindos do fonte miraculosa do teu doce e invencivel coraçõ, onde vive o grande e eterno amor!... Assim firmes neste proposito superior, nós seremos vencedores em tudo, a tua libertação se completará, e tu viverás emfim na gloria da Felicidade sem limites, no extase perpetuo da Paixão, que faz a magia do Universo.

Penso que as violetas brancas, symbolisando o pureza do nosso amor e a minha vida "immoculada" oqui (e sempre) te farão doce companhia em teu quarto e dorão um timido clarão branco nas trevas do teu divino somno... Oh! minha adorada, que saudades de ti e que sacrificio esta inutil ausencia! Felizmente o martyrio está acabando.

Na manhã de 5 estarei no nosso ninho de amor.

Se não puderes vir pela manhã, virás sem falto á tarde. Deixa uma cartinha dizendo-me o que devo fazer e o que de importante te aconteceu depois de 31, dato da ultima carta para oqui.

Themis falou de ti com radiante amizade, porém meio reservado com a megera. Idioto! Pela primeira vez hontem, de dia, entrei, levado pelo Rosa e Heloisa, na sala dos jogos do Casino. A minha impressão foi de que esses jogadores são imbecis e que o "risco" e a "fortuna" está em outras cousas e não n'umo bola e no jogo. Não joguei nado, estive allí apenas meio-horo. Que máo cheiro, o mesmo dos tramways e metros! A alegria, o luxo, de Monte-Carlo são lendos. A' noite Themis não teve animo de entrar na solo de jogo. Gostei



desta repugnancia instintiva. E' pena que Heloisa seja forçada a acompanhar o marido. Mas isto não nos interessa, meu Amor divino. Meu ser te quer ardentemente. Beijos, oh! minha sublime Nazareth! idolatrada e immortal!



*(Monte-Carlo para Paris)*

*Monte-Carlo, 2 de janeiro de 1920.*

Sexta-feira, 11 horas da manhã.

Minha Santa idolatrada! Alma de minha alma, Extase, Idolo, Paixão, meu Tudo!

Desde hontem a tua divina carta que me sustenta e me inebria todas as manhãs, não veio ao teu Amante desesperado neste forçado exilio! Que desequilibrio em meu ser causa esta interrupção de comunicação contigo!

No degredo em que tão repentinamente me vi, só as tuas cartas e os teus telegrammas me davam coragem e um raio de felicidade. Sei que não estás doente e que me escreveste tanto na terça-feira como na quarta, 31, pois desse dia é o teu ultimo telegramma que respondi hontem. Hontem, 1.º, recebemos o teu telegramma de anno bom, das 9,45 — e aqui chegou ás 5 da tarde. Eu estava em casa e tive a alegria de receber o teu pensamento e o teu nome!

Amor idolatrado, dentro de 48 horas estou deixando estas paragens para mim desoladoras e voando aos teus apaixonados braços, "et le reste" tão sublime!...

O meu pensamento fixo á essa partida e essa viagem. Espero que o trem não tenha atrazo nem pela

desordem das cousas, nem por motivo das inundações nas visinhanças de Paris. Oh! "Sena" admiravel em cujas margens se realiza o mais divino mysterio da Paixão na terra, abranda o teu impeto, modera a tua louca expansão, e deixa passar rapido, alegre, vivaz e deslumbrado, o Amor!...

E não havendo embaraço posso estar na rua de Rivoli mais ou menos ás 10 horas e apenas dando tempo a uma rapida toilette, um mergulho n'agua quente, e mesmo "barbudo", corro ao nosso encantado paraiza. Ahi ou terei a tua divina e unica e sublime realidade, ou a tua imagem, a tua saudade e os teus desejos de amor que fluctuam no ar e me annunciam o naivado eterno dos nossos seres que se attráem perpetuamente e se unem no Infinito da Paixão immortal!... Amar, como eu te adoro! Não sei mais dizer isto que é a essencia do meu ser e é a razão da minha vida. Tu tens a maravilhosa certeza de que és o ser mais amada do Universo.. E eu sinto que tu és eternamente minha, que és a minha esposa fiel e sublime, o meu Anja de Amor, a minha Santa mystica, o Ideal, a minha Creação, a minha Amante eterna, a minha volupia infinita, o meu Pensamento, o meu Desejo, a minha Poesia, a minha sensualidade, a minha carne de amor!... Oh! Doce, eterna, magica, seductora, mansa, tenra, ardente, divina Nazareth! que eu te beije sem descanso o teu corpa sublime, que eu ouça perpetuamente a melodia da tua voz que me arrebatá, que eu sinta pulsar o teu divina coração junto ao meu, que os nossos pensamentos sejam um só pensamento, que as nossas vontades sejam unidas e fieis a nós mesmos, que os nossos extases sejam sempre eternos e incomparaveis, que nos transportemos ao reino do Amor immaculado, ás regiões do Ideal, renunciando perpetuamente a toda realidade indigna

do nosso Amor, e vencendo tudo o que se oppuzer á nossa Paixão immortal... E' para este paraíso do Amor que vivemos, minha adorada Santa, e nelle toda a nossa alma ardente e mystica!

Amor! meu Amor! E' esta a minha ultima carta d'aqui. Se vieres na manhã de domingo ao nosso ninho, a receberás antes da minha chegada. Não te escrevo amanhã, porque a carta só estaria ahí segunda-feira. E eu prefiro chegar eu mesmo, que ardo de desejos e morro de saudades tuas, meu Bem!...

Hontem choveu aqui muito e muito. Foi impossivel qualquer passeio. Ainda tentamos, Themistocles e eu, ir a Monaco. E como o carro era aberto (apenas fechado como os do Brasil com cobertas) resolvemos parar no correio de onde Themis mandou alguns telegrammas e entre outros a vocês. D'ahi fomos visitar o Casino, que é na visinhança do Correio. Entramos nas salas dos jogos. Naturalmente nenhum de nós jogou. Themis achou tudo mediocre e teve um grande desapontamento visto as lendas que correm deste famoso Monte-Carlo. Vimos o systema de jogos, voltamos a casa ás 4 horas, e d'ahi, não sahi mais passando a noite chuvosa a ouvir tolices familiares...

Oh! eu nesse mundo! nessa atmosphaera que me é tão extranha! la esquecendo de dizer que á tarde, recebi, antes do teu consolador telegramma de feliz anno novo e de "saudades... uma carta de Mauclair, que veiu de Grasse, proximo de Cannes, em 3 dias! Não ha meio de nos encontrarmos aqui na Rivière, e eu tive hontem mesmo de escrever-lhe longamente sobre o prefacio de "Malazarte" que quero obter delle para a edição franceza.

Os meus projectos literarios para este anna são: a "Esthetica da Vida", que vou preparar com rapidez, o nossa romance, Poema sublime da nossa Paixão, e a edição em francez de "Malazarte". E' um immensa programma que tu me "farás" realisar, meu Bem idolatrado. Sim?... Canta contigo, com a tua perpetua inspiração, com a teu secreto deseja, com a teu pensamenta eterna e profunda em mim e em "nossos" livros.

E que gloria para ti, Amor, de veres enfim realisada, escripta, admirada, este Poema incomparavel, que veiu de ti a mim, nascida da União immortal das nossos seres. E tu serás a Admiravel, a Abençoada dos nossas leitares do futuro, e serás a Companheira da teu Poeta, na memaria e na gratidão dos que vierem depois de nós!...

Façamos um voto solemne de cumprir este anna esses trabalhos, e se eu toma assim esta resolução, foi porque eu a senti viva em ti, Amor, porque na canfidencia mais tenra, mais doce, mais apaixonada de teu ser, tu me disseste, quando, divina, repausavas nas meus braços e sab as meus olhos em extase, em nasso leita de amar!...

Depois que eu acabar esses trabalhas que são definitivas do meu espirita, só escreverei a historia da minha vida e como eu peregrinei neste mundo até chegar a ti, Amor, a ti, que eras o meu Deseja incansciente, Aquella para quem eu fui creado, como tu foste creada para mim...

Como eu sinto não ter de te escrever amanhã, e depois, enfim no tempo que ainda me resta passar aqui.

E' tão agradável, tão bello, tão "necessario" ao meu coração te escrever que é um desespera quando não o faça.

Felizmente hoje tive liberdade. Themistacles foi a Nice. A megera está em casa com a neta, porque o tempo está húmido. Heloisa e o n'fido foram a missa, mas voltam sem demora para o casa. Themis me fola muito em ir a boilada russa na noite de 6, antes de partir para Lisboa. Diga-te isto por causa da teu projecto de juntarmos as dois contigo nessa noite. Não achas que eu deva ir ó tua casa na noite de segundo-feiro? Forei como quizeres.

Oh! meu Bem idolotrado, meu divino Amor, minha Sonto extasiada! Muitos caricias eternos, meus beijos ardentes, fortes e fogosas em teu corpo divino... E até a dia 5.

Para o vida e poro a morte!

Eterna Amor! Adaração immarta! Beijas, beijas...  
Meu adorada "Cysne"...



*(Paris para Paris)*

"Nasso Ninho"

33 rue de Noples

Esto manhã, erranda sob a céu azul e longinquo e no doce claridade da luz desmaiada e extatica, nesse grande extase de toda o Natureza, eu me recalhi, oh! Adarada, ao sanctuaria da nassa Paixãa!

O farte e suave perfume da nosso amar me odor-meceu os sentidos, e nessa vaga e immortal sensoção, o tuo divino Imagem me sorria, e me transportovo. Tudo era saudode e esperonça, porque tuda é reolidode intensa e eterna! Aspirei este ar cheio de ti, oh! Poixão!

Mirei estas cousas embelezadas pelos teus olhos, oh! Magial Beije este leite onde se transformam e se immortalizam a tua Alma e o teu Corpo, oh! Amantel Pensei os teus pensamentos, amei o teu amor, segui o teu Destino, desejei os teus desejos, morri a tua Morte, oh! Vida!

E tudo eras tu na gloriosa e infinita mutação do Universo. Que importa a luz do Sol que importa a brisa vadia e alegre que importa a fôrma, a côr que brilham lá fóra, se o sol está na minha alma, se o ar está no infinito da Paixão, se neste recanto, neste profundo recolhimento está a magia do Universo!

Oh! Minha pallida Amante!

Porque tu és tão bella e tão pallida?

Sabes?... a pallidez do teu rosto me dá este extase, onde o pensamento se abysma e o coração se confrange n'um divino espasmo de desejo, de volupia e de adoração!

Pallidos marmores das estatuas, pallida Victoria, pallida Diana, pallida Venus, que dáes o transporte da sensação esthetica, que valeis deante da minha pallida Amante, que é como a Luz, como a Lua, como o Sonho, como a Morte?!... Adorada! Adorada!



*(Paris para Vichy)*

*Paris, 26 de maio de 1920.*

Meio dia e dez

Meu divino e eterno Amor! meu Extase supremo, minha vida immortal... Meio dia e dez!... E tu deixas Paris neste momento! O grande vacuo se fez, meu Amor idolatrado! e neste vasio só tenho para me sustentar a

tua magica e doce lembrança, a Saudade que é uma resurreição do teu ser adorado e dos instantes da eternidade da nossa Paixão!

E tu, meu Bem supremo, que immensa solidão se fez repentinamente em volta de ti! Como te deve parecer estranha essa infinita liberdade de que não podes gosar na plenitude do teu amor e que é ainda uma terrivel ausencia. Pobre grande Adorada! Faze da tua solidão um grande poema de amor, em que a alma se exalta e o corpo se prepara para a vida eterna da Paixão. Tu viverás muito em ti, mas não estás isolada, nunca estarás "só". Eu estarei perpetuamente contigo e tu te abraçarás nesta saudade do Amor e nesta presença real e mystica de teu Amante em ti, na tua essencia immortal! O teu pensamento será povoado de ineffaveis lembranças, a tua memoria inexgotavel em delicias vividas, e a tua imaginação se confortará no sonho do que ainda vae vir e que é mais bello e mais extraordinario de tudo o que já foi de tão sublime e apaixonado. Vive da saudade e da esperança e tudo será divino em ti. Meu Amor, cerca-te de uma aureola, o fogo mystico da minha Brunnehilde que a isola e a purifica... Fortifica esse meu maravilhoso corpo de amor... e que eu te encontre forte, ardente, exaltada de vida e de paixão...

Como estavas pallida hontem, meu Amor adorado!

Eu vi a transfiguração de teu ser na volupia suprema... Vi esse divino semblante se esvaír no goso infinito e na dôr da paixão eterna!

E á noite ainda os vestigios da ancia suprema e do amor immortal se estampavam na tristeza do teu lindo rosto...

Quando voltei todo dolorido, a megera infernal quiz "taquinar-me!" Já antes ella se regosijava com a

chuva, pensando que eu não pudesse sahir. Se os seres diabolicas tem algum poder na Natureza, estau certo de que aquelle temporal fai um deseja máa, tenebrosa da megera, pais esse demania jubilava emquanto a chuva torrencial cahia, e só me chamava de lauca par querer affrantar o tempa e ir ao teu encontro. Miseravel!

Fui. Vi-te, Amor meu! E que dalarasa tristeza em tudo!... Não. Deixemas estes pobres pensamentas e coragem para a belleza que nas espera e da qual devemos ser dignos, coma os heróes da Paixãa!

Termina aqui esta breve carta emquanto tu te afasta da terra do nossa amar...

Vim tarde ao nasso retina, porque tenda recebida uma ardem de dinheira do Brasil, fui aa Banco e ha toda uma complicaçãa par causa da preço da libra que cáe, cáe a perder de vista! Quiz liquidar a que tenha em libras, e andei de banco em banca e afinal resolvi esperar uns dias a conselha da "River-Plate". Coragem, Amar adorado. Amanhã te escreverei langamente. Minha Vida! Minha vida é tua vida coma tua alma é minha alma! Cubro-te de beijas eternos. Oh! hontem! 4 haras!

Lembranças á Lina que lamenta não ter vista.



*(Paris para Vichy)*

*Paris, 27 de maio de 1920.*

Quinta-feira. 2,45.

Amar da minha alma! Minha doce e eterna Saudade, meu Bem supremo, minha pura Belleza!



O teu telegramma desta manhã (8,45) aqui foi recebido ás 12,30. Só o tive ás 2 horas quando vim ao nosso retiro da Saudade e da Paixão! Já antes de sahir de casa soube pelas meninas que havias chegado bem, sem atrazo, e detalhe que não achei no meu telegramma, que já havias começado o tratamento... Vejo que vaes executando com firmeza o teu programma e que não perdes tempo. Que disse o medico? Qual é o teu regimen? Como distribues as horas de tratamento? Conta-me tudo. Não penses que ha pormenores insignificantes a teu respeito. Tudo que te diz respeito interessa-me vitalmente. Não sei se recebeste o meu telegramma de hontem á tarde, e que devias ter recebido hoje logo ao acordar. Ou por esquecimento não accustaste a sua recepção?

Imagina, meu Amor, que estava mettido no meu trabalho, a escrever nesse estado hypnotico que me vem quando componho, e tua imagem divina no meu pensamento fiel e immenso, e de repente em sobresalto, eram 6,30... veio-me um impulso de te mandar uma palavra da minha desolação e do meu amor. Sahi rapidamente e mandei-te o telegramma rapido porém vibrante que era para o teu despertar de hoje. Vejo que não te chegou ás mãos, e que fui trahido pelos meios materiaes da vida. Talvez tenhas razão, meu Bem adorado, atravesso um momento duro e contrario "la pente"! Preciso retesar as redeas do carro do meu destino, enfriar as minhas forças nas mãos, e "monter, monter!"

Ha em mim esta vontade de poder que é invencivel e não temo a batalha. O que é preciso, é a confiança absoluta, a fé inabalavel da minha companheira que é a razão da minha vida e o premio da minha victoria! Para adeante.

Como é solitario e vasio este nosso doce e infinito abrigo quando tu não estás aqui para animal-o com a tua belleza e o teu fluido magnifico! As mesmas rosas que olhaste, olham-me vagas e sem expressão, o sofá deserto, o nosso leito extatico se deixa envolver n'um manto de ouro guardando alli dentro a saudade do amor eterno que vibrou e foi o Universal! Lá fóra a dia ora escuro ora luminoso, e o meu pensamento voga no ar como uma nuvem e paira sobre o campo longinquo para onde foste degredada! Oh! minha pobre e divina Santa idolatrada! Que sacrificio estás fazendo! e como é terrivel a angustia que te opprime o coração. E porque este martyrio? Comprehando que defendas a tua vida que me deste, e que-queres ser a minha valente Amante radiante e immortal. Soffres. Mas no meio da tortura está o gosa ineffavel de esperar alguma cousa de unico, de jamais vista au sentido e que vae vir...

E tu te consolas no pensamento da alegria, na antecipação do extase inaudito! E por essa esperança e esse sacrificio tu és divina!... Ha nessa tua admiravel attitude uma terrivel e sublime emoção. Oh! minha Amante immortal, eu te venero e te adoro para a eternidade. Meu Amor!

Queres saber a minha existencia de hontem? Depois que te escrevi, voltei á casa onde me esperava o Falcão. Almoço. Trabalho com elle até ás 4 horas. Solidão até ás 6,30. Telegramma para a minha Petite Chose, volta ao trabalho. Jantar. Trabalho até ás 11,30. Dôr de cabeça de cansaço. Somna pesado. Acordo esta manhã cedo e me ponho a trabalhar, (quero acabar até amanhã o meu capitulo sobre a arte). Helo vem almoçar. Recuso jantar hoje com os Rosas. Corro aqui. Tenho a encanta do teu telegramma ardentemente espe-

rado. Vou falar com um homem de negocios, polaco. Volto aa nossa solitario e adarada ninha. Só amanhã de manhã terei a tua primeira carta. Tuda é silencio para mim. Tu e o meu trabalho, que é uma emanação de ti! Oh! sublime mysticismo do meu espirito que se absorve na 'seu amar e vive na ser da sua Adarada! Vive par mim, pela nossa incomparavel Paixão. Saube que o Sylvio telegraphou de Lisbãa á "Americana" avisando chegar na sabbada. Até amanhã. Oh! meu Bem suprema, cama te dizer esta angustiosa saudade e esta vontade de vaar aas teus braços e viver ahi na tua grande liberdade. Como o tempa custa a passar! Amor, Amar! Para a vida e para a morte! Beijos. Adoraçãa!



*(Paris para Vichy)*

*Paris, 28 de maio de 1920.*

Sexta-feira, 2 horas.

Minha Divina! Amor meu, meu eterno Bem! Oh! minha Daçura! A tua primeira carta da tua livre salidão! Era assim que eu a imaginava, a tristeza, a meda, de mistura com a esperança e esse encanta mystico do sanha livre na grande paz! O teu sacrificia será mitigado par esse perpetuo desejo de ver realizado a mysterio do amor em toda sua plenitude nesses tres dias de extase perpetuo... Não é já a imagem do que será a vida eterna de amor e de união indissoluvél que juramos realisar um dia?! Confiança, meu Idolo!

Vê... nós desejamos do fundo de nosso ser, a liberdade de tres dias para o vdo sublime da nossa Paixão. Esse sonho vae se realizar... Porque o outro, o grande, o definitivo não se realizará um dia também? O que é preciso é querel-o intensamente. Tu sabes que nada poderá resistir á nossa vontade. Tudo está em ter esta vontade sempre firme, sempre alerta, jamais adormecida. E parece que ultimamente nós nos deixamos abysmar no goso de nossa paixão e não chamamos a nós as forças occultas que sabemos commandar para ajudar o nosso destino immortal. Tu me achas um pouco "sorcier?... Não sei. Quem ama como eu, quem tem essa força íntima com a Natureza pelo mysterio da Paixão, tem em si uma divindade invencível. Usemos de nosso poder sobre os outros seres, e sobre todas as cousas. Assim por este poder tu estás ahí, "posta em socego", esperando o teu Amante que vae colher em teu espirito e em teu corpo a maravilha...

Que fremito eu sinto ao imaginar a tua espiritualisação pelo Amor! Como a tua alma mystica se vae elevar mais alto, mais alto, como o teu coração recolherá os segredos dos teus ardentes desejos e de teus sonhos apaixonados, como o teu corpo se transfigurará na infinita pureza da solidão creadora! O Amor é o teu Creador! Essa atmosphaera do silencio é a patria da tua alma divina. Oh! Belleza, oh! immortalidade! Minha Santa Theresa do Amor Eterno!

Os nossos pensamentos como duas linhas partidas de pontos diversos se vão encontrar n'um só ponto para que ardentemente convergem: só pensamos no instante do nosso encontro, na bemfaseja e sublime liberdade. Já na tua primeira carta vêes a realisação da minha marcha para ti. Talvez, Amor adorado, eu vá directamente d'aqui partindo na noite de 9. Assim ganhamos

mais tempo. Não acredito que ninguém se ocupe de me acompanhar á estação. Noto que estão me deixando muito em paz, entregue como ando aos meus estudos. Naturalmente irei para a estação como quem vae tomar o trem nocturno da Italia, e ainda tomarei o trem de Vichy, de 10 horas. Não, elles não imaginarão que corro ao teu encontro. Não são tão intelligentes para penetrarem até o fundo de nossas almas e dos nossos invenciveis desejos. Coragem! Não te posso explicar, de novo a esperança accende a sua estrella na minha estrada!...

Hontem te escrevi um pouco triste. Estava aborrecido por outros saberem mais de tua vida do que eu que sou o teu dono, teu senhor e teu Deus de Amor!... Hoje a tua linda e doce carta explica tudo, e uma grande e forte consolação me arrebatou o ser. Oh! como eu te idolatro e como o nosso amor é a vida maravilhosa. Depois que te escrevi hontem, fui até ao "Événement". Em caminho se me deparou convidativo um "bureau de poste". Entrei e mandei-te o telegramma que seguramente recebeste hontem mesmo antes do jantar. Do "Événement" para casa. Não quiz ir nem a uma conferencia do Goloubeff, e nem ao chá da livraria "Chez Fast" que me tinham rogado de ir. Fui trabalhar e felizmente estava só. O capitulo vae bem. Escrevi toda a manhã. Volto agora a escrever. Amanhã cedo, ás 8 horas, o Falcão estará commigo para copial-o sob o meu dictado. Assim fica redigido de uma vez. Tu dirás que sou demorado... Mas, meu Amor, é uma condensação! ou "cristalisação". Logo que estiver copiado te mando.

Conheço "Atlantide". Amanhã te direi.

Meu eterna Amor, o meu fiel pensamento te acompanha nesse bella e dace retira de tua alma. Mas como te dizer a ancia da minha volupia soffrendo aqui na nassa retira de paixão onde samos os amantes loucos e incamparaveis!... Beijos, beijos...



*(Paris para Vichy)*

*Paris, 29 de maio de 1920.*

Sabbada, 3 horas.

Supremo Extase da minha Alma, minha Vida eterna, meu Deslumbramento, como te chamar e como traduzir em palavras vagas e pobres a immensa emoção sublime e ineffavel que todo o meu ser sente neste momento depois da leitura de tuas maravilhasas cartas... Meu Bem idolatrado, correm lagrimas da mais pura e infinita adoração deante da tua Imagem transfigurada e immortal! Como tu és irreal nessa incamparavel atmospheria em que a silencio é feito de luz, de côr, e do murmurio das causas eternas... Como eu quizera te "ver" um só instante nesta irradiação do teu divina ser. E ao mesma tempo como eu quizera "quebrar" o teu silencio pela fremito da minha paixão...

Oh! Sublime vigilia do Amor!

Minha Santa, que belleza suprema e transcendente é a tua nesse instante maravilhoso. Jamais o teu ser, sempre glarioso depois que o Amor nelle fez a sua magica marada, foi tão extraordinario, e esse momento

de tua existencia dará uma mystica saudade de ti mesmo quando sahires (hélas) do teu reino exclusivo e sobrenatural... E nós ainda levaremos mais alto este extase, faremos mais vasto e mais profundo o solemne encanto em que vives, oh! meu Amor, meu Idolo!

Como eu estou ardendo de desejos infinitos, e como tudo em mim é a suprema Paixão...

As tuas cartas são admiraveis, ellas reproduzem soberbamente a atmosphaera em que vives, e são o maravilhoso espelho da tua alma divina. Sim. A tua existencia é o mais bello e o mais imaginario poema que jamais um ser humano viveu. Bem eu te dizia, a solidão é a patria da tua alma, alli tu serás tu mesma, teu ser se engrandecerá e tu serás envolta n'uma aureola que te faz intangivel, sublime, angelica. A adoração desses dois espiritos (Lina e Marie) que ahi seguem após a tua figura divina são os testemunhos da tua divindade. Neste momento incomparavel da vida, tu és exclusivamente a Mulher-Amor. Tudo o mais que era contingente, relativo, se aboliu da tua existencia, teu ser brilha na sua pura e immortal essencia!... Amor! Amor! que gloria!

Sei que nada perturbará esses dias sem eguaes que passarás ahi, no teu reino, até a minha deslumbradora apparição. "Esse reino" é "meu". Tu o creaste para mim ou melhor sinto que o criei pelo teu magico poder de realisação. Tua imagem está deante dos meus olhos eternamente. Pela evocação de cada instante de tua vida, de que tão esplendidamente me dão conta as tuas cartas, sei os teus movimentos e te "vejo" n'uma realidade absoluta.

Como conheço o quadro de Vichy, é facil te "localisar" em todos os teus gestos. De agora em diante tu estás deante dos meus olhos não só como a apparição

ideal, a imagem que eu adoro, e que é a essência da minha vida, mas também viva, palpitante, minha mulher-sinha adorada, meu Bem ardentemente desejado. E eu te sigo e sou inseparável de ti. E os nossos seres se prendem no eterno extase da mais sublime Paixão...

Como me sentiria amesquinhado diante da tua grandeza infinita, se a minha existência não fosse a da mais pura solidão no pensamento do amor e no trabalho intelectual!...

Que horror se eu estivesse obrigado a vida social ou mesmo "familiar..."

Agora tu vêes o que há de horrível e doloroso quando se está no puro extase, e o "outro" no turbilhão das cousas vãs e mesquinhas e imundas...

E foi um sonho?... Foi uma realidade suprema?... Tu me falaste!... A tua divina voz vibra em mim!... Oh! Amor! Amor!... Não pude reter as mais doces lágrimas. Tu me deslumbras... o que me disseste é a pura Belleza... E como eu não vou esta noite mesmo para os teus braços?!... Não compreendo a minha hesitação que me humilha aos meus olhos e me faz sofrer porque contraria os meus desejos supremos!... Sim, é o "prelúdio!" A divina Tragedia de Amor immortal vai começar. Vivamos a nossa Paixão na pura e única liberdade!!

Não te posso escrever mais hoje. O que eu sinto é tão infinito, tão maravilhoso que não posso exprimir em palavras.

Quero viver o meu sonho, quero neste retiro onde tudo és tu, me abysmar no gozo sublime da saudade do meu Bem idolatrado!

Oh! glória, oh! maravilha!... "O meu Amor compreendeu tudo..." Ella desvendou o segredo do Infi-



ito... Ella vive o Absoluto da Paixão... "Nós somos  
m com o Universo!" "Como eu me sinto feliz!" E  
ssa felicidade vem de ti como devia ser!...

Libertemos os nossos corpos da prisão em que os  
miseráveis os guardam, e unamos para sempre a nossa  
xistencia. O sonho é unico e a realidade será a vida  
terna!

Oh! a tua voz me canta e eu ainda queria inebriar-  
te nella, quando ella partia longinqua... Adeus!  
adeus... e assim foi se apagando... Mas dentro de  
tim ella cantará! Amor! Amor! Victoria, Gloria, oh!  
raiso... Oh! Minha Santa da Paixão, meus beijos  
finitos te devoram de amor eterno! Oh! Saudade sem  
im! Paixão!



*(Paris para Vichy)*

*Paris, 30 de maio de 1920.*

*Domingo, 4 horas da tarde.*

Minha Belleza immortal! Paraíso de meu Ser, meu  
livino Amor!

Hontem eu te exclamei: Como sou feliz! Era o  
grande extase que me innundava de um goso infinito,  
que me elevava ao sublime das forças humanas. E esta  
suprema felicidade nascia de ti, do teu ser incompara-  
vel, do teu fremito de paixão, do "absoluto", em que  
tu vives, e que me communicaste quando me affirmaste  
nela voz divina do teu amor, que a tua vida de hoje

é o preludio da tua grande vida de amanhã, de sempre, da futuro, da nassa eternidade. Tu comprehendeste! Oh Maravilha! ah! magia da Amor! Tu viste a profunda realidade, e tu sabes que só ella existe e que a resta que chamam vida real é mentira e illusão, é a farça absurda em que nos mettem os miseraveis, aquelles que faram privados da dam sublime de amar e de viver a seu amar. Tu sabes que tu és uma commiga, que samos um sá e que temos o dever de viver a nossa realidade, e nas libertar da mentira. Bem dita a tua solidã que foi a tua revelação decisiva! O teu ser privilegiada, já despertado, já abysmado na eterna Paixão, desde que paude ficar um instante camsgo mesma de um mado completa, resolveu a enygma da seu destino. Eu sabia que seria assim, e por issa desejei que estivesses só e quero que o teu silencia nãa seja perturbado até a instante "incrível" da nassa maravilhosa encontro. Conto cam a tua energica resaluçãa para este resultado definitiva e "indispensavel".

Se tiveres visitas, que sejam rapidas e no teu hotel. Nãa faças passeias banaes, "e defende a teu reino". Não quebres essa atmospha de extase, de exaltação da alma, de cammunição cam a Universa, de "viagem maravilha" e de admiraçãa em torna de ti par ridiculas e vãs cartesias saciaes. Sê sá, sempre sá, cam a fiel Lina e a pobre Marie, a te seguirem em perpetua adaração e respeito sem fim. Que impartam os outros! Tenhamos a coragem da nassa dever para camnasca que é um dever sublime de Amar.

Ahi estarei na manhã de 10. Ninguem notará a minha partida, já tãa falada, que parece aas outros consummada, tal é o habito em que estãa das meus livres movimentos.

Depois que te deixei hontem... depois que a tua mysteriosa voz se calou pouco a pouco... Que deslumbramento em mim! Não sei como pude acabar a carta. tirei-me á nossa gostosa e saudosa cama, rolei sobre ella, beijei a tua "marca", beijei-te em imagens, em sonhos, louco de amor!

Só a muito custo, pude desprender-me deste santuario... e que vontade ardente de beijar o telephone que recolheu o echo da tua voz e ainda te ouvir... Oh! eu anjo idolatrado! E lá me fui até o correio, tonto de "uz" e de paixão! Oh! Adorada! Sê minha só!

Faz um grande silencio no nosso retiro saudoso. Vigi para aqui e d'aqui ao correio. Esta manhã impossivel vir por causa do cortejo a Jeanne d'Arc. Ninguem viu lá em casa a não ser Helo. Passou o Barrès ligeiramente festejado. Passou Léon Daudet muito aclamado. Tudo isto é nada. Só tu és a Belleza, o Sonho, o amor sublime, a Victoria da Paixão! 10 de junho! Loureira de prazer infinito...

Beijo-te muito, muito. Devoro-te de caricias. Oh! Paixão!



*(Paris para Vichy)*

*Paris, 31 de maio de 1920.*

Segunda-feira, 3 horas e um quarto.

Ah! meu Extase sublime, minha Belleza infinita, minha Esperança e minha suprema Realidade. Amor!

Já estou aqui ha mais de meia hora, n'um immense gasa da vibraçãa infinita que o teu incomparavel ama me communica pelas tuas palavras angelicas, ardentes apaixonadas, lindas e magicas! Oh! Paderosa! oh Divina!...

Recebi a tua carta de sabbada, que me dá a sensaçãa da espera da nassa conversa pelo telephone e o maravilhosa deslumbramento depois da fusão das nassas vazas e das nassas emoções. Puro e immortal Amor! E agora tu me entendes para sempre. Tu "vês" que eu te quera eternamente, que tu és a minha unica vida, o meu idala, a minha fascinaçãa, a meu espirito e a minha carne... E tu vês que aquelles par quem te sacrificas, que tu geraste, te abandonam, ou pela menas não te cubiçam com ardar... Coma fai admiravel e fecunda essa prava da indifferença da familia, e este confronta cam a pura, immortal amor de toda a vida, e da eternidade dos tempos. Como eu sahi triumphador, a victoriosa, pela immensidade da Paixão, pela fidelidade inquebrantavel da maiar amar humana, que se fez amar total, amor universal, porque tu, ma Petite Chose idolatrada, és o meu Tado, o meu Universo, e eu só vivo em ti...

Que imparta que agora "elles" te mostrem uma affectada affeiçãa! A prava está feita. A sorte foi lançada. A minha victaria é absoluta, e como esta victoria é tua, é da nassa Amar! Hosannah! Glorial...

Fai par um lada, muita bam (apezar de toda a dôr e da grande sacrificia) que tu mesmo verificasses a egaisma fria e tola d'aquelles por quem fazes a sacrificio do teu amar, da teu ser, e da tua vida. Tu és minha para eternidade. Não te basta, meu Anja adorado? O resto é illusão, mentira, associaçãa passageira, instantanea.

No reino animal, os filhos não reconhecem as mães. E' a lei natural. O que vem depois, o amor filial, a dedicação, foi obro de cultura religiosa e social. Mas o que é animal domina nas naturezas communs, e só os seres excepcionaes escapam a essa regra biologico. Não penses que estou agrovando mais o caso para proveito do meu amor. Se assim fosse era ainda justo. Mos occentuo o caso depois que tu mesmo o notaste. E não faço senão repetir as tuas conclusões, quando n'um impulso magnifico e plenamente consciente tu me dizes: (oh! maravilho!) "Sou tua, vem, toma-me paro sempre, e eu não lamentarei nada". Ah! Amor meu, sempre receiaste esse "regret", essa saudade, e essa pena que maculariam a nossa pura e infinita felicidade na união perpetua e absoluta das nossas existencias. Agora, essa terrivel difficuldade está passada no teu espirito e no teu coração e nós vamos resolver o reino da Belleza que se approxima e já nos inebria com o seu perfume transcendente, com a sua magia inexgotavel e soberana! Amor! Amor!

Como tu és sempre bello, meu Bemsinho delicioso!... Começaste a tua carta dizendo que pela faculdade que havia em te .....

Meu sublime omor, minha Paixão arrebatadoro... Para que continuor?

Acobo de folar contigo e que são as palavras escriptas quondo se tem a musica sublime da tua voz de paixão immortal?!...

Conto, cotovia! Conta, "meu rouxinol que contaste na aurora do nosso Paixão!..."

E todo o meu ser estremece de um goso infinito e adivinha o que vae vir!... Que maravilha! Corre mois

depressa tempo, eu a quero para sempre, para sempre! Eternidade. Sim. Depois de amanhã falaremos de novo. E' uma maravilha... Que delicia infinita, que encanto... Meu Amor adorado. Só penso em voar para o teu corpo todo. Como tu és um magnifico espectaculo! Que aureola nesta benefica e sublime solidão!

Quem tem um amor assim, despreza tudo o mais, e só aspira á união eterna com o seu amor. A minha vida procura se approximar desse ideal.

Se hontem fui ao Claridge e passei algumas horas n'aquella vulgaridade cosmopolita, eu te invejei todo o tempo, e pensei quanto tu eras melhor e maior do que eu! Mas eu tinha a minha adoração que me purifica e a tua imagem que me deslumbra e me acompanha eternamente.

Esta manhã não sahi de casa, trabalhei como te disse. Assim farei ás manhãs, porque quero as primeiras horas da tarde livres para nós.

As tuas impressões da leitura da vida amorosa de Comte e Clotilde são perfeitas. Só uma Amante como tu pôde com tanta exactidão analysar o coração de outra mulher em materia de amor. Tu vêes o que sempre te repito: "nenhuma Amante sublimada pela poesia, pela lenda e pela historia te vale". A tua vida de Paixão é mais bella que a de qualquer dellas, e o teu Amor é mais profundo, mais decisivo, mais vasto, mais poetico, mais apaixonado, mais amor!

"Tu, só tu, poderias ser Amante de um ser como eu, que vive no Absoluto, no Universal". Tu és a Amante heroica e pelos teus actos e pelo vôo do teu coração tu és immortal e tu és a minha verdadeira, unica e inseparavel companheira eterna. Tu és a Belleza!... E este magico nome, no "meu sentido", só tu o mereces.

Cubro-te dos meus beijos apaixonados. Eterna!  
Eterna!

Vou d'aqui marcar os meus logares para Vichy  
directo ou Lyon na noite de 9. Oh! Arrebatamento!



*(Paris para Vichy)*

*Paris, 1 de junho de 1920.*

Terça-feira, 4 horas.

Meu Extase! meu Bem supremo, minha Saudade sem fim, minha bella e doce Paixão... Escrevo-te hoje mais cedo do que estava habituado porque tive o Falcão logo depois do almoço para lhe dar mais paginas a copiar, e ainda fui ao "P. L. M." para as "couchettes" da noite de 9. Só hoje começaram as locações para esse dia. Tenho um bilhete de 1.ª classe para Vichy e uma "couchette" até St. Germain. Por esse trem chegarei ao meu Paraiso maravilhoso ás 6,30 da manhã de 10 (que fremito e que jubilo ardente no teu Amante extasiado!...) Tenho ainda uma "couchette" para Lyon e um respectivo bilhete de 1.ª classe. Se me acompanharem á estação tomo o trem de Lyon que vae a Vin-temillia e corresponde com o que parte para Genova (3 horas de distancia). Se ninguem me acompanhar, como é possível, irei directamente no nocturno de Vichy. Este é o meu desejo, a minha "vontade". Assim será realisado.

Se eu não chegar a Vichy na manhã de 10, espera-te nesta mesma manhã em St. Germain e farei como quizeres para a minha entrada em Vichy em plena dia ou á noite. Oh! tudo se passará coma n'uma magica sobrenatural e tu me terás no teu quarto na manhãzinha de 10, e eu te beijarei linda, maravilhosa, tremula, transfigurada... Minha Paixão immortal! Que Amor arrebatador!

A noite passada fazia um luar surprehendente. Estive langamente só, e até muito tarde no salão, e de vez em quando vinha á janella ver a silenciosa viagem da lua na noite vasta e luminosa. O meu pensamento estava fixo na direcção de Vichy.

Viste a noite?... as teus pensamentas tambem passeiavam cam a lua errante e serena?...

Quando me recolhi já ha muita devias estar dorminda. Sim. Dormiste. Quando a tua voz me deixou eu senti em teu ser um deslumbramento e aa mesma tempo uma immensa paz... A primeira vez que nos falamos, foi tão bella tambem, mas quão dolorosa e despedaçador... A tua voz me precedia á vida... E a teu sanha não foi senão a confirmação da que eu pensei. E assim nós somos "um" eternamente, a nossa comunidade é essencial, absoluta, sublime!...

Tu que és um admiravel pintor de sentimentos, me dá em tua extraordinaria carta de domingo (que belleza!) a paisagem intima da tua alma e é um deslumbramento!

Hoje só recebi uma carta. A de hontem não chegou. Porque? Felizmente nas falamos deliciosamente hontem, e foi uma força consoladora. Mas coma eu quizera ter a tua carta da vespera! Maldito carreio!



O meu trabalho vae muito bem, mas ainda não acabarei deste impulso. Até sabbado te mandarei es novo capitulo da "Arte" Talvez te leve alguma coisa do que está feito. Tu lerás ahí tranquillamente, será um bello serviço para o "teu" livro, de o leres assim mesmo de o reler socegradamente, e ver se tudo está o pouco "chef-d'oeuvre" que inspiraste. Está entendido que levo tudo o que está definitivamente copiado.

Depois que eu partir (oh! torturante idéa de pungente e divina saudade...) tu ficarás com os meus pensamentos universaes e serei sempre eu em ti por sempre!...

Amanhã estarei aqui cedo para telephonar. Viás 2 horas sem falta e em 30 minutos terei a comunicação.

Tu me dirás amanhã se tens realmente melhorado. Não te impressiones se as melhoras não se manifestarem logo. Tu tens experiencia de "curas". Quem sabe não foi Vichy que me poz bom para sempre do fígado. Ahí estive antes de ir a Roma (hélas, por esse tempo perdido, meu doce e divino Amor), achei que não tinha aproveitado. Mas a verdade é que nunca mais sou do fígado, como sempre soffri antes no Brasil e em Londres. Vichy? St. Moritz? ou a longa moradia Europa? Quem sabe o que se passa?...

A proposito de mysterios, tu estás a digirir esse "Disciple" que é tão pesado. Talvez eu fizesse mal a ti dar. É um livro curioso, intellectual e em que se joga com a technica philosophica e psychologica. Continua o "Rouge et Noir" do frio Stendhal, mas que conclui religioso, falsamente mystico. Sob este aspecto é detestavel e inteiramente estúpido. Mas deve-se conhecer como um livro importante, "à côté", de uma orientação

que não é a nossa. "Séraphite" é um vôo mystico, vago, ethereo, porém bello. E' mais geral e menos pretencioso. Lido este livro de Bourget, farás ponto final com esse autor.

Gostas de teu Mestre severo e exclusivista?

Oh! se tu soubesses o que é a minha Paixão, meu Idolo, em extase perpetuo? Sabes? Não.

"Agora é que vaes ver". Não tremas. Amor. E' a suprema e unica Felicidade, o Divino! o Eterno!

Como se faz tarde, termino e corro ao correio.

Dize á Lina a minha affeição por ella. Ma formule est celle-ci: "Dis-moi ce que tu admires, je te dirai ce que tu es". Et Lina admire mon Idole. Donc elle est digne de nous, elle est parfaite.

Estas palavras em francez tu lerás a essa fiel amiga. Quero que ella nos veja na maravilha da nossa liberdade.

Oh! sonho unico que me faz estremecer de goso infinito... Meu Amor! Como tu és sublime e poderosa! Beijo-te. Para a vida e para a morte. Adoração!



*(Paris para Vichy)*

*Paris, 2 de junho de 1920.*

2,3/4.

Meu supremo Amor immortal, minha Paixão, meu eterno Desejo, oh! Phantasia, poesia sublimel

Acabo de ler a tua carta de segunda-feira, ampla, bella, magnifica e quantas vezes dolorosa, mas sempre divina!

A tua inebriante poesia entra-me pela carne e me transfigura... E' uma immensa idealidade misturada do delirio ardente do amor e da volupia em que o Universo inteiro se volatiza e se entenece e se abranda como uma caricia infinita. Em tudo é maravilhoso o teu "toque" e tu me exaltas no vôo incomparavel do amor transcendental. Como que te ouço falar com a tua magra voz, como que sentisse as tuas doces mãos me amegar a cabeça e me suavisar a pelle, como que te visse em tudo, no ar livre, em plena Natureza, no parque, sob as arvores, no hotel, á meza, na ducha, no teu quarto e no teu solitario e cubiçado leito que nos espera... Tu és o poder de evocação das tuas palavras que me fazes imaginar, e que me cantam a melodia sobrenatural da paixão... Escreve-me assim, mais e mais e tudo é uma maravilha no scenario mysterioso da minha saudade da minha imaginação. Oh! Divina!...

Aqui cheguei antes de 2,30, logo pedi Vichy. Talvez neste instante estejam nos pondo em comunicação e eu tremo de alegria... Porque não me telephonaste hontem? Pois telephonaste para a casa... Não comprehendo bem a significação desse impulso que não está de accordo com os teus sentimentos. E prefiro dizer-te que o achei extranho, e saber de ti a razão mysteriosa (porque tu medes admiravelmente os teus gestos sobretudo neste sublime momento em que vives a tua alma ardente e mystica) do que guardar uma impressã exquisita da qual quero, como de todas as outras desta ordem, estar inteiramente desanuviado para chegar aos teus divinos braços puro de qualquer tristeza, louco de alegria, unico, universal, teu Amante victorioso e eternamente feliz.

✦ Soube que havias assim telephonado<sup>4</sup> quando fui hontem á noite lá. Não te incomodes com o que te digo. E' uma justa expansão com Aquella que é o meu Universo, e que se proclama ardente e sublime, minha Coisa, minha Discipula e que é a minha perpetua Adoração e meu divino Idolo.

Que terrivel saudade, e que martyrio sem fim voltar áquella casa vasia de ti e que horror quando vi a megera installada em tua cadeira... Oh! profanação! o teu "nicho" polluido por aquelle miseravel ser! Em vez da tua divina Imagem a figura hysterica e monstruosa da megera! Que sacrilegio! E tive de supportar esse torturante supplicio. Não. Não devia ter voltado alli de onde nos separamos na noite do temporal que parecia dizer o soffrimento das nossas almas revoltadas e magoadas...

Leio o que me dizes sobre o medico, confio que serás com elle muito discreta, muito longinqua. Nada de intimidades, nem clinicas, nem sentimentaes. Os medicos gostam de se fazer camaradas e sustentadores do "moral" dos clientes, o que no teu caso seria uma injuria... "Vê lá"

Quanto á "velha" da ducha dá-lhe um presente da minha parte, se ella sempre te cuidar bem. E... que tem ella de te examinar?... Como se pudesse comprehender! Santa, cuidado com toda essa profanação!...

Já são 3,30. E até agora não me chamam de Vichy. Que malandros! Vamos, gentes do telephone, "vite", "vite", "vite!"

Esta manhã não sahi de casa. Trabalhei ainda no meu capitulo sobre a "Arte", que vae bem. Espero aca-bal-o hoje á tarde e á noite. Amanhã cedo sahirei com

o Falcão para ~~vêr~~<sup>ver</sup> se descobrimos um livro velho para o Edgard. Vou á margem esquerda.

Não tenho noticias do "monde" e do "demi-monde" brasileiro.

O "Évènement" ainda me amola.

A libra se mantem a cincoenta francos. Ainda não vendi as que tenho. Sim, meu doce Amor, levarei dinheiro bastante para os nossos passeios e nutrição. "Mala-zarte" manobrou bem hontem de manhã como te disse. E como sempre consegui o que quiz...

E... lá se foi a tua voz no telephone que me levou a alma... Agora cáio n'uma grande desolação. Porque antes era a esperança de te ouvir, a alegria que batia no meu peito. Agora que solidão! Choro a minha saudade sem fim... Tudo é sombrio.

Oh! que Paixão! Como eu te quero devorar de beijos, de caricias, de ternuras infinitas! .....



*(Paris para Vichy)*

*Paris, 3 de junho de 1920.*

Quinta-feira. 3 e meia horas da tarde.

Meu divino Sonho! (tu és para mim tão irreal, tão maravilhosa!) Meu sublime Amor! Minha eterna voluptia, minha deliciosa morada!...

Como é uma pura magia, e o mais supremo encanto viver em ti! E eu vivo eternamente em teu ser, e tudo se une no tempo e no espaço pela tua essencia, Amor...

Hoje a felicidade foi dupla, duas cartas do meu Bem Adorado, e uma escripta hontem depois da nossa doce e fremente conversa ao telephonel... Que maravilha tu és, minha Santa immortal. Sim, eu sinto a tua infinita paixão, incomparavel e unica na vida eterna. Tuas palavras entram no meu corpo, e é uma delicia! Cada palavra palpita e vibra e da phrase se desprende uma harmonia infinita que é o canto de uma alma, a divina musica da paixão.

Não me escrevas á noite. Seria te fatigar. Quero-te forte e ardente, virginal e intrepida. Concentra em teu ser a magia da volupia que tu derramarás em mim e por ella serei o Amante glorioso e bemaventurado. Dentro de 8 dias estarei nesse "sonho acordado... nesse Paraíso supremo, alvo de todos os meus secretos e immortaes desejos. Tu serás a harpa que vibrará maviosa, tu serás a Poesia e o Ideal, tu serás a Volupia, a Transfiguração, a Paixão immortal, Amor!...

Tenho bem na memoria as tuas recommendações sobre a minha chegada ahi e escolha de quartos. Manobrarei para ficar ao teu lado para maior felicidade. No fundo que importa! Não és tu ahi uma desconhecida? Vejo que te inquietas sobre o que "dizem" a proposito das "comerages" de criados. Respeito os teus escrupulos, meu Bem idolatrado, mas isso não tem importancia.

Eu quero que fiques socegada, que a tua alma não tenha uma só preocupação aborrecida e pequena, fico certo de que és minha para a eternidade, meu reino, meu paraíso, meu perpetuo encanto, minha doce e sublime discipula e Amante immortal!

Vês, acceito as explicações que me deste sobre o "coup" de telephone á casa e não quero mais pensar nisso. Neste supremo instante eu sou plenamente aquillo que somente devo ser: o amante apaixonado, louco,

sublime, que espero maravilhado o instante, unico entre os instantes, de ter nos seus braços a Amante glorioso, linda, vibrante, meigo, formosa, terna, doce, o "mar de amor"... o obysmo do prozer eterno, a união infinita e transcendental. Nossas almas se desejam opaixonadamente. Nós nos buscomos e nós estamos unidos para sempre. O tempo cumpre a sua missão infallível e aproxima os Amontes, o espaço se apaga e o união se fará na liberdade e no delirio supremo... Não portirei só de Vichy. Tu irós commigo para longe, muito longe... Voleu, meu Amor eterno? Sim? Minha ventura infinita... E' o liberdade, é o morovilha. Deixemos este mundo o que não pertencemos e ló... livres, unicos, soberanos, amantes divinos, sejomos fieis a nós mesmos e ó sublime Fatalidade que é a força universal e invencível que nos uniu para sempre.

Assim, partida para o Belleza, "Voyage Merveilleux"...

Oh! Morovilha!... Chegarei ahi como o teu Dono, e na madrugada te ocordarei para o liberdade que é o nosso Paraiso de Amor.

Toda a nossa vida de soffrimentos será emfim resgatado por esse passo decisivo e sublime. Prepara-te, minha serva immortal, incomporovel Escrava da Paixão.

E como serás bello na grande liberdade! E' a resurreição. Ora quando se levo na alma esta coragem, e quando me sinto inteiramente libertado dos outros, porque estou a encher o meu espirito de mesquinhos preocupações, de tristes cousas relativas que vão cessar por enconto, e desapparecer para sempre? O momento é unico. O Amor nos guia, e elle preparou a sua supremo occasião. Temos o dever de obedecer ao Amor. Portomos. Oh! Glorio, oh! eternidade, emfim!

Cada instante eu digo a mim mesmo esta revelação e não quero ter outra atitude na vida fóra da fidelidade á Paixão. E tu sorris maravilhosa á felicidade. Tu és o Amor. E em ti a minha perpetua Alegria.

Que te diz "Seraphita", o vôo mystico? Não é a unidade absoluta dos seres eguaes? O "Disciple" é a sombra, o crime, a baixesa, como bem disseste. Procuramos sempre a luz. Enquanto esperas, sonha, canta, vibra, alma immortal do meu amor! Oh! que transmissão de volupia vae de mim para ti e vem de ti para mim!! Porque não telephonamos hoje? Seria tão bom todos os dias... Não quero te contrariar e só sabbado terei o fremito doce e infinito de ouvir o teu canto divino. Até lá, que silencio!...

Que maravilha a tua comprehensão da solidão e que floração admiravel em teu espirito, nesse silencio, nessa liberdade, nessa suprema posse de ti mesmal Tu foste "magicienne" quando disseste que era o "preludio". O resto vae vir e será a vida eterna. Concorde que leias "Beethoven" depois de "Seraphita". A musica é a expressão mais proxima do Amor.

Dentro de 3 dias terás o meu capitulo sobre a "Arte". Hoje serão copiadas mais oito paginas. Tu verás. O resto levo commigo e tu mandarás pelo correio a Aimée depois... Não, estou embrulhando tudo. Não haverá resto. Nem Aimée, nem depois. O todo nós levamos connosco. Tu sorris, divinal...

E como tu és bella! Que immensa falta tu me fazes. Como tudo isto me fatiga, me enfastia, me enerva. Aspiro ao repouso divino no teu corpo de paixão! Quero a vida, a immortalidade, o delirio, e te ver bella, transfigurada, imagem e realidade do amor supremo! Tu és



única! Agarro-te muito, muito, como-te de carícias. Adorada. Oh! minha alma extasiada! Que saudade infinita!  
"Que silencio!

Sim, eu ouço a tua voz que me chama. Corro! Tu és immortal!



*(Paris para Vichy)*

*Paris, 4 de junho de 1920.*

3 horas.

Amor! Amor! meu Idolo, minha bocca sobre a tua bocca, tu nos meus braços, transfigurada, divina! Oh! sonho de amor eterno e sublime!

Recebi tuas duas cartas de hontem. Agora tudo vaee bem no correio, desde que a tua "vontade agiu". Assim será em tudo. Tu és invencível e immortal!

A tua primeira carta é de 9 e meia da manhã, a segunda de 3 e um quarto. Em ambas o teu unico e incomparavel amor, esse "mar" de ternuras que me abysma tão docemente e me faz viver. Mas na primeira ha a tua grande revolta contra os estupidos projectos de "O." que no fundo só pensa em vegetar no Brasil, "onde se sente considerado", e tem a "Chacara". E' um indigno parasita que não tem outro ideal senão o de viver á custa de teu pae, de ti e dos outros.

Tenho remorso de ter te comunicado este "plano" de "O.". Mas contava com o teu "riso" ironico, com a

tua superioridade de onimo para sober que o homem vive a formulor plonos que sempre desmanchoremos.

O que é preciso é um excellento resultado da cura de Vichy. E' preciso para o tua saude e teu amor. Tu és o Amante sublime. Tu precisos de força vital para o vôo odmirovel da tua olma, e o extase do teu corpo maravilhoso. Se Vichy fôr um successo, será um orgumento para a tua permonencio na Europa.

Não tenhas medo de dizer que forós isso "ultima" viagem para o Brosil com immenso receio e por um gronde sacrificio ós filhas e que o medico de Vichy, repetindo o que disseram os medicos de Paris e com mais seguronça, te prohibe o climo do Brosil. No verdade esse climo te é nocivo. A viagem ao Brosil será o teu mol.

Só quero o tua poesia, a tua divino união commigo. Esquece todas os miserios e sejomos os heróes do Amor. Pensemos unicamente que no manhã de 10, estorei commigo, e tudo será a morovilha!...

D'ohi partiremos juntos. Tomaremos o wogon-lit, que nos levará directamente a Milão. Ahi rapida saudação ao moestro Leonordo, contemplando o "Ceio". Voaremos a Venezo. Veneza, Amor! e um grande esquecimento em que mergulharemos os nossos espiritos sobrecarregodos do passado. De Venezo o Ravenno, tumulo de Dante, il padre, depois Rimini, o tumulo de Paolo e Francesca mais miseroveis do que nós porque não tiveram o libertoção. Vamos o Brindisi, onde tomaremos o vapor que nos leva a Port-Soïd. Ahi, nesso terra antiga do Egypto, nós embarcamos para a Indio. E' o Oriente fobuloso. E' cominhor na direcção do Sol, como tu cominhas ohi na tua solidão de Vichy. Na India será o gronde e definitiva liberdade. Vamos ao poiz dos Grân-

Mogols. Vamos a Dehli, a Benarès, a Calcuta, e pausando onde a phantasia pedir. Seremos como os passaros, viajantes eternas no espaço livre!...

Tudo está providenciado. As passagens do paquete a Brindisi estão tomadas e pagas. Temos uma cabine moderna com um bello e grande leito, e sala de banho. Aa lada uma cabine para Lina. Ainda não tomei as passagens no "wagon-lit" de St. Germain des Passés a Milão. Faremos ponto ahi, porque não sabia em que dia deixaremos Vichy, para sempre, e em Vichy a que ficou para atraz.

Não te preocupes das raupas internas que te passarão faltar. Acharemos tudo na Italia, na Egypta e na India. A minha feiticeira será lindamente vestida!...

Os passapartes estão prontos. Mandeï reprodüzir em pequena o teu retrato e collei um delles sobre o documenta official. Para a munda tu és a minha mulher casada (para mim tu és a minha Amante eterna e divina). Viajarei com o meu proprio nome. E' mais facil, nestes tempos complicados. Levo commigo cheques na valor de 10 mil libras, que nas darão para viver alguns annos. O resta é o mysterio. Vivamos a gloria do nassa presente. Tu és immortal, minha Petite Chase soberana! Toda a meu ser estremece, entrevendo essa realidade que se aproxima. Sentir a tua essencia divina na ampla liberdade, viajar na magia do esquecimento, vêr a belleza do munda que varia e cresce se projectando (e envolvendo-te) sobre a tua belleza.

Oh! transfiguração das causas! Amor, que maravilhã, minha Amante idolatrada, beijo-te ardente, sofrego e para a vida até a morte, na Eternidade da Paixão! Beijos, beijos e glorial Que adoração incomparavel tu me inspiras, meu Bem idolatrado. Que pena te deixar agora, não continuar a te narrar a nossa partida

e a "Viagem Maravilhosa". Enfim, a liberdade caminha e nos estende as suas mãos victoriosas! Que desejos em mim por ti... Beijos, beijos...



*(Paris para Vichy)*

*Paris, 5 de junho de 1920.*

3 horas, sabbado.

Meu divino Amor! Minha eternidade! minha perpetua adoração! Deveria eu te chamar tambem minha fraqueza idolatrada?...

Tuas bellas cartas de ante-hontem á noite e as de hontem (cartão e carta) reflectem a constante angustia da minha Brunehilde. Tens medo que eu vá á Italia deixando aqui a suspeita. Não, meu grande e divino Amor. Sou mais habil mesmo no supremo entusiasmo. A minha viagem á Italia está justificada. A megera sabe que vou por negocios, um, da mechanica, em "soi-disant" difficuldade na praça de Genova por causa de um fornecimento, e outro, examinar o que se póde fazer para o estabelecimento de uma casa de café na Italia. "O." está ao corrente destes dois motivos poderosos. A minha desconfiança sobre os arranjos com o Alvaro eram sem fundamento, em longa e intima conversa que tivemos, verifiquei que nada ha de mudado, elle pensa que a minha ida a Genova é util. Portanto fica tranquillada, desse lado não tenhas inquietação, minha fragil e sublime Adorada!

Hoje de manhã estive na estação para a despedida da Bandeira. Canversei com todas as conhecidos sobre a minha ida a Genova. Vês tu que tudo é natural e fácil, quando se tem a resolução e a "aplomb" que a teu amante tem. Não penses mais sobre a possibilidade de uma suspeita levantada por essa minha partida. Ah! meu pobre Amar, tu pensas demais na que se podes dizer, tu estás ainda neste mundo de que me esforça por te libertar. Sejamos livres, grandes, únicos e vencedores de tudo e de todas.

A outra imensa fraqueza de que as tuas palavras angustiadas exprimem toda a amargura, é a tua libertação neste instante...

Compreenda a dolorosa hesitação da teu coração, e respeita a dilaceramento da teu ser me recusando esta felicidade imediata... Sei que me adaras, fica também sabendo que te detens na limiar da liberdade e que não ousas sair da tua prisão. Que quera! A minha divina catóvia foi encerrada longo tempo em uma gaiola, e ella não pôde mais voar!... Está condemnada á prisão perpetua, a viver na agonia da desejo, sem poder ir além, sem poder remantar ao céu que ella vê, e que aspira laucamente... As suas bellas azas não voam mais... Oh! symbola da paixão escrava! Mas não te entristeças. Nem uma sombra de melancolia. O teu amante livre, a tua aguia virá da grande espaço e entrará na tua prisão... dar-te-ha a alegria, o encanto, o sonho, a miragem, e depois tamará a seu vôo livre e audaz, planará na espaço, pousará indiferente aqui e alli, até de nava se extasiar na amar da divina catóvia que estará occulta á espera da amante ausada, na retira mysteriosa para sempre...

Tudo o que te disse da maravilhosa fuga será a padeira de um sonho... Mastrei-te a miragem!... Coma

é bella! e que attracção infinita. E' um abysmo tentador. Liberdade eterna. Paixão immortal!...

Mas eu te quero loucamente. Sou e serei sempre o mesmo. Sê alegre, radiante e descuidada, até o nosso encontro e durante a nossa eternidade de 3 dias... E não penses que te julgo mal como heroína do Amor. Eu te admiro e te adoro exclusivamente. A tua força suprema e invencível está na minha paixão por ti.

Ha mais de uma hora que pedi Vichy. Responderam-me que está "interrompido" e que haviam de me dar pela "voie détournée". E' preciso esperar com paciencia.

Hontem tiveste a facilidade de falar, e hoje não tenho a mesma sorte, e eu penso que o destino me devia ser mais favoravel... Só hoje á noite conversarei longamente com "O.". Veiu uma carta do Tristão sobre o "porto franco". Tristão insiste para que eu vá ao Brasil. "O". acha desnecessario desde que elle vae em Outubro. Ri, e não te aborreças, Amor adorado.

Alvaro mantem a mesma combinação e mandou dizer ao socio technico que viesse um momento á Europa para se pôr de accordo commigo. (E a minha fuga?... a nossa libertação?... Ainda a escravidão?... e por quanto tempo?...)

A megera voltou hontem da casa da Sylvia ás 3,30, da madrugada! Esteve arrumando malas. E' o triumpho da hysteria! A megera está radiante em proclamar a sua "bondade". Como o mundo é idiota! E permanecemos como essa gente?!...

Meu Amor, Amor, e as tuas leituras? os teus passeios? a tua intimidade com a Natureza? Isso é a belleza e disso quero que me entretenhas. Oh! como a minha adorada é infinita e como por ella tudo se engrandece

e se divinisa. Tu és o centro do Universo, tu és a Eternidade e a Belleza!

Reclama sempre a communicação de Vichy. Afinal me promettem "dans quelques minutes".

Oh! que turtura e tu ahí anceiada, não podendo camprehender a enarme silencio! Esperemas. São cinco haras. O telephone sempre mudo. Para ficar despreoccupada, mando Aimée pâr esta no correia e assim espero tranquillo falar com o meu Idalo. Beijas e a minha vida...



*(Paris para Vichy)*

*Paris, 6 de junho de 1920.*

Daminga, 11 horas.

Meu divina Amar, meu supremo Extase, Dona da minha vida, adoraçã infinita!

Tua dace, triste, languida e alada carta de hantem reflecte a tua alma sublime, e tada a angustia e toda a enthusiasma da teu caraçã maravilhosa de Amante unica e incamparavel. E' a tristeza e a esperançã que se misturam magicamente, é a marte e a resurreiçã! Tu és a Amar! A ausencia te mata, a presençã te engrandece. A agania do teu espirita desapareceu ao clarão da esperançã. E se tu começas a escrever desesperada, mortal, tu terminas radiante e gloriosa. E' um pradigio de belleza na paixã e eu te adara se passivel ainda mais, meu Bem unica e divina. Canfia em meu amar. E'

a tua força e a tua salvação. Por mais impetuoso que seja o ardente desejo de te arrebatard deste mundo e te levar para a suprema felicidade, o meu coração se resigna á tua sorte, e se funde na grande bondade. Descança, Petite Chose adorada. Não te farei soffrer jamais. Quero que me ames sem a amarga mistura da saudade e do remorso... Canta-me descuidada, feliz, exaltada, a tua alma gloriosa, e que em cada gotta do teu sangue se anime eterno e universal o desejo exclusivo de me dar a essencia mysteriosa da tua paixão e do teu deslumbramento no goso infinito! Espera o teu Amante como o teu amor imaginou.

E a realidade será mais bella que o sonho! Esqueçamos tudo por algumas horas. Vivamos uma vez o Absoluto e a Eternidade. Os teus olhos meigos e luminosos, doces e ardentes, azues-negros, serão a porta do Paraiso e por elles irei ao mais recondito do teu ser divino. O teu corpo todo, oh! maravilha, será a harpa da paixão. Cada cellula vibrará e só eu conheço o seu infinito e estonteador segredo e delle tirarei a musica dos desejos mysteriosos e tudo será a unidade e a harmonia inquebrantavel! Sonhemos o nosso delirio, e vivamos antecipadamente da magia que nós creamos e que tambem é a nossa creadora... Amor!

Tudo está bem combinado, partida e chegada. A "minha viagem" entrou tranquillamente na convicção de todos. E estou quasi seguro de que ninguem me acompanhará á estação e assim irei livremente no nocturno de Vichy e pela manhã te terei divina, agasalhadora no teu leito ainda quente dos teus desejos sem fim e que terão a sua gloria nesse instante augusto e inaudito! Como tu és poderosa! e como o nosso amor é a vida eterna que nos commanda e nos inspira!



Depois que pude te falar, meu Amor idolatrado, fiquei longamente neste nosso saudoso recanto e a tua voz resoava em todo elle, e tudo era sonoro e musical. Gosei este longo extase da saudade e do desejo infinito, e não tendo coragem de fazer outra cousa fui d'aqui para casa. Lá também me senti incapaz de acção que não fosse pensar em minha Santa extatica...

Porque te faço soffrer? Perdoa este coração apaixonadissimo e sempre torturado e louco! Não soffras, Amor! Quero-te socegada, calma e maravilhosa. A tua saúde é indispensavel ao nosso amor. E por elle eu reclamo a tua cura total. Creio que esses 15 dias que faltam te vão ser de mais proveito.

Tu me terás 3 dias. E' o Paraiso e as suas maravilhas. Parto. E' a saudade do supremo goso, mas é a força e o deslumbramento. Tu realisaste um antigo e sublime sonho. Tu és a Victoria. E esta certeza te dará o valor e a esperança. Aqui nos encontraremos e o Paraiso se abre de novo florido e magnifico! Oh! Maravilha! Isto é a vida e por ella devemos viver.

Canta, cotovia alada e livre, o hymno da Paixão e da invencivel Esperança.

Hontem á noite as meninas vieram jantar. Tudo correu mansamente. As meninas estavam lindas. Vestidas com aquelles vestidos de "tafetás" que lhes vão tão bem para a dança. Estavam alegres. Falou-se muito de ti, cousas de mim sabidas, felizmente, meu Amor (Como eu sou exigente e terrivel! Que me importa, "tu és Minha!) Depois que sahiram... que saudades no grande silencio da noite e na minha prisão.

Mas dentro de quatro dias será a liberdade, o extase, o Incrivel, o Absoluto, o Sublime!

Cubro-te dos meus apaixonados beijos e para a vida e a morte...



*(Paris para Vichy)*

*Paris, 7 de junho de 1920.*

*Segunda-feira, 2,30.*

Meu Bem idolatrado, Alma de minha Alma, meu supremo encanto! Eu estremeço deste antegoso do Paraíso que se abrirá para nós dentro de poucos dias! Que fremito de me repetir a mim mesmo: depois de amanhã eu estou em caminho do meu Amor immortal e na manhã de quinta-feira terei a tua presença real e magnífica de paixão extática diante de mim, transfigurada na delícia sobrenatural da mágica volúpia!... Que delírio e como tudo em mim é vida, força e esperança. Glória a ti, Amor adorado!

Aqui chegando pedi logo a comunicação para Vichy. Creio que hoje a teremos mais cedo do que no sábado porque a linha não está interrompida.

Como vão as nossas vozes se entrelaçar, meu Bem adorado?... Que mistério e que delícia, mas quanta saudade a matar pelos mais loucos beijos... Oh! minha Petite Chose, haverá ainda alguma coisa mais bela que a nossa paixão sublime?... Impossível. Nós atingimos ao máximo da beleza universal, o Amor nos dá a inconsciência absoluta, o esquecimento eterno e nos guarda a consciência sensível para gosar da inconsciência suprema. Não é tão misterioso e tão extraordinário?... E por isso vivamos no ardor da Paixão e no transpante da magia do Amor!...

Hoje, dia seguinte ao domingo, só tive o teu cartão de sobbodo á noite. Fremente de amor, que belleza, tu és meu Anjo idolatrado! O teu rythmo é o mesmo que me exalta e não poderia deixar de ser assim porque nós somos a Unidade total e absoluta! Como o teu Amante, tu só vives da imaginação desses 3 dias de suprema delicia que vão vir e que são o triumpho immenso do nosso desejo invencivel.

Estou inteiramente absorvido neste profundo pensamento que o resto não existe, e uma grande paz me invadiu o espirito, tornando-o forte e calmo, como se eu já estivesse para sempre longe desse mundo. Nem mesmo pude acabar o meu capitulo sobre a Arte, e assim só te mondo o que foi copiado!... Tu o lerás antes da minha chegoda. E' só meu pensamento de estheta que vae na frente e te sauda e te encanta. O resto é a morovilha, e quondo se a pôde realizar para que escrever e cantor?...

Vejo que tudo se prepara muito bem pora a minha escondida partida.

E o telephone custa a timbrar na minha solidão cheia unicamente de ti, minha odorada Petite Chose...

Vomos, telephone, toco, chama-me e eu ouvirei a voz sobrenatural que é a musico do omor infinito... Oh! delirio! Paixão sublime! Espero sempre. E tu ohi, meu divino Amor debes estar anciosa! Vou reclamar, pode ser que ossim se opressem..... Reclamei. Vomos ver! Emquanto te espero direi que hontem só sahi paro vir oqui de manhã, e ás 6 horas fui oos Ramos.

Faloste, Divina! E que morovilho! Como foi bello, suave, sublime, a nosso conversa tão intensa e tão curto! Que vibração delicioso neste corpo que te deseja e neste alma que te ospiro!...

Eu te adara! Assim gritei o meu amor eterno e foi a minha ultima palavra... Tudo é a magia do Amor! Beijos, beijas. Para a vida e para a morte. Victorial Gloria!



*(Paris para Vichy)*

*Paris, 8 de junho de 1920.*

Terça-feira, 3,30.

Paixã sublime! Coração do eterna Amor! Amante divina, unica e incamparavel. Cubro-te de beijos ardentes e infinitos e toda a minha vida se abysma em ti e renasce na suprema volupia para a magica gloria da felicidade!

Sim! Ha na meu ser a vibração sobrenatural da ventura que vae ser e que é para sempre... E' um goso exaltante as nupcias cam a Felicidade, gasa que augmenta cada instante que o tempo me aproxima de ti e que sabe se terminará no divino Paraiso da Paixão immartal... "Crescendo" magica chegará dentro de poucas dias aa seu maxima! Antes de 48 horas... Oh! mysterio da Amor amnipotente e sempre victorioso.

Tu verás, minha Belleza, e tuda será a maravilha. Os desejos tumultuam na meu sangue, as imagens sublimes da paixão valteiam na meu cerebra, que quasi não passo escrever para exprimir a sensação deliciosa e incamparavel.

E no emtanto para que tudo carra bem preciso reflectir cam segurança, ter muita calma e promptidão de acção. Mas tudo carre bem... A megera tem a seu

theatro amanhã, á hora da minha partida, theatro Antoine. Levará os Belfort Ramos.

Meu Amor adorado, o nosso publico encantado me deixará sahir envolto na nuvem do mysterio. Magia ou magico? Essa partida, como é deliciosa preparal-a como o faço!

Hontem escrevi do Grand-Hotel (papel marcado) ao "Thermal" de Vichy. Disse que passaria por Vichy e ahi ficaria 3 dias e queria que me reservassem um quarto no 4.º andar para a manhã de quinta-feira. Assignei G. Alves. E fiz bem porque "Georges" é francez, e eu sendo "alfacinha" de Lisbôa (que horror!) devia ser bem gallego. Vá lá por Gilberto que ainda cheira a francez.

Creio que o hotel não fará difficuldade, e fizeste bem em annunciar que tinhas amigos a vir... e isto explicará talvez alguma cousa da nossa attitude. Ninguém sabe se os empregados vão nos ver sahir juntos, e assim será natural. Um conhecido, um amigo! que mal ha nisso? Tomo nota de tudo o que me dizes e farei tudo pelo melhor. Tu verás a victoria.

Que belleza de cartas tu me escreveste domingo e hontem! Recebi-as agora juntas (e o cartão com a fachada do hotel). Maravilha de poesia, de amor e de profunda e verdadeira paixão mortal e sublime. E como tu sabes a poesia dos poetas e dos artistas, meu genio da Natureza! A Poesia és tu. Tu és a Natureza sublime que anima e cria, a poesia, a arte. Tu és a Inspiração deste teu poeta illuminado!

Desde hontem estou para ter mandar o meu trabalho sobre a Arte, quasi todo concluido. E não o puz no correio. Não me aborreço porque é melhor que não o leias "antes" Lê depois, e tu entenderás ainda mais...

Neste instante tu és o Sonho, o Desejo, a Aspiração, o Fluido, o Canto, a Poesia, em uma palavra o Amor!... Não ha leitura, não ha poema, ou musica que valha a tua alma translucida e divina. Nem a Natureza esplendida neste momento é comparavel a ti. A Natureza para mim só tem a existencia real que vem da tua imagem. Amor, Amor! Tu és a paixão, a vida eternal

Não esqueço uma só das tuas recommendações. Terás tudo. E terás a divindade do Amor...

Que sonho deslumbrante, que maravilha! Sinto-te neste supremo instante em mim, como sempre, e agora tu palpitas o rythmo da eterna felicidade... E's a suprema belleza! Meu Amor immortal, quinta-feira na manhã da Eternidade... os Amantes heroicos se transfigurarão na volupia transcendente da infinita paixão...

Oh! meu Amor! Canta, cotovia divina, vibra, adorada sublime! Morre de paixão, Amante idolatrada, minha vida eterna...

Continua na tua magnifica solidão. O silencio é a morada da tua alma.

Eu vôo em teu ser divino!... Beijos, beijos...



*(Paris para Paris)*

“Nosso Ninho”

*(vespera da partida para o Brasil)*

4 de novembro de 1920.

Minha Santa, Alma de minha Alma, como eu te amo! Tu sabes o que tu és para mim: a fonte da vida,

a razão da minha existencia, e nos separamos. E vamos viver da saudade e do desejo, e da esperança...

Por maiores que sejam os nossos soffrimentos quando estamos ao lado um do outro, ainda assim um instante, em que eu te veja, um minuto de nossa presença é uma consolação e um sustento para tantos infortúnios... A nossa força é o nosso amor... E se somos infelizes, não o somos jamais por um instante de infelicidade da nossa chamma apaixonada.

O ambiente, os outros pódem nos dar o mal, mas nós somos unidos eternamente n'uma maravilha de amor, e nós não daremos um ao outro senão o encanto, a ventura e a vida.

Isto é Amor, e desse Amor se vive e se morre.

Deixa que eu te diga aqui o que vaes ouvir d'aqui a pouco quando n'uma doce e meiga e forte volupia os nossos corpos se estreitarem... Oh! Morte de amor, melhor que vida, porque não vens nesse instante divino!

Deixa que te diga e sempre e sempre que tu és a Belleza. O Universo se fez mais bello em ti...

E eu não terei mais amanhã o teu corpo maravilhoso, os teus olhos, porta luminosa e esperançosa do Paraiso... a tua bocca que é uma flor núa e mysteriosa e onde toda a minha alma se transfunde e vive no teu ser; eu não terei mais o esplendor de tua cabeça que é uma rosa, oh! meu Amor! e as columnas esculpturadas e vibrantes dessas maravilhosas pernas, os pés delicados e ageis, os braços de amor, as mãos fortes e doces, e todo o teu ser divino! Oh! que paixão e que tortura e que saudade!

Tu levas a minha alma e tenho confiança suprema de te entregar a ti o que é teu, só teu... o meu destino, o meu espirito. Porque tu, oh! minha Santa transfigurada, tu és sublime no teu amor. Bem dita a chamma

que te abraça e te illumina! O proprio Deus se enche de admiração do teu espirito. Oh! nova Santa Therezal Como tu és admiravel! Tu deixaste o que era futil, vão, e só vives da grandeza e do sublime, tu vives do Absoluto! Tu és a irmã de Deus! a irmã do Sol, tu és a Estrella, o Mar, a Luz, a Côr, tu és tudo que é eterno e maravilhoso! Como eu te venero na tua austera e augusta solidão! Tu só vives no Amor e no Pensamento e nos actos, tu és o Amor... Eu te contemplo a todo o instante, e sei como tu subistes. Oh! meu orgulho, tu és a Unica, a Incomparavel!

Jamais o Universo produziu um ser de amor como tu. Eu sei o que foram as outras: Francesca, Isolda, e tu és maior que ellas, porque além de tudo tu vives na tragedia da paixão e do destino, tu eliminaste de ti tudo que é pequeno, a vaidade, a "coquetterie", o relativo, e tu és Grande e Sublime.

Agora na immensa tristeza da nossa separação, a tua alma "velará "a minha alma. Tu sabes que eu quero o teu pensamento constante e sei que elle é meu. Os nossos pensamentos darão vida e força aos nossos seres acabrunhados. Zela sempre o teu espirito que vaê n'uma ascensão sublime.

Sabes que tu és minha, minha, e que não ha uma mulher como tu. Eu quero que tenhas a consciencia da tua grandeza. E essa consciencia já é poderosa em ti, pela separação que fizeste do teu espirito de tudo que é banal, pela vida interior de tua alma. Oh! minha Rosa Mystica!

Eu soffro como tu soffres. Coragem, Amor, Alma de minha Alma... Todo o meu ser se aniquila, mas eu quero viver por ti. Tu me darás o consolo de me dizer





**GRAÇA ARANHA**  
**1922**



em carta o teu soffrimento, a minha angustia, como eu te direi... Que martyrio!

Não posso mais te dizer o meu amor, eu te "quero", eu quero morrer sob a caricia da tua bocca.

Recebe minha alma de paixão e cheia de ti, e que eu viva sempre e eternamente em ti, minha adorada Nazareth...



*(Paris para Ouchy)*

*Paris, 16 de agosto de 1921*

Terça-feira, 10,1/4.

Amor! minha meiga e divina Petite Chose, que eu idolatro e que é toda a minha vida! Adorada!

Vim cedo hoje me entreter contigo porque Paulo e o Candido vêm almoçar, e como o almoço é tarde, e seguramente ficarão a conversar muito tempo receio não poder te escrever com calma á tarde e mandar a minha carta antes da mala dos departamentos se fechar. A megera não gostou muito desse almoço que lhe dá trabalho. Mas era preciso convidal-os para a casa. No restaurant seria tão caro, e a megera iria e estragaria tudo. "Voilà"!

Estive com Paulo á tarde, mas não muito tempo porque um joven escriptor francez collaborador da "Atlantida" precisava falar-me e assim voltei cedo á casa. A' noite não sahi. Themis passeiou a "ursa". Fiquei sósinho até ás 10 horas quando me appareceu o "X." Trouxe-

me o seu romance que acaba de apparecer. Percorri algumas paginas, nada. Livro futil, tolo, apenas com algum movimento descriptivo. Mas a descripção não vale sómente pelo movimento e pela exactidão. Todo o segredo da arte discriptiva está na vida das cousas, e na suggestão que recebemos. E' preciso que da paisagem ou do quadro e da scena resulte uma emoção, e se esta fôr de bôa qualidade, e de grande intensidade, a evocação artistica attingiu o seu fim. Descrever por descrever é trabalho mecanico, extranho á arte.

Ah! meu Amor, que pobre literatura a nossa em que falta essencialmente a arte. Podemos ter poetas, mas raros são os que possuem a poesia, esse elemento mysterioso, vago, indefinido, que funde na emoção artistica todo o Universo.

Sou exigente? Não. Sou um pouco artista, um poeta, que não se satisfaz com a palavra mas que aspira encontrar na literatura a arte, seu vago e a emoção que d'ahi nos vem. Com esta sensibilidade educada tu tambem não te contentas com a banalidade literaria que agrada ao commum das gentes, porque tu és artista em tua alma e na tua infinita intelligencia, tu és um maravilhoso poeta do coração, do amor e do extase. Tudo sentes, a essencia das cousas, o mysterio do Universo e tu és creadora sendo a creatura "l'enfant sublime" da Paixão! Oh! meu Amor, como eu te adoro e como tu és bella em tudo, Amor!

A nossa afinidade é total. Não podemos "sentir" senão juntos... e em "tudo", Adorada! O teu pensamento é o meu pensamento. Os nossos sonhos são os mesmos, e eu te tenho como o meu proprio eu e talvez eu te entenda mais a ti do que a mim mesmo, como reciprocamente te acontecerá.

Os nossos sexos são diferentes para a nossa maior unidade. Se fossemos do mesmo sexo seríamos extranhos um do outro, mesmo irmãos ou grandes amigos. Como somos, nos unimos eternamente, não sei onde tu começos e eu termino. Ho um continuidade que volto sempre ao mesmo ponto. Somos como um circulo no espaço que nos rodeia. Tol é a geometria do nosso amor. As linhas que traçamos em nossos movimentos se harmonizam de tal modo que somos um só corpo cujas partes se juxtapõem. Não é somente..... é sempre. A nossa separação é apparencia. A otrocção das partes dos nossos corpos é tão absoluta que em qualquer attitude (que por uma illusão pareceo diferente) em que estejamos, formamos sempre uma só entidade. E' a otrocção suprema. Os nossos corpos convergem totalmente para uma linha central que é o eixo do corpo ideal que nós formamos!... oh! meu Amor!

Amor! Vejo que o meu pensamento se transporto a esta mystica da geometria do Amor, e sinto que ha nesta exposição que te faço um fremito novo, uma idéa inteiramente inédita, jamais compreendida, e eu me commovo de sentir como tu me inspiras...

Não ha nada mais bello do que inspirar o sentimento e o pensamento do ser que é nosso, e que vive do nosso amor, e da nossa alma.

Lágrimas de uma pura emoção, e de uma infinita gratidão por ti, oh! Idolo toda, me enchem os olhos e eu estou escrevendo com a visão turva, mas divina, pela luz coada através dos olhos morejados de orvalho... Amor ideal! Sinto immortal! Oh! minha doce e eterno Nozareth!... recebe neste instante de emoção a minha vida inteiro!...

Estive recostado e scismando. Senti que tu estavas junto a mim, que alisavas os meus cabellos, que beijavas tão meigamente a minha cabeça, e que depois te alinhavas a mim, collavas a tua bocca á minha, e os nossos corpos se uniam no triumpho da paixão!... Oh! Foi um sonho... e nada mais!...

Agora estou só, e o teu pensamento adeja aqui e me envolve docemente... Oh! Saudade!

Espero-te, Amor, na tarde de sabbado. E por isso só á noite irei á tua casa. Nunca pensei ir á estação, tu não podes imaginar como estou senhor de mim. E' a resolução formidavel em que estou de te arrebatat a esse mundo a que não pertences, meu Bem supremo, e por isso muita cousa que me aborrecia, hoje me é indifferente, como as iras da megera, o odio do imbecil, a maledicencia do mundo.

Com o teu sublime amor, eu me julgo invencivel. Tu serás tambem a minha valente e victoriosa mulher, minha Esposa idolatrada, minha Amante sobrenatural! Tudo é Amor!

Como poderei viver até esse dia quando o meu ser vibra de paixão infinita por ti?...

Eu quizera não ver ninguem. Aqui ficar até que tu viesses me despertar com a tua voz maravilhosa, e com os teus beijos celestes...

Dormir, dormir, sonhar, e despertar em teus braços!

Quasi não posso escrever. Tudo estremece em mim de saudades!

Tu que és o Amor, tu que és o meu Ser, tu me entendes, oh! divina Amante, que eu beijo, que eu venero, que eu adoro, e que é o meu tudo, o meu paraíso, o meu bem, a minha consolação, oh! meu extase!

Lagrimas de amor, correi livremente, vós que sois a expressão do coração que soffre, que deseja e que

ama!... Oh! Adorada! Oh! Nazareth! que eu idolatro,  
minha vida eterna, minha Esperança... recebe estas  
lagrimas da Paixão!

Para a vida eterna! Adoração!



*(Rio para S. Paulo)*

(Trecho de carta)

*Paineiras.*

*Rio, 19 de novembro de 1922.*

.....  
.....

Estou na floresta e na divina solidão. Estou ouvindo, porém, as vozes mysteriosas da Natureza! Uma manhã de sol. Estou na maravilha. Corre ao meu lado a agua incessante que murmura docemente. O sol brilha em tudo. A estrada vem abeirando a montanha em plena matta. De espaço a espaço abre-se uma clareira e é um deslumbramento! De onde estou vejo o oceano, as ilhas quasi apagadas n'agua, as brancas praias, e por toda a parte no amphiteatra verde as montanhas que se atropellam umas sobre as outras. O sol espaneja o tempo. A humidade verte em tudo; e é uma delicia a alegria dos vegetaes embebidos no invencivel e infinito liquido. Oh! belleza das côres verdes! Ha uma phantasia nos limos que cobrem as pedras da calçada e as encostas dos morros. Ha limos côr de rosa-verde que

pintaram os troncos das arvores, invisiveis artistas! Eu te escrevo, Amor meu, sob a copa de um jequitibá... Uma gotta d'agua cahiu sobre este papel como uma lagrima do céu. Tudo canta mysteriosamente, os insectos dansam, os passaros gritam, as cigarras se desforram dos dias sem sol, os ventos, que se calaram, voltam e agitam a mattaria. Uma nuvem passa, e tudo se escurece, o oceano fica como uma enorme perola manchada de ilhas. O sol volta e tudo muda novamente.

.....



*(Rio para S. Paulo)*

*Rio, fevereiro de 1923.*

(Trecho de carta)

**Adorada! Supremo Amor!**

.....

A Paixão é a Dôr que busca a eterna Alegria. A eterna Alegria é a fusão dos dois Amantes na Unidade infinita do Universo. E essa fusão é a magia suprema, o goso sem nome, o extase absoluto, o fremito do desejo sem fim e que se renova incessante, querendo mais, mais, até a morte do amor, melhor que vida. Amor meu!

O Paraiso não deve ser a Eternidade que passa, não, meu Bem idolatrado. Seja elle para nós a eterna miragem que sem descanso buscamos e que devemos sempre realisar. Coragem! Coragem!



A nossa tristeza não nos deixará mais até o instante da nossa eterno união. A nossa saudade infinita se exaltaró em toda a sua grandeza. Isso é bello e necessario. Choremos, Amor. Afastemo-nos de todos. Vivamos na solidão, que é a eterno companheiro do amor e das nossas almas. Oh! meu adorado Amor!

Absorve-me em teu Ser e que eu viva eterno e glorioso em tua alma! .....



*(Rio para S. Paulo)*

(Trecho de carta)

*Rio de Janeiro. Fevereiro. 1923*

.....

Tudo transfigura-se e em toda transfiguração ha uma imagem que muda. Nota, minho Divino, a imagem que muda, nota a imagem que passa e que chama a que ha de vir...

Este perpetuo "fieri" de imagens é a suprema esthetica. O movimento é eterno. Nada é extatico e tudo é extase! O pantheismo é immanente e não transcendente. A transfiguração é a causa e o fim; é o universal inatingivel. Explica-nos a nós mesmos e conserva o nosso perpetuo mysterio.

E' uma divina allucinação. O abysmo está em cima, no alto, e todo o meu ser, unido ao teu, sóbe, perde-se, transfigura-se. Sinto a unidade absoluta sem imagem. E' o maximo da oscenção. E' a beatitude além da alegria. E' o extase além da imogem. E' a transfiguração que se detem... E' a eternidade.

Recomeça a descensão e a imagem renasce. A transfiguração multiplica-se; os extases prodigam-se; a vida define-se; a unidade desune-se. E' a volta á ansia da fusão no Todo infinito, é a angustia, a delicia do Amor... A ascensão recomeça. Tudo transfigura-se. Tudo é imagem. Transfiguração, perpetuo jogo da Esthetica do Universo.

Christo transfigura-se, é a Divindade.

Christo resuscita, é a Imagem.

A alma transporta-se, é o Extase.

O homem imagina-se, é o Ideal.

A dôr transporta-se, é a Illusão.

A vida exalta-se, é a Alegria.

O amor realisa-se, é a Magia.

.....



*(Rio para S. Paulo)*

*Rio, 3 de outubro de 1923.*

(Trecha de carta)

Adorada. Meu Bem supremo!

.....

Na mais profunda adoração cubro-te de beijos immortaes e mato-te de caricias! Sou teu! sou feliz! e tudo em breve será a gloria desse Amor sublime e unico no Universo! Como tu és grande! A minha adoração é illimitada, infinita como o meu amor! Espera, meu Bem,

e tudo será infinitamente bello! Oh! Magia de Amor! Conservemos os nossos seres superiores neste estado de sublimidade que é a maravilha da Unidade na paixão...

Sejamos acima do Bem e do Mal creados pelos outros... Vivamos na "Esthetica" que é a nossa moral suprema e a "lei unica", soberana e absoluta, a lei do Amor! Vivamos a "Esthetica da Vida" e seremos felizes, felizes. Vivo de ti, por ti, tudo se concentra em ti e nesta unidade vivo, vibro, tu és a minha vida, minha idolatrada Santa. Oh! que alegria viver ao teu lado, eternamente ,sentir-te unida a mim, sentir o teu entusiasmo todo, a tua paixão e a liberdade suprema, unica, a nossa vida no Paraiso! E' divino! eu te adoro!

.....

A vida de teu Amante está na meditação e no extase da paixão. Pouco e nada me interessa o que se faz por todo este mundo...

.....



*(Rio para S. Paulo)*

Em carta (trecho)

1923.

.....

Tu me consultas sobre Max Jacob... Trata-se de uma satyra contra a "poesia feita", rimada, e contra a

arte convencional. As palavras não têm sentido, mas tudo rima; quatre quatre, etc. . . perron operons, pelou-se jalouse, orge, rage, sucre, stuc, ruche, moche, riche, e o conjunto é o grotesco da construção molle, pretenciosa, idiota. O segundo trecho é mais compreensível, é a evocação dos nomes gregos, é uma sátira, a de Dostoiewsky é uma emoção, porque encerra uma homenagem ao seu genio lugubre, solitario, como o chiffonnier da triste madrugada e a sua nobreza. E' uma reacção contra a cultura. O movimento partiu de Zurich e da Bohemia e quem o introduziu no Occidente francez foi um tal Tzado.

O dadaismo ? . . . A these é: ha excesso de cultura, é preciso recapitular, esquecer tudo, ser ingenuo como um simples que só diria: dá, dá, e não sabe mais nada! Chegado a essa imbecilidade, dá dá, recomeça sob outras bases a educação do espirito humano, do espirito que desaprendeu o que lhe ensinaram e veio da tradição.

Havia na arte um excesso de literatura que embaraçava, viciava a pura emoção artistica. Era necessario acabar com o parnasianismo de Heredia, Leconte de Lisle, Gauthier, etc. . . . Mas, o disparate do dadaismo é confundir literatura com cultura. Póde-se, deve-se abolir a literatura da obra de arte (poesia, musica ou outra qualquer) mas é impossivel abolir-se a cultura que é da essencia do espirito humano na sua luta contra a natureza em que esta é dominada pela intelligencia, pela sciencia, em uma palavra pela cultura. E' ainda a cultura que elimina a literatura da arte, porque a cultura dá o supremo senso critico. Portanto, dadaismo é um erro. Max Jacob mostra-se ignorante do que seja arte. Elle não dispõe de uma phi-

losophia para fixar a esthetica. A arte para elle é uma distracção.

Elles não percebem que a arte não é distracção, nem tragedia, nem alegria, nem dôr, é a propria essencia do espirito humano que se transporta das sensações corporaes, que vêm dos sentidos, aos sentimentos indeterminados, que nos levam á fusão no Todo Infinito. Max Jacob ignora isto.



*(Rio para S. Paulo)*

Em carta (trecho)

*Novembro, 1923.*

.....  
.....

Náo-catharineta, Bumba meu boi, são mysterios medievaes, mas tambem actos da descoberta portugueza e da vida campestre do Brasil. Actos coloniaes ou melhor portuguezes com excepção da festa do boi. A náo-catharineta, uma festa maritima como a chegança que celebra a chegada dos portuguezes na Asia, Africa e no Brasil. A náo-catharineta é uma galéra portugueza. E' uma tragedia da conquista lusitana em que o diabo se faz marinheiro para se apossar da náo e da alma do capitão. O bumba meu boi é uma festa de vaqueiros. Deve ter origem secular. Deve ser symbolica. A primeira phase da civilisação foi pastoril. O Egypto fez o boi



CARTAS

energia para vencer a dâr e criar a coragem da es  
rança! Eu sá viva de ti e par ti. Ah! meu Amar, espe  
mas, e coragem.

Os nossos miseraveis inimigas safferãa um dia  
Teremos a nossa "revanche". Sacega, tenha e terei se  
pre na memoria todo o mal que nos fizeram e  
tambem não poderei nunca perdaar a nossa act  
posição, afastados um do outro deante do "public  
Malditas!

Nãa quera que saffras muito dessa situaçãa tri  
e abarrecida. Eu te darei em breve a felicidade p  
petua, o divino cansalo... Seremos felizes e os mi  
raveis soffrerão as consequencias das suas infamias  
maldades...

.....



*(Rio para S. Paulo)*

Em carta. (trecha)

Para a tua cultura

*Março, 1924.*

.....

Os hamens primitivos, no estada mythico, em c  
tacta com a Natureza, achavam um mysteria em tu  
a que crescia, na vegetaçãa, na multiplicação dos c  
maes, e par sympathia procuravam na "phallus" o sy

bolo desse crescimento, dessa fecundação primaveril e eterna. O phallus dá a semente, o "semen". O culto se foi desenvolvendo, de rude, chaotico, passou a se crystalisar em formulas, festas, em todo o rito religioso e assim é elle o culto secreto do culto de Bacchus, de Pan, de Orpheus mesmo. O phallus passou a ser adorado, tornou-se um deus supremo e sempre vencedor. O seu emblema foi collocado nos templos. Havia um templo dedicado a Venus (o amor, phallus) com dois membros viris nas portas, de mais de cem metros! Para os Romanos o phallus era o amuleto que dava sorte e evitava o azar. Desse culto do membro viril se originou o culto do sexo da mulher. Duas correntes psychologicas levaram certos grupos humanos a elle... primeiro porque para muitos povos primitivos a mulher era a base da aggremação, ella era a mãe, a que tinha filhos e os conservava, della se originando a familia. Ao passo que o homem era nomade, caçava, pescava, vagava pelo mundo, buscando alimento e muitas vezes abandonando a mulher fecundada que ficava presa á terra, e pela necessidade cultivando-a e formando primitivos e rudes nucleos. Dahi a primeira "fórma social" da collectividade humana, o "matriarcado", regimen em que a mãe, a mulher, era o chefe de "familia" que se estendia e se tornava grupo. Mais tarde, depois desses grupos constituidos e estabilisados e fieis ao solo, é que o homem não querendo, ou não tendo mais o impulso já desnecessario, de errar pelo mundo, ficara como centro da sociedade, seu chefe, e appareceu o "patriarcado", que é o regimen do pae de familia, de pae e chefe da tribu. Na memoria do homem ficou sempre aquelle prestigio da mulher e elle sempre lhe attribuiu a força mysteriosa que o fez viver e dahi a explicação do culto religioso do sexo da mulher. Tambem existe



um espírito de opposição que sempre acompanha a evolução psychologica humana. Toda a religião tem um principio do bem, outro do mal. Se ha Deus, ha o Diabo, seu oppositor. Contra Indra, Shiva; contra Ormuzd, Ahriman. Ha signos que fazem o bem, ha outros que fazem o mal, uns dão sorte, outros dão azar. Essa opposição póde existir mesmo disassociada do principio do Bem e do Mal, por simples funcção dualista que parece ser uma fatalidade do espirito humano. Se ha um Deus pae, ha um Deus filho (a trindade é posterior, criação da cultura) e ambos benignos. Ha o culto do Sol. Logo a esse se oppoz o culto da Lua. Aquelle se tornou o culto de Apollo, o Sol. Esse é o culto de Diana, transformação de "Selene", palavra grega que significa Lua, (e Diana é irmã de Apollo).

« Os adoradores da Lua chamam-se "selenitas" Este culto se tornou tenebroso, nocturno, lunar, por magia sympathica. O christianismo é a religião do Christo, seu chefe, seu Deus. Logo o espirito de opposição começou a exaltar o culto de Maria. Ha mesmo a seita dos Marianistas, condemnada pela Igreja Catholica, mas que subsiste e hoje é mais dominante o culto de Maria, da Virgem Santa, do que o do proprio Christo. Ha nesse culto uma reminiscencia d'aquelle primitivo sentimento que exaltou o sexo da mulher e que hoje se corporifica na "Mãe" de Deus. Ha tambem a opposição inherente ao homem. E' o cultivo do odio á mulher, a condemnação desta como a causa do peccado, é uma "revanche" do culto masculino, mas o culto feminino se desforra, mesmo na época do catholicismo, praticando o satanismo que faz da mulher causa do peccado, o instrumento necessario á redempção, á expiação. Dahi as "missas negras" em adoração á femea, dahi as diabas e todas as bestas femininas que são gargulas (megera!)

e inspiradoras de praticas tenebrosas, sanguinarias, aviltantes, que pululavam na mystica idade-media.

.....



*(Rio para S. Paulo)*

Em carta. (trecho)

*Dezembro de 1924.*

.....

Sim, James Joyce é um analysta de grande talento, mas literato, pregador, discutidor e... cacete. "Dedalus" é a historia de sua mocidade catholica na Irlanda. Fundo de quadro inglez, as lutas, as brigas, os ancclos do povo, as miserias... Umas paginas, (vintel) de um sermão sobre o peccado original e outras vinte de uma discussão escolastica, theorias de S. Thomaz de Aquino sobre a bellezal O livro vae até 1914. Sua obra "Ulysses" é mais definitiva, monologo interior, (Valéry Larbaud) é a novidade do processo literario de James Joyce.

Tens razão, Meredith é moralista, pesa o bem e o mal e condemna este .....

Aragon foi dadaista e é agora chefe do surrealismo. No seu livro, "Le paysan de Paris" nada de novo. Elle sustenta que a imaginação é que nos governa, que o inconsciente e o subconsciente dominam a razão, etc. Tudo velho. Aragon foge da analyse e cáe nella como qualquer Proust.

.....





**GRAÇA ARANHA**

1930



*(Rio para S. Paulo)*

*Rio, 22 de fevereiro de 1925.*

(Trecho de carta)

Sublime, incomparavel, divino e idolotrodo Amor! Tu és bella na supremo expressão physico e morol e te idolotro e te odmiro loucamente opoixonadol Eu adoro tudo em ti... Que força tu és! Como tu és volente, destemido, unica, immortal na tuo divino inconsciencia! E' uma força indomovel, invencivel e tu és digna de ser amado, admirado em todo o Universo... A tuo bellezo transcendente, o tuo mogio, teu sensualismo, a tua meiguice, o tuo intelligencio unico e raro, o teu morovilhoso encontro, o teu exaltado e infinito omor... tudo te foz unico, tudo em ti, tudo me exolta e me diviniso e é um orgulho que me enche o almo de perpetuo extose... Meu Amor! Pelo tuo força venceste tudo! O terror foi-se...

Poró odeante sempre, impovidos e fortes. Nodo nos aboteró, o futuro nos pertence... Somos um só pora a eternidodel Tu és magico e habil e vencerós tudo.

Oh! a vontode de poder que te domino. Entrego-me o ti, poderoso Amonte... e tudo seró divinamente bello Firmezo. Indifferença. E sorrindo, pora adeonte na morcho luminoso pora o Poraiso. Pódes confior neste que é teu Amonte eterno e fiel e cuja vida é consogrado exclusivamente o ti.

Renunciei a tudo pora viver no meu omor, no idealismo do poixão immortal. Só o que é horrivel é a separação, o folto immenso e esmagodora que soffro do teu ser sublime que me orrebota e é a minha vida. Nado

mais me perturba a doce serenidade. Aboli tudo o mais.  
Tu és o meu Universo absoluto! Amor, amor!.....



*(Rio para S. Paulo)*

Em carta (trecho)

*Novembro, 1925.*

.....  
A França é governada por um regimen parlamentar, o governo é constituído por homens e partidos que têm a maioria na Camara. Actualmente a maioria é na esquerda, Cartel (contra o bloc nacional de Clemenceau, Poincaré, Millerand). Nesse grupo preponderam os radicaes-socialistas (Herriot, Caillaux) e os socialistas puros (Léon Blum, Paul Boncour).

O programma delles é o imposto sobre o capital e afinal a divisão de propriedade. O senado é mais ou menos conservador e repelle isso.....

.....  
A nossa raça brasileira?

1.º: ausencia do sentimento de responsabilidade. Ninguém se julga responsavel para consigo mesmo. Dahi uma absoluta falta de escrupulos na angustia do dinheiro, das posições e do goso.

2.º: falta de amor proprio. Não ha orgulho pessoal, ha vaidade. Não ha logica nos actos. Não ha coherencia. Obedecem aos instinctos do lucro e do goso. Aduadores. Cynicos.

3.º: O espirito de aventuras. Tudo se espera do jogo, das occasiões, do negocio aleatorio. Não ha esforço, não ha tenacidade, nem perseverança.

4.º: Não ligar a nada. Dissolução completa para a livre expansão do gozo, da conquista do dinheiro e das posições.

5.º: Perversão da sensualidade. Avidéz de luxo, de luxuria. Vícios. Intoxicação. Sodomia. Homosexualismo.

6.º: Ausencia de idealismo. Indifferença total ás idéas. Desprezo por qualquer manifestação transcendente do espirito. Horror á philosophia, á esthetica. Desdem pelas idéas politicas. Fazer da politica um negocio.

7.º: Preguiça intellectual. Inercia sentimental. Embrutecimento no sensualismo vulgar, no jogo, nos vícios, nos toxicos, nos divertimentos sordidos.

.....  
 Observações nos nossos miseraveis contemporaneos, e se em outras épocas existiam homens cynicos, depravados e ferozes, floresciam tambem genios incomparaveis... e.. agora?!...

Tudo é baixo, mesquinho. Horror!

.....



*(Rio para S. Paulo)*

Em carta. (trecho)

Para a tua cultura

*Novembro, 1925.*

.....  
 .....

A India primitiva era povoada por duas raças, uma negra, como os primitivos habitantes da Australia, outra

caucasica (branca), as quaes submeteram as negros. Mais tarde veiu a invasão dos aryas ou aryanas que dominaram e são os hindús de hoje. Aquellas primitivas raças aryas segunda as Vedas (livras sagrados) adoravam as farças da Natureza e tinham como divindade principal, Indra, que persanificava a Céu. Desse pantheismo originou-se uma religião sacerdotal, uma organisação chamada brahmanismo. Segundo esta religião havia uma unidade suprema, um deus eterno e omnipotente, Parabrahma, que se revelava por uma trindade. Brahma, ou a Deus creadar, Vichnú au o Deus conservador, Shiva, au a Deus destruidor. Brahma, para povoar a terra, deu origem a 4 filhos. Brahman, nascido da cabeça, Xatrya, das braços, e Vaycia, do ventre, Sudra dos pés. Dahi as quatra castas da arganisação social do paiz: as brahmanes (sacerdotes) scatryas (guerreiros) vaycias (negociantes) sudras (escravos). As castas eram separadas rigorosamente. Se esse principio era violado, as filhas nascidos dessas uniões prahibidas eram chamadas parias, miseraveis, desprezadas, odiados, não padiam marar nas cidades, nem banhar-se no Ganges (ria sagrado) nem lêr as Vedas, livros santas. O cadigo dessa arganisação foi feito por Mami, filha de Brahman. A concepção fundamental da brahmanisma era extinguir a dor e attingir a seio da divindade e não mais voltar á existencia terrena. O que perpetua a dor é a nascimenta. O nascimento era uma candemnação. As almas renasciam em transmigrações successivas, em eternas encarnações. Ista é a que elles chamavam a metempsychase. O homem pela piedade e pelo ascetismo padia ter como suprema recampensa voltar a Brahma, ao seia da pader creador, e não tornar a existencia terrena. Era attingir a nirvana au aniquilamenta completa. Seis seculas antes da Christa appareceu na



India um reformador do brahmanismo, como Christo reformou o judaismo. Foi Budha. Era um príncipe da casta dos guerreiros xatryas, da raça dos cakyas. O nome desse príncipe era Seddhartha. Quando elle teve a revelação da velhice, da doença, da morte, conheceu o principio da dor, renunciou a tudo, purificou-se no ascetismo, na renuncia, tornou-se monje, (monni, d'ahi o seu nome corrente, Cākya-Monni) e chegou a ser santo, o Budha. Renunciou a tudo aos 30 annos. Fez penitencia, meditou e viveu no retiro até 36 annos, quando começou a pregar. Depois de 40 annos de propaganda morreu em...

O budhismo reagiu contra o systema tyrannico das castas e por isso soffreu uma guerra formidavel do brahmanismo, cujos chefes eram interessados na organização social. O budhismo conservou a doutrina da dor perpetuada pelo nascimento, e deu ao homem meios de acabar com a dor pelos seus proprios meios, sem a intervenção divina. Pela santidade da vida, pela pureza do coração, o homem desembaraçado do desejo e por tanto dos soffrimentos da terra attinge a felicidade suprema do Nirvana. A via santa para o Nirvana tem oito caminhos: fé pura, vontade pura, palavra pura, acção pura, conducta pura, aspiração pura, memoria pura, meditação pura. Depois de descobrir e possuir essas verdades exclama: "Deuses, ascetas ou brahmanes, eu sei que cheguei ao estado de Budha. Estou para sempre libertado. Não terei mais novos nascimentos".

Deves notar, meu Amor, na vida de Christo reminiscencias da vida de Budha. Nascimento, renuncia, pregação, santas mulheres, discipulos, adoração de chefes (reis magos) tentações do demonio. Na religião brahmanica permanece o animismo fetchista, paganismo, como nas deusas das fontes (fadas), deus das serpentes.





**NAZARETH\***  
**(PINTURA DE D. ISMAÏLOVITCH)**  
**DEZEMBRO DE 1930**



*(S. Paulo para S. Paulo)*

*14 de fevereiro de 1926.*

*(da casa de Lina)*

*4,3/4.*

Minha gloriosa Amante incomparavel, minha Doçura divina, minha Santa Transfigurada! a tua Essencia mysteriosa está aqui neste meu corpo que tu acabas de immortalisar com as tuas sublimes caricias, está aqui volatil, subtil, eterna, unica, em todo este ambiente que suspira de saudade pela Fôrma suprema que aqui domina excelsa e radiante! Oh! Como tu és bella!

Parece um sonho esse milagre de linhas que se harmonisam divinamente, e de expressões que dizem a magestade, a luz de um pensamento de Amor eterno!

E no entanto é a Realidade profunda e absoluta esse sonho que és tu, minha idolatrada Amante! E é toda a realidade a nossa Paixão. Como tu foste heroica em vir dar-me a suprema Consolação do teu Amor, e em vir beber nos meus labios a volupia unica e as palavras da minha adoração! Ha um bemfasejo e immenso reconhecimento em mim pela existencia de um Ser como tu entre os seres do Universo, e que esse Ser incomparavel seja o meu Amor, o meu dominio, a minha Petite Chose! Não ha soffrimento que eu não vença para a eternidade da nossa vida "unida e eterna!"

E hoje que nós nos separamos uma grande tristeza me torna mais concentrado, mais profundo! mas essa tristeza é forte, é a tristeza da Felicidade! Nós possui-

mos na vida o que esta póde imaginar de mais profundo, de melhor e mais sublime, a Paixão reciproca, o Amor ardente e amado! E quando dois seres que se amam a este ponto exaltado, se sentem "Um" e quando elles se olham dentro de si mesmos e uma doce e inabalavel confiança ahi reina immortal, então o Universo é a nossa propriedade, o nosso dominio, e se nós nos separamos, se uma saudade indefinivel e mortal nos faz desejar e soffrer... ainda assim o Pensamento se une nos espaços infinitos, as Essencias realisam a sua suspirada Unidade, e a Esperança sorri e mitiga a Tristezal...

Agora que eu te disse a fortaleza do meu espirito, e a dor de mais esta separação, eu "quero" que tu sejas serena, e que venças as contrariedades deste momento, que veles a tua saude como o bem precioso do teu Amante! que tudo seja suave em torno de ti, que em tua alma brilhem sempre a Esperança e a Gloria...

Em todos instantes a minha companhia é perpetua em tí, tu me verás, e tu sorrirás, e nestes teus olhos sobrenaturaes luzirá a chamma da Paixão, que se vae entender mysteriosamente com o sol e as mesmas estrelas que o teu Amante lá de longe contemplará!

E assim sejam ellas fluidos invisiveis do ar, correntes secretas da atmospherá, astros majestosos, longinquos, divinos, as mensageiras sublimes e infatigaveis das palpitações, dos desejos dos nossos corações, e dos sonhos, e do que é tão subtil, tão nosso, que nome não tem, e vem do nosso eterno Pensamento!

Adeus, minha sublime Amante, eu te tenho na minha bocca immortalisada, nos meus braços, em tudo, em tudo, e tenho a tua Essencia, e a saudade infinita da tua Belleza e da tua Volupia, e eu te tenho em mim eternamente, e tu me fazes viver... viver!... Eu te beijo

como eu te beijei e nos meus beijos a minha alma!  
Adoração!



*(Rio para S. Paulo)*

Em carta. (trecho)

Para a tua cultura

*Fevereiro de 1926.*

.....

O ponto essencial da doutrina socratica é a limitação da indagação espiritual á moral, á politica, ao pragmatismo. Não indaga das causas primeiras, nem finais. Contenta-se com a hypothese de Anaxagoras de que o Universo é governado por uma intelligencia e dahi parte para estabelecer o dominio da intelligencia nas relações entre os homens. Socrates repelle todo o espirito metaphysico que procura explicar o Universo. Essas indagações, são inuteis e ociosas. E' o mesmo ponto de vista de Auguste Comte. O positivismo repelle qualquer indagação da causa primeira ou da finalidade do Universo. Limita-se a aceitar o "provado" scientifi- camente e formou uma doutrina moral e politica. Elles desconhecem que o homem é um animal metaphysico e que a unidade do Universo é o facto supremo do espirito humano. A philosophia sem a philosophia... Mas ha metaphysica e metaphysica. Ha a metaphysica religiosa... A "outra", reconhece que o espirito humano tem "necessidade" de indagar das causas, que busca incessante a unidade do Cosmos, que tem na separação

do Universo a sua tragedia fundamental. Mas não podendo explicar scientificamente a substancia que forma o Universo, comprehende este como imagina estheticamente...

Sim, Brancusi é um esculptor moderno da fôrma mais simples. "Passaro que vôa", ou o "espírito do vôo", é a esculptura abstracta em opposição á esculptura sensorial. Puro cubismo. E' o opposto de Maillol e Despiau. A eterna luta entre nominalistas (idealistas) e os realistas. Mas... desde que a emoção nos vem da obra de arte e nos integra no Todo Infinito pelas sensações de fôrma, luz, côr, é obra de arte, é funcção esthetica.

A abstracção de Brancusi, a animalidade de Rodin ou o realismo de Maillol são "sentidos" do mesmo modo.

.....



*(Rio para S. Paulo)*

Em carta. (trecho)

*Outubro 1926.*

.....

Cubismo, dadaismo, totalismo, tudo, era do passado. Essas escolas resultam na falta de escolas, isto é, no personalismo, individualismo, e que é interessante. Nisso se distinguem duas correntes, o ananimismo e o animismo. Hazard prefere a fantasia. Agora é a poesia pura... Hazard fala de Bremond, diz que a poesia pura não é



eloquencia, nem musica, é o mysticismo, é particular e possui uma certa realidade. Os poetas modernos devem ser interpretados pelos que os leem. Do contrario não seriam comprehendidos. Na sua conferencia, Hazard falou do surrealismo que é a ultima expressão literaria em França, com Breton, Aragon, Soupault, etc. Ha nessa corrente literaria coisas interessantes, fundadas em observações de ordem psycho-analytica de Freud, muito exactas. Essa corrente exprime o tumulto, o turbilhão, a vertigem da vida moderna e não é de se admirar se a Academia Franceza receber um autor surrealista.

.....



*(Rio para S. Paulo)*

Em carta. (trecho).

1926.

.....

A poesia pura?... E' transcendente, é a magia verbal que se faz musica, é vaga, tem côm, tem fórmula e é impalpavel! Poesia irreal, poesia emfim... "A poesia começa onde a arte acaba" (Estheica). Poesia pura: "outras vezes tudo é silencio, e eu venho á noite sósinha ouvir o suspiro do mar e quando elle se banha na luz do luar" "Eu sou um mar de Amor". "A' noite a lua deitada sobre o leito de coral dorme um somno côm de rosa". "A agua do poço só reflecte o céu... O céu nos envolve de todos os lados". (Malazarte). São poesias

magicas, que abrem a infinito no espirita e que analy-  
sadas pela fria razão não se podem explicar "preci-  
samente". Tu debes notar que a padre Bremond embru-  
lha muito para defender uma these tão verdadeira e  
velha e faz trabalho de intelligencia, de raciocinio, elle  
que procura o mysterio, fóra da razão. Vicio francez  
da dialectica e da discussão.

.....



*(Rio para S. Paulo)*

*Rio, 28 de dezembro de 1926.*

*(Trecho de carta)*

.....

A luta é um accidente natural do amar heroico e  
sobrenatural, que nos une para a eternidade, minha  
Idolatrada e é um incidente passageiro, que não modi-  
fica em nada as resaluções da nossa vantade soberana  
e invencivel... Estau mais forte e não penso nas tristes  
e insignificantes intrigas. Nada me abate mais. Estou  
tão firme, tãa resaluto! O meu amar me dá força e  
caragem e recebo de ti o fluido do entusiasmo e da  
victoria que me anima o ser. Desprezo vãos terrores e  
miseraveis intrigas. Não ha nada que nos aparte um  
do outro. A nassa vida é uma, como será a nossa  
morte. Longe de ti, vivo da saudade e nada mais!

A minha libertação é completa e eu só aspiro ao  
momento, meu Amor supremo, aa momenta sublime de



**NAZARETH**  
**E**  
**GRAÇA ARANHA**  
**1930**



tudo deixarmos para fugir bem longe, para o nosso  
Paraisol

Deixar tudo o que é vão, hostil e infecto!

Oh! o nosso Paraiso! que maravilha! Imaginal-o já  
é uma divina delicia! Sempre unidos, apaixonados, nos  
abysmando nos nossos seres e fundidos na magia do  
Amor! Nenhum aborrecimento, nenhuma maldade! A  
unidade absoluta, a paixão eterna.. . . . . .

.....



*(Rio para S. Paulo)*

*Rio, 8 de fevereiro de 1927.*

(Trecho de carta)

**Poderosa! Divina! Meu Amor!**

.....

Compreendo essa doce passividade, esta mystica  
servidão da Amante que não tem mais vontade propria  
e que radiante se elimina no Amante e vive no sangue  
e no pensamento deste. E eu, o teu Amante bemaven-  
turado, acceito na perpetua alegria o divino dom do  
teu ser, e me confundo contigo formando a entidade  
absoluta que é a Unidade primitiva do nosso ser, sepa-  
rado apenas para maior delicia que é a da perpetua  
attracção e da perenne realisação da fusão voluptuosa  
e immortal...

Sentir o desejo por ti, a ancia de te possuir é uma sensação sem nome, de tão singular e transcendente é ella...

Parece que eu volto a mim mesmo, que és tu, no meu "eu" feminino, como eu sou teu "eu" masculino, que também procuras a ti mesma em mim, como eu sei que me vou encontrar no mais recondito do teu corpo, que é o meu proprio corpo em uma apparencia de maior seducção, e consequente perpetuidade. Tudo isto, meu Amor, é o jogo magico da Natureza, é o mysterio dos mysterios, porque é a realidade da Paixão, é o Amor!

Eu só vivo de ti, como tu só vives de mim. Oh! Gloria da Unidade emfim realisada, descoberta, revelada para sempre! Maravilha!

E desde que nos separamos a dôr é immensa. A saudade de nós mesmos é uma tortura. A ausencia do companheiro tentador, delicioso e infinito, é o mal que destróe a outra parte do ser, que aspira incessantemente á sua "unidade" para recommear sempre a busca-a de novo!.. . . . .



**DEDICATORIAS DAS OBRAS DE GRAÇA ARANHA  
PARA NAZARETH PRADO :**

**CHANAAN**, em portuguez, 1., edição:  
A Nazareth, com grande amizade. 1902. Graça  
Aranha.

**CHANAAN**, em francez, edição de luxo:  
A maravilhosa sensibilidade de Nazareth, estas  
paginas de esperança e de Amor. 3 de julho de  
1910. Graça Aranha.

**MALAZARTE**, em francez, "papel Imperial do Japão"  
N.º 4:  
A Nazareth, em lembrança das representações de  
"Malazarte" em Pariz e como testemunho do pro-  
fundo reconhecimento do amigo extremado. Graça  
Aranha. Pariz, outubro, 1911.

**CHANAAN**, em portuguez, 3.ª edição:  
Idolatrada! e Unica! Por uma predestinação divina  
o Destino fez de "Chanaan" um livro extranho ao  
Amor!.. Ahi tu verás a aurora da minha alma á  
tua espera. Tu vieste!... e a "Viagem Maravilhosa"  
nos revelou enfim a terra da promessa, a mara-  
vilhosa "Chanaan" do Amor!... Tu és a vida  
eterna!... 21-junho-1916.

MALAZARTE, em francez, pur fil "imprimé pour Nazareth": Le rêve est beau, la nature est la vie éternelle"... Graça Aranha. 3 de julho de 1920.

ESTHETICA DA VIDA, edição unica:

A Nazareth, para quem este livro foi escripto. Graça Aranha. 3 de julho de 1921.

MACHADO DE ASSIS E JOAQUIM NABUCO 1.ª edição:

A Nazareth em recordação do nosso encontro em Roma com Joaquim Nabuco e em homenagem ao seu grande espirito, que se libertou das relatividades e aspira ao absoluto. Graça Aranha. 3-julho-1924.

ESPIRITO MODERNO, 1.ª edição:

A Nazareth, este livro que completa a nossa Esthetica. Graça Aranha. 3 de julho de 1925.

A VIAGEM MARAVILHOSA, "em Japão", letra "A".

Ao sublime coração da minha Nazareth, criador deste livro, a eterna homenagem de Graça Aranha. 21 de fevereiro de 1930. Rio de Janeiro.

A VIAGEM MARAVILHOSA, "pur fil teinté" Lafuma, N.º I.

A minha Nazareth, inspiradora e dona deste romance do maior amor humano. Graça Aranha. 1930.

A VIAGEM MARAVILHOSA, "vergé blanc, pur chiffon Lafuma". N.º I.

A minha querida Nazareth, a quem tanto deve este livro, homenagem do profundo reconhecimento e da illimitada amizade de Graça Aranha. 2 de março de 1930.





**GRAÇA ARANHA**  
**1930**



**A VIAGEM MARAVILHOSA**, papel "Velin", pergaminho  
ilustrado:

"Na beatitude do amor Philippe renunciou ás acções  
que o ligavam aos outros homens. Renunciou á glo-  
ria e ao poder. Exaltou-se na exclusiva actividade  
do amor. Que maior acção que a do amor?

Nenhuma actividade mais poderosa, nem a da  
sciencia, nem a da arte, nem a da religião. O Uni-  
verso deixa de ser espectáculo, transforma-se em  
vida, quando a energia do amor o conquista para  
a viagem maravilhosa, que realisamos nos espiritos  
e nas cousas. Graça Aranha. 1930.

**A VIAGEM MARAVILHOSA**, 1.ª edição simples:

A Nazareth, mais este "seu" livro. Graça Aranha.  
1930.

**CANTO DO REVOLUCIONARIO**

A Nazareth, minha incomparavel e extremada com-  
panheira de idéas e sentimentos. Graça Aranha.  
Rio, 22 de novembro de 1930.

A meu irmão, a' minhas irmãs e  
Cunhada, ao mesmo tempo desolados.

Se eu adoecer gravemente, e  
a minha doença me privar dos sentidos,  
determino que em hipothese alguma  
Nazareth se afaste de mim. A  
ella confio exclusivamente a direccão  
do meu tratamento. Entrego-lhe  
a minha vida e o meu corpo. - Se  
eu vier a fallecer, o meu enterro e  
sepultamento serão feitos, como elle  
deliberar.

Aos peccos, que não quizerem se ent-

metto a estas minhas determinações e  
meu pensamento a Nazareth as honras.  
Jesus e o espírito que eu lhe tributo pelas  
suas sublimes qualidades e por tudo  
de grande, de bello, de maravilhoso, que lhe  
devo, estas pessoas, seja que se o grão  
de parentesco que tinham com uns, ou  
seja que se o amizade que me produziam  
em ter, não tenho estar na minha joia  
sente, nem na minha casa, que é a casa de  
Nazareth, durante a minha enfermidade e  
a minha morte, nem por occasião de

meu entello. Tães rãidãidães, morãidães  
pelo odio, eã me causãem horror. eã  
me empãram de gãem

Rãio, 30 de março. de 1930

Grãcia Brãnã

Esta carta ãem ser comunicada  
ãã genãros, ãã gãem ella posse influẽncias















## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).